

L I V R O D O S

MES TRES

O LEGADO DOS MESTRES

Cultura e Tradição Popular no Ceará



ORGANIZADORAS

Dora Freitas e Silvia Furtado

FOTOGRAFIA

Jarbas Oliveira

L I V R O D O S

MES TRES

© Fundação Waldemar Alcântara, 2022

PRESIDENTE

Claudia Feitosa Peixoto Mota

VICE-PRESIDENTE

Maria Auxiliadora Lemos Benevides

ORGANIZADORAS

Dora Freitas

Silvia Furtado

FOTOGRAFIA

Jarbas Oliveira

FOTOS ADICIONAIS

Felipe Abud (págs. 567, 591 e 621)

Francisco Fontenele/Banco de Dados O Povo (pág. 633)

Gentil Barreira (págs. 539, 547, 561, 577, 595, 609 e 635)

Jorge Rosal (pág. 597)

Leopoldo Kaswimer (págs. 589 e 607)

Acervo familiar (págs. 545 e 593)

Acervo Secult/CE (págs. 627 e 629)

PROJETO GRÁFICO E COMPOSIÇÃO

Alvaro Belez

Fernando Brito

Livia Belez

ILUSTRAÇÕES DA CAPA

Henrique Viudez

TRATAMENTO DE IMAGENS

Jarbas Oliveira

Robson Pires

REVISÃO

Lucas Carneiro

ASSESSORIA DIGITAL

Feijó Júnior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livro dos mestres : o legado dos mestres : cultura e tradição popular no Ceará / organizadores Dora Freitas, Silvia Furtado ; fotografia Jarbas Oliveira. — 2. ed. — Fortaleza, CE : Fundação Waldemar Alcântara - FWA, 2022.

Vários autores.

ISBN 978-65-992438-5-1

1. Artistas - Biografia - Brasil 2. Ceará (CE) - Aspectos culturais
3. Cultura popular - Ceará 4. Festas populares - Ceará (Estado)
5. Patrimônio cultural 6. Tradições populares - Brasil I. Freitas, Dora.
II. Furtado, Silvia. III. Oliveira, Jarbas.

22-140227

CDD-398.098131

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura popular : Ceará : Estado : Folclore 398.098131

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Fundação Waldemar Alcântara

www.fwa.org.br

Rua Julia Vasconcelos, 100, Pio XII, Fortaleza, CEP 60120-320

Telefone: +55 (85) 3257.6927

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO



AGRADECIMENTO ESPECIAL



Este projeto é apoiado pela
Secretaria Estadual da Cultura
Lei nº 18.012, de 1º de abril de 2022.

L I V R O D O S

MES TRES

O LEGADO DOS MESTRES

Cultura e Tradição Popular no Ceará

2ª Edição

ORGANIZADORAS

Dora Freitas e Silvia Furtado

FOTOGRAFIA

Jarbas Oliveira









Sumário

- 14 Um brinde aos Mestres,
à sua perseverança e
a tempos renovados
por Dora Freitas e Silvia Furtado
- 20 Mestres e mestras
dos tempos eternos
por Fabiano dos Santos Piúba

TEXTOS DA PRIMEIRA EDIÇÃO

- 32 Mestres da Vida
por Lúcio Alcântara
- 34 Emissários da Cultura Popular
por Dora Freitas e Silvia Furtado

TOMO I VIVOS

- 44 Mestre Aécio de Zaira
- 50 Mestra Ana Noberto
- 58 Mestre Antônio
- 66 Mestre Totonho
- 72 Mestre Antônio Luiz
- 80 Mestre Antônio Pinto
- 88 Mestre Antônio Rafael
- 96 Mestra Dina
- 104 Mestra Dona Edite do Coco
- 112 Mestre Espedito Seleiro
- 120 Mestra Expedita Moreira
- 126 Mestre Expedito Caboco
- 134 Mestra Francisca Pires
- 140 Mestra Fransquinha Félix
- 146 Mestra Dona Fransquinha
- 152 Mestra Dona Zenilda
- 158 Mestre Chico Belo
- 164 Mestre Chico
- 170 Mestre Françaúli
- 178 Mestre Chico Bento Calungueiro

- 184 Mestre Gil Chagas
- 192 Mestre Cacique João Venâncio
- 200 Mestre Geraldo Amâncio
- 206 Mestre Geraldo Freire
- 212 Mestre Gilberto Calungueiro
- 220 Mestre Hugo
- 226 Mestre Seu Jaime
- 234 Mestre Lucas Evangelista
- 242 Mestre João Paulo
- 248 Mestre João Pedro do Juazeiro
- 256 Mestre Joaquim Roseno
- 262 Mestre Palhaço Pimenta
- 270 Mestre Aldenir
- 278 Mestre Zé Carneiro
- 286 Mestre Cirilo
- 294 Mestre Macaúba
- 300 Mestre Zé Pio
- 306 Mestre Rainha Almeida
- 314 Mestre Cacique Sotero
- 320 Mestre Zé Pedro
- 328 Mestre Deca Pinheiro
- 336 Mestre Stênio Diniz
- 344 Mestra Lúcia Pequeno
- 352 Mestre Pajé Luís Caboclo
- 360 Mestra Dona Branca
- 368 Mestra Maria da Lô
- 376 Mestra Mazé das Quadrilhas
- 384 Mestra Maria do Horto
- 390 Mestra Maria de Tiê
- 398 Mestra Cacique Pequena
- 404 Mestra Margarida Guerreira
- 410 Mestra Odete Uchoa
- 416 Mestra Dona Tarina
- 424 Mestre Moisés
- 430 Mestre Paulão Ceará
- 438 Mestre Pedro Aboiador
- 446 Mestra Raimunda Lúcia
- 454 Mestra Pajé Raimunda Tapeba
- 460 Mestre Doca Zacarias
- 466 Mestra Dona Rita
- 472 Mestra Terezinha Lino
- 478 Mestre Vicente Chagas
- 486 Mestra Zilda
- 492 Mestra Mãe Zimá
- 502 Mestra Zulene Galdino
- 508 Mestre Cabaceiro Siará

TOMO II MORTOS

- 516 Mestre Piauí
- 520 Mestre Antônio Hortêncio
- 524 Mestre Bibi
- 528 Mestre Zé Matias
- 530 Mestre Tico
- 534 Mestre Chico Paes
- 538 Mestre Panteca
- 540 Mestre Netinho Victor
- 544 Mestre Geraldo Gonçalves
- 546 Mestra Dona Gerta
- 548 Mestre Getúlio Colares
- 552 Mestre João Mocó
- 556 Mestre Maurício
- 560 Mestre Joaquim Mulato
- 562 Mestre Joaquim de Cota
- 564 Mestre Juca do Balaio
- 566 Mestre Seu Oliveira
- 568 Mestre José Renato
- 572 Mestra Zefinha
- 576 Mestre Joviniano
- 578 Mestre Luciano Carneiro
- 584 Mestre Bigode
- 588 Mestre Manoel Graciano
- 590 Mestra Assunção Gonçalves
- 592 Mestra Dona Maria do Carmo
- 594 Mestra Dona Nice
- 596 Mestra Dona Deusa
- 598 Mestra Dona Edite
- 602 Mestra Maria Cândido
- 606 Mestra Dona Tatai
- 608 Mestre Miguel
- 610 Mestre Pedro Balaieiro
- 614 Mestre Pedro Bandeira
- 620 Mestre Seu Mundô
- 622 Mestre Raimundo Aniceto
- 626 Mestre Sebastião Chicute
- 628 Mestre Sebastião Cosmo
- 630 Mestre Severino
- 632 Mestre Vино
- 634 Mestre Walderêdo
- 636 Expedição Mestres da Cultura
- 638 Fontes











Um brinde aos Mestres, à sua perseverança e a tempos renovados

DORA FREITAS E SILVIA FURTADO

Organizadoras

Esta segunda edição do Livro dos Mestres é a continuidade de uma *contação de histórias*, na viva voz dos mestres, iniciada pela publicação do primeiro livro, em 2017.

De lá para cá, em 2018 e 2019, foram diplomados pela Secretaria da Cultura do Ceará (SECULT) mais 27 Mestres da Cultura Popular Tradicional do Ceará. Esses Mestres, intitulados Tesouro Vivos, foram escolhidos, assim como os demais, antes aqui retratados, por meio de edital público pela SECULT, e assim como os anteriores, receberam também o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), numa ação que dá robustez a uma política pública cultural duradoura que vem se configurando como uma política cultural de Estado.

São esses 27 Mestres que estão integrados a esta segunda edição. Ela obedece à mesma formatação do primeiro Livro. Configura-se em duas partes. A primeira parte, o *Tomo dos Vivos*, retrata os Mestres que continuam presentes nesta vida terrena. A segunda parte,

o *Tomo dos Mortos*, contém os Mestres que já partiram desta vida. E aqui, fizemos editorialmente, também, uma transição daqueles que estavam vivos no primeiro livro e faziam, claro, parte do *Tomo dos Vivos*, para integram o segundo tomo, o *Tomo dos Mortos*, dado que, lamentavelmente, vieram a falecer.

Quando, em 2020, voltamos a viajar pelo Ceará, para novas entrevistas com os Mestres diplomados, fomos sobressaltados, como toda a humanidade, pela pandemia da COVID-19. A lembrança das primeiras notícias que nos chegaram, sobre uma doença nova altamente infecciosa, misturam-se às lembranças de nossa estadia em Juazeiro do Norte, e uma ingênua certeza de que o vírus não chegaria até ali. O vírus chegou. Chegou ali e em todos os lugares.

Paramos os trabalhos. Só recomeçamos em 2021, quando havia controle, vacina, e obedecendo a todos os protocolos de segurança. Paramos mais uma de vez, dando escuta à ciência, à responsabilidade com o

outro e, infelizmente, em alguns momentos, dando vazão a um misto de tristeza e respeito a alguém mais próximo que fora acometido pelo coronavírus. Aqui, fazemos uma reverência ao professor e pesquisador Gilmar de Carvalho, cujo nome está intrinsecamente ligado tanto à cultura popular de forma geral como aos Mestres da Cultura do Ceará. Não só aos aqui elencados, mas a Mestres e amigos conquistados e descobertos por ele.

Por essas motivações, apenas em 2022 entregamos um novo Livro dos Mestres ao público interessado. Renovamos nossos agradecimentos aos Mestres e seus Familiares, à Fundação Waldemar Alcântara, aos técnicos da Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Memória (COPAM/SECULT), patrocinadores, e ressaltamos a importância da parceria da Secretaria da Cultura do Ceará, na pessoa de Fabiano Piúba, atual secretário.

No mais, nosso desejo de que os Mestres, Tesouros Vivos da Cultura do Ceará sigam em atividade, seja em quais ofícios

e saberes eles atuem, e que nós possamos continuar prestigiando seus trabalhos, em encontros ao vivo e virtuais, como rezam esses tempos hodiernos.

Aprendemos muito com a concepção e realização deste projeto: com os Mestres, com as soluções criativas encontradas em meio às intempéries, com os novos amigos e com a persistência necessária para finalizarmos tudo a nosso contento.

Vida longa aos Mestres e à cultura popular! ✨









Mestres e mestras dos tempos eternos

FABIANO DOS SANTOS PIÚBA

Secretário da Cultura do Estado do Ceará

Seres ancestrais. Seres de educação. Seres de imaginação. Seres de criação. Os mestres e mestras da cultura são pessoas feitas da natureza dos tempos eternos. São senhores e senhoras de memórias que trazem consigo saberes e fazeres ancestrais que atravessam os tempos. Mas seus saberes não ficam abandonados em baús mofados nalgum canto do esquecimento. São compartilhados de mão em mão, de boca em boca, por entre gerações em ambientes comunitários e solidários de transmissão de saberes. Cada mestre e mestra é assim, um ser de educação que ensina seus conhecimentos como uma missão de vida.

Seus saberes não estão estancados no tempo, inertes e desprovidos de movimento e vigor. Muito pelo contrário. Quando dizemos que são seres de imaginação é porque estão concebendo, pensando, elaborando sua própria temporalidade no aqui e no agora. Ao tempo que são guardiões de memória e ancestralidades, são seres de criação. Estão

tramando e tecendo, inventando e reinventando, criando e produzindo suas artes e ofícios como expressões contemporâneas. Sim, cultura popular é também contemporânea. Patrimônio cultural vai para além da mera noção de preservação e proteção. Patrimônio cultural é criação.

Assim sendo, o reconhecimento e a valorização dos mestres e mestras da cultura do Ceará estão inseridas em uma política de salvaguarda do patrimônio cultural, garantidas pela Lei 13.351/2003 e a Lei 13.842/2006 que instituem o registro dos Mestres e dos Tesouros Vivos da cultura tradicional popular. Mas, para além da salvaguarda, os mestres se inserem na política de fomento às artes em seus processos criativos e de difusão, bem como nas ações de formação no campo artístico e cultural e na programação da rede dos equipamentos culturais da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult). Mas nada se compara ao momento da realização anual do Encontro Mestres do Mundo.

O Encontro Mestres do Mundo é de uma boniteza comparada com uma noite enluarada no sertão, as festas juninas com terreiros abrasados pelas fogueiras, o céu negro salpicado de estrelas, as nuvens bonitas para chover, um baile de baião, uma roda de samba ou de ciranda. Ou seja, coisa mais linda não há. Durante os dias em que acontecem o Encontro, os mestres e mestras se reúnem para alimentar seus corpos e espíritos e fortalecer as amizades que nutrem entre si, enquanto oferecem para o público suas artes e ofícios numa grande celebração noturna que chamamos de Terreirada. Pelas manhãs e tardes, os ambientes são tomados por rodas de memórias e de saberes onde os mestres e mestras renovam suas esperanças e trocam experiências e tecnologias a partir de suas artes, ofícios e vivências culturais. A presença de pesquisadores e professores é marcante nesses momentos, assim como é lindo de se ver o envolvimento e a interação dos jovens — na sua maioria estudantes e artistas — com a poesia, a música, a dança e o artesanato dos mestres e mestras que circulam nessas rodas. Durante a noite o Encontro Mestres do Mundo vira uma grande terreirada a céu aberto. Vista da lua, certamente parece com uma grande fogueira. Mas a luz, na verdade, são as luzes que emanam de cada mestre e mestra que são as estrelas dos espetáculos que compõem a programação artística do Encontro.

Realizado desde 2005, o Encontro Mestres do Mundo compõe a política de patrimônio cultural do Estado e tem sido um evento estruturante da Secult Ceará que propicia a conexão dos mestres e mestras do Ceará entre si e com mestres convidados de estados brasileiros e de outros países. Pioneiro na formulação de políticas públicas de pre-

servação do patrimônio imaterial, o Ceará promove anualmente este momento de união e troca entre nossos mestres e mestras da Cultura, da interação desses Tesouros Vivos com o cearense e, acima de tudo, possibilita que a cultura popular tradicional cumpra sua maior expressão: carregar de afetos e significações o solo que ocupa. Prova disso é que o Encontro Mestres do Mundo foi reconhecido com o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, maior do Brasil na área de Patrimônio Cultural, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que premiou em primeiro lugar o Encontro na categoria de iniciativas de excelência e de referência em promoção, difusão e educação do patrimônio cultural

Ao longo dos 15 anos da lei dos Tesouros Vivos do Ceará, muitos mestres e mestras vêm sendo reconhecidos e valorizados por meio dos editais da Secult Ceará e a da realização do próprio Encontro. A partir de 2016, com o título concedido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) de Notório Saber em Cultura Popular para todos os mestres e mestras certificados pela Secult Ceará, iniciamos um debate com as universidades e com a Secretaria de Educação do Ceará (Seduc) em torno do projeto Escolas com os Mestres da Cultura, que teve como objetivo levar os mestres e mestras para as salas de aula de escolas e universidades. Além disso, os mestres e mestras estão agora inseridos de forma permanente na programação artística da rede dos equipamentos culturais da Secult e de seus eventos estruturantes, a exemplo do Festival Música na Ibiapaba, Maloca Dragão e da Bienal Internacional do Livro do Ceará.

Vale destacar ainda, que o governador Camilo Santana sancionou a lei que ampliou

o número de 60 para 80 mestres e que, mais recentemente, já em 2022, a governadora Izolda Cela elevou esse número de 80 para 100. Esse fato afirma um compromisso de campanha traduzida no documento “Os 7 Cearás” e cumprindo a Meta 06 da Lei do Plano Estadual de Cultura sancionada pelo Governador em 2016. Já foi realizado um novo edital onde foram diplomados novos mestres em 2022 e será realizado outro para atingir o cumprimento da Meta, atingindo o número de 100 mestres e mestras da cultura que serão beneficiados com o auxílio financeiro vitalício no valor mensal de um salário-mínimo, no sentido de favorecer a permanência e a transmissão de seus saberes e fazeres, suas artes e ofícios nas comunidades em que estão inseridos.

Por fim, uma ação bem simples mas com um poder simbólico grandioso. Há muitos anos solicitavam da Secult uma Carteira de Identidade Cultural para os mestres e mestras. Fizemos uma alegre sessão de retratos, produzimos uma bela carteira com menções a Lei 13.842/2006 dos Tesouros Vivos, a certificação pela Secult e diplomação da UECE, o número do registro no livro dos Mestres da Cultura, os nomes de batismo e artístico, a categoria, o RG e CPF. Ao longo do ano de 2017 essas carteiras foram entregues em momentos distintos, como na Bienal do Livro, no Festival Música da Ibiapaba, na programação de nossos equipamentos culturais, em visitas feitas aos mestres e, principalmente, no próprio Encontro Mestres do Mundo. As faces de alegria e satisfação em seus rostos eram emocionantes com essa ação tão simples, porém, carregada de simbologia, autoestima, empoderamento, reconhecimento e afirmação de suas identidades como mestres e mestras da

cultura do Ceará. Afinal, para ser mestre da cultura, como nos afirmou o Mestre Aldenir do Reisado do Sítio Bela Vista no Crato, é preciso ter respeito e ser respeitado pela comunidade, ser sincero e verdadeiro com aquilo que faz e ter amor, muito amor no coração. Portanto, viva os Mestres e Mestras da Cultura do Ceará! Viva! ✨









Agradecimentos

Em especial, a todos que incentivaram o Projeto deste livro. Seja apostando de forma concreta na iniciativa, que envolveu patrocínio de instituições públicas, empresas privadas e pessoas físicas; seja na torcida para que o projeto lograsse êxito — seja com a parceria diária, nos últimos dois anos, que envolveu flexibilização de horários e redimensionou a dinâmica do trabalho na Fundação Waldemar Alcântara. Agradecemos: ao Banco do Nordeste, Grupo M. Dias Branco, Grupo Linhares-Ares Motos, Lúcio Alcântara, Beatriz Alcântara, Carlos Alcântara de Albuquerque, Ciro Alcântara de Albuquerque, Cláudia Mota, Auxiliadora Benevides, Luiza Alcântara, Lúcia Alcântara, Telma Sousa e Aurino de Oliveira.

A todos os **familiares** dos mestres entrevistados, que nos receberam em suas casas.

A **Gilmar de Carvalho**, pelos relatos anteriores através de matérias de jornais e do livro “Mestres da Cultura Tradicional Popular do Ceará”, que nos guiou nos primeiros contatos com o tema.

Ao **Mestre Tarcísio**, do Reisado de São Miguel, de Juazeiro do Norte, por sua gentileza e atenção, ao nos conduzir no Cariri à casa de muitos mestres que nele confiam. Mestre Tarcísio é um desses mestres não diplomados que honram a tradição de seus mestres e continuam a fazer a festa.

A **Dário Gabriel**, fotógrafo integrante de nossa equipe nas primeiras viagens, com quem travamos conversas entusiasmadas durante o percurso e a **Priscila Lima**, nosso apoio de todas as horas em Fortaleza.

Ao titular da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, **Fabiano Piúba**, e aos integrantes da Coordenadoria de Patrimônio Histórico e Cultural — Copahc desta Secretaria, **Carolina Ruoso** e **Angela Barreto** por nos facultarem as informações disponíveis que nos ajudaram a iniciar o caminho. Em especial a **Otávio Meneses**, ex-coordenador da Copahc, profundo conhecedor do histórico de cada um dos mestres.

A **Goretti**, Amorim que, com presteza, nos acompanhou em Barbalha.

A **Jean Nogueira**, pela disponibilidade de buscar informações em Juazeiro do Norte.

A **Vagner Gois – Vavá** –, pela agilidade e prontidão em nos enviar imagens e informes sobre a Mestre Maria Deusa, falecida antes da diplomação.

E ainda a **Ariel** (Milagres), **Eugênio** Costa Oliveira (Assaré), **Evandro** Vieira (Beberibe), **Lourdes Macena** (Fortaleza), **Lourival** (Crateús), **Maria Ximenes** (Granja), **Poty** Fontenele (Fortaleza), **Ricardo Ruiz** Galvan (Guaramiranga), **Romão** (Juazeiro do Norte), **Sérgio Braga** (Fortaleza), **Teneide** Santos de Medeiros (Alto Santo), **Tércio** Araripe (Cascavel) e **Zé Fernandes** (Mauriti), que nos ajudaram com pistas, contatos e informações para que chegássemos até as casas dos Mestres ou aos seus descendentes. ✨

Mestres da Vida

LÚCIO ALCÂNTARA

Médico, político e escritor. Ocupou os cargos de Prefeito de Fortaleza, Governador do Estado do Ceará e Senador da República. É presidente do Instituto do Câncer do Ceará, do Instituto do Ceará - Histórico, Geográfico e Antropológico e titular da Cadeira 26 na Academia Cearense de Letras. Mentor da Fundação Waldemar Alcântara.

A Constituição Federal, em seu artigo 216, ao tratar do patrimônio cultural brasileiro e sua proteção, discrimina em cinco incisos os bens a serem preservados tanto os de natureza material quanto os da imaterial. O patrimônio natural está contemplado no mesmo diploma, artigo 225, o qual impõe ao poder público o dever de protegê-lo e preservá-lo. O ideal será tratar os três de forma integrada de maneira a se obterem resultados abrangentes que contemplem plenamente as formas de expressão humana e a paisagem natural. Estamos falando, portanto, do contexto em que elas ocorrem, indissociáveis do ambiente físico e social em que se processam. O decreto-lei 25, de 30 de novembro de 1937, que criou o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — IPHAN, define os bens que constituem o patrimônio sob sua guarda, admite o tombamento de sítios e paisagens, omitindo por completo o aspecto imaterial. A lei 9.649, de 27 de maio de 1998, complementada pela Medida Provisória 2.216-37, de 2001, reorganiza a administração pública federal e estabelece a área de competência de cada ministério.

No que toca ao Ministério da Cultura, fica explícita a atribuição de zelar pelo “patrimônio histórico e cultural”. Somente doze anos após a promulgação da nova constituição, o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Em 2006, o IPHAN emite resolução que determina os procedimentos a serem observados para a inscrição desses bens nos livros indicados na legislação pertinente.

No Ceará, a emenda 65, de 16 de setembro de 2009, alterou o artigo 234 da carta estadual para inserir o conceito de imaterialidade em consonância com os dispositivos federais que tratam da matéria. Antes disso, as leis estaduais 13.351 e 13.842, dos anos 2003 e 2006 respectivamente, regularam o assunto de forma a disciplinar o tema no âmbito do Estado ao reconhecerem como Tesouros Vivos da Cultura “pessoas naturais, grupos e coletividades”, a serem acolhidos nos livros próprios, discriminados na lei.

No plano internacional, o reconhecimento viria através da Convenção Para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, de 17 de outubro de 2003, consequência de deliberações anteriores, a qual, nas considerações

introdutórias, alerta para a necessidade de integrar as ações em defesa do patrimônio em todas as suas dimensões, bem assim para os danos acarretados pela inevitável globalização quanto ao seu desaparecimento e destruição com inegáveis prejuízos para a diversidade e identidade cultural dos povos e para o espírito criativo humano.

O resumo sobre a trajetória legal e a tardia valorização do patrimônio imaterial, traduzidas em variadas práticas dignas de serem documentadas, objetiva evidenciar a esse patrimônio a prolongada proteção do Estado, antes restrita a edificações, móveis e peças de arte representativas de épocas ou escolas artísticas. Levada em conta a constante transformação de nossa sociedade, de pronto se aquilata o enorme risco de extinção de manifestações populares tradicionais ligadas à religião, à arte, folguedos, gastronomia e ofícios que cessam continuamente em decorrência da mudança veloz de usos e costumes.

A natureza volátil desses modos de expressão, a informalidade e o desinteresse das novas gerações trabalham contra sua permanência impondo ao Estado o dever de resguardá-las e apoiar os detentores desse conhecimento em sua transmissão à comunidade. Registrar e empenhar-se na continuidade dessas representações significa tombar não só produtos, mas sobretudo processos, meios, e não apenas fins. A forma como o trabalho desses oficiais de muitos ofícios é executado deve assim merecer tanto reconhecimento quanto seu resultado. Essas estrelas apagadas, acervos vivos, merecem um espaço para brilharem no firmamento cultural, onde não tinham lugar por direito e não como concessão magnânima do poder.

Sensível a essa realidade, meu governo identificou e recuperou, afim de protegê-los, esses anônimos artífices da cultura antes

perdidos na paisagem do sertão e na periferia das cidades, integrando-os ao universo cultural mapeado pelo Estado. Com o olhar voltado para esses sábios populares, conscientes da natureza perecível desses saberes e da urgência de conservá-los, cuidamos de sua proteção, dando-lhes o estímulo e o amparo oficial mediante a edição das duas leis antes mencionadas. Era o início de uma política cultural felizmente retomada agora com a devida atenção. Resta ensejar oportunidade para que os duplamente mestres, ungidos pela vida e recepcionados pela academia, transmitam, quanto possível, essa tradição aos seus herdeiros culturais, evitando que desapareça no funil do tempo.

O “Livro dos Mestres” é uma feliz iniciativa da Fundação Waldemar Alcântara, imaginada e organizada por Dora Freitas e Sílvia Furtado, com apoio do Ministério da Cultura via incentivos fiscais instituídos pela lei Rouanet. A obra consiste em verdadeiro inventário dinâmico do contingente de mestres consagrados desde a origem do programa, vivos e mortos, coligido em exaustiva peregrinação da dupla, acrescida do fotógrafo Jarbas Oliveira, pelo território cearense em visita a todos em suas casas e locais de trabalho. Muito mais que um mero cadastro, reúne farta e bela documentação iconográfica, e ecoa na voz de cada um, como vivencia a condição de mestre, o que colabora para melhor compreensão, a partir de fontes primárias, do mosaico cultural que atende pelo nome de Ceará. Editado, não se cogitará do assunto mais tarde sem que seja referência obrigatória.

O cuidado institucional dispensado a essas frágeis figuras carentes de apoio, alicerces da nossa cultura, confirma a tradição pioneira do nosso Estado, que sedia a primogênita das academias de letras do Brasil e criou a primeira secretaria de cultura do país, galardões a não perder de vista. ✨

Emissários da Cultura Popular

DORA FREITAS E SILVIA FURTADO

Organizadoras

Os Mestres da Cultura Tradicional Popular são os representantes da mais genuína tradução do povo cearense. Relicário da memória, dos modos de fazer, de viver, de conviver com a natureza e com os semelhantes. Tesouros vivos das nossas ancestralidades. São vaqueiros, sineiro, rezadeira, brincantes de reisado (guerreiro, congada, couro, careta), de boi-bumbá, maneiro-pau, maracatu, banda cabaçal; danças de São Gonçalo, da caninha verde e do coco; pastoril, bacamarte e quadrilhas. Manipulador de calunga, rendeiras, palhaço e cordelistas. Artistas cênicas de dramas e lapinhas; artesãos de couro, flandre, madeira, cipó, ferro e barro; artistas plásticos – pintora, escultor e xilógrafo; luthiers, especialistas em medicina popular, músicos, cantora de benditos, penitentes, caciques e pajé.

A Lei nº 13.351 que, em 2003, instituiu o registro dos Mestres da Cultura Tradicional Popular, foi uma forma encontrada pelo Governo do Estado do Ceará para o reconhecimento do valor cultural do trabalho realizado por cada um deles. Através desse registro, os Mestres recebem um apoio financeiro mensal e, ao mesmo tempo, se comprometem a transmitir seus conhecimentos, fomentando, entre as novas gerações, experiências culturais que

poderiam se perder na passagem do tempo, na esteira da mudança contemporânea. Foram reconhecidos, de 2004 a 2015, setenta e nove Mestres. Homens e mulheres de todas as regiões do Ceará. Todos eles exercem ofícios que se misturam entre as obrigações e os prazeres da lida diária, inventam artefatos e mundos, numa espécie de magia que busca uma interação do Homem com a Natureza e com o Divino. Constroem um processo ativo de transmissão de práticas, de conceitos e valores. Passam seus modos de fazer para outras gerações, que criam e reinventam o que aprenderam, fazendo com que a cultura tradicional permaneça viva e dinâmica. O ofício dos Mestres é, sobretudo, criação, seja através da festa, da música e da dança, seja através do trabalho manual, do trabalho experimental. Em tudo o que produzem existem mãos, ideias e fantasia.

Foi esse universo do Ceará, muito intenso de sertão, mar, serras, vento quente, sol brilhante e tempo que o cômputo das horas por vezes não dá conta que adentramos durante cerca de dois anos de pesquisa. A partir de 2015 até o primeiro trimestre de 2017, fomos encontrar os 58 Mestres da Cultura vivos. Uma expedição de trabalho etnográfico, árduo e

prazeroso. Para dar vazão à transmissão oral utilizada pela maioria para repassar seus conhecimentos, optamos por entrevistas gravadas em vídeo e registros das manifestações nos locais de vida e da lida de cada um. Para conseguirmos tais depoimentos, organizamos um trabalho que envolveu pesquisa, agendamentos de visitas, viagem aos municípios onde os Mestres residiam. Foram 33 cidades e muitos quilômetros em rodovias, estradas de terra, diversas localidades, alguns sítios escondidos entre distritos. Foi por vezes exaustivo, porque o tempo era curto e tínhamos prazos a cumprir. Percorrendo os municípios, perpassamos diversos “Cearás” que coexistem: uma rendeira que mora ao lado de um moinho de energia eólica; as plantações industriais de coco que ameaçam as terras indígenas, a especulação imobiliária que reforça a luta do povoado litorâneo onde mora uma das mestras, a tecnologia e a industrialização que torna as tradições mais invisíveis. Ainda assim, com persistência, com resiliência, continuam encantando, convencendo, ensinando o que sabem, o que inventam.

Foi também, sem sombra de dúvida, uma experiência adorável, motivadora e inesquecível! Experimentamos um envolvimento diário com os Mestres, seja na fase do contato físico, absortos em burocracias, concentrados na decupagem e edição dos textos e fotografias, seja na busca de informações sobre os que já morreram. Hoje, sabemos de memória o nome dos 79 que foram contemplados com o título de Mestre da Cultura do Ceará, em qual cidade vivem ou viveram, algumas de suas características próprias. Construímos elos afetivos com grande parte deles. Suas histórias, relatadas com simplicidade, nos emocionaram.

Os Mestres da Cultura do Ceará já foram, em parte, devidamente registrados em livros

e fotografias. Gilmar de Carvalho, Oswald Barroso, entre outros pesquisadores, deram e continuam apresentando contribuições valiosas sobre os Mestres e suas tradições. Mas sentimos que havia uma lacuna, com urgência de ser preenchida, de um registro completo daqueles que tinham recebido o diploma. Foi com essa inquietação que instigamos o ex-Governador Lúcio Alcântara, criador da lei dos Mestres da Cultura no ano de 2003, a realizar essa empreitada através da Fundação Waldemar Alcântara, da qual é mantenedor junto com a família e amigos. A Fundação trabalha com uma linha editorial que procura aliar história, memória e sociedade em estudos e pesquisas sobre o Ceará. A decisão de empreender a pesquisa se deu em função dessa afinidade eletiva ao tema.

O Livro agora publicado, ao contrário dos trabalhos dos especialistas, não é um livro sobre os Mestres, mas um Livro dos Mestres. No sentido de que são eles próprios os autores. Nós organizamos a edição de textos e imagens. Mas são eles que nos dizem quem são, como se enxergam Mestres, se essa condição afetou concretamente suas vidas e como trabalham efetivamente para perpetuar essa tradição através de descendentes e discípulos.

Ao elaborarmos o projeto que virou livro, pensamos que ouviríamos um relato mais tradicionalista sobre os saberes que os Mestres defendem. Entendemos, aos poucos, que o aprendizado com seus mestres anteriores, antepassados, mentores, estava ampliado da vivências hodiernas. O conhecimento de uma tradição originária e suas práticas poucas vezes é preservado intocado e não será repassado tal qual hoje ocorre. Através das conversas e entrevistas compreendemos que, nesse processo descontínuo de repasse, a tradição e ofícios dos mestres são constantemente ressig-

nificados. Fazer e lembrar, rememorar, contar e fazer de novo, mesmo de forma diversa do que foi contado e do que foi apreendido. Se é dessa maneira que se mostram no presente, foi porque as configurações de tais saberes assim permaneceram na memória dos que hoje ainda se lembram deles. Uns mais, outros não, exercem seus ofícios amalgamando a tradição e elementos da contemporaneidade. O legado dos Mestres é preservar e também renovar a tradição.

O recorte de que trata o Livro dos Mestres são os mestres diplomados pela Secretaria da Cultura do Estado (Secult/CE). E fazemos isso em duas etapas: Tomo 1 – Vivos e Tomo 2 – Mortos. Esta edição não contempla os grupos escolhidos como Tesouros Vivos: Reisado da Comunidade de São Joaquim, de Senador Pompeu; Grupo Pastoril Nossa Senhora de Fátima, de Maracanaú; Grupo de Incelências, de Barbalha; Boi Coração, de Ocara; Grupo de Caretas Reisado Boi Coração, de Quixadá; Penitentes de Genezaré, de Assaré; e Reisdado dos Irmãos Discípulos de Mestre Pedro, Grupo de São Gonçalo da Comunidade do Horto e Reisado Nossa Senhora de Fátima, de Juazeiro do Norte. Os grupos serão objeto de outra etapa da pesquisa, com a produção de um documentário.

Os textos do Tomo 1 são os depoimentos de cada mestre. Optamos por fazer uma edição que se aproximasse do português vernacular sem ferir os contextos, resguardando, ao máximo, suas falas e a condução de seu pensamento. As interferências da edição se dão basicamente nas concordâncias verbais e ordenamento dos assuntos. E para cada um deles fizemos um relato de viagem, espécie de diário de bordo, dimensionando o momento do encontro e de como percebemos seu cotidiano e a forma como nos receberam em suas casas,

em sua intimidade. A expressividade estética de Jarbas Oliveira oferece, através flagrantes do cotidiano ou dos retratos, recortes do habitat e a possibilidade de vislumbrar um a um em imagens que evidenciam com clareza suas peculiaridades.

Tomamos a decisão de incluir os mestres que já faleceram e não tivemos o prazer de entrevistar para fazermos a pergunta repetida inúmeras vezes e que não pôde ser respondida diretamente: “O que é ser um Mestre?”. Julgamos ser essa indagação o fio condutor desta publicação e que liga todos eles apesar dos ofícios diversos. Indiretamente, a pergunta foi respondida através de fontes documentais, jornais, livros, acervos fotográficos, materiais impressos e digitais, e, assim, construímos relatos sobre os 21 mestres que já não estão neste mundo. Esse material constitui o Tomo 2 dessa publicação.

Temos ciência de que existem muitos outros mestres ainda não diplomados pelos órgãos públicos e que, mesmo sem o reconhecimento formal, continuam brincando, praticando seus ofícios como conseguiram assimilar de seus antepassados, traduzindo para outras gerações conhecimentos quase esquecidos e, por vezes, tornados sem importância nestes novos e velozes tempos. Continuam persistindo, certamente, assim como os mestres diplomados, por ser esse universo produzido no dia a dia pelo trabalho, pelo lúdico ou pelos laços afetivos que dão sentido às suas vidas.

As histórias dos Mestres são, enfim, histórias de resistência em favor da tradição e do saber que resguardam. São parte da cultura popular que se mantém ativa porque ocupa o centro de suas trajetórias de vida, numa espécie de sinergia, a ponto de lhes recriar um lugar no mundo e de os fazer plenos. ✨









TOMO 1

Mestre

Aécio de Zaira

AÉCIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Mestre em Luthieria

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 30 de outubro de 1956



“O que eu digo pra essa juventude é: não desista!”

Meu nome é Aécio Rodrigues de Oliveira. Eu nasci em 1956, 30 de outubro.

Sou de uma família de dez irmãos. Sou filho do Crato, pertencço à tribo dos índios Cariris, ainda que bem distante.

No começo da minha vida, minha mãe foi a base. Ela ensinou que, na beira dos rios, ou em beira de estrada, o pessoal colocava lixo, e a gente aproveitava muitas coisas, muitas peças, principalmente madeira e, aí, criava instrumentos, começava a fazer esses carrinhos. Ela ensinou tudo isso pra gente; a trabalhar com barro, argila, essas coisas, esse ofício dessas peças.

No decorrer do tempo, eu fui crescendo e fazendo esse trabalho. Trabalhei com as freiras também, aprendi a questão da humildade, aprendi muito. E fui seguindo minha vida e sempre ligado na questão da arte... de criar, fabricar e aproveitar... E, ao longo da vida, fui andando, fui andando. Eu fiz alguns cursos, no Senai, de aprender a fabricar instrumentos, por exemplo, como marceneiro, carpinteiro. Eu fui juntando todo esse trabalho pra poder melhorar a minha convivência com a arte. Quando eu tinha uns oito anos, eu já estava bem equilibrado com a questão de fabricar instrumentos. Eu já conhecia o violão, já sabia alguma coisa, meu pai também tocava berimbau, fabricava berimbau. Berimbau

grande! Ele tinha a profissão de pedreiro. Eu aprendi algumas coisas também com ele na questão da construção, mas nunca me desliguei dessa questão da arte, de fabricar meus instrumentos.

Eu fui crescendo, fui crescendo... comecei a jogar futebol. Além da arte, o futebol. A arte, o futebol e a arte. Fui jogar fora. Mas nunca desliguei da minha arte. Estudei violão fora também, e fiquei fazendo uns cursos no Senai, em São Paulo. Tudo ligado a arte.

Mas eu nunca deixei a origem do que minha mãe ensinou, e que foi a base de tudo. Minha mãe sempre dizia: “meu filho, faça alguma coisa pelo próximo, sempre divida o que você tiver”. Então, como eu aprendi o trabalho de fabricar e dominar essa questão do instrumento, e não paguei pra isso — praticamente aprendi a maior parte por mim e por algum aprendizado de alguém — eu me achei na condição de obrigação de me doar, através de um projeto, ou noutros projetos, noutras escolas, de fazer isso pelo próximo, pelas crianças que precisam aprender. Porque o importante da vida não é eu aprender tudo isso, o importante é que eu deixe tudo isso aqui, para, mais na frente, a pessoa dizer: fulano de tal já morreu, mas deixou esse aprendizado para outras pessoas passarem para outras. Então, pra mim, a grandiosidade está no aprender, ensinar e aprender.

Eu via que, no meio ambiente, existia muita coisa de valor. O pessoal colocava guarda-roupa bom fora de casa, como lixo. Eu cheguei a encontrar um guarda-roupa que a parte de dentro dele tinha muitas peças de jacarandá, que é uma madeira muito cobijada. Não tem nem pra vender — jacarandá, cedro, imbuia... e eu fui trazendo essas peças e fui começando a montar e fazendo esse trabalho, e comecei a ser visto por outras entidades e ser convidado para fazer oficinas e, através dessas oficinas, eu fui ficando mais conhecido com meu trabalho.

As pessoas que vão buscar alguma coisa no lixo vão com várias intenções. Eu vou buscar material pra fazer uma peça, que vai se tornar muito importante, tanto pra mim quanto para aquelas crianças, que vão participar desse trabalho. Eu trago aquele material, fabrico uma peça, um instrumento e aquela peça passa a ser uma vida pra mim, não é lixo. Pra mim, o que tá colocado como se fosse um lixo não é lixo. Porque quando eu vejo aquele material, eu já vejo ele transformado. Ele já é vida!

Eu aprendi com meu pai que o Mestre é uma pessoa que recebe um cargo muito importante e que tem que desenvolver aquele cargo. Na verdade, meu pai, que era um Mestre, um pedreiro Mestre, sempre dizia que um Mestre era um Doutor. Todo Mestre tem uma sabedoria naquilo que ele faz. Então, pra mim, um Mestre é considerado como um Doutor naquilo que ele faz. Ele tem que ser especial naquilo que faz, tem obrigação de ensinar o que faz, passar isso pra frente, tem que ter amor por aquela profissão de Mestre. Com esse amor, naquela profissão de Mestre, quando ele passa para outras pessoas o que sabe, isso é tão importante, que elas aprendem na maior facilidade.

Existe uma viagem que a pessoa faz mentalmente e diz: eu dei conta que eu aprendi fazer alguma coisa com o Mestre fulano de tal. Eu aprendi, por exemplo, fazer uma rabeca; essa rabeca eu aprendi a fazer com o mestre... e diz o nome do mestre. Então, a partir dali, quem vai dar o grande valor ao mestre são aquelas próprias pessoas que convivem com ele. É assim que eu vejo um mestre.

E ser um Mestre reconhecido, pra mim, foi uma ampliação muito grande, foi uma surpresa que eu não esperava. É uma coisa que eu nem tenho grande explicação pra dizer. Eu já tinha participado várias vezes e não dava certo. Mas eu acreditei na minha mãe quando dizia: “você sempre procure melhorar, estude mais e acredite em você!” Na verdade, ser um Mestre de Cultura, é uma coisa fantástica, brilhante. Foi o maior título que eu ganhei na minha vida. Com fé em Deus, vou passar pra frente o que eu sei e vou cumprir essa obrigação.

Esse título, mudou um pouco a minha relação com a comunidade e com as pessoas. Mudou pra melhor, mas teve outra mudança radical diferente. A mudança boa foi porque me convidaram pra ministrar palestras, oficinas em escolas e até, uma vez, em uma universidade. E você, sendo um Mestre de Cultura, aonde você tiver fazendo um trabalho, as pessoas vão lhe ver com outros olhos. Foi muito importante. E tá sendo e vai ser mais.

Como eu tinha o sonho de fazer alguma coisa pelo próximo — construir um orfanato, algo assim — com a minha companheira, a Tereza, nós conseguimos fazer um projeto. Nós criamos, o PROCEM – Projeto Cultural Edite Mariano. Esse era o nome da mãe da minha esposa, uma homenagem a uma guer-



RELATO DE VIAGEM

Em uma das misturas que dão origem à bela raça brasileira — de índio com o negro — nasce um ente que tem, por intenção de vida, cuidar. Seja na criação e repasse de conhecimento, seja no cuidado com outros seres humanos que dependem completamente dele e da estrutura familiar que montou junto com sua companheira, Tereza. Voz forte e meiga ao mesmo tempo, ele traz brilho no olhar e entusiasmo quando mostra suas criações artísticas musicais como luthier inventivo, que fabrica formas para dar vazão ao som. O que se sente ao seu redor é harmonia, tranquilidade, mesmo sua mente estando visivelmente em ebulição enxergando instrumentos nas mais variadas formas, por vezes encontradas no lixo.

reira. O PROCEM começou com uma média de umas vinte e cinco crianças. Já chegou momento de ter cem crianças.

Nos sábados e domingos tem aula de violão, teclado, outros instrumentos — aulas e oficinas. Uma vez por mês, tem uma sopa que é feita para as pessoas que necessitam. O próprio projeto criou o Maracatu, que é um trabalho onde minha esposa é a mestra, e Os Tambores do Axé. Nós temos o Coletivo Dona Zaira que está em fase de montagem, e, dentro do coletivo, nós temos meu show, que é um show autoral, de cordas e acordes.

O maior desafio no meu trabalho é a falta de apoio humano. Porque, na verdade, os seres humanos são pessoas esquisitas. Eu acredito muito quando as pessoas falam da inveja, da falta de você chegar e fazer acontecer. Então, pra gente fazer esse trabalho, é um grande desafio. Você precisa de material, precisa de muitas coisas e, quando vai atrás, você não encontra o que precisa. Aí você tem que fazer por conta sua.

Por exemplo: Chega uma criança e diz “Eu queria aprender violão”.

A criança não tem um violão e eu não tenho um violão. Aí está um grande desafio. Mas eu não desisto, eu vou atrás, eu tento fabricar um violão com aquela criança. Eu vou fabricar. Não adianta eu culpar A ou B, porque isso não vai resolver nada. Cada um sabe da sua obrigação, e a minha, quando eu faço um compromisso comigo, é ter que cumprir. Então, o maior desafio é justamente essa dificuldade para realizar o compromisso comigo de ensinar sem muitas condições. Mas eu vou deixar essa dificuldade de lado e, a partir de mim, eu vou enfrentar, eu vou atrás.

Por isso, o que eu digo pra essa juventude é: não desista! Em primeiro lugar, acredite em você. Se você não tiver condição de fazer, peça um auxílio, peça para alguém lhe ajudar e sempre acredite, nunca desista, vá em frente, lute, batalhe, estude, faça. Porque a vida é importante demais. Você pode ser um grande amanhã, pode ser um grande Mestre da Cultura e pode criar coisas maravilhosas, instrumentos, pode criar tanta coisa bonita...

E seja você, não desista nunca! ✨



Mestra

Ana Noberto

ANA MARIA DA CONCEIÇÃO

Mestra em Drama

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Tianguá (Sítio Tucuns, Distrito da Pindoguaba) – Região Norte

NASCIMENTO 26 de julho de 1956



“Nós moramos na última comunidade de Tianguá. E ela é vista através de nós, do nosso grupo.”

Eu me chamo Ana Maria da Conceição, conhecida como Ana Noberto. Me casei com 19 anos. Tenho quatro filhos e quatro netos. Minha vida foi uma vida de pobre, mas foi uma vida maravilhosa. Foi uma vida de riqueza, porque eu sou uma pessoa que Deus me deu este dom.

Na idade de sete anos, eu vi umas moças cantando... Eu fui na casa de um senhor e lá elas estavam brincando os dramas. Era com lamparina, numa sala, num tablado. Aquelas moças saíam muito bonitas. As roupas delas eram diferentes de hoje. Eram roupas de papel. Elas mesmo faziam, produziam suas coisas, as suas coroas, os colares, as coisas do drama.

O que é drama? O drama vem de Portugal. É uma tradição que vinha de Portugal, porque lá as moças eram chamadas para o Brasil. Eram aquelas moças bonitas, ricas que vinham fazer as suas apresentações para o Rei. Para aquele povo... vamos dizer hoje, na nossa linguagem: aquele povo chique, né?! Então, drama representa essas coisas.

A primeira música que eu ouvi — eu lembro da primeira música — eu era criança. Depois eu fui crescendo e na idade de dez anos, as moças me chamaram para eu participar do drama. Aí eu fui pela primeira vez. Neste dia eu me senti tão feliz, tão feliz, tão como gente, que eu não sabia nem se eu

estava no chão! Aquela felicidade era tão grande em mim, parecia que Deus tinha me dado aquele dom. Aquela coisa de felicidade, eu não conhecia!

Aí eu comecei a dançar, porque a gente tem de dançar, tem que cantar. A primeira música do drama que elas me ensinaram prá eu cantar, eu cantei. Eu saí muito chique, muito bonitinha, muito redondinha. Eu saí no palco e eu fui cantar aquela música que dizia: “eu sou tão pequeninha, não sei mais nem namorar/porque o papai não deixa/e a mamãe não vai gostar”. A música é grande mas foi a primeira musiquinha que eu cantei.

De vez em quando, elas faziam os dramas e me chamavam. Chamavam também porque, quando a gente fazia aquele drama, a gente ganhava dinheiro. Quem entrava para assistir, pagava. A gente fazia umas rosas de papel e cantava e oferecia aos rapazes, avós, para qualquer pessoa. E naquela rosa a gente ganhava o dinheiro. E naquela rosa, a gente, que não tinha nada, se beneficiava daquele dinheirinho. Era muito pouquinho mas servia.

A gente brincou até 20 anos de idade. Casei com 19 anos, com 20 tive o primeiro filho, aí pronto. As outras também se casaram e se acabou o drama. Morreu o drama na comunidade. E aí depois de vinte anos que a gente

tinha parado teve uma pessoa que era da prefeitura, professores que foram fazer faculdade e sentiram a necessidade de resgatar uma cultura. Começaram a pesquisar e vieram. Foram no Poço de Areia, foram no Cipó, vieram aqui no Tucuns. Quando chegaram no Tucuns, encontraram a gente, que tinha a cultura, mas tava morta! As outras pessoas na comunidade nem conheciam mais, as pessoas novas nem conheciam mais, nem sabiam nem o que era mais. Aí veio o Márcio, a Vânia, a Amparo, aí nós resgatamos junto com eles.

Todas nós sabíamos das músicas. Todas já tinham brincado quando eram novas. Perguntaram pra gente quem era de nós que queria fazer parte do grupo, botar o nome pra ser a mestra. A mestra tinha de viajar, tinha de ir buscar as coisas, tinha que trabalhar. As meninas do grupo disseram que eu tinha mais condição, que eu já trabalhava na comunidade, eu trabalhava na igreja, eu não tinha vergonha de falar com ninguém! Podia vim o Papa, podia vim o Bispo, o prefeito, podia vim o Governador... Colocaram meu nome. Se fosse aprovado, era eu. Então foi aprovado e ainda estamos aqui. E nós temos esse grupo resistente. É um grupo que vai saindo umas pessoas e vai entrando outras pessoas.

O nome do grupo nosso é Drama em Cena. E nós temos oito mulheres que brincam, que dançam, que cantam. E temos cinco homens. Nós temos o Chidei, no cavaquinho; o Arimateia, no violão; o Nonato Silvero, na zabumba; o Nonato Martins, no pandeiro; o Manoel Messias, no triângulo. E são essas pessoas que fazem... que tocam pra gente dançar. E o nome das dramistas: tem eu, que sou a Ana Maria, tem a Rosa Maria, que é a pessoa que me ensinou, ela tem 67 anos; tem a Maria Parente, a Maria do Carmo, a Lúcia Maria, a Francisca das Chagas, a Maria Regina

e a Helena, que não está aqui presente. São essas pessoas que fazem o grupo Drama em Cena. Nós estamos no ponto pra fazer a apresentação pra qualquer pessoa que chamar.

A criação dos dramas vem dos antepassados. Por isso que dizem que é música de cultura. Nós aprendemos quando criança e a gente vai só modificando. No drama... ele dança, ele canta e ele faz cordel tudo numa coisa só. E aí a gente vai criando os cordéis, os versos, dentro da música nós criamos os versos. É assim que a gente cria.

Nós somos um grupo de união. Este grupo traz muita coisa pra nós: traz o lazer, traz a saúde, traz a alegria, traz várias coisas. Então só a união que nós temos vale tudo! Às vezes, a gente diz assim: ah! porque nós já estamos velhas... Aí eu respondo: estamos velhas mas estamos felizes. Tanta gente nova que não tem a coragem que a gente tem!

A gente enfeita nossas roupas, faz as nossas coroas, faz nossas pulseiras... Enquanto nós estamos nessa idade fazendo essas coisas, dançando, nós estamos esquecendo da vida — da vida velha — das coisas velhas. Nós já saímos pra várias viagens, pra fazer apresentação: Fortaleza, já rodamos a serra da Ibiapaba toda, as escola chamam. Nós já fomos pra Brasília, ganhamos um prêmio. Tinha oito países lá e nós tiramos primeiro lugar. O drama, né?! Então, pra nós, é uma vida muito boa!

Ser mestre da cultura?! Este nome de Mestre eu sinto como se fosse de todas, todas as amigas. Porque eu só, não faço nada. Eu tenho de estar junto com elas. Então eu não me sinto muito importante. Pra mim, eu sou a mesma pessoa. Eu acho que fui escolhida porque a cultura tem de acontecer, e a gente tinha um grupo já registrado e tinha de ter uma pessoa pra tomar de conta do grupo. Uma pessoa responsável, pra ir atrás das outras, chamar







RELATO DE VIAGEM

Chegamos ao Sítio Tucuns, a 25 quilômetros da sede da cidade, no final de uma manhã de sol. O grupo, de 7 dramistas e 5 tocadores, convocado pela Ana Noberto, nos esperava. Ana nos recebeu em sua ampla casa, onde mora com o marido, filha e netos, palco da apresentação improvisada que o grupo fez para o registro. A Mestra é naturalmente extrovertida, alegre e acolhedora. Isso fica claro na relação que ela tem com todo o grupo e na forma como nos recepcionou e nos conduziu pela comunidade, num passeio no pingo do meio-dia.

as outras pra reunião, entrar em contato com as pessoas que vêm atrás do grupo. Eu sou essa pessoa de responsabilidade, com mais trabalho do que as outras.

Importante mesmo é a cultura. Porque a cultura é vida! Pra mim tudo é cultura: eu falar, eu andar, é a minha casa do jeito que eu faço, do jeito que eu fico, eu falar com filho, é o meu jeito de vestir, é uma colher que eu boto na boca. Pra mim, tudo é cultura! É a minha saúde, é a minha música que canto, tudo é cultura. Aquilo que me faz bem, que faz bem a você, tá na cultura. E muita gente não conhece a cultura. Vive a cultura e não conhece. Então, se todo mundo conhecesse a cultura, a gente tinha outro Brasil diferente, com outra cara.

Nossa comunidade, o nome dela é Tucuns, é a última comunidade do nosso município. Então a nossa comunidade, ela é vista através desse grupo, dessas pessoas que muita gente não dá valor, né?! Ela é vista!

Tudo o que acontece aqui, nossas festas, os festejos são as dramistas que fazem a abertura. Tudo é as dramista. O drama, eu tenho certeza, que ele não vai morrer. As crianças todas sabem das músicas, sabem da dança. Eu já tenho dito: eu vou morrer, outra vai sair também. Nós vamos sair daqui mas vão ficar outras pessoas. ✱





Mestre

Antônio

ANTÔNIO FERREIRA EVANGELISTA

Mestre em Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Carriri

NASCIMENTO 2 de janeiro de 1962





“O reisado significa muita coisa pra mim, o reisado é minha vida!”

Meu nome é Antônio Ferreira Evangelista, trabalho num colégio de arte CRAS, com a comunidade daqui, do nosso bairro, e comecei a brincar Reisado com nove anos de idade. Brinquei mais Zuza Cordeiro, Manuel Cordeiro e, finalizando, com Mestre Pedro, que era um irmão meu adotivo, que a minha mãe criou.

Fiquei brincando com ele até me tornar rapaz, eu e o meu irmão.

Ele chegou a falecer em 82 e tinha pedido pra gente dar continuidade ao Reisado dele. A gente havia falado pra ele que era muito complicado ser um mestre de reisado, a gente não tinha oportunidades, e a resposta foi que a gente tinha que dar continuidade ao reisado dele.

Quando ele chegou a falecer, a gente ficou desgostoso, não queria mais fazer cultura e teve que ir embora pra São Paulo.

Lá, com saudade do Reisado, começamos a brincar com a vizinhança. Aquela saudade bateu forte, e a gente voltou pra cá. Quando nós chegamos aqui, passamos uns dias e fomos procurar os brincantes do meu irmão, e reunimos todo mundo — aí nessa rua Pio Norões, que fica logo aqui do lado — e debaixo de uma caixa d'água, porque a casa era muito pequena, estreita, não cabia todo mundo.

Nós começamos a falar com eles para dar continuidade ao Reisado, o reisado de mestre Pedro.

Então... ou a gente continuava fazendo o reisado de mestre Pedro ou colocava outro nome. Eles falaram que a gente tinha de colocar outro nome. Aí, caçaram um bocado de nome. Tentando: um dizia um nome, outro dizia outro e, meu irmão, ele foi e falou assim: “se a gente foi brincador dele, a gente vai colocar discípulo de Mestre Pedro.” Todo mundo aprovou. E ficou a questão do Mestre: quem ia ser mestre? Meu irmão disse: “é você!”. Ele disse que era você, é você. Você vai ser o mestre.” Então, nós demos continuidade, começamos os ensaios, começamos brincando. Fazendo aqueles ensaios, passou uma senhora e perguntou: “que reisado é esse?”

E a gente falou pra ela do nosso reisado.

Ela disse: “vão lá na Secretaria de Cultura amanhã que a gente vai fazer o registro desse reisado. Eu acho muito bonito, a voz muito entoada, então eu quero que vocês vão lá!”

Nós fomos lá! Era na época que a Secretaria de Cultura estava dando um tecido pra todos os grupos de dentro de Juazeiro, vestindo todos os grupos, e colocou o nosso nome para isso também. Após 20 dias, a gente e todos os mestres fomos pegar os materiais, que o prefeito já estava entregando.

Quando chegamos lá, vimos todos os mestres recebendo aquelas caixas enormes e ficamos esperando chegar o tempo da gente e, quando chegou, o que eles falaram pra nós foi que os mestres se reuniram *tudim* e disseram que nós não tínhamos capacidade de ser mestre, então nós não iríamos receber nada para o grupo. Mas, se, agora, sobrasse alguma coisinha, algumas fitas, alguma coisa, depois, era pra gente passar lá que eles iam doar pra gente.

Quando chegamos em casa, tristes, minha mãe ficou assim do lado, assim olhando, e disse: “aconteceu alguma coisa com vocês?”

Contamos a história todinha. Ela respondeu: “por isso não! Vocês vão fazer o reisado!”

Juntou os parentes e saiu arrecadando alguma coisa pra comprarmos os materiais. Compramos tecido, compramos lâmina pra fazer espada, compramos papelão pra fazer coroa. Resumindo, a gente fez tudo que tinha de fazer. E quando foi no dia 22 de dezembro, que era pra todos os grupos de Juazeiro se apresentarem na Praça Padre Cícero, pra o prefeito ver o que ele tinha dado, nós não fomos. Nós fomos benzer o nosso vestuário todinho no Horto do Padre Cícero. Chegamos lá, fizemos a nossa promessa e voltamos.

A gente vinha descendo — os grupos já estavam na Praça Padre Cícero, e encontramos com o secretário de cultura. A gente estava dentro duma casa, fazendo um Divino.

Ele perguntou:

— Esse grupo, de qual é a cidade?

Aí... o pessoal disse:

— Esse grupo aqui é lá do João Cabral.

— Do João Cabral?

— Do João Cabral, sim.

— Mas ele num tá na lista dos mestres que estão lá na praça, não?

— Não

— E quem é esse grupo? Conheço esse grupo não.

Aí alguém disse:

— É de um dos irmãos, uns irmãos que têm um reisado.

— Chame ele aí.

Eu fui lá. Ele olhou pra mim e disse:

— É você?

Eu disse:

— Sou eu.

— Mas, rapaz! E quem foi que fez esse vestuário todinho seu?

— Foi por conta da minha mãe e minha família. Esse reisado que vocês tão vendo é aquele que vocês disseram que não tinha possibilidade de ter um reisado aqui dentro daqui de Juazeiro.

Aí ele foi e falou:

— Mas eu quero que você vá na Praça Padre Cícero.

Eu disse:

— Rapaz, eu não vou não, porque eu não faço parte desse negócio de vocês, então, a gente vai tirar nosso reisado pra cá.

— Eu quero que você faça parte.

Nós então seguimos em cortejo e, quando chegamos na Praça Padre Cícero, eles fizeram o cordão — todos os grupos fizeram o cordão — e nós fizemos uma apresentação.

O prefeito foi pedir desculpas pra gente, porque ele viu que o reisado estava bonito, estava mais bonito do que os outros.

Pediu desculpas e falou que a gente fosse na secretaria no outro dia, que ele ia ajeitar tudo.

Eles continuaram a vestir os grupos, mas não o nosso.

Nesses 25 anos que a gente tem de grupo, a gente faz as nossas apresentações por conta da secretaria porque é cadastrado lá, mas o material de vestimenta, a gente tá seguindo

o exemplo que minha mãe deu pra gente, mesmo ela já tendo falecido.

Quando eu comecei a brincar mais meu irmão, ele dizia: Mestre, pra ser mestre, ele tem que passar por várias coisas. Ele tem que começar do coice, do último lá de trás, e vai passando por cada um até chegar no mestre. Eu fui contra-coice, que era o último, depois passei pra bandeirinha, de bandeirinha passei pra figurinha, de figurinha passei pra contra-guia, de contra-guia passei pra embaixador, de embaixador passei pra contra-mestre, de contra-mestre passei pra rei, pra poder chegar a mestre. Então, o mestre ele tem que passar por esse processo todo. Muitos mestres podem até estar cadastrados na secretaria de cultura, mas o saber não têm. Eu tenho que dizer pra todos eles que passei por todos esses processos. E eu quero que todos passem também, pra chegar aonde eu cheguei.

A gente já tem esse dom porque a gente já vem de raiz.

Meu pai mesmo, ele foi rei de reisado, ele foi Mateu de reisado. Ele não era daqui de Juazeiro, ele era de Aurora, tinha um reisado lá. Ele e meu tio. Então, acho que é assim, a cultura da gente vem do sangue e hoje eu digo com sinceridade: passei por esse processo e um reconhecimento como Mestre da cultura, mestre do mundo.

Eu tô achando que realizei meu sonho, porque eu agora posso dizer que eu sou um mestre, posso dizer pra todos os mestres que eu sou um mestre, sou mestre da cultura. Então pra mim é uma glória. Era a coisa que eu queria mais na vida mesmo, chegar nesse nível de Mestre do Mundo.

Ser mestre da cultura faz mudar alguma coisa na vida da gente. Mudou tanto pra mim como pra meu grupo todo. A gente tá sempre junto. E eu, com parte desse salário,

eu tô investindo no grupo, porque eu quero é investir mais no grupo. Isso foi uma coisa mandada por Deus. Eu fiquei muito feliz. Eu chorei na hora que os meninos chegaram e me abraçaram — o grupo todo me abraçou — e eu fiquei chorando de emoção e lembrando do que passou, do que minha mãe me falou, que a gente tinha que ser humilde, e tinha que fazer por onde todo mundo aceitasse a gente. A gente tá seguindo isso aí, a gente quer conseguir chegar mais pra cima com nosso grupo, se Deus quiser.

A gente tem vários grupos aqui dentro. Tem o maneiro-pau, que é do meu irmão, Mestre Raimundo. Temos um grupo só de guerreira, que é de mulher. E uma banda cabaçal, que se chama Meninos Maluvido. Esse grupo quando começou era só com criancinhas. Eles disseram que queriam botar uma banda e a gente disse a eles que não dava. Eles disseram dá, dá, dá, e eu mais meu irmão dissemos: vamos botar! E como eles eram muito insistentes, botamos o nome Meninos Maluvido. O nome pegou. Já são rapazes, pais de família. A banda é deles e eles não abrem vagas pra ninguém.

O reisado significa muita coisa pra mim, o reisado é minha vida! Quando eu comecei, tinha nove anos de idade. Eu entrei com corpo e alma e me dediquei mesmo, dentro do reisado. É tanto que o reisado, pra mim, significa uma família. Todos aqueles brincantes, eu considero como irmãos, outros como filhos. E a gente faz de tudo pra comunidade tá junto com a gente. A gente faz festa de ano em ano pra comunidade, e é uma coisa que vem de dentro da gente mesmo, para resgatar essa cultura. Isso é o que mais nós precisamos, porque a gente sem a cultura não é nada não, e, pra mim, a cultura é minha família.

Tem canto que a gente vai que o pessoal não sabe o que é o Reisado. No Rio de Janeiro, quando a gente foi passar 30 dias lá, numa universidade, eles não sabiam o que era o Reisado. Eles pensavam que a gente estava fazendo era um grupo de jongo. A gente foi explicar pra eles como era que a gente fazia o Reisado, como surgiu, como é que se vestia. A gente fazia uma apresentação num dia e dois dias eram de oficinas para a universidade.

Em São Paulo, eles adoram quando a gente chega com o Reisado lá. As apresentações lotam de gente porque eles querem brincar também, porque eles acham muito bonito.

Quando a gente foi fazer a última apresentação no Sesc de Pompeia, o teatro lá não coube, por que era gente demais. E ficou gente do lado de fora pedindo pra entrar, porque não tinha mais como caber.

Aqui na nossa comunidade, no bairro João Cabral, muitas e muitas crianças, a gente tirou de alto risco, crianças que estavam se prostituindo e homens que estavam entrando no mundo da droga. A gente acolhia as crianças pra ir pra dentro da sede, pra fazer bordado, fazer pintura, e tinha um menino pra dar aula de reforço pra eles. Então, aqueles que não tinham escola, a presidente ia atrás de um colégio para matricular aquela criança.

Eu e meu irmão, nós temos um aluno que hoje é secretário do Secretário de Esporte. Quando a mãe dele encontra a gente, ela abraça a gente, e diz: “se não fosse vocês, meu filho não era o que ele é hoje não, porque o resto dos meus filhos nenhum prestou, e só quem prestou foi o que estava acompanhando vocês”.

Mas é assim mesmo, a vida continua e a gente vai fazendo esse trabalho comunitário pra tirar essas crianças da rua. Ainda hoje em dia, a gente vai para os sinais pra falar com

as crianças e conversar com os pais, pra dizer que se eles não tiverem onde estudar, a gente tem como obrigação, lá do CRAS, de procurar um colégio. E se for pela manhã, eles ficam na escola, no período da tarde, ficam com a gente.

Eu abraço a cultura mais do que tudo na vida. E eu tenho certeza de que quem vai salvar essas crianças é a cultura. ✨



**RELATO DE VIAGEM**

Encontramos Mestre Antônio em dois momentos: antes e depois de ser titulado. Um Mestre com comando carinhoso, atencioso, sorriso nos lábios e nos olhos. Visitamos suas sedes, assistimos a várias apresentações arrebatadoras, por suas caprichadas vestimentas, pelos brincantes vigorosos, pelo canto forte e uníssono e pelas crianças que dão um encantamento especial ao grupo. Pelo vigor, entusiasmo e comprometimento dos brincantes com o Mestre, a tendência é vida longa ao grupo para encantar plateias do Ceará, do Brasil, do mundo.



Mestre

Totonho

ANTÔNIO GOMES DA SILVA

Mestre em Luthieria

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Mauriti (Distrito de Mararupá, agora conhecido como São Felix) – Região do Cariri

NASCIMENTO 13 de fevereiro de 1960



“Fazer violino pra mim é uma coisa muito importante e eu acho uma terapia.”

Meu nome é Antonio Gomes da Silva. Sou conhecido no Estado como Mestre Totonho. Luthier de violino, violoncelo, viola e, às vezes, até de contrabaixo acústico. Agora por último também estou construindo rabeca, porque as rabecas foram intituladas como o violino do Nordeste. O Nordeste gosta muito de forró, então a rabeca pega bem na região. O violino é mais para música clássica, lírica, esses tipos de música da Europa, Estados Unidos, França e outros países.

Eu vou contar um pouco da minha história e de como eu comecei a fabricar os violinos.

Eu sou nascido aqui, num distrito de Mauriti, que está a 18km da sede. O nome do povoado é Mararupá, agora conhecido como São Félix.

Hoje trabalho e vivo aqui nesse lugar, onde nasci e me criei. Fiquei fora, num período de oito anos, em São Paulo. Voltei e estou aqui desde os anos 80.

Eu sou agricultor. Eu fabrico violino mas eu vou pra roça também, porque é da roça que sai o feijão, o milho, mamona, batata doce, a mandioca, como se diz aqui, a macaxeira... A gente planta que é pra gente ter a produção. Porque a gente depender de só comprar é ruim. Então eu não posso largar a roça por nada. É tão bom na época que tem feijão





verde, tem milho verde... Quando a gente tá muito apertado com o serviço da construção do violino, a gente paga o pessoal da roça e vai lá só levar o almoço e o lanche e continua na oficina trabalhando.

Quando eu fui prá São Paulo, eu não me acostumei lá. Chovia muito, e quando eu via a chuva caindo no chão, eu lembrava daqui, da nossa terra. Eu sentia muita saudade, e trabalhando naquelas fábricas fedidas, tanto veneno tóxico que tinha lá e poluição e tudo... Não teve jeito... Eu tive de voltar pra cá. Quando eu ouvia o ronco do trovão eu lembrava de comer uma pamonha, um milho assado, um milho cozinhado, o feijão verde que lá não tem. Aí não teve jeito, eu tive que voltar. Tô aqui na terra seca, mas feliz da vida. Não senti mais desejo de voltar para lá. Ir embora pra São Paulo, nunca mais. Pra morar, não! Aqui, Deus dando o que comer, é bom demais.

Foi em São Paulo que eu aprendi a arte de luthieria. Eu comecei estudando o Bona, o Paschoal Bona, que hoje pouca gente estuda. Mas eu estudei o método dele, que é a divisão musical. Com ele eu aprendi bastante coisa na parte da música. E aí me despertou a curiosidade e o interesse para fabricar violino. Foi então que eu conheci um italiano, por nome de Augusto Lombardi, na Vila Pompeia, e ele me passou as dicas de como construir um violino.

O primeiro que eu fiz não deu certo. Eu continuo com ele guardado até hoje. Ele não produziu som, não funcionou e parecia mais uma rabeca que um violino. Mas, com os estudos de alguns livros que eu adquiri e por algumas apostilas e dicas de outros luthiers, eu fui me aperfeiçoando e, hoje, graças a Deus, sou profissional na parte da luthieria. Já não sou mais um fabricante de violino, e sim um luthier profissional de violino.

Já fabriquei violinos para várias orquestras de fora do Brasil, como a orquestra do músico holandês, André Rieu. Daqui do Brasil mesmo foram poucas. Fabriquei alguns violinos, violas e violoncelos para as igrejas evangélicas. Tem violino meu em um memorial na Holanda. No Museu do Stradivarius, tem violino meu lá, tem viola. Já foi violino para o Paraguai, Japão, Áustria e para vários países. A minha venda principal é fora do Brasil.

Para a fabricação do instrumento, são vários os tipos de madeiras. Trabalho com madeira nacional e também com madeiras importadas. As importadas são o ébano, para fazer os acessórios; o abeto, para fazer a caixa acústica, e o maple, para fazer as costas, os braços e as ilhargas do violino. Tanto o violino como o violoncelo. As importadas são madeiras de primeira, apropriadas para orquestra. Madeiras que vêm da Alemanha e da Itália. São madeiras cortadas em tempo certo, preparadas para fazer o serviço adequado. A gente compra os kits e eles vêm prontinhos. A madeira tirada na posição correta, pois não pode ser cortada de qualquer maneira, para se fazer um violino de qualidade. A madeira não pode ser serrada em prancha. Ela tem de ser serrada como fatia de bolo pra poder dar um violino de qualidade. Essas coisas todas a gente aprendeu em livros. Para importar as madeiras que vêm da Europa, eu tenho contatos no Espírito Santo e em São Paulo. Eu compro deles os kits. Eles compram em Cremona, na Itália, e em outros lugares, na Alemanha.

Ser mestre pra mim... eu tenho como uma grande honra, porque isso já está no sangue, é hereditário. Meu pai também era mestre, ele fazia viola, ele era repentista, ele era cantador de viola. Ele fazia versos, fazia repentos. Então ele deixou para mim, no sangue, essa



RELATO DE VIAGEM

O distrito de São Félix, ou Mararupá, que fica a 18 quilômetros da sede de Mauriti, sofria com a seca e o sol causticante quando fomos visitar o Mestre. Chegamos ao distrito por estrada de terra, da qual se vislumbra a Chapada do Araripe. A oficina do Mestre, local da nossa conversa — que fica contígua à sala de estar de sua ampla casa, com quintal, fruteiras, galinhas, gatos —, é arrumada com bastante esmero. Ali, ferramentas e utensílios, imprescindíveis ao ofício, estão disponíveis nas bancadas. Percebemos que o Mestre detém, domina e transfere seu conhecimento sofisticado para a matéria-prima, com a qual trabalha e constrói instrumentos muito precisos bastante bem e lapidados.

parte de ser mestre. Pra mim é uma honra, porque muitos querem e não conseguem. Eu acho que seja uma coisa muito valiosa quando o Estado considera a gente como um Tesouro Vivo. A gente está trabalhando, está vivo, com disposição e toda garra para ensinar, transmitir para aqueles que também têm o mesmo dom e que não sabe que tem e a gente está disponível.

Trabalhei num projeto para ensinar dez alunos. Esses alunos começaram a aprender, e quando estava no terceiro mês, eles começaram a exigir uma bolsa. Como não houve, eles se desestimularam e pararam. Só que quando eles pararam já tinham aprendido bastante coisa na parte da teoria, na parte do meio ambiente, da construção do instrumento, já serravam a madeira, já poliam o instrumento. Já sabiam fazer cravelha, estandarte, queixeira. Uns foram embora para São Paulo e lá eles continuaram os estudos. Tem deles que já tem fábrica de instrumentos. Outros trabalham por conta própria em casa. Mas não saíram daqui inocentes, aprenderam bastante coisas.

Tem um rapaz, muito meu amigo, na cidade de Aurora, chamado Gil Chagas. Esse eu ensino como voluntário, é por conta da cultura. Ele está se aperfeiçoando comigo e já

está fazendo instrumentos e vendendo. Gil faz violino, rabeca e violoncelo. Só que não é com a perfeição que eu faço. Eu faço perfeito para orquestra. Mas mesmo assim, ele está fazendo uns instrumentos bom de som. Os primeiros que ele fez o som era bem baixinho, não chegava perto do som dos meus. Mas eu ensinei para ele o segredo, o pulo do gato, chamado de harmonização do instrumento. Agora ele está tentando... Ele não tem o espcímetro, uma peça de medir pra fazer a harmonização, mas ele mede na mente e está dando certo. Está conseguindo fazer e vender.

Fazer violino pra mim é uma coisa muito importante e também uma terapia. Enquanto eu estou aqui, estou me distraindo, esquecendo o estresse do dia a dia. Eu fico muito orgulhoso quando termino o violino, quando ele está pronto pra tocar, coloco acordoamento, passo o arco nas cordas, ouço a sonoridade dele. Eu fico muito feliz em trabalhar na minha oficina. ✨

Mestre

Antônio Luiz

ANTÔNIO LUIZ DE SOUZA

Mestre em Reisado de Caretas

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Potengi (Sítio Sassaré) – Região do Cariri

NASCIMENTO 21 de setembro de 1957





“No reisado, se a gente fazia uma promessa para os Santos Reis do Oriente, se fosse valido, aí enquanto fosse vivo, tinha de manter aquela cultura viva.”

Meu nome é Antônio Luiz de Souza. Nasci e me criei aqui no município de Potengi. Esse reisado de caretas nasceu aqui no município, em 1930. Era do meu avô. Quando meu avô faleceu, o reisado passou para um sítio aqui, o sítio Barreiros. Do sítio Barreiros, passou para um senhor por nome Raimundo Maximiliano. Nessa época, eu tinha doze anos de idade... Foi na era de 1960, mais ou menos.

Depois que seu Raimundo Maximiliano faleceu, outro senhor, conhecido por Raimundo Sousa, fez nascer um reisado aqui no sítio Melosa. Eu tenho um irmão, com 65 anos, que participou desse reisado.

Pequeno, eu já gostava de reisado e, na época, os rapazes não queriam que as crianças andassem junto com o grupo. Mas sempre eu ficava pedindo para acompanhar eles. Até que um tempo eu disse: se um dia eu chegar a crescer, eu ainda vou ser dono de um reisado.

O tempo passou... vem passando de lá para cá... o reisado da Melosa acabou-se e apareceu um reisado em Potengi. Eu já tava com idade de 29 anos.

Nessa época, eu conheci um rapaz por nome de Chagas e ele me chamou pra brincar. Eu decidi: vou brincar! Só que eu estava

empregado nas casas populares e não podia ir tirar esmola. Só ia no dia do reisado. E assim a gente construiu o reisado. Fiquei brincando com ele até Chagas dizer que ia embora para Porto Velho e perguntar se eu queria as coisas do reisado. Ele cobrou quinhentos contos. Minha mãe, que tinha uma banca na feira, me ajudou e eu comprei as figuras. No meu reisado, tem caboclo, tem o boi, a burrinha, ema, carneiro, cavalo... Mas só que, naquela época, a gente não tinha esse traje de hoje. O traje que a gente brinca hoje, a gente não tinha... Quem podia comprar, comprava. Quem não podia, brincava lá de qualquer jeito. O importante era usar a máscara.

Quem brinca esse reisado que eu brinco, se a gente fazia uma promessa para os Santos Reis do Oriente, se fosse valido, aí enquanto fosse vivo, tinha de manter aquela cultura viva. Fazer o reisado. Aí tirava as esmolas! No último dia, que é dia 6 de janeiro, tinha levantamento da bandeira, fazia a festa dos caretas, fazia forró!

Eu fui reconhecido Mestre em Limoeiro do Norte. Isso foi uma novidade aqui para o município. Depois que eu fui reconhecido, mudou muito! Já fui para a Paraíba, Crato







RELATO DE VIAGEM

A partir de Potengi, a Estrada dos Barreiros nos leva a uma casa simples de terreiro de barro bem varrido e um quintal com muitos pés de Jurema, que resistem ressequidos à falta de chuva. No girau interno da casa, Antonio Luis guarda todas as armações dos personagens, os trajes, os bonés e as máscaras do grupo. O que mais chama a atenção é a beleza e a criatividade das mascaras de madeira, pintadas e adornadas com pelos de animais, que transformam os brincantes logo que são colocadas no rosto. Homens transfiguram-se nas entidades contidas nas máscaras que amedrotam crianças e encantam os expectadores do reisado. Do fogão à lenha da cozinha saiu um carneiro guizado pela sua mulher que nutriu nosso corpo posto que a alma estava alimentada pelas histórias e pela gentileza do mestre.

— a cidade que mais me apresentei —, Fortaleza, Salitre, Araripe. Já sou conhecido até em Cuba, pelo filme “Romance Terra e Água”, de Jean-Pierre Duret. E o que sinto é que, se eu chegar a morrer hoje, vou deixar um nome dentro da cidade.

Mas, depois que eu passei a ser reconhecido Mestre da Cultura, eu deixei de tirar esmola e fiquei brincando só uma vez: todo dia 6 de janeiro. Eu tiro do salário que eu ganho pra fazer a festa, porque eu ganho um salário. E deixei de tirar esmola, porque as pessoas chamavam a gente de vagabundo. E daí a gente vem até agora.

Eu tô batalhando para passar essa tradição para os mais jovens. Mas até agora não tem como, porque uns querem, outros não querem. Tem uns novos que estão brincando comigo, são estudantes. Quando a gente vai fazer uma apresentação tem de saber o dia que eles podem ir, porque são estudantes. É difícil. Não é fácil!

Existem vários tipos de reisados. Tem o reis de congo. Tem chegança. Tem guerreiro. O meu reisado é totalmente diferente dos que eu conheço. Já fiz apresentação no Encontro Mestres do Mundo com Mestre Aldenir, Mestre Zé Pedro, Reisado dos Ir-

mãos. Conheço eles todos. O reisado deles, é chamado... é por peça. Por exemplo: eles têm boi, burrinha, jaraguá, os caboclos, têm os guerreiros que toca espada. As figuras estão todas juntas, dançando. Eles tocam espadas de ferro.

Mas, no meu, as figuras vão saindo de uma em uma: sai o boi; depois do boi sai a burrinha; depois da burrinha sai o cavalo; depois do cavalo sai a ema; depois da ema tem o carneiro e depois — pra terminar — tem o véio e a véia, que é como se fosse uma família. O véi é o pai e a véia é a mãe. E a nossa espada é de madeira, é de pau. A música é xote, baião e valsa, do tempo de Luiz Gonzaga, mais ou menos. E tem também as máscaras que a gente usa para esconder a face, o rosto. A máscara é de madeira, de cumaru, por exemplo, conhecido também, como mulugu. O boné é de papelão, imitando o boné do Mateu. Na época do inverno, a gente não brinca. Porque se gente brincar e acontecer de levar chuva o boné, que é de papelão vai indo e se acaba. Mas a máscara, ela pode levar chuva. Tem máscara que está dentro de 31 anos de idade, que foi feita.

No estilo desse meu reisado, só existe aqui na cidade de Potengi. ✨



Mestre

Antônio Pinto

ANTÔNIO PINTO FERNANDES

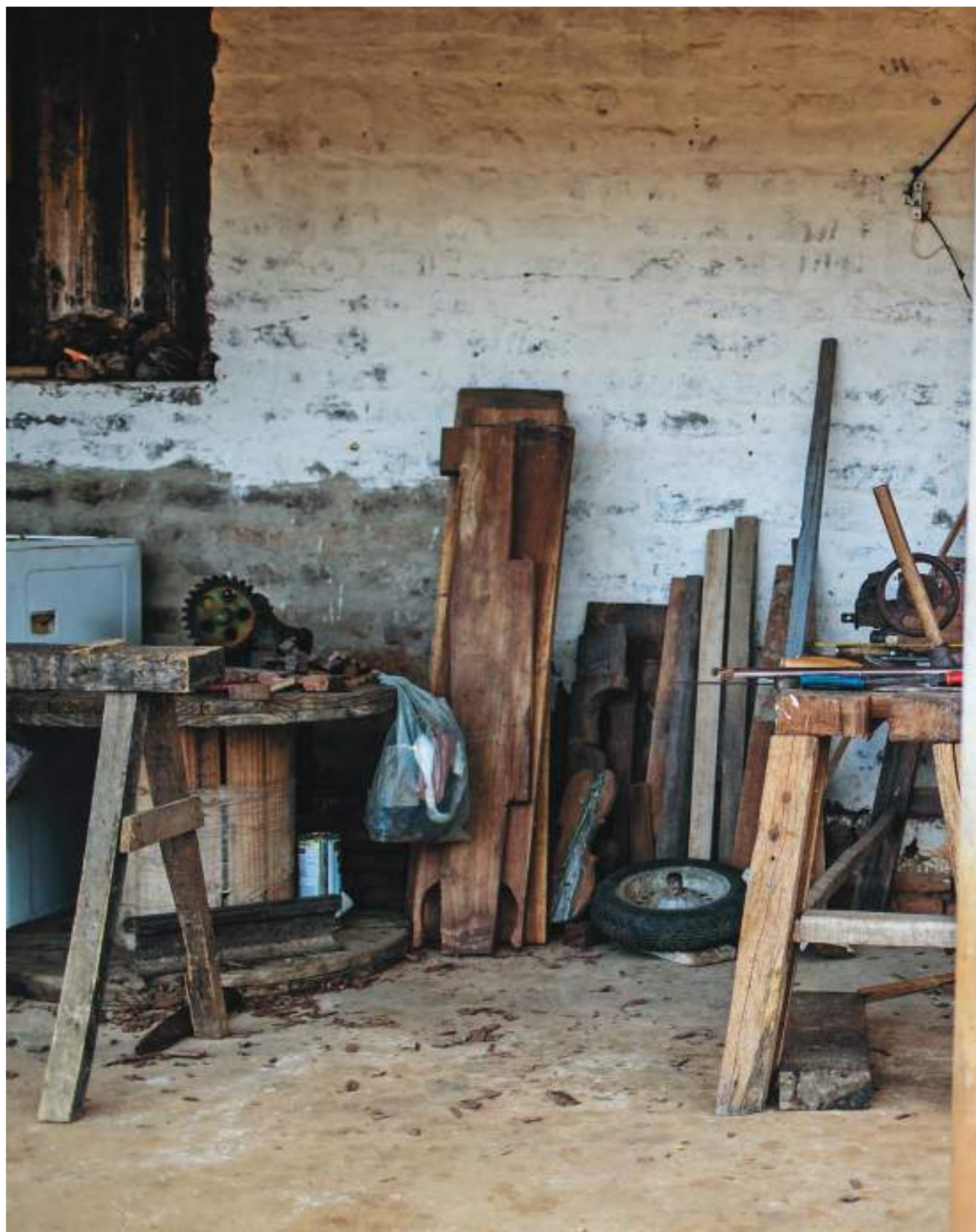
Mestre em Luthieria de Rabecas

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Aurora (Sítio Caboclo) – Região do Cariri

NASCIMENTO 18 de outubro de 1922







“Quando caí na idade, eu disse: agora eu vou fazer rabeca. Não posso mais trabalhar em serviço pesado. Vou trabalhar que nem os doutô, sentado!”

O nome e aonde eu moro, né? Antônio Pinto Fernandes, moro no sítio Caboco, no município de Aurora. Aí tem o nascimento... Eu nasci no sítio Cobra, no município de Aurora também.

Eu fiz a primeira rabeca, criança, com idade de oito anos. Meu pai tinha um molde — só o molde, sabe?! Aí ele não ia mais fazer a rabeca e eu inventei de fazer a primeira. Aí fiz. Peguei um serrote velho, uma faca velha, um escopo... Comecei a trabalhar, a cavar...

Cavei a primeira, fiz o arco, depois botei o testo derradeiro — testo é o fundo traseiro. Fiz o braço todo emendado. Mas deu uma rabeca tão boa! Mas não era de cedro, não. Era de umburana rasteira. Umburana de cambão, de espinho.

E fui aprender a tocar. Não tinha tocador, mas eu fui procurar um que sabia tocar e me ensinou a afinar. Afinei e comecei a tocar. Quando já sabia tocar umas músicas, fui chamado para tocar num lugar chamado Alpercata. Cheguei lá, comecei a tocar e pegou a aparecer gente e, pra findar a história toquei até as 8 horas do outro dia.

Acharam bom... e eu dizendo: vou embora!... Não, toca mais. Também não ganhei nada, foi de graça. De vez em quando, me chamavam

para uma festa, um leilão, aniversário, e eu tocava. E fui tocando, mas toquei pouco tempo.

Comecei a trabalhar na arte de pedreiro, carpinteiro, montando engenho, montando motor, automóvel. Trabalhava na agricultura também. Aí trabalhei a vida, levantando prédio, edifício. Deixei de tocar.

Eu trabalhei muitos anos... Não sei nem quantos anos eu trabalhei. Quando caí na idade, fiquei velho, aí eu disse: agora eu vou fazer rabeca, não tem outro serviço pra eu fazer, não posso mais trabalhar em serviço pesado! Vou trabalhar que nem os doutô: trabalhar sentado!

Fui caçar a madeira. Primeiro arranquei a raiz de um cedro acolá, um toco que tinha derrubado, num sei quando. Eu arranquei e fiz outra rabeca. Rabeca boa, de cedro!

Aí fomos ali num lugar que chama Mufumbo, longe daqui umas três léguas e comprei nove toras de cedro. Já tava tirada essa madeira. Ninguém pode tirar mais, né?! Pra trazer, foi uma mão de obra medonha. Trouxe pra cá, pra Aurora, lavrei, cerrei, fiz tábua. Ainda hoje tô trabalhando nelas.

Ser mestre é ensinar os outros. Que nem o professor ensina a criança, os adultos. Mas



RELATO DE VIAGEM

No alto de um pequeno morro encarpado, com um açude quase seco embaixo, em uma casa toda alpendrada, um senhor ensimesmado, talvez por causa da pouca audição, nos aguardava afinando a rabeca que acabara de lixar. Chegar à casa de seu Antônio Pinto, seguindo as dicas de seu filho José, exige conhecimento do sertão: vai por uma vereda, passa por um pé de Juá, vai margeando uma cerca e quando chegar num colchete branco, entra pras esquerdas e já está na estrada da casa. A vista é bonita e o vento é forte. Seu Antônio mantém a oficina no alpendre e, segundo Dona Galega, sua mulher, ele passa quase todo o tempo lá. Além das rabecas, ele, mesmo aos 95 anos, cultiva de tudo. Agora, sua nova distração, são as parreiras que ele plantou ao lado da casa e de onde espera colher uvas vermelhas, a Deus querer. Foi na casa de Seu Antônio Pinto que nos foi servida a melhor coalhada de todas as viagens.

quem só faz o que aprendeu não é mestre. Mestre é quem nasce com o dom, faz tudo. O mestre é pra ensinar como é que faz. Eu só não ensinei a muita gente porque não tem quem queira. Ensinei ao meu filho, José. Espero, um dia, quando eu desaparecer, ele fique no meu lugar. Ele faz tudo do mesmo jeitinho que eu faço. Ensinei também a outra pessoa, lá no Araújo. É o Gil. Ele é mestre de escultura. Ele fez uma rabeca e trouxe lá em casa e me mostrou. E eu aprovei. Rabeca boa, bem feita. Agora outros eu não ensinei porque não querem. Não tem quem queira. Procurei muita gente pra ensinar, mas ninguém quer. O povo novo não quer aprender. Querem achar feito. Mas pra fazer, é difícil! Eu não tenho nada na minha vida só pra mim. O que eu sei é de todo mundo.

Eu achei bom ser escolhido Mestre.. Fiquei satisfeito, graças a Deus. Eu fui menino e não pude estudar. Não aprendi a ler porque precisava pagar o professor, precisava comprar o livro, tinteiro, lápis, comprar tudo. Eu não tinha condições, não podia pagar, nem nada. Aprendi a assinar o nome, somente. Mas estudar... E depois de velho, sem ter estudo, sem ter nada, receber o diploma...

Dei graças a Deus. Recebo meu salário e o que eu faço tenho direito de vender, né?! E assim vou tirando o resto do tempo.

Podia ter sido quando era novo! Tinha sido melhor. Mas inventaram a cultura depois da gente velho, idoso. E aqui e acolá vêm me chamar pra ir pra Fortaleza, Limoeiro, Russas, Crato, Juazeiro. Pra onde me chamar, eu vou. Eles vêm buscar e vêm deixar.

Da rabeca eu faço tudo. Só não faço é acabamento, porque a cultura não exige. Bom, lixar pra ficar bonitinho, eu posso lixar, mas não pinto. Eu tenho plano de pintar uma pra mim. Pra quando eu morrer botar lá no caixão pra eu levar. Assim, quando eu chegar lá dizer: aqui eu trouxe uma rabeca pra mostrar o que eu estava fazendo lá! Vamos ver se aqui eu vou continuar a fazer isso também.

Eu gostava de tocar. Hoje eu tenho vontade mas não posso. Porque não tenho mais oiça. A gente se esquece dos toques e se esquece das posições. Não dá! Sai fora do rumo. E de trabalhar já sou acostumado, não me enfado, não!

Eu sonho fazendo rabeca. Tão bom eu acho! De vez em quando eu perco o sono, pensando como é que eu vou fazer. ✨





Mestre

Antônio Rafael

ANTÔNIO RAFAEL SOBRINHO

Mestre em Poesia Popular

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Tarrafas – Região do Cariri

NASCIMENTO 4 de fevereiro de 1950



“O poeta, ele se inspira muito no inverno, mas também na seca. Eu digo para alguém que vai escrever, que procure aonde está a cultura para poder fazer poesia”

Meu nome é Antônio Rafael Sobrinho, conhecido por Antônio Rafael, Mestre de Cultura do Estado do Ceará e de Tarrafas. Nasci na Lagoa da Caiçara, na época, município de Assaré, que hoje é Tarrafas, e sou poeta. Poeta de nascença mesmo, por que desde seis anos que eu escrevo, faço *versim*. Vim publicar o primeiro cordel com 25 anos de idade, porque não tinha aonde — *de primeiro* não tinha a evolução que tem hoje — na gráfica do poeta também, saudoso Manoel Caboco.

E a minha vida de poeta é uma vida mista dentro da cultura, porque além de escrever, a música e a poesia, eu também apresento o programa *Nordeste, Povo e Cultura*, incentivando os mais novos a valorizar a cultura e resgatando os mais velhos. Através desse programa, gente que não tocava mais forró, que estava parado, se animaram, viram que o forró não morreu. Tem vindo do Juazeiro muitos tocadores de viola, e alguns sanfoneiros.

Eu estou com 43 anos de programa de rádio. Comecei na Vale do Cariri, de 78 pra 79, só recitando com o grande mestre Patativa do Assaré e o meu sogro, o Alberto Brandão. O *Nordeste, Povo e Cultura*, eu fazia na Rádio Iracema do Juazeiro, e daí pra cá, passei por

várias rádios, a Dinâmica, a Rádio Cariús, a Princesa, a Rádio Patativa do Assaré. Aqui, nos arredores, tem umas catorze cidades que frequentam o meu programa, incentivando a cultura.

Tocar Sanfona, eu não toco! Violão, não toco! Cantar, eu não canto! Mas incentivo, levo um programa que mostra quem toca a música de raiz, que fala no poeta popular, na cultura de raiz. Podem procurar o maior incentivador da cultura aqui na região Cariri, na região Centro Sul; não digo que é o Antônio Rafael, é o programa *Nordeste, Povo e Cultura*, que o Antônio Rafael representa. E apresenta. Porque é dentro da nossa cultura, aonde eu faço esse programa, não o Antônio Rafael, mas os artistas da terra. É primeiro lugar de todos os programas, bate televisão, bate rádio, tudo; porque ali nossa cultura chega. É o nosso Folclore. Completo. Viola, cavaquinho, bandolim, tudo quanto é cultura está dentro do programa *Nordeste, Povo e Cultura*.

E cordel tem muita gente escrevendo. Eu comecei a incentivar e trazer para o programa e mostrar o valor que a poesia tem. E valorizou muito mais a poesia, quando

alguém que não fazia fé, viu que o Antônio Rafael, hoje, é Mestre de Cultura do Estado. Isso veio pra enriquecer a nossa poesia. Por isso que tenho dito nas palestras que eu faço aqui, em várias escolas, em Tarrafas e nos municípios vizinhos, mesmo sem remuneração, que não é só ser Mestre de Cultura e dizer: eu me aposentei agora não preciso mais trabalhar. Não! Agora é que eu trabalho! E agora é que eu incentivo o povo a acreditar que a poesia está tomando conta da cultura, e a valorizar, porque se a gente não acreditar, não vai, não acontece. Então, esse projeto de Mestre de Cultura, enriqueceu muito, ajudou muito a gente e quem tá começando. Porque não havia fé no poeta. Hoje, quando eu sou procurado para apresentações, entrevistado, eles veem que o poeta tem valor. Quando veem o poeta dentro de uma sala de aula, eles veem que o poeta tem sabedoria, tem ensinamento, tem aprendizagem pra eles que pretendem escrever também.

A poesia nasce de um dom. Mas tem que, realmente, esse dom vir de uma inspiração. Porque a inspiração é a vontade de escrever. É a alegria de escrever, é a sabedoria que aparece naquela música que vem até a gente. Então, ela nasceu dentro do poeta Antônio Rafael. Deve ter sido com Geraldo Amâncio a mesma coisa, Patativa, a mesma coisa. Patativa, ele dizia que admirava muito o Catulo — Catulo da Paixão Cearense — e se inspirou nele. Eu admirava..., admirava não, admiro muito o Patativa, que ele não morreu. Morreu o Antônio Gonçalves, o Patativa tá vivo. Então eu me inspirei muito no Patativa. Copiar é feio, e vergonhoso, e até crime. Mas se inspirar é uma obrigação do poeta, se inspirar em alguém antes dele, pra poder ele se apaixonar pela poesia, e ver o valor da poesia.

Meu pai comprava cordel nas feiras. Nessa época, vendia muito cordel em feira. Ele levava pra casa pra ler. Colocava numa cadeira, ficava pé em cima da cadeira, nas bocas de noite, lá no Sítio Lagoa, onde eu morava, lendo um cordel. E tinha gente doído pra ver, ouvir ele ler um cordel; às vezes, caía até da cadeira com tanto interesse. Eu sou um que caí muito da cadeira pra poder ouvir, e é porque era em casa!

Pra começar a escrever, foi ouvindo o cordel do Pavão Misterioso, os versos feito pelo Leandro de Barros, Zé Pacheco, Zé Cordeiro... os grandes escritores que já se foram. Então a gente foi se apaixonando e procurando os materiais que são cultura, que é o Lampião, é o Patativa, é o Padre Cícero, é o Antônio Silvino e as nossas coisas do sertão.

O poeta, ele se inspira muito no inverno, mas também na seca. Aonde eu tenho feito alguma palestra, digo para alguém que vai escrever, que procure aonde está a cultura, para poder fazer poesia.

Eu gosto até de dizer assim, como uma brincadeira, que a pessoa feia demais ou bonita demais dá um poema, mas uma pessoa média não dá. Pessoa boa demais, ruim demais, dá um poema, mas aquela pessoa média não dá. Então, ruim demais, bom demais, velhaco demais, pagador demais, direito demais, desmantelado demais, malvado demais, humilde demais,... é daí que nasce o poema.

Mas tem pessoas ainda com outras histórias, como eu tenho aqui um poema *Saudade do meu engenho*, que fiz com Zacarias. Porque o Zacarias juntava centenas de pessoas no engenho dele. O engenho dele foi o símbolo de todos, contando história, daqueles boi de canga, pessoas mexendo a garapa pra fazer o mel, a rapadura, o alfenim e, aquele movimen-



RELATO DE VIAGEM

Chegamos a Tarrafal depois da hora marcada, bem atrasados. Mestre Antônio Rafael, num misto de ansiedade e de impaciência, com razão, teve ainda que aguardar enquanto montávamos o cenário para entrevistá-lo. No começo, um pouco descontente, ele observava a adaptação que era feita por nós no ambiente da sala de sua casa — vizinha à Associação dos Artistas do município. Aos poucos, foi ficando menos tenso e, mesmo antes de iniciarmos a gravação, ele ia nos contando sua história, mostrando-nos os cordéis e falando de seu programa de rádio. Não se esquivou de repetir novamente tudo o que falou, agora durante a entrevista, que se estendeu até o fim da tarde. Ele gosta de conversar. A entrevista acabou mas a conversa com o poeta prosseguiu na calçada, bem ao gosto cearense, sob o ar já mais fresco do sertão, regada a churrasquinho e boas risadas.

to, era uma paixão que ele tinha, igualmente, pela poesia e pela moagem. Vinha do pai dele, plantando cana e fazendo moagem de rapadura. Às vezes não recompensava nem tanto, mas fazia pelo amor que tinha àquela luta, de lutar com o povo. Porque lutar com o povo dá trabalho. Tem hora que dá um sacrifício, tem hora que dá até um pouquinho de raiva, mas dá muito amor, e o sabor de lutar com o ser humano é muito gostoso.

Pois bem, tem muita gente que não tinha um passado da saudade do engenho. Gente que só tem enxada mesmo, e a roça. Mas chegou aqui e sentiu a saudade. E aí chegou em Geraldo Amâncio, em Pedro Bandeira, naqueles que escrevem também, no saudoso Geraldo Gonçalves. Sentiu, pra poder fazer um poema e sair bom daquele jeito.

Ser um Mestre significa muita coisa.

O poeta, ele era muito discriminado nessa questão de saberes, principalmente um poeta que não tem nível superior como eu não tenho. Hoje, um Mestre de Cultura é um Tesouro Vivo, que tem diploma e é doutorado, é professor também, mesmo não falando correto igual a quem é formado. Ele

não tem a palavra, o português certo, mas ele tem palavra certa, e é cheio de palavra, cheio de pensamento, cheio de história pra levar. Aí, eu me sinto muito feliz em ser Mestre de Cultura. Sou Mestre de Cultura porque Deus me deu esse pensamento e nem eu acreditava mas, hoje, eu acredito nos homens da cultura, e acredito que o Mestre de Cultura, o poeta, tem uma grande sabedoria, que é encantada, e que as escolas precisam muito dela. Os professores devem procurar levar muitos livros da sabedoria poética para orientar o jovem na escola. Eles precisam ver o valor da poesia e entender o que é a poesia.

Depois que eu recebi o título de Mestre de Cultura, eu acho que, como poeta, nasceu outro Antônio Rafael, sendo Mestre de Cultura. A minha vida mudou muito porque o povo do lugar da gente custa muito a ver a gente, conhecer a gente. E agora é que estão reconhecendo o Antônio Rafael como, eu posso dizer, um dos poetas bons. Porque, realmente, se eu não fosse bom, o povo não me chamava nas escolas, não me chamava em nenhum canto, e não tinha também esse título, que não foi dado por político, não



foi dado por ninguém. Foi porque pessoas que têm grande sabedoria viram o que eu escrevo, viram o que eu faço e me elegeram. Agradeço o apoio do governador, agradeço o apoio de quem criou esse programa de Mestre de Cultura. Mas eu agradeço mais a Deus que me deu essa sabedoria.

Eu fui político, mas eu sou um crítico político. Pois muito bem, eu andei por esses caminhos. Eu fui vereador, mas eu não pude defender o povo como vereador. E nem acredito que vereador e deputado defendam o povão. Eles defendem o partido, eles defendem o candidato. O grupo, a tendência.

E eu sempre digo isso pro jovens. Vocês procurem escrever, vendo o que acontece no Brasil, no município. Que é assim que eu faço, é escrever defendendo o povo. Então vocês comecem escrever e façam como eu fiz, como o Patativa fez. Eu enjeitei ganhar dinheiro pra escrever história, pra dar nome a quem não tem.

Eu sempre mando o jovem escrever e procurar aquilo que é certo. Eu faço realmente isso. Eu não dou valor a critica se você não tiver a solução. Eu sou crítico, mas o homem, ele só é crítico de moral e com vergonha, e a mulher também, quando tem a solução.

E pra crescer, o jovem, dentro da história poética, e fazer o certo pra nossa economia, pra nossa política do Brasil, tem que começar em casa.

Então, vamos escrever coisas que tenham aprendizagem, ensinamento, para o nosso futuro, vamos deixar uma cartilha pra ser lida nas escolas.

Eu não tenho nível superior, eu que sou quase analfabeto, mas oriento a vocês, que têm formação: continuem escrevendo. Mas, olhe; escrever a verdade. Mesmo

como eu faço, com palavras erradas, mas em linha certa.

Eu não gosto de dizer, como falam, que, pra gente saber de tudo, basta ser poeta. Não, pra saber de tudo, tem que estudar. Sempre digo isso, vá para a escola e estude. Porque eu tenho esse valor, mas se eu tivesse uma formatura eu teria outro valor maior ainda.

Então, eu vou recitar aqui um poema, que me identifica. Quero que todo mundo veja *O Poeta sem Leitura*, que eu sou, o tanto que eu sofri e, graças a Deus, hoje eu cheguei aqui.

“Eu só sei do ABC/e assim mesmo é decorado/É bem difícil me entender/porque eu só sei falar errado/Também nunca tive escola/violão nem viola/pra enfeitar minha cultura/eu tenho força e não tem fama/Por isso, vocês me chama/de poeta sem leitura.

Aprender ler não pude/por ser filho da pobreza/na época, essa virtude/precisava ter riqueza/fui criança no pesado, criando porco e gado,/brincando com fartura/Sou mão grossa, pé de lama/por isso vocês me chama de poeta sem leitura.

Estudante, professor/escuta minha canção/Sou poeta mas não sou,/se vocês não der a mão/No meu fraco português,/eu preciso de vocês,/pra divulgar minha cultura,/espaíar também a fama/Embora vocês me chama/de poeta sem leitura

O formado tem sucesso/que estudou e aprendeu/mas talvez não faça um verso/igualmente este meu/Foi Jesus quem me ensinou/este é meu professor/este sim que tem cultura,/Deus Pai que cria,/pois ele também me chama/de poeta sem leitura.

Eu me chamo de Rafa,/nasci lá em Lagoa, Distrito de Tarrafa/moro junto os passarim,/asa branca e o vinvim,/sariema e saracura/



pássaro e peixe grande/natureza que me
chama/de poeta sem leitura.

Choupana velha de barro,/é a casa que a
gente mora/Lá, eu acendo o meu cigarro,/
pra contar minha história/Ouçó os vento nas
palmeiras/As água na cachoeiras/ouço rio na
agricultura/O peixe solta a escama/e o louro
passa e me chama/é — o poeta sem leitura!

Reboulo pé rachado,/coro grosso, mão
de cal,/corpo velho manchado/a estrume
de curral/Eu tenho a cabeça chata/só de
carregar lata, nata, queijo e rapadura/tomo
leite em minha cama,/a esposa e os filho
também me chama/de poeta sem leitura.

O meu rádio, meu jornais,/meu cinema
e televisão/é o campo dos animais/sofreu
burro carão/relâmpago de madrugada,/

trovão pra dá coaiada/que nas águas se mis-
tura/a floresta faz programa/e os passarinhos
também me chama/de poeta sem leitura.

Geraldo em Fortaleza,/Patativa em As-
saré,/dois poeta de grandeza/quem eu falo
e boto fé/Rock, Samba e pagode/só quem
tem direito e pode/dá sucesso sem cultura,/a
indecência virou fama,/só talento e ninguém
chama/o poeta sem leitura/

O poeta, maior do mundo,/Patativa do
Assaré,/os seus versos tão profundo/e de-
moraram botar fé/E eu que pequeno sou/pra
simplório meu senhor/secretário de cultura,/
abra aí um programa pra ver se ainda cha-
ma/o poeta sem leitura.” ✨

Mestra

Dina

DINA MARIA MARTINS LIMA

Mestra Vaqueira e Aboiadora

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Canindé – Região do Sertão do Canindé

NASCIMENTO 21 de agosto de 1954







“Lugar de mulher é onde ela se sente bem.”

Eu me chamo Dina Maria Martins Lima. Eu nasci na fazenda Barra Cancão, no município de Canindé. Sou filha de José Martins e Olinda Marreiro. Meu pai já faleceu. Nós tínhamos uma fazenda, um terrenozinho, muitas cabeças de gado e eu era a vaqueira da fazenda do meu pai. Nenhum dos meus irmãos quis seguir essa vida de vaqueiro, e eu, com idade de sete anos, já começava a ver meu pai arrear bezerro novo, desleitar as vacas e fui criando gosto com a natureza. Meu pai me botava na escola, mas eu nem queria saber da escola. Só queria saber mais era de lidar com a natureza. Quando eu fui crescendo, meu pai me internou em um colégio por nome Santa Clara. Lá eu fiquei alguns anos — dois anos, mais de dois anos... Mas não era aquilo que eu queria, não! Meu pai chegou um dia e perguntou: Dina, o que você quer pra ir à escola? Você quer um cavalo, uma bicicleta, um jumento, ou uma novilha de vaca? Eu respondi: papai, eu quero um cavalo. Aí eu voltei para o interior de novo. Lá, eu comecei a escola. Era aquilo que meu pai mais queria, que eu estudasse. Muitas vezes eu me escondia nos matos, nas moitas de viúva alegre, e quando as meninas passavam, eu pegava a lição, pegava os cadernos delas e copiava a lição. Um dia, a professora me chamou e convidou meu pai pra ir até a escola. Ela disse para o meu pai que eu estava perdendo muita aula. Meu pai não entendeu: todos os dias ela sai para ir para a escola! A professora

falou: então, ela desvia o caminho. Meu pai me chamou e perguntou: Dina, mais uma vez, o que você quer: uma bicicleta, um cavalo ou uma pisa grande? Eu disse: papai, eu prefiro o cavalo. Pois vai voltar para o colégio interno, vai ficar mais uns tempos internada. Voltei.

Pra mim, era a maior tristeza do mundo. Mas todas as sexta-feiras, ao meio dia, eu viajava de volta para o terreno. Lá, eu cuidava do meu cavalo e dos dois cachorros — o Perigo e o Perigoso. Na segunda-feira de manhãzinha, eu voltava para o colégio. Tudo que eu queria papai fazia, só para eu estudar.

No mês de junho, chegaram dois fazendeiros na casa do meu pai — e eu fiquei escutando atrás da porta. Eu já tinha 16 anos. Eu nunca gostei de cozinhar, nunca gostei de cozinha, aí, entrei na cozinha e disse pra minha irmã: papai tá dizendo que você faça café para os fazendeiros que estão lá fora. E a pobrezinha da minha irmã foi fazer o café, e eu fui pra detrás da porta...

Os fazendeiros disseram: bom dia, compadre Zeca — porque antigamente os fazendeiros só se tratavam por compadre, comadre. Ele respondeu: Bom dia!

— Compadre, a nossa vinda aqui é porque desapareceu uma novilha do nosso rebanho de gado e a gente soube que essa novilha poderia estar no rebanho do seu gado.

Eu, escondida, ouvindo toda a conversa, dizia comigo: papai vai me mandar, mostrar a novilha de vaca aos fazendeiros, se Deus

quiser... Meu menino vaqueiro, minha Santa Joana D'Arc, meu São Jorge toca, no coração de meu pai para que ele mande eu ir mostrar essa novilha de vaca... que é hoje...!!!

Aí, o papai me gritou: Dina! Respondi: Senhor, papai! Ele chamou: venha aqui! Eu fui e tomei a bênção aos fazendeiros — porque a gente tinha de tomar a bênção de pessoas mais velhas que a gente — e falei: bom dia!

Meu pai perguntou: você sabe dizer se tem uma novilha de vaca do compadre Citó que desapareceu, se tá junto com nosso gado? Eu disse: papai, eu sei, tá lá na lagoa do São Luis — São Luis era um terreno perto da nossa casa — tá lá, e é muito bonita, uma novilha amarela. Ele então falou: eu vou selar seu cavalo e você vai mostrar a novilha para o compadre Citó. Eu pedi: papai, deixe eu usar sua roupa de couro. Ele disse: você quer usar roupa de couro? Quero, sim senhor, respondi. Aí, usei uma calça do meu irmão e a roupa de couro do papai todinha. Fiquei morta de feliz, contente da vida! Montei no meu cavalo, chamei o Perigo e o Perigoso, os dois cachorros, e saí galopeando. E os vaqueiros querendo falar comigo, e eu não dava nem cartaz pra eles. Calada, concentrada.

Quando eu cheguei na lagoa, que a gente avistou a novilha, eu parti pra novilha no meu cavalo e os dois cachorros me ajudaram. Eu separei a novilha e os vaqueiros não viram nem onde eu entrei. Correram atrás de mim e eu atrás da novilha. Peguei a novilha pelo rabo, derrubei com a ajuda dos dois cachorros. Quando os fazendeiros e os vaqueiros chegaram, eu já estava com a novilha. O fazendeiro disse: nossa... você é uma menina-mulher muito disposta. E eu entreguei a novilha pra eles. Nós saímos com a novilha e quando chegamos no cercado, lá no curral, na casa do meu pai, eu abri a porteira, a novilha mascarada

entrou, e o fazendeiro gritou: compadre Zé Martins, eu tenho uma novidade pra lhe dizer: quem pegou a novilha foi sua filha! Então papai disse: eu já sabia que ela treinava. Quando eu saio de casa aos sábados para fazer a feira — que antigamente a gente chamava feira — ela fica aqui amansando os burros brabos, botando burros no cercado... Ela é danada... Mas não importa não. Eu entrego nas mãos de Deus, que é isso que ela quer.

E foi sempre o que eu quis. Quando eu estou sendo vaqueira, eu me sinto a mulher mais feliz do mundo, muito feliz, ao lado dos meus companheiros. Muito feliz mesmo. Eu me casei com 18 anos, fui morar em uma fazenda. Nesta fazenda, tinha duas mil reses. Era no município de Canindé. Fazenda Jacurutu. Meu esposo me deu toda oportunidade na vida. Tanto para estudar como para trabalhar na fazenda. Era um homem muito bom. Eu selava o cavalo de manhã bem cedo e saía para o campo com ele. Eu nunca deixei a vida de vaqueira, sempre foi essa a vida que eu levo. E meus filhos gostam muito do que eu faço. Eu tenho uma filha que é biomédica, outra é enfermeira e um filho que trabalha em empresa. Eles me aceitam como eu sou.

Quando eu comecei a correr em vaquejada alguns homens quiseram me discriminar... Se perguntavam: por que essa mulher quer vir correr em vaquejada? Diziam: vai embora pra casa, Dina! Lugar de mulher é em casa! Aí eu ria e falava: não, meu companheiro. Lugar de mulher é onde ela se sente bem, e eu me sinto tão bem no meio de vocês!

Mas eu tinha meus amigos, que o meu pai me encomendava muito... nossa turminha: Pedro, Fernando, José Augusto Queiroz, Almir... esses meus amigos, que eram muito fortes, a meu lado. Então eu comecei a conquistar o coração daqueles homens, que queriam ser





RELATO DE VIAGEM

Dona Dina, uma mulher imponente, de fala firme, impressiona pelo seu porte, logo à primeira vista. Pediu ajuda para colocar seus trajes de vaqueira. Estava com problemas no joelho e não conseguiu, naquele momento, fazer o que mais gosta na vida: montar seu cavalo e sair campeando. Para a sessão de fotos, que aconteceu na sede da Associação de vaqueiros e aboiadores, Pedro Freitas, amigo de longa data da Vaqueira, foi quem trouxe o cavalo. A Mestra, vestida num Gibão confeccionado por outro Mestre, o Espedito Seleiro, entoou versos e reafirmou o gosto de ser vaqueira. Essa escolha ela fez desde criança, por conta própria, mesmo à revelia do pai. Mas *o que é de gosto, regalo da vida*. E a vida de vaqueira foi o que Dina escolheu, a despeito de qualquer preconceito por ousar ocupar um lugar já consagrado em um universo de trabalho majoritariamente masculino.

muito machistas... quando eles queriam me discriminar, eu não dava cartaz não! Aí é que eu fazia mesmo por onde, sabe?! Eu cantava prá eles na vaquejada.

Fundei uma associação de vaqueiros, boia-deiros. E começou a minha luta de verdade pr continuar a vida de vaqueira. Mas uma coisa me entristece: não tem uma mulher que queira assumir a vida de vaqueira, que faça o que a Mestra Dina faz. Muitas vão para a associação e, com quatro ou cinco meses, desistem. Dizem que essa vida não é vida, não!

Eu hoje sou mestra da cultura. Muitas coisas mudaram na minha vida. Porque eu viajo muito, represento o Ceará e a nossa cidade de Canindé. Isso, para mim, foi um privilégio muito grande. Eu sempre pedi a Deus.: dai-me uma vida prá eu viver, prá eu conhecer culturas diferentes, conhecer outros lugares do mundo. E Deus me ouviu, e foi uma felicidade muito grande, ser mestra.

Ser Mestra é eu fazer o meu trabalho com o amor, com o carinho que eu tenho pelos nossos vaqueiros, pelas fazendas, pelos animais. É estar ao lado dos nossos companheiros vaqueiros, participando das aberturas das

vaquejadas, quando me chamam, e da Missa de vaqueiros. É mostrar o meu trabalho para as crianças nas escolas para repassar a cultura para aquelas crianças que não sabem o que é a cultura do vaqueiro. Aqui em Canindé, tem a Casa do Conto, que eu presto serviço voluntário. E através dela eu vou falar nas escolas. Cada vez mais, está sendo difícil ensinar a cultura, sobre a vida do campo. Tem muitas crianças que não conhecem, tá cada vez mais se distanciando. Então, na escola, eu conto como foi a minha vida no campo. Repasso o que eu sei, como Mestra. O aboio, através do aboio. A luta a fazer com os animais, com a natureza, e ainda tem o verso. Através de verso, eu repasso o que eu vivi na fazenda, e as crianças gostam muito quando eu canto assim:

Eu só quero bem a gado/porque gado me quer bem/Quando eu chamo o gado urra/quando eu grito o gado vem. Eu não troco o amor de gado/pelo amor de ninguém/Ôhohoooo. ✨

Mestra

Dona Edite do Coco

EDITE DIAS DE OLIVEIRA SILVA

Mestra em Dança do Coco

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 6 de agosto de 1940



“A nossa ideia foi sempre de ter essa união das mulheres.”

Eu sou Edite Dias de Oliveira Silva, que mora aqui no Crato, nesse bairro Batateiras, desde os anos de 1969.

Eu vim de Pernambuco, da cidade de Bom Conselho. Cheguei aqui pra criar minha família. Sou agricultora. Quando vim aqui, eu tinha quatro filhos, que trouxe de Pernambuco. Aqui nasceram mais uns seis. E nós, eu e meu marido, criamos os nossos filhos indo para a roça. Uns estudando pela manhã e trabalhando à tarde, outros estudando à tarde e trabalhando pela manhã. E demos continuidade a nossa vida.

Depois com 56 a anos de casada, fiquei viúva. E fiquei tocando o barco, sozinha, com essa turma minha. E, com fé em Deus, pensando de ir até na frente, ainda muitos anos.

Quando eu cheguei aqui no Crato, esse local onde estamos era muito esquisito. Não existia essas casas que se tem hoje. Era uma casinha aqui e outra lá mais na frente. Bem distante. Era uma época muito difícil para se estudar. Mas quando eu cheguei aqui, também tinha dificuldade para esse pessoal que morava aqui. Chegou então as aulas do Mobral e do MEB. Foi quando, uma pessoa me levou para fazer o treinamento do Mobral, e eu fiquei sendo uma monitora do Mobral, dando aulas para os analfabetos, de 13 a 60 anos. Na escola do Mobral, criamos nosso grupo do coco.

Isso foi em 1979. Falaram para nós que iria ter a Semana do Folclore e era para a gente levar uma turma para se apresentar na Praça da Sé. Foi o Senhor Eloi Teles quem falou para a gente ir se apresentar lá com os alunos. Em uma das salas, tinha um casal; eles sabia dançar o coco. Na outra, uma aluna que sabia cantar as músicas do coco. A gente combinou de juntar as duas salas e formar a dança do coco. Foi muito bom, todo mundo gostou e aplaudiu. Foi uma coisa maravilhosa. Nós adoramos essa dança. Nós gostamos mesmo de verdade e demos continuidade. E ficamos brincando.

Quando foi desativada as aulas do Mobral e do MEB, a gente ficou brincando na comunidade. Nas casas das amigas, das vizinhas da gente, das mães dos alunos que estudavam com a gente. Nas noites de São João e São Pedro, nos batizados, em renovação. A gente fazia as festinhas em casa com a dança coco, e ficamos desde essa época até hoje. No grupo de dança, dançava todo mundo da comunidade. Era desorganizado, mas todo mundo dançava.

E eu imaginei: será que não era melhor a gente formar um grupo? Tinha a Associação das Mulheres do Crato. Então, foi na Associação das Mulheres do Crato que a gente combinou de fazer o grupo de senhoras. Na época, era todo mundo jovem.

Eram todas bem novas. Não era essa idade que estamos hoje. Não tinha ninguém dessa minha idade agora. Era tudo jovem. A gente deu continuidade.

Depois veio a orientação do Mestre Eloí para a gente convidar os maridos da gente para dançar também. Quando a gente convidou, eles não aceitaram, não queriam dançar. Alguns, se tivessem incentivo, tinham ido. O meu marido, pelo menos, ficou calado, mas muitos diziam: “Eu vou lá dançar isso. Isso é dança de corno, é dança de viado, isso é dança para cabra sem-vergonha. Vou dançar coco, não”. Seu Eloí orientou de novo: “você façam assim: vocês fazem umas roupas de homem e vestem em uma mulher. Aí fica um cavaleiro e uma dama. E vocês vão dançar o coco”. E foi isso que nós fizemos até hoje. Foi uma beleza!

No grupo, eu danço, organizo e faço tudo. Só não faço cantar nem bater instrumento nenhum. Até hoje, nós continuamos essa jornada e vamos até em frente até quando Deus disser chegou a hora de terminar. Eu tenho fé em Deus que não vai terminar, porque a gente já está criando esses grupos pequenos é para dar continuidade. Porque o grupo dos pequenos é formado pelos filhos de quem dançou com a gente desde pequenininha. Que começaram lá atrás, com seis e quatro anos, a dançar o coco. E hoje os filhos já dançam o

coco também. Eu confiando nelas e tendo fé em Deus, para que elas deem continuidade a esse grupo, quando eu não existir mais.

Quase todo mundo que me pergunta o que é ser uma mestra, eu ainda não entendi para dizer essa resposta. Eu acho que é a gente saber organizar uma coisa, e aquilo que a gente organizou tem um futuro e tem uma segurança, para que alguém não chegue dê um sopro e apague. É isso que eu acho que seja uma mestra, é a pessoa que sabe fazer isso.

Ser Tesouro Vivo, eu ainda não achei o que foi que mudou. Estou achando que mudou umas coisas e outras não. O que mudou foi um orgulho, dentro do grupo, e as perguntas de por que tinha sido eu a escolhida. Mas não foram todas. Com o meu dinheiro, eu estou dando continuidade na melhoria: comprar cadeira, mesa. Não tinha nada, nós já temos as mesas as cadeiras. Tem esses panos para a gente enfeitar aqui fora. Com isso, eu estou levando.

Sou reconhecida como o grupo do coco. Eu fiquei feliz porque era uma luta que já vinha de muitos anos, de muito tempo. Pelejamos, pelejamos, pelejamos. Quando foi em 2018, deu certo. A gente já tinha mais material, mais trabalho, mais CD, DVD, mais história. A gente já tinha o grupo das mulheres saboeiras — que faz sabão. Já tinha o grupo das



RELATO DE VIAGEM

Dona Edite é mãe de 10 filhos e avó de muitos netos. E eles vivem todos perto. Assim, a casa está sempre povoada, e ela com sorriso, boa vontade e solicitude. Conversamos no pátio, onde acontecem os ensaios e a reunião para trabalhos coletivos. Formou-se uma plateia dos participantes do grupo: crianças, pais dos brincantes e as mulheres que, vieram fazer uma roda de coco para a gravação. Relações muito verdadeiras e alegria de partilhar a vida juntas.

bonequeiras, o grupo das mezinheiras. Com tudo isso, a gente fez um caderno de trabalho e reforçou mais o trabalho da gente.

O grupo de crianças tem 10 participantes. E é muito importante o estímulo dos pais, quando eles querem que as crianças venham. E também quando elas estão interessadas para vir pra brincar com a gente, porque a gente sempre dá uma coisinha pra eles brincar. A gente dá um bombom, dá um brinquedo, uma bolinha, qualquer coisa, quando eles terminam de brincar. Dá uma merenda. E brinca com eles. Fica aqui à vontade, e eu acho que é por isso que eles vêm. E tem umas mães que se interessam de trazer o filho. Tem filho que nem quer vir, mas a mãe fica incentivando até que eles aceitam e vêm.

Repassar o saber não é muito desafio. Segurar eles grupo é que é difícil. Por que já vamos com o terceiro grupo de crianças e quando completam 12 ou 13 anos, já não querem mais vir. Querem namorar, casar, ter os filhos. A dificuldade é sustentar um grupo para que ele vá em frente, igual a gente faz com esse hoje, nessa idade nossa dos mais antigos.

Eu convido muitas pessoas para participar da dança do coco. Convido para vir e ouvir as histórias da dança do coco. E ver como é a coisa linda, maravilhosa. Todo mundo que

vem na primeira vez fica encantado com as velhinhas sapateando o coco. E tem gente nova doida para dançar e não aprende. Acho que não interessa. Devem ter vergonha, ou uma coisa assim, porque não é tão difícil, é fácil. As roupas continuam com o mesmo modelo de antigamente.

Eu acho que eu ainda estou nesse pique devido a essa dança do coco, porque é uma terapia, uma saúde para a gente. Porque a gente pode estar “incriquiadinho”, sem coragem de acender um cigarro nem beber um gole de café. E vai dançar um coco!!! Quando a gente volta, vem que nem uma pimenta malagueta, vem queimando mesmo. É uma beleza dançar a dança do coco, para os ossos da gente.

Se eu não dançasse a dança do coco, ou eu já tinha morrido ou estava que nem as outras que não dançam, ou da minha idade, ou mais nova. Tem tanta gente mais nova do que eu que já vive paralítica em cima de uma cadeira, numa cama, num canto. Por que além da dança do coco, a gente ainda tem três dias de exercício aqui no CRAS, de perto.

No grupo de mulheres, somos 17. Começamos com 17, e ainda hoje continuamos. Mesmo sem as seis que já faleceram. Assim que a gente percebe que a pessoa não pode mais vir, a gente substitui. Para o grupo continuar.







As 17 são amigas do peito. Vamos na casa uma das outras, a gente se junta para fazer sabão, se junta para fazer xarope. Somos sete que faz xarope, remédio caseiro. A gente faz lambedor, faz boneca, faz tapete de fuxico, faz um monte de coisinhas.

Quando nós criamos essas atividades, a gente já estava com um grupo. A gente já sabia fazer, mas não praticava, só dentro de casa, com o povo da gente. Uma reza, um xarope. Só que, depois, a Cárita Diocesana levou a gente para fazer um treinamento de meizinhoas. E a gente fez uma oficina no Sítio Jenipapo. Fizemos outra na Praça da Sé e fizemos outra no pé da Serra Raimundo Pinheiro. Com essas três oficinas, fomos receber reforço lá no São Miguel, que lá tem uma mulher que faz meizinha. E lá recebemos o diploma e se espalhamos fazendo o remédio, e fazendo tudo que a gente sabia. A gente sabia, mas não praticava.

E a nossa ideia de praticar foi de ter essa união das mulheres. As mulheres juntas, porque as mulheres fazem a força. E o lugar das mulheres é aonde ela quiser estar, do jeito que ela quiser e do jeito que ela estiver. Nome disso agora é empoderamento, né?! E os homens... eles ficam só olhando.

E estamos pelejando para aprender mais coisa, porque a gente, nas feiras, leva essas coisas para vender. Todo mundo leva um pouquinho de coisa: meizinha, remédio, de pó, de xarope, defumador, de banho e reza também. A gente leva um pouquinho das rezas, porque tem gente lá que diz você levantou fulano, reze em mim também. E a gente vai tocando o barco pra frente. Tudo dentro do grupo do coco. ✨

Mestre

Espedito Seleiro

ESPEDITO VELOSO DE CARVALHO

Mestre em Artesanato em Couro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Nova Olinda – Região do Cariri

NASCIMENTO 29 de outubro de 1939



“Eu não considero esse trabalho meu, um trabalho. Eu considero um esporte que eu tenho.”

Realmente, eu tenho dois nomes. Eu me batizei por Espedito Veloso de Carvalho. Mas o pessoal só me conhece por Espedito Seleiro. Nasci no centro dos Inhamuns, um sertãozinho acolá. Me criei dentro do sertão, na vida de cigano, na vida de tropeiro, na vida daquele pessoal do sertão, correndo atrás de boi brabo e cavalo brabo. Eu cheguei em Nova Olinda em 1949, e meu pai trabalhava numa fazenda aqui pertinho. Como meu avô, meu pai era seleiro, e, com idade de oito anos, já comecei a fazer sela e achei bom, e até hoje eu tô nessa vida. Só que eu não faço só sela. Teve uma época que eu fazia muita sela, vendia bem. Eu fazia a roupa do vaqueiro completa e vendia. Fazia dos pés à cabeça: o sapato, a perneira, o guarda-peito, a luva, o gibão e o chapéu. Cobria o vaqueiro de tudo quanto ele precisasse para chamar ele de vaqueiro. Mas aí chegou uma época que não estava vendendo. Acabou o vaqueiro, acabou o cangaceiro, acabou o tropeiro, acabou o cigano. Era esse pessoal que gostava mais de usar roupa de couro. Por quê? Porque era o pessoal que vivia mais no sítio, nas fazendas, andava mais na mata. Tinha de

usar, porque só aguentava o espinho se fosse roupa de couro mesmo. Então, como todo mundo usava, lá onde a gente vivia, tinha muita saída. Só que, com o passar do tempo, acabou esse pessoal.

Aí foi onde eu mudei. Não mudei a profissão, fiquei trabalhando com couro mesmo. Hoje ainda faço a sela, o gibão, o sapato... essa coisa toda. Mas a força maior aqui que a gente faz é sandália, bolsa, cinto. São essas peças que a gente vende bem. Agora a gente está fazendo umas cadeiras e o pessoal tá gostando e a gente não tá dando nem conta das encomendas. Eu resolvi mudar não foi prá ficar bonito, nem prá ficar famoso, nem conhecido. Como eu tava precisando de dinheiro, eu resolvi mudar.

Um dia eu fui para uma feira que eu, acostumado a vender bem. Fiquei até uma, três ou quatro horas da tarde, não vendi nem pra almoçar. Eu cheguei em casa de volta e disse para minha esposa: a partir de hoje, eu não vou mais fazer aqueles trabalhos que eu fazia. Foi aí que eu resolvi fazer peças coloridas. Aí me veio a pergunta: como eu vou arrumar a matéria prima para fazer o colorido? Aí foi onde complicou.

Cadê a tinta, cadê as coisas pra fazer colorido? Não tinha. Mas como eu já tinha a prática, do meu pai, do meu avô... aí eu fui fazer o preto.

Peguei um monte de pedaço de ferro, joguei dentro de um pote, peguei uma meia lata d'água misturei com o ferro, o ferro já bem enferrujado. Peguei um monte de rapadura preta, daquela do engenho, daquela salobra que era baratinha na época, pilei e botei dentro do pote e deixei passar oito dias. A mistura pronta, eu passava no couro e ficava bem pretinho. Só que a peça ficava dura que só a gota. Aí, eu ia no açude, jogava a tarrafa, pegava peixe, torrava e tirava a gordura e passava em cima do couro. Depois pegava o couro enrolava, enrolava. Colocava ele em cima de uma pedra e dava uma surra bem grande, como se dá em cabra ruim. Quando eu parava de surrar o couro, que eu desenrolava, tava bem maciinho.

Aí, cadê o branco? O branco eu corri na mata e tirei uma carga de lenha de catin-gueira. Fiz uma fogueira e aproveitei a cinza todinha. Comprei pedra hume e misturei com a cinza num pote velho de barro e deixei passar três dias. Aquela gororoba assim. Aí, dentro dos três dias que eu tirei o couro de dentro da cinza com a pedra hume, o bicho tava todo manchado de branco, aquelas raja branca e outras não. Aí, eu comecei a lavar na água bem limpinha. Puxava, puxava... do jeito que você faz alfinim — o alfinim você pega a cana, com um mel bem grosso e puxa aqui e fica só puxando. Eu puxava que as unhas ficavam azul, mas o couro ficava bem branquinho.

E cadê o vermelho? O vermelho eu corri atrás do urucum. Quebrei a semente com bage com tudo, fiz aquela gororoba e quando eu passei no couro, junto com o óleo, ficou

bem vermelhinho. Aí, eu disse: aqui vai dando certo, né?!

Aí, teve o marron. Que ainda hoje eu gosto de trabalhar com o marron. O marron, eu corri atrás, na mata, e tirei uma carga de casca de angico. Cheguei em casa, botei pra secar. Peguei um macete e bati numa pedra até ficar bem mastigadinho, só a massinha e fiz outra gororoba, desmanchei tudo. Ficou igual a caldo de feijão. Botei o couro, o couro natural que eu já tinha curtido. Com três dias, que eu tirei, o couro tava bem marronzinho.

Eu disse: agora pronto. Acabou o problema. Aí larguei o pau a fazer peça colorida. Agora, hoje, é uma água. Essa experiência, eu ia passando para os curtumes. Dizia para o pessoal: rapaz você procura fazer um couro, procure uma tinta bonita, faça um couro mais macio, molinho... faça azul, faça branco, preto, amarelo, que isso vai ter saída. E eles foram pegando as ideias e, hoje, onde você chega, tem o couro pra comprar. Agora eu ainda hoje gosto de comprar o couro natural, pra eu fazer a cor que eu quero. Nem que eu compre a tinta. Eu misturo uma tinta com outra, uma cor com outra cor... Às vezes, fica tão feio que ninguém sabe que cor é... Mas eu quero saber se compram...

Eu uso couro de boi, couro de bode, couro de carneiro, de avestruz. Foi couro, eu transformo ele numa peça. Pode ser couro de qual bicho que seja. Qualquer material. Mas a gente corta muito hoje é o couro do boi e do bode. Porque existe isso também: o couro do boi dá várias espécies de material. Tem a raspa, tem a pelica, sola e vaqueta e camurça. De um couro só você faz tudo isso.

Eu não considero esse trabalho meu, um trabalho. Eu considero um esporte que eu tenho. Eu posso está com a maior raiva, quando eu chego aqui na minha mesinha,



RELATO DE VIAGEM

Nova Olinda está no mapa turístico e cultural do Ceará por duas razões: a Fundação Casa Grande e a arte de Espedito Seleiro. O Mestre, sempre bem humorado, nos recebeu como costuma fazer com os clientes, pesquisadores, estudantes e curiosos que vêm de todas as partes do mundo: com um largo sorriso. Ele nos contou, de forma descontraída e, ao mesmo tempo, enérgica, a sua trajetória. Chegamos no começo da tarde e saímos já de noite. O tempo foi longo, mas passou rapidinho, como nos bons momentos. Mestre Espedito estava imbuído de uma nova tarefa, além de gerenciar a oficina. Depois de ter montado a loja, de fundar o Museu do Couro, que conta sua história, a empreitada era fazer a pousada e o calçadão que, unificando todos os equipamentos ali ordenados, criaria um corredor do artesanato em couro. E é preciso dizer que, mesmo ainda sem o calçadão, não há como ficar imune à sua loja e oficina — dispostas uma em frente da outra. Ambas, nos encham os olhos de cores, formas, texturas. É mais difícil ainda não sucumbir ao desejo de obter um dos artigos fabricados pelo Mestre, tal a beleza do couro trabalhado por ele. Mas, sem dúvida, é perceptível que o lugar mais caro ao Mestre Espedito é sua oficina. Ali, além de local de labuta, aonde, na maioria das vezes, ele chega de madrugada, é também local de ócio, puro deleite. Num longo banco de madeira, posicionado na frente do prédio, ele, um exímio narrador, conta suas histórias misturadas a lembranças e a projetos futuros.



acabou todas as raivas. Eu vou mudando, mudando o sentido. Pego um pedaço de couro, vou desenhando uma peça, desenhando outra. E assim a gente vai vivendo tranquilo e sossegado.

Eu tenho o nome de mestre porque eu sou mestre mesmo. Porque eu pego uma cobra lá dentro da roça, um cavalo, ou um burro, ou um boi, ou um bode, seja lá o que for, trago pra casa, pra abater, curtir o couro e fazer qualquer uma peça que tem ali na loja. E eu faço isso. Ainda hoje eu faço. Eu mudo a cor dele, eu faço o curtume — que é muito difícil — e faço tudo. Do jeito que eu quero, eu faço. Acho que mestre é isso. Começar tudo do chão, vamos dizer, e ir até o derradeiro grau.

Eu acho que a ideia desse projeto de Mestre da Cultura, de apoiar os Mestres, foi uma boa. O melhor é que, cada um, além de eu levar o nome de Mestre, que ajuda muito na profissão, ainda recebe um dinheirinho para ir quebrando o galho. Eu acho que foi uma das coisas melhores que já fizeram no Ceará.

Uma das coisas que eu mais me preocupei foi em repassar a tradição para as pessoas. Primeiro eu gostei de apoiar a família. Porque é uma tradição de família. Hoje eu tenho um monte de gente que trabalha comigo. Se vier uma empleita bem grande pra eu fazer, eu junto todo mundo. Se eu não tivesse ensinado, eu ficava sozinho. E sozinho, você não é nada. Por isso é que eu não tenho medo de enfrentar qualquer trabalho aqui, porque tem o meu grupo, que eu ensinei. Aqui tem uma associação: oficina-escola Espedito Seleiro. Sempre tem gente aprendendo. Só não boto 40, 50 alunos pra eu ensinar porque eu não tenho condições. Mas dois, três, quatro, até cinco, eu mantenho direto. Faço com o maior prazer.

Deixa eu contar uma curiosidade. Eu não gostava de trabalhar pra mulher. Quando eu comecei a fazer as peças, eu fazia umas chinelinhas para minhas irmãs, para as namoradas. Fazia bem bonitinho. Eu fazia hoje e, amanhã, elas queriam outro modelo. Compravam uma roupa e queriam outro modelo pra combinar. Eu pensei: vou trabalhar para os homens que eu faço um sapato ele passa dez anos remendando, calcando e pintando.... Às vezes, eu digo que eu fui castigado porque hoje eu só trabalho mais para as mulheres. Mas é um castigo bom, porque as mulheres compram bem. Mulher compra bolsa, compra cinto, compra sandália, compra chapéu...

Mas, se fosse pra eu escolher um trabalho, só o que eu queria mesmo era fazer sela. Porque, quando eu pego um pedaço de couro e um pedaço de madeira, a sela, pra mim, tá é feita. Sou muito prático, muito acostumado a fazer. Para mim já tá é feito, falta só receber o dinheiro. Não tem nenhuma dificuldade. ✨





Mestra

Expedita Moreira

EXPEDITA MOREIRA DOS SANTOS

Mestra da Dança de São Gonçalo

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Tianguá (Sítio Croatá) – Região da Ibiapaba

NASCIMENTO 9 de outubro de 1939







“Uma pessoa que recebeu a categoria de ser mestre é porque dá conta da tradição. E eu dei conta mesmo!”

Meu nome é Expedita Moreira dos Santos. Nasci em Taboca, município de Ubajara. Casei no dia 18 de novembro de 1960 e vim morar aqui em Croatá, município de Tianguá. E fiquei continuando só tendo filhos, tendo filhos. Tive 13.

Já tenho passado por muita coisa, mas eu mesma me acho forte, porque eu, ainda hoje, me acho assim autorizada da minha saúde, da minha memória, graças a Deus.

Meus pais eram pobres e me botaram pra trabalhar na idade de dez anos. Eu era pequena. Nesse tempo uma criança com dez anos, era criança. Comecei a trabalhar no roçado.

Nós também fazíamos chapéu, da boca da noite até duas horas da madrugada. Vendia a 2 tostões um chapéu, na Ubajara. Mas dava para nós nos vestir bem, calçar bem. E como se diz: “era um tipo de luxar”. Eu fui parteira 30 anos. Depois entrei no trabalho de agente de saúde, trabalhei 18 anos como agente de saúde.

Quando eu me entendi no mundo, já tinha o São Gonçalo, a dança. Era tudo de saia longa, chapéu na cabeça, enfeitado. Com dez anos, eu já comecei a dançar o São Gonçalo. Aí, quando chegou a era de sessenta, eu me pus moça, me casei, tive filhos e foi aparecendo muito movimento, televisão,

essas coisas, e o São Gonçalo ficou pra trás. O derradeiro São Gonçalo que eu dancei, antes de casar, foi em 1958.

Quando foi na era de 2000, uma filha minha chegou aqui e disse: mamãe, vamos fazer uma dança aqui! Ela perguntou se eu ainda sabia fazer a dança, e eu respondi: sei, minha filha. Chegou tudo na minha cabeça, no fundo do poço da minha memória. E eu dei conta, mesmo eu na idade de cinquenta e tantos anos. Aí ela disse: vamos fazer. Ajeitamos aqui com as mães, compramos o enxoval — esse primeiro enxoval foi comprado com o nosso dinheiro. Botei 24 pessoas. O primeiro São Gonçalo foi aqui na minha casa. E aí, passamos a ser chamadas para apresentação em Olinda, Tianguá, Ubajara. Pra toda parte. No Limoeiro, a gente foi para o Encontro dos Mestres. Só nunca fomos pra Fortaleza.

Eu tinha gosto de preparar o grupo. As roupas, a costureira fazia mas eu era que enfeitava. Com a continuação, uma filha minha adoeceu, morreu. Meu tocador do São Gonçalo também morreu, já era velhinho, 88 anos. Eu também adoeci. Mas eu não quero que se acabe não! O que eu espero é ficar uma pessoa no meu lugar. É o que me vem no sentido, eu ainda ensinar um grupo pra ficar uma pessoa no meu lugar. Eu ainda tenho



RELATO DE VIAGEM

O caminho até o Sítio Croatá é de vias sinuosas de terra, que serpenteiam e avançam sobre um local ainda pouco visitado. Foi tateando, por assim dizer, e contando com informações dos transeuntes, já que por aquelas bandas o sinal do GPS não era favorável, que chegamos até a casa da Mestra. Era final de tarde e o clima ameno da serra àquela hora já se fazia sentir. Ela nos atendeu desconfiada. Explicou que não andava bem de saúde. Combinamos então voltar no dia seguinte. Ela já estava, mais tranquila, arrumou-se, colocou as roupas da dança de São Gonçalo e conversou conosco na varanda da casa, sob o olhar do bichano de estimação. Dali, podíamos ver a plantação de bananeira, e seu jardim de hortênsias e rosas-meninas bem cuidadas.

os apontamentos... enquanto eu for viva e puder movimentar, eu movimento e posso doar para qualquer pessoa que eu ensinar.

Eu mesma fui dar aula em Ubajara, um mês. Cinquenta pessoas. Cinquenta idosos, foi muito lindo, foi maravilhoso. Lá o vestuário foi todo branco. Depois eles vieram para cá. E foi uns festejos muito grande.

A dança é tradição. Pode ser dançada em qualquer dia. A festa do santo mesmo é no mês de julho. Para fazer a dança a gente forma duas filas. Tem o rapaz que representa São Gonçalo, a gente chama o Gonçalo vivo. Ele representa junto comigo, e a gente faz as duas filas, tipo quadrilha.

Aí, faz a caminhada cantando, busca dois lá atrás e vem na frente onde está o tocador e o altar com São Gonçalo. Os primeiros que fazem a dança, sou eu o Gonçalo vivo. Eu começo. A gente faz um “m” — imprialzinho um “m”. E quando é para terminar a gente faz um “T”. É importante o povo saber da dança. O povo gosta. E é uma dança religiosa com as pessoas bem vestidas mas tudo com os pés descalço.

Quando eu fui escolhida para ser a mestra da cultura eu fiquei muito feliz. Eu acho que uma pessoa que recebeu a categoria de ser mestra é porque alguém entendeu

que ela dá conta da tradição. E eu dei conta mesmo. Graças a Deus!

Eu era muito feliz quando as pessoas me chamavam para ir pra frente da igreja, para as praças, polo de lazer em Tianguá. Em toda parte que a gente ia, eu sentia uma felicidade muito grande. Ai, fez essa paradeira. Fico com uma saudade... Mas eu sou uma pessoa que ainda penso de levantar o grupo. Se conseguir minha saúde, eu vou levantar. Mas só com as crianças. Eu gosto e sei fazer... Eu sonho fazendo minha dança de São Gonçalo. ✨

Mestre

Expedito Caboco

EXPEDITO ANTÔNIO DO NASCIMENTO

Mestre em Banda Cabaçal

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 24 de novembro de 1949



“Nós somos apenas personagens.”

Eu sou Expedito Antonio do Nascimento. Nasci no Sítio Bom Sucesso, município de Caririaçu, mas me criei dentro de Juazeiro. Posso bem dizer que sou filho de Juazeiro do Norte. Só não fiz nascer dentro de Juazeiro, mas as primeiras passadas que eu dei na minha vida foi dentro desta cidade. Morava no Sítio Barro Branco, na propriedade do Padre Orlando. E comecei a tocar em 1957 mais meu tio, na banda Cabaçal Santo Expedito, que era dos meus avós e dos meus tios. Foi fundada em 22 de março de 1901, pelos irmãos Marcos de Sousa. Eu comecei tocando mais meu tio, em 56. Quando foi em 1971, ele entregou a banda cabaçal para mim.

Eu toco na banda cabaçal, brinco de Mateu há 50 anos, brincava palhaço perna de pau — não brinco mais por causa da coluna — e faço parte da Orquestra Armorial do Cariri, do Professor Francisco DiFreitas. Tem nove anos que eu ando com ele.

Agora eu estou sozinho no pife. Meus tocadores morreram. Quando eu vou fazer uma tocada com a banda cabaçal, tem que tomar um tocador emprestado. É tanto que, agora, eu mudei o grupo. Eu só toco com a banda cabaçal em renovação. Para fazer a representação, nós criamos, além da orquestra armorial, o grupo Caboclo Eletrônico. Nós fomos numa competição lá no Dragão do Mar, achamos bom e que deu certo. Eram três pessoas, agora são seis: eu, no pife; DiFreitas, na rabeca; Evânio, na viola; Sidália,

na rabeca; Daniel, na bateria e meu irmão no triângulo. Nós já fizemos representação no Crato, na Serra de Guaramiranga. E eu vou levando assim.

Já tem 61 anos que eu estou dentro da cultura. Vivo doente. Mas eu continuo sempre na cultura. Só deixo um dia quando eu morrer. Enquanto eu puder andar, nem que seja numa cadeira de rodas, se for possível, eu vou trabalhar na cultura, porque foi o que eu aprendi.

Nasci e me criei na roça. Nunca fui pra escola aprender nada, que meu padraço era meio carrasco, não deixava eu ir pra escola. O negócio era só na roça mesmo. E tinha meu tio que, tocava na banda cabaçal, e eu então comecei tocando mais ele. Eu queria brincar de Mateu, e ele me disse: você tá muito novo prá brincar de Mateu. Eu vou falar com Zé Izídio, pra você brincar de figura. Eu ainda brinquei cinco anos de figura no reisado do finado Zé Izídio, que era um reisado muito antigo que tinha aqui no Cariri. Eu fui brincar de figura foi em 1960. Tinha 11 anos.

Eu sempre gostei de brincar de Mateu, de palhaço. Eu sempre gostei da banda cabaçal. Foi o que eu aprendi com meus parentes. Ainda alcancei meu avô tocando pife; os irmãos dele tocavam pife também. E eu fiquei apaixonado pela banda cabaçal, pela dança, pelas tocadadas, porque eu achava muito bonito: banda cabaçal, reisado, bacamarteiro.

Na banda cabaçal, eu toco tudo: zabumba, caixa, pife, prato. E sou mestre artesão. Eu tenho 50 anos que faço zabumba, caixa, pife. E também atirei 25 anos de bacamarte.

É uma honra muito grande o Estado me reconhecer e me classificar Mestre da Cultura, porque eu já vinha esperando isso há muito tempo. Fazia 8 anos que DiFreitas botava os papéis para a Secult. No ano anterior ao que ganhei, foram 15 mestres e eu fiquei no número 16. Quem ganhou aqui no Juazeiro foi Pedro Bandeira de Caldas. Disseram que podia botar recurso. Eu disse não! Para uma pessoa respeitada no Brasil e no mundo que nem Pedro Bandeira, eu não vou competir. Quando for minha vez, Deus e os homens vão me classificar. Quando foi no próximo ano, eu recebi a notícia. Fiquei muito feliz porque me reconheceram.

Isso mudou a minha vida. Eu já fui cinco vezes para São Paulo, três vezes pra Brasília, cinco vezes para o Rio de Janeiro. Eu tenho 41 viagens dentro de Fortaleza, desde que comecei. Eu fiz o Circuito Ceará de Cultura. Andei o Ceará todo com o Dr. Raiz, com o Junior Bocão. Nós fizemos Fortaleza, Crateús, São João de Jaguaribe, Iguatu, passando ainda em Limoeiro do Norte, na época que os mestres estavam lá.

Andei muito com a Orquestra Armorial. Com DiFreitas, eram 19 pessoas. Fomos pra São Paulo quatro vezes, fomos em Fortaleza várias vezes, fizemos o Cariri todinho. Fui

em Niterói, Rio de Janeiro. Acho muito bom tocar com outros grupos. Porque a tradição do violino, da rabeca é cultura popular. O grupo dele é cultura popular. Ele bota mestre de reisado para brincar com ele. Bota Marinez, do coco. Botou Mestre Tico, um tempo. E Mestre Tico não aguentou mais. E ele trabalha com o pessoal da cultura. Uma vez, ele levou oito mestres daqui para Fortaleza, e nós passamos cinco dias lá, fazendo umas representações, lá no Teatro José de Alencar.

Acredito que a cultura não acaba nunca. Porque vão morrendo os mais velhos e vão ficando as pessoas que ensaiaram com aqueles mais velhos e continua botando para a frente. Os Aniceto, do Crato, por exemplo... eram quatro irmãos. Morreram. Só tem um dos antigos. Mas tem os filhos e outras bandinhas dos netos. Porque aquilo não vai acabar. Eles estão continuando. Eu vou morrer, mas fica o meu irmão. A cultura é uma coisa maravilhosa, uma coisa muito boa. Não pode parar não.

Ser Mestre para mim... Eu não sou mestre. Eu sou apenas um personagem da cultura, que me dediquei desde de criança, de menino. Mestre é aquele (mostrando uma foto de Jesus Cristo na parede), que está lá no céu. Esse é que é o Mestre verdadeiro. Nós somos apenas personagens.

Eu tenho vontade de ensinar um pouquinho do que eu sei para os outros. Mas



RELATO DE VIAGEM

Mestre Expedito nos esperava ansioso, na porta de sua casa, no Bairro Frei Damião, em Juazeiro do Norte. Quando entramos, estava o cenário todo arrumado na sua sala: instrumentos, discos, roupas, cafuringas, chapéus denotando todos os personagens que ele já vestiu e ainda incorpora na sua grande lida da vida como representante da cultura popular. Na sua fala ligeira e mente em ebulição, só fala de como foram os mais de sessenta anos de brincante e de apresentações. Mesmo depois da conversa, o Mestre ficou nos mostrando sua memória e seu vigor em diversas músicas e declamações. Um prazer compartilhado entre mestre e plateia.





infelizmente, as crianças daqui não se interessam muito. Só teve esse grupinho da Santa Edwirges que ensaiou comigo. Eles aprenderam, ensaiaram comigo aqui e já hoje eles têm a bandinha deles. Eu que fiz os instrumentos deles. Hoje, já estão tocando até na Festa de Santo Antonio. Tocaram dois anos, em Barbalha. Foram até na Casa Grande de Nova Olinda.

O que eu digo para eles é: a cultura é uma coisa boa. Porque eu nasci e me criei na roça. Não sei ler, não sei nada. Mas eu tenho 10 vôos de avião para fazer representação fora. Pro Rio, para São Paulo, Chile, Brasília. Quando eu digo isso para os novatos, eles se interessam em aprender, para viajar, andar de avião, pra eu ver como é. E eles convidam outras crianças.

Vocês estão vendo esses violõezinhos e cavaquinhos aqui? (mostrando os instrumentos). É para chamar os meninos, pra aprender a tocar. Eu não sei tocar para negócio de forró, mas toco para reisado, e tem um colega meu que disse que, na hora que eu quiser botar uma aula de violão, que ele vem ensinar para as crianças. É por isso que eu quero aumentar a frota de violão e cavaquinho. Para ver se eu boto uma escola de música pros meninos aprender.

(Mestre tocando e cantando:)

“Padrinho Ciço, fundador de Juazeiro e protetor do romeiro desse imenso sertão/
Padrinho Ciço, fundador de Juazeiro e protetor do romeiro desse imenso sertão/Frei Damião que era nosso capuchinho, ele está com Jesus Cristo, já cumpriu sua missão/
Frei Damião que era nosso capuchinho, ele está com Jesus Cristo, já cumpriu sua missão/
Eu nunca achei um mestre pra dá ni mim, se já deu já levou fim ou anda no mundo encantado/
Eu nunca achei um mestre pra dá ni mim, se já deu já levou fim ou anda no mundo encantado/
Tô preparado pra brincar, brinco bonito/
Eu sou o Mestre Expedito e sou um mestre respeitado/
Tô preparado pra brincar, brinco bonito/
Eu sou o Mestre Expedito e sou um mestre respeitado”. ✨





Mestra

Francisca Pires

FRANCISCA FERREIRA PIRES

Mestra em Renda de Bilros

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Cascavel (comunidade Balbino, distrito de Caponga) – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 15 de dezembro de 1943



“Eu nunca deixei de trabalhar na minha almofada por causa de meu filhos.”

Eu me chamo Francisca Ferreira Pires. Casada com José Argemiro Pires. Trabalho em renda desde de sete anos de idade. Sou rendeira. Eu via minha vó trabalhar de almofada e pedi a ela pra me ensinar. E ela me ensinou. Eu aprendi com sete anos de idade. Com oito anos, eu já trabalhava, já fazia renda, que a minha mãe vendia e comprava roupinha para mim. Com oito anos de idade, eu já me vestia com dinheiro de renda que eu fazia.

Trabalho aqui no Balbino. Ainda faço minhas rendas, caixinhas de renda pra vender, arranjar dinheiro e me orgulho muito do meu trabalho. Minhas filhas e minhas netas, todas, também sabem trabalhar de almofada. Até hoje tenho duas almofadas. Eu me sinto feliz fazendo minhas rendas pra vender. Me orgulho de ser rendeira.

Na minha época, a gente tinha muito interesse na renda. Porque era o trabalho que tinha pra fazer. Hoje não. Hoje as meninas estão estudando, já querem um emprego melhor. Porque a renda demora mais a apurar o dinheiro e, com outros trabalhos, todos os meses elas têm. Eu ensinei dez meninas. Porque mesmo que eu não fizesse mais renda já tinham elas que podiam passar para outras pessoas. Eu acho que não pode sair da tradição. Essa tradição não pode se acabar.

E todos os meses a gente tem uma feira da cultura, em Cascavel. Os mestres levam seus trabalhos. Eu vou e levo minha almofada para ficar trabalhando. Começa 5 horas da manhã e termina 10. E eu fico trabalhando na almofada e muitas pessoas vêm tirar fotos. Pegam nos bilros. Eu ensino como é que faz o trocadinho. Tem muita gente que se admira e compra a renda.

Quando eu recebi o convite para ir receber o certificado de Mestre da Cultura, eu fiquei muito feliz, mas eu fiquei tão feliz! Eu fui para Limoeiro e lá eu recebi e trouxe e botei na parede. Quando vêm os colégios e mais pessoas que vêm pra fazer a entrevista eu tenho o maior prazer de mostrar o certificado comprovando, mostrando que sou mestra da cultura.

Muitas pessoas perguntam: você é mestra da cultura? É rendeira? Eu respondo: sim, sou. Muita vezes eu puxo a almofada, mostro como é que eu faço. Vou buscar as rendas, trago a caixa de renda e mostro. E digo isso aqui é fruto do meu trabalho. O que eu faço eu estou mostrando para você. Pra mim, ser Mestre da Cultura é o meu aprendizado do trabalho. Aprendi a trabalhar e mostrei, e mostro, o trabalho que eu sei fazer. Aquilo que eu já sei, que aprendi e sei passar para outras pessoas. Aí, sou uma Mestre. O Certificado foi muito importante para mim e para a comunidade.



RELATO DE VIAGEM

Uma estrada de areia branca, que ladeia o mangue do distrito da Caponga, dentro do povoado de Balbino, conduz a um coqueiral onde a Mestra Francisca mora com seu marido, na última casa, antes da duna. Em um primeiro contato, sua fala mansa não deixa transparecer a força e a firmeza da líder que esteve à frente da luta pela preservação das moradias e da terra dos nativos da sua comunidade.

À sombra do cajueiro ao lado de sua casa, acompanhada do som de uma insistente cigarra, ela nos falou com clareza de como viveu e fez da renda de bilros um trabalho e uma terapia. E ainda nos brindou com um suco de caju, para refrescar o calor do litoral.

Quando eu fui mestra, as outras rendeiras ficaram satisfeitas, ficaram alegres e contente, porque foi valorizado o trabalho da renda.

Se eu trabalhar bem, eu faço dois metros de renda durante o dia. Às vezes, eu não trabalho muito, para eu não me apurar, aí eu faço um metro. Os desenhos a gente faz assim: de uma amostra de papelão, a gente fura outros e assim vai indo. Tendo uma amostrazinha que tire, a gente faz qualquer modelo. Não é difícil não. É bem fácil.

Fazer a renda era importante. Porque eu juntava oito peças, dez peças e ia vender na feira de Cascavel. Já tinham as pessoas que compravam. Apurava o dinheiro e já fazia a feira. Comprava roupinhas para os meninos, ajudava. Meu marido era pescador, ia pro mar. Passava de três dias no mar e eu ficava com as crianças, mas trabalhando na almofada. Eu nunca deixei de trabalhar na minha almofada por causa de meus filhos. Eles ficavam brincando e eu trabalhando na almofada. Às vezes, de noite, eu botava para dormir e ficava trabalhando com uma lamparinazinha acesa aqui pertinho. Nesse tempo não tinha energia, aí eu botava a lamparina, ficava aqui pertinho e ia trabalhar na almofada. Até dez horas, nove horas... Toda vida eu gostei de trabalhar. É muito bom a gente trabalhar.

Eu me sinto bem quando vêm as pessoas conversar comigo sobre o meu trabalho, sobre a luta que a gente teve aqui no Balbino. Foram 13 anos de luta para segurar as terras dos nativos, que é dos nativos mesmo. Pra não deixar outras pessoas se apoderar das nossas terras, nossas moradias. E se hoje, a gente está aqui nesse local, é por causa da grande luta.

Eu fico muito feliz quando vem gente fazer entrevista. Cada vez, o nome vai aparecendo mais, vai sendo mais divulgado. Eu deixo tudo para fazer isso. Às vezes, meu marido diz assim: tu quer aparecer! Eu explico: não é aparecer, é deixar história para outras pessoas. Quando eu não estiver mais aqui, fica a história gravada para outras pessoas. ✨





Mestra

Fransquinha Félix

FRANCISCA GALDINO DE OLIVEIRA

Mestra Rezadeira

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Alto Santo – Região do Vale do Jaguaribe

NASCIMENTO 12 de setembro de 1941







“Eu não ensinei a rezar porque não posso. Só ensino de cem anos acima.”

Meu nome é Francisca Galdino de Oliveira. Nasci no Rio Grande, em Umarizal. E meu apelido é Fransquinha Félix, mestra rezadeira de Alto Santo. A melhor rezadeira do Alto Santo. Sei rezar em cobreiro, em trilhadura, dor de dente, garganta, dor de ouvido, dor de cabeça, equizema, ferida braba. Sou chamada para todo canto. Vem gente pra eu curar e, graças a Deus, sai bom.

Eu comecei a rezar com cinco anos de idade. Isso foi um dote que Deus me deu para eu curar crianças e gente grande. Eu via minha madrinha rezar e perguntei: madrinha, como é que a senhora reza? Ela respondeu: minha filha, eu sei rezar em sete qualidade de doença. E disse: sonhe um sonho dado por Deus e ele vai lhe dar esse dote para você rezar, como eu estou rezando no povo.

Quando eu tô rezando, eu penso em Deus, Nossa Senhora e em Jesus. De pôr aquela pessoa boa. Na mesma hora que eu tô rezando, eu tô alcançando a graça daquela reza que eu fazendo, a cura naquela pessoa.

Agora, tem um coisa: se a pessoa não tiver fé, naquela rezadeira, naquela reza, não venha! Se vier sem fé, é mesmo que não tá recebendo aquela reza. De qualidade nenhuma. A pessoa não tendo fé, o que é que vai ver na casa de uma rezadeira? Fique em casa, se não tiver fé.

Eu rezo todo dia, quando eu vou me deitar. Quando eu me levanto, eu me benzo. Quando eu vou me deitar, eu me benzo. Se eu me levantar três vezes na noite, eu me benzo, eu rezo, me recomendo a Deus, Nosso Senhor e Nossa Senhora e ao anjo da guarda. Eu tenho muita fé em Deus, em Nossa Senhora e em Jesus. Tudo que eu peço a eles, eu alcanço a graça na mesma hora.

Quando chega uma pessoa aqui para rezar, eu pergunto o nome e o que é. Vou pegar um ramo e deixo qualquer atividade para rezar. Agora só não rezo 12 horas do dia e nem 12 horas da noite. O que eu uso pra rezar é o pião roxo. E se eu não encontrar o pião roxo, eu posso rezar com a folha de qualquer pé de pau. Eu prefiro o pião roxo porque serve pra remédio. Pra mordida de cobra, mordida de cachorro doido. Sangra o pião roxo e apara o leite. Bota numa vasilha e pode tomar.

A maior cura que eu fiz foi de uma criança lá no Rio Grande do Norte, em Umarizal. Eu fiz a cura dele e, graças a Deus, ele ficou bom e hoje é pai de família.

Outra cura grande foi em Limoeiro. Eu tava internada e no hospital tinha um “bichim” no balão. Uma pessoa avisou para o doutor: tem uma mulher de Alto Santo aqui no hospital que é rezadeira. O senhor tem fé? Ele falou: tenho. Pois nós vamos trazer ela, com soro com tudo, para rezar



RELATO DE VIAGEM

Mestra Fransquinha mora sozinha numa casa, no bairro Pão de Açúcar. Uma casa com muitos cômodos para abrigar os filhos, que vivem no sul do país, quando vêm para férias com netos e sobrinhos. Cuida de si e de mais de 50 imagens de santos, que a protegem e dão força a sua reza. Durante a manhã, enquanto estivemos lá, a Mestra foi procurada, pelo seu dote, por três pessoas que precisam aliviar suas dores. Em todas as vezes, a Mestra interrompeu a nossa conversa para exercer seu ofício.

no menino. Quando eu terminei de rezar, o raminho esfarelou. Eu disse pra mãe dele: o que tava matando seu filho era um quebrante grande. E quando eu vou lá em Limoeiro, eu vejo que ele já está um rapazinho. O pai me apresentou: olha sua mãe, que lhe curou.

O quebrante é porque você chega na casa de uma criança e diz: ô, menino gordo! Mas você não diz a palavra: “benza-te Deus”. O certo é quando você vê uma criança e dizer: “ô, criança linda”, “ô, menino gordo”, dizer também benza-te Deus”. Aí, aquela criança não pega nada. A primeira palavra dita foi com Deus, e Nosso Senhor e Nossa Senhora. Tem quebranto na boniteza e na feiura. Mata com 24 horas. Mata aquele inocentezinho. Pode estar gordinho como tiver. Se não correr pra rezadeira, se não acreditar que existe, pode perder a criança.

Eu podendo curar, eu curo e eu digo: eu vou fazer a cura, não garanto a vida, mas vou pelejar, se Deus quiser e for servido... Primeiramente, é para confiar em Deus, pra segundo confiar em mim. Mas, se Deus quiser e for servido, ele vai ser valido.

Mas depois que você levar pra rezadeira e a rezadeira disser: leve para o hospital, aqui só prá doutor, não é caso para mim... Aí tem que ir diretamente pro doutor.

Eu não cobro pra rezar porque, se a pessoa me pagar, tanto faz ficar boa como não.

Deus deixou no mundo o dote pra gente rezar e não cobrar dinheiro de ninguém.

Não ensinei ninguém a rezar porque eu não posso. Porque se eu ensinar quebra as forças da minha reza. Foi minha madrinha quem me disse que eu só podia ensinar de cem anos acima.

Quando eu fui mestra da cultura, eu fiquei muito satisfeita e muito contente. Muitas pessoas vieram me dizer que eu não fosse de qualidade nenhuma, que tinha uma história do povo filmar e chamar para um canto, para outro... elas quiseram me desvanecer! E eu disse: eu não desvaneco não! Com a palavra de Deus, a palavra de Nosso Senhor e a palavra de Nossa Senhora. Com toda fé, eu vou ser Mestra. Mandado pelo Jesus, Nosso Senhor e Nossa Senhora. Amém!

Eu acho que me deram o título de mestra de cultura porque reconheceram o que eu estava fazendo e até hoje continuo a fazer pra todo mundo que vem na minha casa. Foi Deus quem deu o consentimento de eu ser Mestra da Cultura. ✨

Mestra

Dona Fransquinha

FRANCISCA RODRIGUES RAMOS DO NASCIMENTO

Mestra em Cerâmica

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Viçosa (Sítio Tope) – Região da Ibiapaba

NASCIMENTO 3 de janeiro de 1939





“O que faço é uma arte e é uma sobrevivência.”



Meu nome é Francisca Rodrigues Ramos do Nascimento. Conhecida por Fransquinha. Eu nasci e me criei aqui mesmo no Sitio Tope. Só que não neste lugar que nós estamos. Nós morávamos mais em baixo, no Mangueiral.

Depois papai comprou esse terreno e a gente veio morar aqui. E a gente fez as casas da gente perto da casa deles. Então foi aqui que a gente começou a trabalhar.

Quando eu morava lá embaixo, eu já comecei a trabalhar com a minha tia, Adelaide, irmã do papai. Eu aprendi com ela a fazer alguidar, prato, tijelinha de tomar café, quartinha (que chama morninga)... Nessa época, a gente usava coisas feitas de barro.

A gente tirava o barro, pisava, peneirava, amassava o barro em casa e depois reamassava e começava a fazer as coisas. Nessa época, eu tinha 12 anos. Trabalhei na roça, trabalhei apanhando café, apanhando feijão, milho, fava, arroz, trabalhando por dia. Tudo eu comecei com 12 anos. Também comecei a catequizar o povo da minha comunidade.

Depois que eu comecei a trabalhar com minha tia, aprontando o barro, ajudando a botar a rodilha nos potes, ela me ensinou a modelar. Ela só fazia mais era pote. A gente pegava a tábua, colocava um bolão de barro, abria batendo com a mão e modelava.

Aí eu comecei a fazer pote, modelar, botar rodilha, e ela ia ajeitando. Até que chegou a época de eu já saber fazer pote. O que eu aprendi com ela, eu já fazia, então eu vim fazer em casa, na casa dos meus pais.

Na casa dos meus pais, eu fazia meus potes, minhas panelas, meus alguidar, meus pratos, camburãozinho de barro. E todas essas coisas a gente usava. Usava o prato de barro pra comer dentro, a panela de barro pra cozinhar, os camburãozinho de barro pra cuar o café.

Eu me casei com 22 anos, tive oito filhos. Graças a Deus cada qual já tem suas casas, suas famílias. Eu moro só com meu marido mas tenho duas filhas que mora, cada uma, de um lado da minha casa. Qualquer coisa eu chamo.

A minha vida foi uma vida de muito trabalho. Eu fazia pote, vendia; meu marido levava, no lombo de animal, pra vender na feira. Saía pra Tianguá na boca da noite e ia chegar lá de manhã. Era uma viagem muito cansativa mas ele levava pra feira, levava pra Tianguá, pro Quatiguaba, pro sertão. Depois a gente começou a arranjar pessoas pra comprar aqui mesmo no forno e a gente levava pra Viçosa, pra vender na feira.

Antigamente a gente botava os filhos pra ir buscar o barro de secar, o barro de botar de molho. Um menino batia um barro, o outro já amassava, outro já fazia um acabamento. Eu botei minhas filhas todas pra aprender. Mas só quem ficou fazendo a minha arte foi a Vanusa, que toma de conta do Galpão de artesanato.

A construção do galpão foi um trabalho muito forte que bateu na comunidade. Todo mundo se empenhou no trabalho. Depois que fizemos o galpão, a gente trabalha numa mesa, sentada numas cadeiras,

porque antes a gente só trabalhava no chão. Sentava no chão e botava a tábua, amassava e remassava o barro e fazia as coisas tudo no chão. Só se levantava para botar a boca no pote ou então em jarro grande. Tudo, tudo era no chão e era ruim. Trabalhar sentada fazendo as coisas na mesa foi uma grande mudança e ótima de boa.

Foi nessa época da construção do galpão, em 1997, que, CEART começou a trazer modelo que a gente não fazia, que eles trouxeram de outros lugares. Modelos diferentes trouxeram as revistas e as coisas foram mudando. O pessoal do galpão ia tirando das revistas, dos retratos e fazendo do mesmo jeitinho que a CEART pedia.

Foi interessante também que, de 1997 pra cá, foi mudado o nome de loiça pra cerâmica. Foi quando a CEART começou a pedir pra fazer os novos modelos que eles chamaram de cerâmica. Nós dissemos: mas nós não conhecemos como cerâmica. Eles disseram: de agora pra frente, é cerâmica.

Porque, antigamente, quando o povo vinha encomendar peça, perguntavam: onde é que moram as loiceiras? No Tope. O que a gente fazia era loiça. Faz muita diferença pra mim a mudança do nome. Porque agora a pessoa diz que vai comprar barro. Não! Barro é o bolão de barro. Depois de fazer a peça, é outra coisa. É loiça. Hoje, a gente já tá acostumado eles chamarem de cerâmica, mas antigamente era loiça.

Em 2004, a gente fez um passeio pra Bahia. E lá na Bahia eu vi muitas baianas, pessoas e baiana feita de barro. Eu botei na cabeça que, quando eu chegasse em casa, eu ia fazer aquelas baianas. Como de fato... eu comecei a fazer baiana e teve muita saída. Vendi muito. Até para essa minha casa as bonecas foram uma ajuda grande.



RELATO DE VIAGEM

Um pote gigante na estrada dá a indicação precisa da casa de Dona Fransquinha loiceira — como gosta de ser chamada — a mais conhecida do Sítio Tope, onde já exerceu a liderança da Associação dos Moradores e da Associação das Ceramistas. Por um brilhante chão de cimento queimado vermelho, a Mestra nos conduz ao amplo quintal cheio de formas e cores de sua arte: anjos e santos gordinhos, jarros de vários tamanhos, galinhas, luminárias, baianas, plantas, muro de garrafas pets e um cajueiro frondoso que abriga toda a família em dias festivos. A Mestra, que já não trabalha mais, demonstra um sentimento de dever cumprido na família, na comunidade e na arte de moldar o barro que ajudou a consolidar no estado.

Depois, eu, por causa da catequização na igreja, comecei a pensar que eu tinha de fazer presépio. E comecei a fazer. Com muito trabalho, muito sacrifício mas eu fiz.

Fiz presépio grande e depois fiquei fazendo pequeno, e tiveram muita saída.

Meu trabalho é uma arte porque o que a gente pensa de fazer — como eu pensei o presépio — eu fiz. E se eu pensar de fazer uma boneca, do jeito que eu quero, eu faço. Então o que eu faço é uma arte e é uma sobrevivência. Porque nem todo mundo tem essa vocação de ser, de fazer arte. Porque a gente trabalhou muito na roça. Mas depois a gente já procurou uma arte que ajudava a gente ganhar um dinheiro.

Quando eu recebi o diploma de mestra da cultura, eu me perguntei: como é que tinha acontecido aquilo? Porque a minha vida tinha sido muito difícil, e pra mim chegar até ali em cima daquele palco... sendo homenageada... Coisa que a gente nunca pensava na vida. Foi muito forte! ✨

Mestra

Dona Zenilda

FRANCISCA ZENILDA SOARES FERREIRA

Mestra em Culinária Regional
(fabricação artesanal de linguiça)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré – Região do Cariri

NASCIMENTO 4 de fevereiro de 1933



“Fazer essa linguiça é assim um dote que a pessoa tem.”

Meu nome é Zenilda. Moro aqui em Assaré. Eu faço linguiça e vendo para muitas partes. Para muitos lugares, eu vendo. E vendo também bastante aqui, em Assaré. Mando pra Fortaleza... todo canto, eu vendo.

Eu aprendi a fazer essa linguiça com minha mãe. Porque ela insistiu muito. Ela dizia: eu vou ensinar a uma de vocês pra quando eu morrer ter uma que faça. As minhas irmãs disseram: não quero esse ramo. E eu respondi: pois eu quero, mamãe. E ela disse: pois é a você mesma que eu vou ensinar. E me ensinou tudo direitinho... tudo. Quando minha mãe morreu, eu tinha uns 18 anos. Hoje eu tô com 87 anos. Faz mais de sessenta anos que eu faço linguiça. Quando ela faleceu, eu fiquei dois anos sem esse movimento no comércio, no café.

E minha irmã, que mora no Rio de Janeiro, queria mandar me buscar. Mas o Padre daqui gostava muito de mim e disse: pois você vai se quiser, se não quiser, não vai. Confessei ao padre que não queria ir porque não queria deixar minha terra — eu acho bom é aqui, eu não queria a casa dos outros. Eu tinha vontade de me casar e ter minha casa. E o Padre disse que eu não iria. Ele escreveu uma carta para ela dizendo que iria tomar de conta de mim. E o rapaz que eu namorava era sacristão. Finalmente passou uns dois anos, eu me casei e continuei com o café, com o ramo. Meu marido disse que não queria que eu ficasse nessa vida. Mas eu disse que iria

trabalhar, pois toda vida trabalhei e eu não gosto de esperar por ninguém.

Aí continuei, continuei e até hoje continuo. Eu nunca deixei de trabalhar. Nunca! E eu levo a minha vida assim. Fazer essa linguiça é um dote que a pessoa tem. E, graças a Deus, é um ramo que dá muito trabalho, mas é bom. É muito cansativo — no dia que eu vou fazer linguiça são três pessoas pinicando carne, duas enchendo e duas furando.

O povo pensa que é só a gente pinicar e botar no funil e encher a tripa. Não bota tempero... Aquelas peles, gorduras (eu não boto muita gordura), eu tiro e torro... dá uns dois litros de banha. Aí, o povo não quer ter despesa. Dá muito trabalho! Muita gente diz que é muito caro. Eu respondo: pois, minha gente, só tem um meio de resolver: você compra a carne e faz em casa.

Uns anos atrás, mais do que hoje, tinha mais facilidade de a gente arranjar tripa. Hoje é um sacrifício. Tem dia que eu não faço porque não tem tripa. E a tripa, às vezes, é grossa demais, não presta. Mas nesses sessenta anos eu nunca deixei de fazer linguiça. E eu não mudei nada da receita da minha mãe. Essa receita não sei onde minha mãe arranjou. Acho que foi da cabeça dela mesma.

A diferença que tem do tempo de minha mãe para as que eu estou fazendo agora é porque antigamente usava aqueles pilãozinhos, com aquelas mãozinhas de pilão. A gente pilava. Hoje tudo é no liquidificador. A coisa







RELATO DE VIAGEM

Uma mansidão ativa. Assim se vislumbra Dona Zenilda, uma mulher nordestina com quase noventa anos que passou a vida a trabalhar. Seja para ajudar a sustentar a família ou para dar sentido à vida. Seja no seu box do mercado de Assaré, onde recebe centenas de pessoas bem cedinho todos os dias, ou em casa, antigamente fazendo ela própria a linguiça, e hoje coordenando sua equipe. São metros e metros de linguiça toda semana, distribuindo sabor para o Ceará, e o Nordeste presente em todos os cantos do Brasil.

que mudou foi isso. Mas o tempero não mudou. A minha mãe fazia tudo medido, com as xícaras. Tudo medidozinho. Tem muita gente que faz sem medida; bota aí na doida. Bota o sal sem limite. Bota o tempero sem limite. As coisas todas minhas têm medida. E também, naquela época, não tinha porco de raça. Hoje, se fizer uma linguiça de porco de raça e outra de porco caipira, quando comer as duas se nota logo a diferença.

Não sei por que faz sucesso. Eu nunca fiz propaganda. É porque o povo já se viciou na linguiça, acho. E também conhece a procedência. O povo vem comer no mercado, onde eu vendo tapioca com ovo, vendo tapioca com linguiça, eu faço caldo, bolo. Linguiça a gente vende no metro.

Eu faço uma vez ou duas vezes na semana. Principalmente quando tem muita encomenda. Com 10k de carne, tirando os ossos e as gorduras... varia muito... acredito que dê uns seis metros. Fazendo só uma vez por semana, quando sai muitos metros de uma vez, fica só um pouco, e no dia de feira ela se acaba. Não dá prejuízo não. Não dá esses lucros todo, mas também não dá prejuízo.

Eu me sinto muito orgulhosa de ser uma Mestra da Cultura. Porque fui reconhecida. Meu ponto é no mercado, e ser reconhecida mudou muito minha vida: vem mais gente.

Já ensinei a diversas pessoas, mas eu não ensino mais. Porque ninguém agradece. Mas ensinei a muita gente. Mas a gente ensina do jeito certo e eles diminuem o tempero, não presta. Tem gente que quer aprender a fazer as coisas e nem quer ter trabalho e nem gastar. Duas coisas que não pode deixar de fazer pra aprender.

O negócio é usar aquela quantidade certa... coentro seco, uma xícara de alho, coentro, o vinagre também. E bota um pouquinho de cominho.. Tem gente que diz: eu botei cebola. Nunca ouvi falar que botasse cebola em linguiça. Com as medidas, nunca sai errado. Nunca sai salgado, nunca sai insosso. Parece que tem a conta certa.

E Patativa do Assaré, que era meu amigo, amigo de meu marido, dizia assim para o povo que chegava lá na casa dele: “você não querem comer linguiça, não?! Linguiça de Zenilda!” E eu dizia pra ele: tá fazendo propaganda da minha linguiça? E ele respondia: “tô. Dizendo que ela é boa, mas se você me fizer raiva eu vou fazer propaganda que ela não presta”. Saía andando nas calçadas, rindo. Eu queria muito bem ao Patativa. ✨

Mestre

Chico Belo

FRANCISCO ALVES DE FREITAS

Mestre em Artesanato em Couro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Caridade – Região Sertão de Canindé

NASCIMENTO 7 de novembro de 1948



“Ser um mestre é a pessoa trabalhar no seu serviço e ter dedicação a ele.”

O meu nome é Francisco Alves de Freitas, conhecido por Chico Belo. Nasci e me criei na Fazenda Pedra Branca, no município de Caridade. Desde pequeno que eu trabalho com couro mais meu pai, meus tios. Está com 50 anos que eu trabalho no couro.

Venho trabalhando e gostando dos produtos que eu faço. Vendo bem, graças a Deus! E vivo. Sempre deu para manter minha família. Os filhos todos formados, com faculdade. Tudim! Eu e minha esposa trabalhando — ela com emprego do Estado e eu ganhando desse trabalho aqui. Ela também ajudava a fazer o trabalho do couro, costurava. E foi assim, trabalhando a vida inteira. E essa tradição é desde o meu bisavô. Ele trabalhava nos couros, na sela. Passou para meu avô, meus tios, meu pai.

Eu aprendi a arte no tempo do meu pai. Desde de eu pequeno que ele trabalhava com sela, e eu fiquei trabalhando mais ele. Toda vida eu trabalhei, desde pequeno. Quando ele faleceu, eu fiquei na arte dele. E tinha um tio meu que acabou de me ensinar. Hoje, eu trabalho com facilidade. Qualquer tipo de sela, dos meus tipos de sela, eu faço com facilidade.

Acho bom trabalhar no meu serviço. Eu gosto da minha arte. Toda vida trabalhei e







RELATO DE VIAGEM

A visita ao Mestre Chico Belo foi uma sequência de gentilezas e delicadezas. O Mestre e sua família muito atenciosos. O amor entre todos da família era evidente, filhos e netos todos muito cuidadosos com o pai, avô e, agora, Mestre Chico Belo. A conversa foi na oficina, que fica em frente a sua casa, no centro de Caridade. Muito pedaço de couro em todos os cantos, utensílios, máquinas, tudo acondicionado na oficina, que seria transformada em museu e local de trabalho. A reforma, prometia o filho mais velho, seria eminente. Um café reunindo toda a família foi o momento final do encontro. Momento para falar da repercussão da conquista de novos planos do Mestre, cheio de energia, de vida!



acho bom o trabalho. E ainda hoje gosto de trabalhar. Eu comecei a trabalhar fazendo a sela porque era o que meu pai fazia, eu gostei desse produto e me acostumei. Eu acho mais fácil fazer sela do que fazer outras coisas. Do que fazer arreio, fazer gibão. O calçado — chinela, por exemplo — tem de ter a forma, cortar os modelos diferente. Sela, bem dizer, o modelo é um só. Com o tempo, fui e modifiquei os trabalhos, melhorando a sela. Fiz umas selas enfeitadas. E arranjei fregueses de fora.

Nos tempos antigos, era mais difícil as vendas. Tinha muita gente que fazia. A venda era mais fraca. Cansei de sair para vender e voltar com as coisas para casa. Não vendia tudo. Vendia fiado, vendia com cheque. E hoje mudou: o que eu faço, vendo bem. Hoje, eu não estou nem atendendo meus fregueses porque não dá tempo atender tudo que pedem.

Eu compro a sola já curtida, no ponto de fazer o produto. Corto e desenho ela todinha. Tenho os moldes e os desenhos tudim, para cortar e fazer. Faço o produto e vou vender. Tantas eu faça como eu vendo.

E agora estou tentando ensinar. Tem um rapaz que trabalha comigo. Ele faz umas partes. Ele faz os arreios. Eu levo as peças para lá. Ele corta faz o loro, faz o assento, faz o rabicho. Ele costura tudim. Mas a sela mesmo, ele não faz só.

Mas hoje nem todo mundo quer trabalhar nessas artes. Porque tem um pouco de catinga a sola, o couro cru. O pessoal não procura. Eu já chamei as pessoas. Mas não se interessaram. Porque tem de ter o interesse para vim aprender. Só posso ensinar se tiver alguém com bom interesse. E não ensino não é porque eu não queira. É porque ninguém procurou. Já falei com umas pessoas para me ajudar. E não vêm. Dizem que fede muito,

os couros. E eu não sinto catinga. Tendo o dinheiro da venda, do sustento, não tem catinga de nada.

Eu me senti feliz, quando eu soube do resultado por ter recebido o título de Tesouro Vivo, dos Mestres da Cultura. É mais uma novidade que a gente recebe e fica satisfeito. Mestre da Cultura! Uma coisa de todo o Ceará! E melhorou até as minhas vendas ser Mestre da Cultura. Eu me senti muito feliz.

Tem pessoas aqui em Caridade que ficaram satisfeitas e eu recebi muito telefonema dando os parabéns. De todo canto. Aqui de Caridade, de Fortaleza, de Canindé. Meus amigos, conhecidos ligaram para mim dando os parabéns de eu ter alcançado ser um Mestre da Cultura. E eu sou o primeiro Mestre da Cultura da Caridade. Eu também recebi uma comenda da Câmara dos Vereadores aqui da cidade. Homenagearam por eu ter alcançado ser um Mestre da Cultura, do município de Caridade.

Para mim, ser um mestre é a pessoa trabalhar no seu serviço e ter dedicação a ele. É agradecer a Deus por aquilo que você faz e ter boa vontade de fazer. Fazer com prazer, com gosto. Eu trabalho e acho bom. Trabalho todo dia e acho muito bom meu serviço. Agradeço muito a Deus ter aprendido porque quase não tenho saber. O que me valeu foi essa arte de trabalhar o artesanato de couro.

E enquanto eu tiver com saúde e puder trabalhar, eu trabalho. Eu não tenho intenção de deixar. Tão cedo, não! Eu já estou aposentado mas acho bom trabalhar. Faço é me entreter. Aqui é meu divertimento. É um trabalho e uma diversão. E a gente tem de fazer as coisas com amor. ✨

Mestre Chico

FRANCISCO DAS CHAGAS DA COSTA

Mestre em Bumba Meu Boi

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Limoeiro do Norte (Sítio Faceira) – Região Vale do Jaguaribe

NASCIMENTO 20 de maio de 1959



“Eu não gosto de futebol. Só gosto de cultura. Eu gosto de cantoria, boi e reisado.”

Meu nome é Francisco das Chagas da Costa. Sou da Faceira. Conhecido como Mestre Chico. Sou de Limoeiro do Norte. Essa história do boi, a gente começou ainda menino. O boi foi do meu pai, depois do meu tio, João Vicente. E vem passando de tradição pra tradição. E eles foram morrendo e a gente foi ficando para não acabar. Vem pelejando até agora pra ver se continua. Muita dificuldade, mas a gente vai vendo o que fazer.

Eu comecei com dez anos. E em 2004, eu fui escolhido como Mestre e já era o Boi Pai do Campo da Faceira. O Boi da Faceira tem 20 brincantes. A gente chama é brincantes. Era 25 mas devido a dificuldade eles foram não querendo mais participar. Agora só tem 20. Tem pouca gente nova que brinca. Eu convido para participar da brincadeira. Mas tem deles que a gente convida e não gosta.

Não gosta de participar nem pra ir assistir e nem de brincar! Eu acho que quando os mais velhos se forem os novos não vão querer continuar. Pra eles é uma brincadeira fora desse tempo de agora. Eles começam assim meninote mas quando ficam rapazes, 13, 14 anos, deixam, não vêm mais.

Tem um filho que brinca o boi, tem um neto que já faz parte do boi. Eu queria que

eles continuassem a tradição. Mas eu acho que eles não vão à frente não! Vão abandonar logo. Quando eu largar, eles abandonam também. Enquanto eu for vivo, eu vou segurar a tradição do boi. Agora, quando eu não puder mais... Aí ninguém sabe como é que vai ser.

Eu me sinto feliz de manter a tradição até hoje, para passar para os mais novos. É a glória de ter o boi. É um prazer ter aqui e manter.

No nosso boi tem os índios, o doutor, catirina, o brincador de baixo do boi — que a gente chama tripa do boi. E tem o cantador da frente, o tocador do tambor — que sou eu, e os bichos: além do boi, a burrinha, o bode, a ema e o jaraguá. Tem ainda o cordão azul e o encarnado.

A gente tem uma oficina e compra o material para fazer o boi: cano de PVC, papel machê, cola. As roupas, tem uma modista e uma costureira que faz. A gente ensina a fazer o boi e a brincar também. Na realidade a gente tem uma associação, não uma associação comunitária. A gente fala em associação porque os brincantes mesmos é quem fazem tudo. Todo mundo ajuda a fazer.

Quando eu fui contemplado pra ser um Mestre da Cultura eu me senti feliz em ser mestre do que a gente gosta, do boi. Pra mim, ser mestre é mostrar o que a gente tem.



RELATO DE VIAGEM

No teste de som da gravação, o Mestre já nos disse do que gosta. Ao ser perguntado qual o time que torcia, ele disparou: Eu não gosto de futebol. Só gosto de cultura. A Faceira, que tem este nome, segundo o Mestre, por causa das índias faceiras que habitavam o território outrora, é um sertão de tradição com ares dos novos tempos: muitas motos e muito forró eletrônico. Ali encontramos o Mestre em sua casa-oficina, do boi e de motos. Fomos recebidos pelo grupo e logo uma plateia de parentes e crianças do sítio se arrumou em bancos de madeira e cadeiras de plástico, para assistir à conversa e à apresentação. Mestre Chico, de um corpo esguio, olhar longínquo e respostas curtas, comandou a brincadeira, em seu momento de felicidade e satisfação.







A cultura que a gente tem é essa. É um prazer ser mestre. Eu achei bom também porque agora a gente tem um recursozinho. Não dá pra manter tudo, mas a gente vai segurando.

O boi é uma festa cultural, aqui na Faceira. A minha alegria é quando o Boi é chamado pra fazer a festa do povo. Festa de final de ano, festa junina, festa que a gente faz. Tem apresentação que é boa. Mas tem apresentação que o público é pouco e dá pouco valor à brincadeira. Mas o grupo vai para a praça quase de ano em ano, na festa do Mestre do Mundo, em Limoeiro, e na festa de município também. Eu sinto felicidade de estar mostrando para o povo o que a gente tem e o que gosta de fazer. ✨

Mestre

Françuli

FRANCISCO DIAS DE OLIVEIRA

Mestre em Artesanato em Flandre

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Potengi – Região do Cariri

NASCIMENTO 20 de janeiro de 1942





“Tudo que voa, eu tenho vontade de fazer.”

Eu, quando era pequeno, tinha tanta vontade de voar! Mas eu tinha vontade de voar!!! Aí, no terreno de meu avô, tinha uma quebrada cheia de aroeirinha nova. A gente subia nas aroeiras e elas envergavam, envergavam, envergavam, envergavam que encostava no chão. Aí, eu pensei: aqui dá pra gente fazer uma brincadeira! Eu subi na aroeira e ela envergou, envergou... antes dela envergar tudo eu — vapt! — pulei na outra e a outra desceu. E antes da segunda chegar no chão, eu — vapt! — pulei na outra.

E essa brincadeira era todo domingo. Chegava lá e subia nos pés de aroeira e descia de cabeça pra baixo. Quando chegava lá embaixo, na derradeira, eu me agarrava nela e descia. E subia o morro de pé, de volta. Passava um pedaço sentado, quando descansava um pouco, eu subia na aroeira de novo. Eu brinquei muito disso. Eu sentia como se tivesse voando. Dava dois, três voos e ia pra casa. Inventando de voar assim.

Eu tenho três nomes: Francisco Dias de Oliveira, Françulí, e Inventor do Sertão.

Eu nasci no Marmeleiro, nesse município de Potengi. Esse beco aqui, onde tem o meu museu e a minha oficina, o povo conhece como o beco do inventor do sertão. Desde de 1982 que eu peguei esse apelido. E o povo, por todo canto que eu ando, me chama de inventor do sertão.

Meu pai era agricultor. Eu sou agricultor também. Trabalhava mais meu pai na roça

desde eu pequenininho. Com seis anos eu, trabalhando na roça, vi um avião passando. Eu fui olhando... e perguntei: meu pai, e o que é aquilo? Ele respondeu: é um avião. Perguntei de novo: e ele voa sozinho que nem um passarinho? Ele disse: não, ali vai gente dentro.

Eu fiquei com aquilo na mente. Quando foi de tarde, depois do service, nós viemos pra casa e eu já trouxe um pedaço de pau, que era um pauzinho bem molinho, uma madeira bem molinha que a gente cortava com uma faca. Aí modelei o que eu vi de longe, mas a distância era muita e não dava prá gente vê tudo como era. Não ficou bem feito não! Mas eu fiz o modelo.

Fiquei trabalhando, trabalhando... Minha mente só no avião, pensando. Ia dormir e me acordava e ficava pensando. Enquanto não dormisse de novo pensava como que eu ia inventar. Eu fiz um bocado de avião de madeira. E apareceu aquelas latas de óleo de comida. Minha mãe gastava o óleo e jogava no munturo. E eu vinha da roça e vi uma lata... E pensei: eu vou inventar meus aviãozinho é daquelas latas. Mas como é que eu vou abrir essa lata? Sem ter com quê?

Peguei uma faca e cortei, tirei o testo — a tampa — e abri. Com o material fui formar o aviãozinho da lata. Usei uma tesoura da minha mãe cortar fazenda. Eu pegava escondido, porque ela tinha um ciúme danado dessa tesoura. Quando eu





terminava de cortar o zinco, eu corria na pedra de amolar — que as pedra de amolar de primeiro era a mesma coisa de um esmeril hoje — e passava a tesoura. E amolava bem amoladinha e depois botava lá no mesmo canto. Eu sempre, toda vida, fui inteligente. Fiquei fazendo aviãozinhos e, aí, os meninos começaram a brincar mais eu.

Fiquei trabalhando, trabalhando e quando eu ia numa oficina, eu ficava pensando: uma vontade tão grande trabalhar em uma oficina. Quando eu cresci mais, enterei 18 anos, já dava pra eu trabalhar em oficina. Tinha o finado Dão, muito amigo meu, e ele tinha uma oficina de ferreiro. Fui trabalhar lá.

Mas os meus ferros, da minha oficina, tudo foi eu que fiz. Eu só comprei um bótijão de gás e um esmeril. Até a furadeira, de furar o ferro, fui eu que fiz. Ainda hoje tá por pintar. É feia mas ela fura todo ferro. Quando eu formei os ferros, deu pra fazer os aviõezinhos. Fazendo avião e juntando lá em casa.

Disso, criou mais aquele interesse na minha cabeça, que eu ia dormir e sonhava com avião. Vendo o avião direitinho, sem eu nunca ter visto. Via ele voando. Fiquei só naquela vontade de trabalhar só em coisa que voa. Eu passava de meia hora sentado em riba de uma pedra vendo os passarinhos voando. Observando o jeito que eles voavam. Porque o vento pesa um pouco daqui, aí ele pende pra ali. Quando vai pro lado, o vento pende desse lado e vai fazendo as curvas... Eu imaginando, cá comigo!

Eu continuei trabalhando, até quando consegui aperfeiçoar o avião. Aperfeiçoei mas não ficou que prestasse, não ficou bom. Eu estava fazendo os vidros para riba. Aí, quando eu vi um avião, foi que eu percebi o

que estava errado. Ah! o avião é assim, com os vidros na frente... Eu já estava com 40 anos, quando eu vim ver um avião no chão, no aeroporto de Fortaleza. Foi quando me levaram para uma exposição dos meus aviões.

Na minha oficina tem avião. Lá em casa tem três. Aonde eu habito é preciso ter um aviãozinho ou dois. No tempo que levaram os aviãozinhos tudim pra Fortaleza, pra a exposição, eu vim no museu e quando eu entrei fiquei assim... sem assunto. Aí meti os pés pra riba, cortei umas peças e fiz um avião dentro de dois dias e botei aqui. Era aquela cegueira, só aquilo na cabeça, aquele pensamento, e só vinha um pensamento igual. E fui fazer outros. Quando os aviões da exposição chegaram já tinha dez.

Quando eu fui escolhido pra ser Mestre da Cultura, eu fiquei muito alegre. E cheguei em casa pensando: Deus é muito poderoso! Porque eu fui escolhido pra ser um mestre. Mestre é difícil... porque, pra gente aprender as coisas os outros ensinando, é fácil. Mas a gente aprender por si é muito difícil. Aí, só Deus! Porque trabalhar bem é só pra quem Deus é servido.

Ser um mestre é ter inteligência para fazer as peças. Toda a inteligência vem de Deus. A gente tem vontade, o prazer de trabalhar. Aí, Deus dá a inteligência. E a gente vai fazer. Eu nunca ensinei a ninguém. Tenho vontade de ensinar pra uma pessoa ficar fazendo minha arte.

Voar, eu já voei. Mas eu ainda sonho voando. E sonho voando sozinho, sem nada. ✨



RELATO DE VIAGEM

Um homem que tem o pensamento nas nuvens, nos aviões, balões, helicópteros, asas-deltas, parapentes, paraquedas, foguetes, passarinho... Mestre Françuli é aficcionado por tudo que voa. Sempre foi assim, desde que avistou um avião pela primeira vez, na roça com o pai, e inventou um jeito de sentir a sensação de voar pulando de galho em galho das aroeiras do sítio de seu avô. Inventar, aliás, é outra característica de sua trajetória de vida: seja para fazer os objetos que voam seja para resolver problemas da vida cotidiana, que lhe deu o título de Inventor do Sertão. Em Potengi, onde o Mestre nasceu e mora, todo mundo sabe e indica o Museu do Inventor do Sertão: é ali, no muro branco, todo pintado com coisa que avoa. Mestre Françuli mantém a cor azul no interior do museu, simulando um céu de brigadeiro e, ao lado, a oficina de inventor, repleta de pássaros e pavões nas paredes.



Mestre

Chico Bento Calungueiro

FRANCISCO FURTADO SOBRINHO

Mestre em Teatro de Bonecos (mamulengo)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Trairi – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 6 de maio de 1957



“Eu sou um profissional de fazer o boneco.”

O meu nome é Francisco Furtado Sobrinho, mais conhecido como Chico Bento, porque meu pai era Bento, e a minha mãe era Rita Furtado de Souza. Bem, eu nasci acima do açude, no Córrego, minha terra natal, no município de Trairi, Estado do Ceará e absolutamente do Brasil todo.

Lá chamava Açude dos Touros, porque três touros lá bebiam água. Cresci, fui ficando ativo. Comecei bem miudinho trabalhando. Primeiramente na agricultura. Segundo, eu comecei com o boi, não foi com reisado, nem foi com boneco. Mas deixei todos e caí no estilo de boneco. Só que um dia o papai chegou lá em casa, de noite, e disse: “velha, vamos hoje para uns calungas lá na cumade”. Ali, uma parente da finada Ernesta, que era minha vó.

Foi aí que eu vi o primeiro bonequeiro. Se chamava João Maia. Eu tinha uns 12 anos. Quando eu vi ele comendo fogo e puxando a mágica... eu disse aqui comigo: Como é que este homem faz isso? Comer fogo! Puxar uma coisa de dentro dos intestinos! E eu fui ficando impressionado, sabe?! E eu vendo aquele negócio... Depois da mágica, foi que ele foi botar o boneco. E eu pensei que era vivo, uma coisa viva. Ele botando os bonecos... aí houve uma briga lá de boneco. Depois veio a alma! Rapaz, eu fiquei com medo dessa alma, viu?! Quando foi à noite, eu fui dormir. Eu sonhei.

Eu quase me assombro. Minha mãe disse: “Chico, aquilo era uma alma dos calungas, num é viva não!”

O segundo bonequeiro que eu vi chamava Lourisval do Maranhão. Eu já era maiorzinho. Meu pai — que era sanfoneiro, tocador de banjo, que, se fosse hoje, ele era Mestre da Cultura e tinha carteira — me levou. Primeiro, ele fez a mágica: ele ficava de cabeça pra baixo e o fundo pra cima dos pés, contando uma história da abelha, que fazia “vruuum, vruuumm”. Quando ele botou os bonecos, tinha a alma!

Com a continuação do tempo, aquilo foi dando uma coisa em mim. Aí eu inventei de pegar uns sabugos de milho dizendo que eram dois bonecos, esses dois sabugos. Botava boneco pro pessoal de casa. Pegava dois lençoizinhos e dois sabugos dizendo que eram os bonecos. E desses sabugos passei para dois cacetes. Fazia só uma cara. Só assim (...) e dizia que eram os bonecos.

E fui fazendo e perguntando: como é que faz aqui? Mamãe dizia que era cortando com a faca. E eu achava bonito esse negócio de cortar com a faca. E daí a pouco eu tava fazendo uns maiores. Pegava um bocado de pau. Botava tudim assim, fazendo fileira, como a gente bota os pauzim assim, um detrás do outro. Era a maneira de criança, de como que eu entendia. Era talo de coqueiro,

era umburana, era pau d'arco. Aí um dia eu fiz um bonecão grande. Mas ainda não botava boneco.

Fui indo, fui indo... E a mamãe fez uns bonecos também. Naquele tempo, era uma pobreza, sem forma. No fim das contas, a mamãe fez uns bonecos até da ceroula de meu pai. Com coisa remendada, com molambo. Eu tinha 15/16 anos. O boneco era de madeira, mas os olhos era de papel pregado com grude. Tinha uns capuchinhos de milho pregado na cabeça. E eu fui botar boneco pela primeira vez. Meu pai levou o boneco dentro do saco de açúcar. Mas não era desses sacos de plástico, não. Era daqueles sacos de pano que tinha uma catinga de cera de arapuá. Meu pai levou porque eu fiquei com vergonha das meninas.

Assim botei o "Cassimiro Coco". Aí caiu moeda. Disseram que botava boneco bem. No outro dia, papai foi comprar feijão, arroz e parece que comprou carne. E eu alegre, animado. Mas eu queria mostrar os bonecos era antes de tirar o dinheiro. Eu queria saber de mostrar os bonecos, aquele interesse todo! E eu trabalhando, trabalhando.

Passou, passou, passou... Eu fui chamado pelo Padre André, através de meu avô, para fazer apresentação. Aí "virou Ibope". Talvez tivesse na faixa de 18 anos. Aí lá vai... fui chamado pra muitos cantos, Muribeca, Jenipapeiro. "Virou Ibope". E todo mundo procurava. Aquela "procurança" dos bonecos! Depois resolvi parar. Mas eu nunca queimei, nunca! Eu fazia era dar. Nunca queimei e nunca quebrei.

E o povo perguntando: cadê os bonecos? Passou-se e eu botei de novo. Botei boneco outra vez. E continuei de novo botando boneco. E quando foi um dia, eu disse: eu vou lá no Raimundo Bonequeiro, daqui de Trairi

mesmo. Ele tinha uma pantera. E perguntei a ele: como é que essa pantera abre os olhos e fecha? Ele disse: eu lhe entrego a pantera. Mas eu não ensino. Não me disse nada, de jeito nenhum. Aceitei. Mas acredite, eu fiz a pantera do jeito da pantera dele, sem ele me ensinar! Descobri.

Por isso que eu digo, que a mente da gente é a professora e a gente é o aluno da mente. Porque é tudo coligado um com o outro.

Parti pro boneco grande! Aí menino, deu dor de cabeça. Mamãe preocupada: "o que é que tu faz?" Respondia: é um boneco que eu estou estudando. Ficava eu com a minha cabeça: como é que eu faço esse boneco? Como é que eu vou descobrir esse boneco? Porque ele tem que andar mais eu, atracado nele; tem que ter mola. E eu estudando. Eu vou pegar a perna dele e vou cavar lá pra dentro, serro um pedacinho e, quando acabar, coloco uma mola lá dentro e dentro da mola, para segurar, eu botei um negócio calçando para não escapular. E agora tem os ombros... Uma borracha daqui pra cá. E liguei, dentro dos intestinos dele, todos os fios: o fio dos olhos, dos dois olhos, e tem o fio que é para abrir a boca. É tudo ligado. Esse boneco é o "Onofre Americano". E a pantera também, só bole com os olhos.

Ser um mestre é o cara abarcar um trabalho muito bem, botando os bonecos, porque eu sou profissional de fazer os bonecos. Eu boto bem os calungas. Eu boto bem, mas sou profissional de fazer boneco. Até agora, eu nunca pensei em fazer um boneco que eu não acertasse. É que eu estudo, eu boto um arrodeio e porque, quanto mais a gente trabalha, mais dentro da criatividade, dentro da habilidade do subconsciente — porque a cabeça da gente é como um computador, só que é um computador natural, não é



RELATO DE VIAGEM

Na zona rural de Trairi, vive o mestre Chico Bento Calungueiro. Um homem de imaginação fértil, que inventa, estuda, investiga e descobre como fazer as articulações para fazer piscar os olhos, mexer boca, pernas, dar vida aos bonecos que tanto ama e dar sentido a sua existência. De fala ligeira e vívidos olhos, conversou conosco rodeado por seus muitos bonecos, que carregam sua ânsima, construídos com inventividade e amor de um artista-escultor, como ele mesmo se autodenomina.



artificial — mais vai descobrindo, mais vai funcionando, mais vai se atualizando no trabalho. Não só em fazer boneco. É em fazer boneco, é em todo trabalho: tem que estudar.

Só que a pessoa pra ser Mestre também precisa de ter uma delicadeza. Precisa de usar uma delicadeza, ser popular, e isto é muito bom demais. E o Marquinhos, filho do Gilberto Calungueiro, me disse: “Mestre, eu sou sincero, o Senhor é muito bom, porque o Papai só sabe botar na empanada. Ele não sabe fazer o boneco”. Mas Mestre Gilberto bota boneco melhor do que eu, mas ele não sabe fazer. Tem gente que faz um boneco, mas não sabe botar. E tem deles que sabe botar o boneco mas não sabe fazer. Eu sei fazer as duas coisas. E eu sou um escultor.

Quando eu fui escolhido como Mestre da Cultura, dos Tesouros Vivos, do primeiro mundo, popular do Nordeste — com o João Redondo, Cassimiro Coco e Benedito Trovão — eu fiquei muito alegre e muito feliz. Depois que eu fui reconhecido como Mestre, “virou Ibope” do município do Trairi. Fiquei mais conhecido. Muita admiração de eu ter passado. Todo mundo muito feliz. Muita gente procurando para fazer trabalhos: professora de mestrado, colégio para falar sobre a consciência negra e tinha que ser o Cassimiro Coco.

Dos bonecos que eu fiz, o que eu gosto mais, é do Onofre Americano. Já fiz muitos outros: Big Trovão, que é o general; tem o Extraterrestre, o Ludugero, a Pantera. Mas o Onofre Americano é o que eu mais gosto. Porque ele é o principal dos bonecos. Ele é mais alto do que todos os bonecos. Eu sempre começo com a Pantera e termino com ele. Segundo, é o extraterrestre. Eu gosto muito do extraterrestre, também.

Porque é uma história impressionante, coisas além do universo.

Quando eu faço apresentação para crianças, o que elas gostam mais é do extraterrestre. Essa história que eu conto do extraterrestre e que eu digo que ele é de outra galáxia do universo. Eu falo que a nave dele, para poder vim à Terra, é como que seja uma bala de canhão. Dá muitas voltas no universo. Só falta topar dentro do buraco negro, que já li essa história. E a primeira vez que ele pousou, o extraterrestre, foi nos Estados Unidos, uma noite num milharal. O primeiro ser que ele teve contato, quando abaixou a nave dele, foi com Elliot.

As histórias que eu conto eu tiro das pessoas que eu conheço, eu tiro dos outros mestres calungueiros também. Tem histórias que eu escuto resumida e vou interando com outras que eu invento de mim mesmo. E a arte vai continuar. Não deixo de botar boneco, não! Enquanto eu tiver vivo eu tenho um prazer de botar boneco. Eu acho bom. Quando eu estou trabalhando, eu acho maravilhoso, me dá aquele prazer. E eu vou ensinar ao Henrique, que já tá trabalhando comigo. E vou ensinar a outras pessoas mais. Eu tenho um prazer de ensinar.

Eu sou um profissional de fazer o boneco. Nesse trabalho que eu tenho, quando imagino, corre lágrimas dos meus olhos. Imaginar é uma alegria que é grande demais! Eu descubro, dentro da criatividade, um trabalho. Porque eu sou um profissional e eu sou um artista. ✨



Mestre

Gil Chagas ou Gil D'Aurora

FRANCISCO GILDAMIR DE SOUSA CHAGAS

Mestre Escultor e Luthier

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Aurora – Região do Cariri

NASCIMENTO 18 de março de 1958



“Eu não desisti de meus sonhos. Hoje eu sou mestre. Hoje eu sou artista.”

Eu me chamo Francisco Gildamir de Sousa Chagas. Filho natural de Juazeiro do Norte, de José de Sousa Chagas e Tereza Maria de Sousa Chagas. Vim morar em Aurora aos três meses de vida. Então, em Juazeiro do Norte, eu só nasci. Desde criança comecei a observar meus pais trabalhando. Meu pai, meu avô eram marceneiros. Então não tinha como eu fugir da realidade, e, para mim, não tinha uma opção a não ser a marcenaria. A primeira profissão que veio em mim foi a marcenaria. Tive muita dificuldade para chegar aonde cheguei? Tive. Furei muita aula. Aos sete anos de idade, levei uma pisa muito grande da minha mãe porque estava furando aula para me esconder dentro das matas para fazer peças exóticas. E então atrasei meus estudos pelas esculturas e peças exóticas. Porque meu pai e minha mãe queriam que eu partisse para a profissão que era do meu pai e do meu avô, mas eu queria artes plásticas.

Até que foi descoberto que eu estava fazendo minhas obras escondido, por trás da minha casa, e minha mãe me levou para a escola, eu sem querer ir, quando chegou lá, contou à professora o que estava acontecendo, e a professora falou que deixasse eu seguir do jeito que eu queria, que escultor era profissão também. E então a minha mãe me liberou.

Isso mais ou menos nos anos 1965. Eu com idade de sete anos. Então, quando me

liberaram, eu fiquei ajudando meu pai. E em casa mesmo eu fazia minhas peças exóticas e fazia as minhas esculturas.

Eu sempre ia deixar a merenda do meu pai e voltava pelas laterais da igreja, onde um Senhor, por nome de Nego Simplício, trabalhava com escultura. Então eu passava meia hora olhando ele trabalhar, porque eu queria aquela profissão pra mim.

Aos 12 anos de idade, eu já não precisava de meu pai para me dar alimentação e nem roupa. Porque eu já vendia as peças de artesanato e alguns utensílios em madeira: copeira, escorredor de prato, porta-cortina, porta-guardanapo. Eu vendia na feira e entregava o dinheiro para minha mãe. Minha mãe já ia na feira, fazer mercantil com aquele dinheiro e comprava as coisas para dentro de casa.

Ligeirinho, a profissão de marceneiro chegou em mim. Eu criança já trabalhava na marcenaria. Trabalhei muito tempo na marcenaria e trabalhei com muita atenção e confiança em mim, e isso, na época, deixava o pessoal satisfeito.

Então, em 1977, eu já fui convidado para esculpir o trono de Dom Vicente de Matos, que era o Bispo Diocesano da cidade do Crato. Eu era um jovem, bem novinho. Quando eu cheguei, os outros marceneiros, mais velhos ficaram tirando onda comigo. Naquele tempo, para a pessoa trabalhar de marceneiro,

tinha de ser tipo um escultor, porque os móveis da época era o móvel colonial, era o móvel Luís XV. Já tinha uns marceneiros com 45 anos que trabalhava nessa movelaria, e eles diziam: “olha aí o passa-fome, que veio lá de Aurora”. Chamava de passa-fome porque eu era bem magrinho, bem magrinho. Para encurtar a conversa, dentro de três meses, eu esculpi o trono de Dom Vicente. Era só para eu esculpir o trono de Dom Vicente e vir embora. Fui aplaudido e, ao invés de eu passar lá só três meses, passei um ano e um mês, na cidade do Crato.

Eu queria seguir as artes plásticas. Eu não tinha esquecido do meu sonho. Trabalhava na marcenaria, trabalhava bem. Já tinha muitos móveis feitos por mim dentro do Estado do Ceará e dentro de Aurora. Fui aplaudido na época que eu trabalhei de marceneiro. Mas o sonho meu era partir para as artes plásticas, e eu sabia que os “cobras” das artes plásticas estavam lá em Salvador.

Então, quando foi em 1980, eu já era de maior. Porque, naquela época, o filho vivia por baixo do suspensório do pai até 21 anos. Em 1980, eu fui para Salvador. Mamãe não queria que eu fosse, meu pai também não queria. E eu fui sem eles quererem. Já era de maior, fui. Lá eu passei mais um ano e quatro meses. Quando eu voltei vim com a mala cheia.

O móvel foi ficando mais fácil para ser feito e o número de marceneiros foi ficando mais alto dentro da cidade de Aurora. A concorrência foi aumentando. E eu já tinha a profissão de escultor. Assim pensei: eu tenho de ir abandonando a marcenaria. E fiquei trabalhando com as esculturas, com as talhas e com as carrancas. Até o povo sequer me procurar como marceneiro.

Eu trabalhava fazendo oratório, e chegou um senhor lá em casa, por nome Gilmar de

Carvalho, junto com um amigo meu, por nome de Luís Domingos. E me perguntou se eu tinha oratório que eu pudesse emprestar um a ele. Eu disse que tinha três oratórios. Professor Gilmar contou que estava fazendo a história da Mártir Francisca e precisava de um oratório para colocá-la dentro. Quando Gilmar viu os oratórios, ele disse: “Mestre, se você fosse fazer rabeca ou violino, você ia fazer divinamente bem, porque você já está fazendo as volutas dos violinos nestes oratórios seus”. Mas eu não sabia nem o que era voluta. E eu perguntei: o que é voluta?

Gilmar me mostrou a voluta de um violino. Aí eu disse bem assim: Gilmar, pois você me acredita que eu ainda não tentei fazer um violino ou uma rabeca porque eu tenho medo de botar o material a perder. Mas eu tenho vontade de fazer um violino para mim. Gilmar disse: “Eu sou Gilmar de Carvalho, professor da Universidade Federal e sou pesquisador da cultura do Estado do Ceará. Todos os anos acontece o encontro dos mestres rabequeiros. Aquele que faz a rabeca melhor, tira o primeiro lugar, ele tem um cachê. Por que você não tentar fazer?” E isso era mês de dezembro, e o encontro era mês de março do outro ano.

Resolvi fazer. Eu disse a ele: a partir de amanhã vou começar a fazer uma rabeca. E ele disse: “faça uma e tire três fotos e mande para mim. Vou deixar o meu *e-mail*. Quando você começar, tira uma foto. Na metade da rabeca, outra, e, no final, você tira a terceira e me envia.” E assim, fiz como ele tinha dito. Quando eu finalizei a rabeca, eu peguei o cavalete da rabeca, segurei ele aqui na mão e peguei um tubo de cola, e faço como quem está botando a cola nos pés do cavalete da rabeca. E essa foto eu enviei para Gilmar. Mande as três. E eu fiquei naquela







RELATO DE VIAGEM

Uma oficina com muitas ferramentas, muita invenções iniciadas e outras inacabadas. Muitos instrumentos prontos e sendo feitos, dando a impressão de que o Mestre trabalha em vários projetos ao mesmo tempo. A conversa desenrolou-se entre lembranças das dificuldades, reverência aos seus mestres, conquistas e planos para o futuro. Principalmente, na formação de novas gerações para que os sons específicos da rabeca continuem propagando-se no Nordeste e no mundo.



ansiedade, esperando que viesse o resultado que eu queria saber quantos pontos eu tinha feito. Uns quinze dias depois, Gilmar manda a resposta: “mestre, o senhor fez 97 pontos”. Ora, eu não esperava fazer nem 50. Gilmar então falou: “mas seus três pontos estão lá em Mauriti. Lá tem um grande mestre luthier por nome de Antonio Gomes. Você bota essa rabeca em um saco e vá lá. Ele vai lhe dizer onde está os três pontos”.

Eu fui lá em Mestre Totonho. Botei a rabeca no saco como Gilmar pediu que eu fizesse. Então Mestre Totonho disse: “Mestre Gil, os três pontos estão aqui... Não era para o senhor ter botado cola. Mas tá aqui, tudo o que você vai precisar para fazer rabeca e violino, nesse livro. Tome, level!” Ele me deu um catálogo com todas as medidas de rabeca, de violino, de violoncelo, de contrabaixo. Aí vim com a mala cheia lá de Mauriti.

Assim, eu passei a fazer com gosto. Rabeca e violino. Hoje eu trabalho nas duas coisas — luthieria e escultura — porque é com essas duas que eu estou levando o feijão para a mesa. Os instrumentos musicais e as esculturas são quem bota o feijão na minha mesa. Hoje eu vivo disso. Conquistei o espaço como Mestre da Cultura através das rabecas que eu construo.

E eu me senti muito honrado em conquistar o título de Mestre da Cultura, porque a minha cidade é muito pequena, e eu me tornei um orgulho para minha cidade e para meus amigos aurorenses. Então, eu sou muito grato por tudo isso. Devo isso a Deus, à marchetaria e à luthieria.

Eu tenho procurado repassar minha profissão para crianças e adolescentes, porque eu vejo crianças se acabando no mundo das drogas. Mas eu não tenho apoio para eu exercer o ofício da maneira que eu quero.

Porque, infelizmente, aqui em Aurora, para a pessoa conseguir algo sem apoio é muito difícil e eu nunca tive apoio na cidade.

Hoje eu faço rabeca e outros instrumentos e faço mostrando a tutoria: o passo a passo, e coloco lá no meu canal. Quem quiser assistir é só escrever lá no Google: “Gil Chagas” que vai direto para o meu canal.

Hoje eu sou artista e sou mestre. Eu não desisti de meus sonhos. Às vezes, a pessoa quer conquistar um espaço, mas não luta por aquele espaço. Eu lutei. Conquistei. Hoje eu sou mestre. Hoje eu sou artista. Eu tenho um diploma como um artista. Sou diplomado. E as pessoas em Aurora sabem quem é Gil Chagas. Isso para mim foi uma honra. Foi uma honra também para os aurorenses. Com todas as dificuldades que eu passei, mas eu conquistei... porque foi mérito meu, não tive apoio, meu apoio foi Deus. E então foi Ele quem me fez o Mestre da Cultura que hoje eu sou. A cidade de Aurora tem dois mestres da cultura: Mestre Antônio Pinto e Mestre Gil Chagas.

Eu, antes de morrer, quero deixar pelo menos uns três rabequeiros aqui dentro de Aurora, porque eu não quero que essa tradição se acabe. Hoje eu estou vivo, amanhã eu não sei. Seu Antônio é Mestre também, faz rabeca. É isso que eu quero. Mas, para isso, eu preciso de apoio. Eu preciso de um local adequado. Eu não quero preparar só três pessoas. Eu quero pelo menos preparar uma equipe de 15 a 20 pessoas para eu repassar; porque é um prazer que eu tenho: transmitir, repassar meu saber. Meu lema é repassar o que Deus me deu a outras pessoas. ✨

Mestre

Cacique João Venâncio

FRANCISCO MARQUES DO NASCIMENTO

Mestre em Cultura Indígena (Povo Tremembé)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Itarema – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 30 de janeiro de 1955







“Pra nós Tremembés, o que vemos ao redor de nós, tudo é sagrado.”

Meu nome de assinação de documento é Francisco Marques do Nascimento. Mas o nome conhecido no aldeamento, de trabalho, é Cacique João Venâncio. Porque João Venâncio? Porque vem da minha mãe que se chamava Venância e começaram a me chamar João da Venância. Então são este dois nomes que eu carrego hoje comigo. Um é o nome de vivência de vida e o outro é de assinação de documento.

Eu alcancei a minha bisavó sendo a chefe da família, do aldeamento. Ela era uma curadeira de mão cheia, de tudo ela rezava, de tudo ela curava. Quando ela faleceu, ficou a minha avó, cuidando no lugar dela. Ficou cuidando das coisas e, quando as pessoas procuravam alguma informação, procuravam ela. Era minha avó quem dava essas entrevistas, quem falava a história dos conhecimentos do povo Tremembé, falava em nome do povo.

Depois foi o tempo da minha mãe e eu comecei a perceber que a minha mãe ia faltar um dia. E fui vendo também — nem primo, nem sobrinho — que ninguém se prontificou a tomar essa responsabilidade de ficar no lugar. Então tinha que ter alguém pra ficar, pra falar aquelas coisas que eu ouvia ela falar. E comecei a participar do movimento, das atividades com ela, andar nas reuniões... E acabou que ela faleceu.

Quando ela faleceu, eu fiquei no lugar dela. Participando das ações, das atividades, das reuniões, e foi aí que me deram a patente de liderança indígena. E eu trabalhei uma temporada como liderança indígena e depois recebi o cargo de cacique, em termo de aldeamento do povo Tremembé, numa reunião grande, que eu fui referendado. A partir daquele dia, eu era o Cacique do aldeamento. E aqui estou hoje cumprindo uma função de cacique, de luta, de trabalho, compromisso, de responsabilidade junto do meu povo.

Somos eu e o outro companheiro, que é o Pajé. Fomos os grandes articuladores do movimento indígena no Estado do Ceará e hoje temos quatro grupos reconhecidos oficialmente pelo órgão indigenista da FUNAI. Estamos trabalhando para que quatorze etnias sejam reconhecidas, assim como nós temos os quatro reconhecidos oficialmente, e por um desenvolvimento de trabalho, de compromisso. A gente vem fazendo isso desde criança, mas não era muito visto. A gente tem esse trabalho, essa função, muitas coisas a gente sabe fazer, desenvolve a cultura, e foi aí que a gente acabou sendo inserido na questão dos mestres da cultura.

Quando eu recebi o título de Mestre, o que eu percebi na minha vida? Mais responsabilidade com a comunidade, mais

compromisso, mais algo a fazer e que isso tinha de ser repassado. O papel da gente hoje, como liderança, é passar tudo que a gente aprendeu com os antepassados. Passar para a nossa juventude, pra nossa criançada. Para que eles possam se criar sabendo a história, sabendo a cultura que eles tinham, qual é a origem deles, a quem é que eles pertencem. Então isso veio só aumentar uma responsabilidade de compromisso em cada um de nós dois. O povo Tremembé é o único povo que tem dois Mestres da Cultura diplomado e se sente muito honrado.

Foi muito bom, dentro da comunidade porque, hoje, a gente tem um ponto de referência, um reconhecimento de referência como Mestre da Cultura, por onde a gente passa. Então fortaleceu o nome da gente, o trabalho que a gente fazia desde criança que não era visto, que não era considerado. Ninguém olhava a gente com bons olhos. A partir desse momento, a gente tem um grande respeito na comunidade, aumentou este respeito como Mestre da Cultura.

A gente tem uma função muito grande, sendo chamado pra dar aula, pra dar palestra nas escolas. Até a universidade já chamou. Em 2014, a gente deu três módulos de disciplina: “espiritualidade, torém e vivência Tremembé”. Na universidade! Fomos pagos do jeito de um professor que tem títulos, tem seu diploma. A gente foi pago da mesma forma. E a gente também é muito procurado por alunos que querem defender suas teses de mestrado, de doutorado.

A gente ensina os meninos os rituais sagrados, a dança, o porquê está dançando, o que significa. Porque nós temos várias formas de cultura. O torém é uma dança muito específica que só quem tem é o povo Tremembé. Mas nós temos a dança da aranha, a dança

da bulieira, a dança do caçador, a dança do coco. Tudo isso a gente vem passando para a criançada, para eles aprenderem a vivência da vida, com os costumes e tradição que nossos antepassados tinham. Que é pra quando chegar certa idade, eles não terem vergonha, não sonegar quem eles são.

A gente trabalha a diferença na escola que temos aqui. Na escola diferenciada, qualquer um é recebido do mesmo jeito, porque a escola não pode fazer discriminação. Isso é a diferença que faz. Na escola convencional, a gente chega e tem um portão e um vigia no pé do portão. O aluno que chega atrasado, ele não entra mais. Aqui na nossa escola, o portão é aberto. O menino que chegar em cima da hora da aula, ele entra. Aquele que chegou atrasado, entra do mesmo jeito. Aquele que chegar todo empacotado — como diz a história — é recebido do mesmo jeito como aquele que chega com o pé no chão, de calção com uma camisa no ombro.

Os professores da escola, o diretor, as merendeiras, os coordenadores são indígenas. Nós só podemos ter uma escola diferenciada exatamente se tiver este encaminhamento: desde o professor, até o vigia, diretor, merendeira, todos serem indígenas. Porque, se não for assim, nós não podemos dizer que temos uma escola diferenciada indígena.

O professor faz a pesquisa com nossos anciãos, com nossos mais velhos, e ele transforma essa pesquisa em texto e ele vai passar em sala de aula para as crianças. Isso é uma grande diferença que a gente tem. A questão da merenda dos meninos... É diferenciado também porque é o peixe assado na brasa, com grolado, com a tapioca, com cuscuz, é a cambica de batata... então tudo da gente é diferente mesmo.



RELATO DE VIAGEM

Num domingo de chuva torrencial em Almofala, encontramos o Cacique João Venâncio descansando na sua rede, na parte da casa — onde mora sua família que ele escolheu para viver: uma choupana no quintal, com telhado de palha e um quarto feito de taipa. O Cacique preserva os cabelos longos e está sempre com seus colares e anéis. Já o cocar faz parte da indumentária para fotos, aulas, apresentações e entrevistas. Bem articulado e ciente de seu papel como interlocutor da sua comunidade indígena com o resto do mundo, trabalha, junto com o Pajé, também Mestre da Cultura, para proteger as terras e os costumes dos Tremembés. A bem equipada escola diferenciada, de estrutura circular com uma grande roda pintada no chão, é contígua à casa do Mestre, que observa de perto as atividades, buscando a manutenção da tradição da sua etnia.

E ainda temos um outro lado riquíssimo, que é a questão da medicina tradicional. A gente só procura o médico quando o nosso meio medicinal não dá jeito. Os nossos xaropes, nossos chás, nossas garrafadas, nossa mesinha, nosso lambedor. Quando a gente vê que não resolve, aí sim, a gente procura o médico. Mas enquanto está resolvendo, a gente é curado pela nossa medicina tradicional indígena.

Pra nós Tremembés, o que nós vemos ao redor de nós, tudo é sagrado. A natureza é sagrada e, pra nós, é que nem o pai e mãe, que todo dia a gente vai lá e estende a mão, pedindo a bênção. Porque, sem a natureza a gente não pode viver. Porque a natureza é quem dá o pão, é quem dá o sangue, é quem dá a água, é quem dá a alimentação. Se não fosse a natureza, a gente não tinha nada disso. O que eu quero é recomendar a nossa juventude de hoje que temos de cuidar, preservar e zelar a nossa santa mãe natureza, porque, sem ela, nós não somos ninguém. ✨



Mestre

Geraldo Amâncio

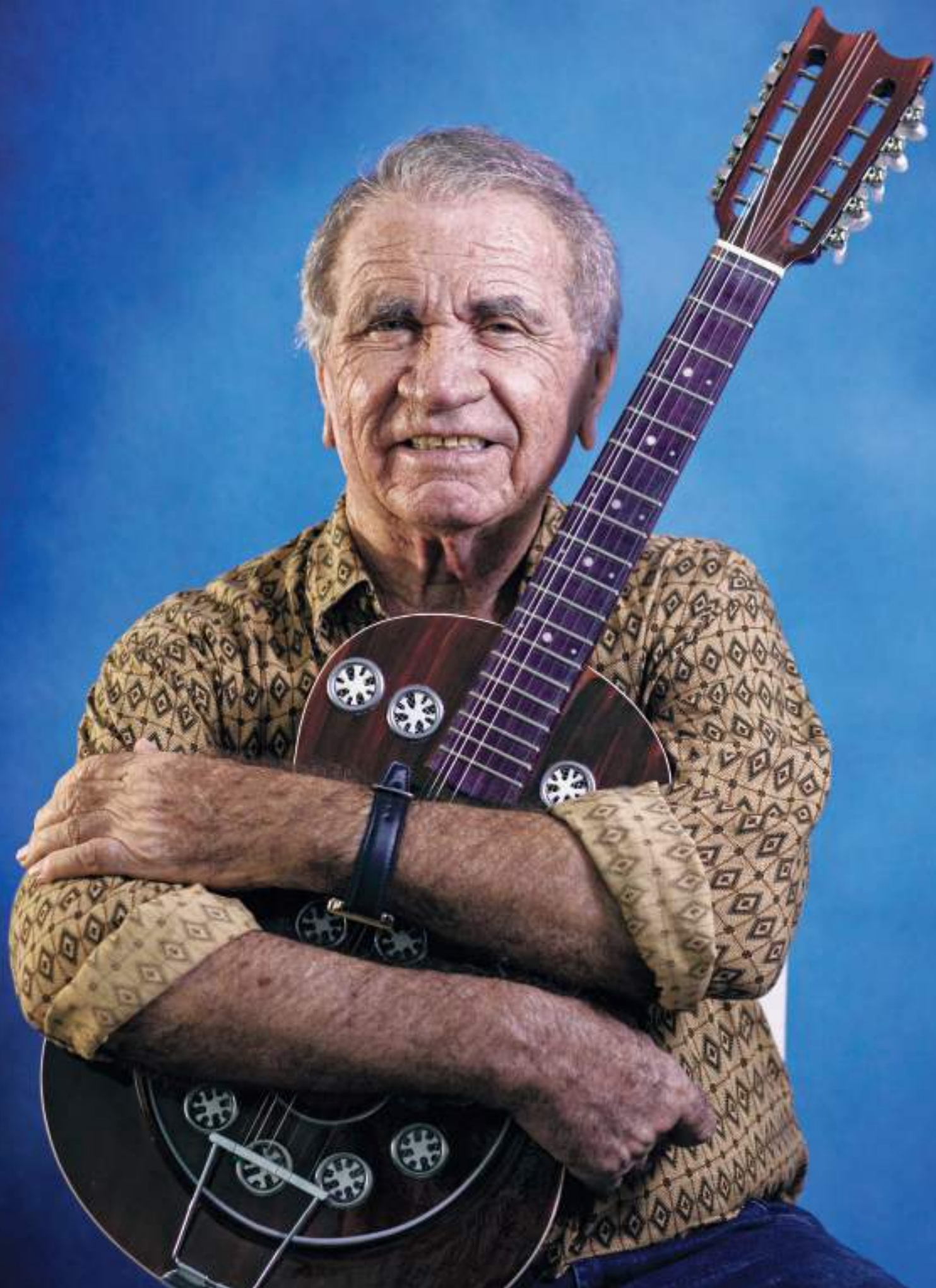
GERALDO AMÂNCIO PEREIRA

Mestre em Cantoria de Viola

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 29 de abril de 1946



“A cantoria não morre porque os cantadores são poetas.”

O meu nome é Geraldo Amâncio Pereira. Sou poeta, cantador, repentista, palestrante, escritor. Nasci no dia 29 de abril de 1946, no Sítio Malhada de Areia, no município de Cedro, no Ceará. Descobri ser repentista ainda criança. Havia um programa na Rádio Clube, do Recife, com José Alves Sobrinho e Otacílio Batista. E nós ouvíamos o programa pelo rádio, na casa do meu avô paterno. Eu e meus irmãos. E nós cantávamos repentes trabalhando na roça, tanto limpando o mato como catando algodão. Depois, na adolescência, apareceu um programa de rádio do também poeta Pedro Bandeira e João Alexandre, na Rádio Educadora do Crato. Foi outra grande influência que eu tive pra me descobrir repentista mais uma vez.

E considero ainda ser hereditário o meu dom de repentista, porque meu avô paterno foi cantador amador, e um tio paterno, chamado Amâncio Pereira Lima, foi também cantador.

A primeira vez que me apresentei para um público muito grande foi numa cantoria de Pedro Bandeira e Chico Bandeira, num sítio chamado Campos, no município de Baixio. Pedro adoeceu e eu tive que cantar com o irmão dele. Pouco tempo. Em janeiro de 1964, houve uma grande cantoria na Vila Arrojada, município de Lavras, com Pedro Bandeira e Zé Vicente, na Casa do Senhor José Pinheiro, que tinha sido eleito Vice-Prefeito de Lavras, e me botaram pra cantar.

E eu cantei com Pedro Bandeira, que era o maior nome e a maior estrela da época, na cantoria. E quando terminei de cantar com ele, ele bateu em mim e disse: “pode continuar, que você tem muito futuro”. Meu pai, que era um homem pobre e era um trabalhador da roça, não queria que eu saísse com viola pelo mundo.

Queria que eu cantasse, porém que não viajasse, porque ia faltar um braço na enxada, na roça dele, e eu assumi um compromisso com ele de pagar um trabalhador no meu lugar. Havia um programa chamado Sertão Canta, na Rádio Iracema de Iguatu, e eu fui a Iguatu para participar desse programa. Não como titular, mas de vez em quando participava. Programa esse comandado por Antônio Maracajá e Jerônimo Bonfim Maracajá, que foi um dos meus mestres. Com um mês que eu fiquei no Iguatu, voltei para casa, lá para o sítio, sem nenhum centavo. Aí meu pai disse: “e aí, ganhou alguma coisa?” Eu disse: não. Ele disse: “eu não disse que isso não tinha futuro? Não vai viajar mais.” E o certo é que, pra sair a segunda vez, eu acho que demorei uma semana; foi meio escondido. Minha mãe vendeu uns ovos, e eu vazei, como se diz hoje. Dessa segunda vez que saí, fiquei no mundo até hoje, com as violas.

Primeiro cantador com que eu viajei foi um rapaz chamado Francico Baptista, conhecido por Azulão. Nós saímos de Iguatu. Descemos ali, num vilarejo chamado Brum,

que é abaixo do Icó. Isso aí. Daí tiramos até umas nove léguas, como a gente chama, para um lugar chamado Baixio Nazaré, que hoje é Coronel João Pessoa, no Rio Grande do Norte. Pela primeira vez, eu ganhei dinheiro com violas, e aí sim, meu pai ficou satisfeito.

Fiquei morando em Iguatu. Em 1965, surgiu uma rádio por nome Rádio Alto Piranhas, em Cajazeiras, de alcance muito grande. Eu resolvi morar em Cajazeiras, na Paraíba, onde também fiquei fazendo um programa. Em Cajazeiras, eu fiquei de 66 a 69. Quando, um ano antes, em 68, participei do primeiro Festival de Cantadores, realizado em Juazeiro do Norte, promovido por Pedro Bandeira. Eu cantei com o Sebastião da Silva, e eram muitos cantadores, e nós éramos a dupla mais nova e ganhamos o primeiro lugar.

Pedro Bandeira me convidou para ir morar em Juazeiro para trabalhar com ele. Pedro era muito requisitado. A primeira coisa que me veio na cabeça foi que eu ia ficar rico cantando com ele, e até hoje não fiquei. Em Juazeiro do Norte, cheguei dia 1º de novembro de 1969 e, dois meses depois, casei-me com a Senhora Elenilce. Ainda hoje estamos aqui contando a nossa história. Depois de 20 anos em Juazeiro, passei uma temporada em São Paulo, uns sete ou oito meses. Passei também uma temporada de poucos meses em Olinda.

Foi então que um filho meu adoeceu e só tinha tratamento aqui em Fortaleza. E eu tive que vir. Falando muito honestamente, eu não gostava de Fortaleza, vim à força. Mas dizem que Deus escreve certo por linhas tortas, e essas linhas tortas ficaram muita aprumadas pra mim. Primeiro, meu filho recuperou-se. E, aqui, as portas foram se abrindo para nosso trabalho.

Rosemberg Cariri, famoso cineasta, abriu um espaço na TV Jangadeiro, em 1993, para

um programa de viola. Fiz o programa dez anos. Depois, quando a TV Diário ficou de alcance nacional através da parabólica, o próprio Rosemberg arrumou outro espaço, onde eu trabalhei nove anos. Depois a TV saiu da parabólica e ficou com alcance restrito à região. Eu resolvi sair e, foram aparecendo muitas viagens.

Em 1995, nós lançamos nosso primeiro livro, que é uma antologia — *De Repente Cantoria* — em parceria com um poeta excelente chamado Vanderley Pereira. Depois do lançamento, apareceu um convite para que fôssemos apresentar a cantoria no Museu de Etnologia, em Lisboa, em Portugal.

Pedro Bandeira e eu, nós fomos a primeira dupla a atravessar o Atlântico com violas e a apresentar a cantoria brasileira lá em Portugal. Embora sejamos herdeiros dessa profissão de cantoria dos próprios portugueses. Depois disso, nós já fomos mais sete vezes, inclusive para ministrar uma palestra na Universidade de Coimbra. Já estivemos na região da Catalunha, mais precisamente, nas Ilhas Baleares, onde houve um festival mundial de repentista.

É bom lembrar que a cantoria não existe só no Brasil. Em quase todos os países existem repentistas. Na Catalunha, chama-se *glosador*, em vez de cantador. Aqui, na América do Sul, em vários países, existem os *payadores*, que são poetas repentistas. Descobri repentistas até na Palestina, que se chama *zagal*. E no Japão, na cidade de Okinawa. É uma arte universal.

Além da cantoria, que nós fazemos há 56 anos, também escrevemos. Publicamos vários livros. Em torno de 15. Fora os cordéis, já gravamos 16 CDs/DVDs com parcerias diferentes. Já participamos de mais de 200 festivais competitivos de cantoria, onde

chegamos a ganhar mais de 150 primeiros lugares. E, acima de tudo, estou muito feliz com esse trabalho. E hoje eu acho mais prazeroso escrever do que cantar. Eu acho que tem menos sacrifício, porque a cantoria, vou dizer, ainda acho muito difícil de fazer, porque é como um rio, por exemplo. A água sempre se renova. A que está passando hoje não passou ontem. A que passa hoje não passa amanhã. É como a cantoria. O improviso que eu faço aqui eu não posso repetir. Até porque se repetir não é improviso.

Hoje, alguns pseudointelectuais querem dizer que ser músico, ser poeta não é um dom. Ou é dom, ou não desenvolve. Primeiro, tem que expor esse dom que nós ganhamos desde o berço. Porque há “cantadores e cantadores”; há alguns que não nasceram tão poetas assim; apenas se meteram no meio e não se saíram.

Para o público de cantoria se renovar, a cantoria tem que ser renovada. Para ilustrar o que eu estou dizendo, vou contar uma história. Nós estávamos num festival de repentistas no centro do Recife, no Marco Zero. Tinha umas 15.000 pessoas. E houve um toró e ninguém arredou pé. Eu estava com o Sebastião da Silva, que foi o meu melhor parceiro em festival. Os cantadores cantam olhando para os pés, não olha para o povo. E isso Pedro Bandeira me ensinou: Pedro cantava, acenando, olhando, brincando. Chamei Sebastião e disse: “Ô Sebastião, em todo *show* o povo canta, o povo canta em culto, canta em missa, mas não canta em cantoria. Que contraste, não?”. Eu propus: “vamos cantar um coqueiro da Bahia e solicitar pro povo cantar?” Ele retrucou: “você é doido? E se esse povo não cantar?” Eu respondi: não tem nenhuma decepção, porque não cantou até hoje. Mas se cantar... vai ser um grande ganho para a cantoria”.

E assim fizemos: “coqueiro da Bahia, quero ver meu bem agora/quer ir mais eu, vamos! Quer ir mais eu, vambora! Quer ir mais eu, vamos! Quer ir mais eu, vambora!”. Aí todo mundo cantou. Daí para cá, toda cantoria que tem cadência, que não atravessa o ritmo, eu solicito e o povo canta. Eu queria que todos os cantadores fizessem isso.

Quando eu recebi o título de Mestre, o que mudou foi que sou mais convidado para os eventos do próprio Estado. E isso ajuda muito, porque eu tenho a oportunidade de me apresentar para um público que não tem o hábito de assistir cantoria. Nós temos uma carência muito grande, que é a renovação de público. Eu me considero com muita sorte. A geração de cantadores que me antecedeu — aquele que chegava aos 50 anos era totalmente esquecido, ninguém chamava mais para cantar. Hoje, eu estou com 73, e minha agenda está cheia, como se eu tivesse 20 anos. Então, eu acho que até nisso o título também me ajuda muito.

Também tem outra coisa: eu só vim ter a oportunidade de ministrar aulas em escolas, só depois que sou Mestre. E outra coisa, depois desse título também tenho tido o cuidado de explicar aos ouvintes a cantoria. Explicar aos ouvintes de cantoria de onde vem a quadra, de onde veio a sextilha, quem criou o galope à beira mar, o martelo, o martelo agalopado.

Eu ensino como se escrever versos com a métrica certa. Agora, quando um cantador novo está começando, eu não ensino, mas oriento.

E digo mais, a cantoria não morre, porque os cantadores são poetas. Se por acaso perdêssemos o público de cantoria, os cantadores iriam cantar um para o outro, porque são poetas. Isso é uma necessidade espiritual. ✨



RELATO DE VIAGEM

Geraldo Amâncio mora em Fortaleza. Na sala de estar de sua casa, deparamo-nos com muitos troféus de festivais, comendas e homenagens a esse cantador com mais de cinquenta anos de estrada. Geraldo também tem muitas violas e para cada uma tem histórias contadas e cantadas, lembranças de parceiros — antigos e novos. Elas acompanham sua linguagem fluida e escorreita, seu raciocínio rápido, treinado pela necessidade do improviso, exercício de uma vida inteira. Com um sorriso fácil e largo, uma conversa animada, ele encanta grandes plateias ou um pequeno grupo de entrevistadores.



Mestre

Geraldo Freire

GERALDO RAMOS FREIRE

Mestre Artesão de Relojoaria de Torre

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 13 de agosto de 1938





“Quando todo mundo pensava que só se fabricava relógio na Suíça, em Juazeiro, a gente já fabricava.”

Meu nome é Geraldo Ramos Freire, conhecido mais por Geraldo Freire. Filho de Joaquim Freire dos Santos e Francisca Ramos Monteiro. Natural de Juazeiro do Norte. Eu cheguei a ser relojoeiro quase sem intenção nem ideia de fazer relógio. Mas como toda vida eu fui meio curioso, fui pesquisando, me informei. Posso dizer que eu sou um autodidata.

Quando eu completei 18 anos, eu fui para Fortaleza, servir na Força Aérea Brasileira. Eu queria ser aviador. Mas parece que o destino, um chamado, me trouxe de volta.

Meu pai toda vida teve oficina de tornearia, oficinazinha mecânica.

Quando eu voltei, estava trabalhando com meu pai e, a uma certa feita, chegou o padre salesiano, Gino Mouratelli, e me convidou para eu ir na oficina dele que estava parada.

Eu já tinha nossa oficina, não queria ir, mas ele insistiu e eu fui. Eu vi que a oficina tinha condições e arrendei. Durante esse arrendamento — passei um ano e pouco por lá — apareceu um padre, do Rio Grande do Norte, querendo um relógio. Porque essa oficina tinha sido uma fábrica de relógio. Só que o padre Mouratelli tinha vendido o gabarito piloto. Ele vendeu porque não ia mais fazer relógio. Aí chegou esse camarada, o padre do Rio Grande, e disse: aqui é

a fábrica de relógio? Eu disse: é. Quem é o fabricante? — o padre perguntou. Sou eu mesmo, quem fabrica sou eu — respondi.

Nós entabulamos o negócio e eu peguei o contrato do relógio e fiz. E desde 1963 que ele funciona lá, em Mossoró, no Alto da Conceição. O primeiro relógio que eu fiz foi este.

E o segundo está aqui em Araripe. Ainda hoje funciona! E de lá prá cá eu fiz relógio para Brasília, Minas Gerais, para o Estado do Rio. Para o Norte e Nordeste quase todo. O único lugar do Nordeste que eu não tenho relógio é a Bahia. São uns 60 relógios ou mais.

O relógio mais importante que passou pela minha mão foi o de Oeiras, no Piauí, que veio ser restaurado no Crato. Mas o Senhor que fazia isso adoeceu. Aí ele veio terminar em minha mão.

Esse relógio é de quando o Brasil foi independente, em 1822. Parece-me que ele foi instalado em 1823. Eu dei a ideia lá... do Governo me comprar um relógio novo e botar o relógio antigo no museu. E isso foi feito. Eu fiz o relógio novo para a catedral de Oeiras e pegamos o relógio antigo, histórico e botamos lá no museu da catedral. Esse foi o mais importante.

Lá no Crato tem um também que eu fiz. Com seis mostradores. Geralmente no relógio são quatro mostradores, quando muito.

Este entrou no Guinness Book por que tinha seis. Está lá na Igreja de São Francisco.

Para ser um relojoeiro primeiro é você ser um cara que tenha lógica. Tem que entender um pouco de lógica, de mecânica. Agora, pra fazer relógio de torre tem de ter uma oficina bem montada, com torno, plaina, freza e outros equipamentos.

Várias pessoas que trabalharam comigo, não chegaram a fazer relógio porque não tinham condições financeiras. Mas ele tinham condições técnicas. Ajudaram a fazer instalação de um relógio, trabalharam na oficina.

Mestre é você ser aquele camarada que tem lógica das coisas. Está talhado a transpor os obstáculos. Você ter a missão de ensinar a alguém. Então ser mestre é isso. Quando eu fui escolhido Mestre da Cultura eu até fiquei surpreso e um pouco envaidecido porque realmente não é todo mundo que vai ter a sorte de ser escolhido, né?! Eu fiquei surpreso mas fiquei agradecido.

O relógio, até pouco tempo, foi o meu ganha pão. Várias coisas que eu arranjei na minha vida foi em consequência da fabricação de relógio: comprei casa, cheguei a ter uma fazendinha, propriedades. Eu também sou piloto de ultraleve. Tudo eu consegui através do relógio, da minha profissão. Mas o ofício de relojoeiro, principalmente de fazer relógio grande, está em extinção. Infelizmente a modernidade traz essas coisas.

E eu fico me lembrando de outra época, da época de Mestre Pelúcio. Quando todo mundo pensava que só se fabricava relógio na Suíça, que é o berço da relojoaria, em Juazeiro a gente já fabricava relógio. Tudo começou por causa de um relógio que foi

montado em Santana do Cariri. Nessa época, Padre Cícero chamou Pelúcio de Macedo, que era um homem muito inteligente — eu acho até que deveriam resgatar a memória deste cidadão — porque para mim, ele e Padre Cícero foram os dois homens mais importantes do Juazeiro no século XX. Pois bem, Padre Cícero mandou Pelúcio fazer, em Juazeiro, um relógio para Juazeiro. E o relógio foi feito.

O importante é que ele fez naquele tempo, que só tinha oficina mecânica lá em Fortaleza. Aqui não tinha. É muita coisa! Agora eu não sei porque não se divulga isso aqui. Então Juazeiro é pioneiro na América Latina em fabricação de relógio. E o Padre Cícero foi realmente um incentivador do progresso e um cara futurista.

Nós temos varios relógios públicos que são culturais, patrimônio.

Na igreja Matriz do Crato, na Sé. Na coluna da hora, de Juazeiro...

Não tem a menor lógica tirar nenhum desses pra botar um relógio eletrônico, digital. Isso não tem cabimento. O relógio mais importante do mundo, o Big Ben, de Londres, é um relógio mecânico, como esses nossos nas praças. A cultura de lá é tão importante que qualquer coisinha no relógio, o Parlamento Inglês cai em cima. Quem presta assistência lá é um engenheiro mecânico e um técnico. Mas aqui... Uma vez eu fiz um relógio e instalei em Aurora e o padre de lá queria colocar o vigia da praça pra tomar conta do relógio. É uma questão de cultura, né?! ✨



RELATO DE VIAGEM

Mestre Geraldo é um homem que gosta de lógica. Palavra que ele utiliza, não no sentido filosófico, mas no seu significado figurado, associado ao funcionamento de algo, a uma maneira específica de raciocinar. Essa inclinação pela racionalidade das coisas, o fascínio pelo funcionamento das engrenagens, foi o que deu a ele a ousadia irracional, digamos, a insensatez, de se aventurar sem conhecimento mais profundo a assumir a confecção de seu primeiro relógio. Teve êxito. Mas não ficou aí. Foi estudar, pesquisar por conta própria, e se aperfeiçou. Que dizer de tal Mestre? No mínimo, que tem autoconfiança e coragem. Foi essa a impressão que ele nos passou quando nos recebeu em sua pequena oficina, no centro de Juazeiro do Norte, que praticamente abriga um único imenso relógio, a quem ele se reportava com frequência no decorrer da conversa, atraído pela máquina. Esse homem extremamente racional se derreteu de amores quando sua filha e netos foram buscá-lo para o almoço. E aí o nosso tempo com ele cedeu lugar a um outro, que os relógios não têm como marcar, o tempo do querer bem.



Mestre

Gilberto Calungueiro

GILBERTO FERREIRA DE ARAÚJO

Mestre em Teatro de Bonecos

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Icapuí – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 6 de outubro de 1942





“E a gente vai andando no mundo, e quanto mais eu ando mais eu aprendo.”

Eu sou Mestre Gilberto Calungueiro, da cidade de Icapuí. Eu sou riograndense. Vim pra cá com um ano e seis meses e fui criado aqui. Fui injetado, como carneiro, mas depois tive tanta sorte que contei com duas mães e dois pais. E foi aqui em Caiçara — antigamente era Caiçara — que eu vivia mais meus pais em um roçado. Eu andava pra lá e pra cá nos tutuns do meu pai.

Foi quando eu tinha oito anos de idade que chegou um bonequeiro aqui, um calungueiro chamado Antonio Flandeiro. Aí eu pedi um dinheiro a meu pai pra ir assistir esses bonecos. E papai disse: meu filho, aquilo ali não tem futuro pra você não! Aquilo ali é um pessoal que anda no meio do mundo enganando o povo. Mas eu disse: mas pai, eu queria ir, porque é bom a gente ver as coisas. Ele não deixou, e eu fugi de casa mais dois colegas e fomos assistir, fomos brechar os bonecos. Quando eu cheguei lá, botei um menino em cima do outro e eu me subi como se fosse uma escada. A casinha era pequena e era coberta de palha. Eu fui botando o pé, pra rasgar a palha pra brechar, o pé escapuliu e eu caí em cima do calungueiro Antonio Flandeiro.

Ele deu um grito, quase morre de um susto. Menino, valhe-me Nossa Senhora!, disse o Calungueiro. Ele tava tirando os bonecos de dentro de um caixão. Era boneco

preto, era boneco branco, era cão, era alma, era cobra. Era toda qualidade de bicho que ele tirava daquele caixão. E eu prestando atenção. Quando termina a brincadeira, ele vai e diz: você vai sair aqui, por essa janela. Ele não mostrava os bonecos a ninguém fora da brincadeira. Foi por isso que os meninos perguntaram ansiosos: me conta que visse lá, tu tava com ele! Conta tudo! Eu disse: só amanhã. Quando foi no outro dia, eu disse: negrada, vocês querem ser calungueiro mais eu? Os dois! Eles perguntaram: como foi, Gilberto? Eu só disse: vamos tirar uns paus. Aí, eu sai cortando pião, que é uma madeira que desgrça as roupas de nódoas. E eu cortei o pau e fui pegar um carvão; e olhava pra os meninos e fazia a venta, fazia a boca fazia a orelha. Mas eu não tinha o pano pra fazer a luva. Aí, eu roubei uma calça de meu pai, uma perna da ciloura de meu pai.

E peguei o pau de pião, enrolei e botei a mão por dentro, e rodava assim e dava certo. Peguei duas luvas e fiz com os dois paus de pião os dois bonequinhos. E pedi a minha mãe um saco de açúcar pra eu fazer uma empanada — que é o toldo de brincar por trás. E ela disse: meu filho, isso não tem futuro não. Tornei a pedir: mamãe, deixa eu ir pra frente, deixa eu botar a minha empanadazinha, pros meninos achar graça. Deixa eu fazer o que o homem tava fazendo.

Aí, ela me deu o saco de açúcar. E eu botei no cantinho da parede amarrado e disse aos meninos que ia ter boneco: negrada, menina-da aqui do pé da serra do Icapuí e Caiçara, vai ter boneco, hoje, lá em casa! Aquele calunga que brinca atrás do pano. Eu vou brincar hoje. E a entrada é um palito de fósforo. Isso eu já tinha nove anos.

Nessa época, a gente comprava uma caixa de fósforo e repartia a caixa pros três vizinhos, — mas menino é coisa sabida. Não brinque com menino, que menino é sabido. Os pais dos meninos tiravam umas abelhas nos matos e sobrava cêra. Aí, os meninos que não podiam dar o palito de fósforo novo, pegavam o palito de fósforo riscado e botavam a cerinha. E eles só me entregando... No meio de vinte meninos eu tirava dois palitos de fósforo que prestavam. Eles me enrolavam... E por aí eu comecei.

Uma vez, um tio meu, Vicente, fez uma calunga pra levar para Canindé, pra pagar uma promessa. Botou lá na cerca, bem feitinho, a calunga. Aí eu roubei. Mostrei a mamãe e ela falou: Vicente vai te matar, é pra ele levar para Canindé. Eu respondi: mamãe deixe. Ele faz outro. Deixe eu ficar com esse bonequinho, olha como ele é bonitinho. E eu ajeitei o bonequinho e cortei outra ciloura de meu pai.

Quando foi de noite, papai disse que ia à missa. Foi pegar a ciloura e aí... cadê? Duas cilouras sem perna.

Meu pai grita:

— Cília! — era Cecília o nome da minha mãe que me criou — venha cá! O que foi que aconteceu com a minha ciloura? Olha aqui: faltando as pernas.

— Caboquinho — era assim que meu pai me chamava — me diga o que foi isso nessa ciloura aqui.

— Eu disse: meu pai eu não vou mentir não. Eu cortei pra botar no calunga.

Meu pai ficou bravo:

— Eu não disse, Cília, que esse calunga não dava certo...

E fez aquela zoadá.

Mamãe, que nunca teve filhos e eu era benquistado por ela e ela por mim, passou a mão por cima:

— Rodolfo, deixe o menino. O neguim quem criou foi eu.

Aí, ele ficou calmo, mas ainda meu deu dois bolos de palmatória, por causa disso.

Agora, que tem calunga de verdade é dois palitos de fósforo, a entrada. Dois palitos. Aí, eu inventava aquelas sem-vergonheza, inventava uma historinha. Os meninos vieram, foram avisar aos outros. E eu já tirei quase meia caixa de fósforos. Papai, um dia, foi lá no lugar onde eu botava os fósforos, e viu um bocado e perguntou: meu filho, de onde vieram esses fósforos? Eu respondi: é que eu tô ganhando, meu pai.

E meu disse: É, parece que a coisa vai pra frente!

Já ia prá 12 anos. Eu já tinha o Baltazar.

Eu fiz o Baltazar com dez anos, ele está com 62 anos. De vez em quando, eu dou um cheirinho nele. Ele me deu muito de comer... Quando eu fiz ele, eu disse: agora é a dinheiro. Vou brincar a dinheiro. E veio um cabra rico de Aracati, chamado Chico. E disse: Gilberto, eu te dou a tua empanada. Ele me deu dez sacos de açúcar. Aí, eu pensei: eu vou fazer dois calções pra mim, vou tingir, e com o resto vou fazer a minha empanadinha. E fiz. Nessa época, já brincava a tostão, dinheirinho. E mamãe dizia: meu filho, parece que a coisa vai pra frente!

Com uns 15 anos, eu corria toda a redondeza: saía com Baltazar pra Quitérias,



RELATO DE VIAGEM

Mestre Gilberto nasceu para o que é. Nasceu para ser calungueiro. Foi o que sempre quis ser e é o que faz com maestria: domina a cena do teatro de bonecos. Aquele homem forte, rígido à primeira vista, contagiou-nos com sua sensibilidade ao narrar sua história de vida. Foi ao lado de Baltazar, o boneco que ele confeccionou há 62 anos e que ganha vida pelas mãos do Mestre, que a conversa aconteceu. Ao ar livre, na casa do filho Marquinhos, no alto de uma falésia, característica daquela região litorânea, Gilberto Calungueiro e Baltazar nos brindaram com o privilégio de conhecer suas aventuras, entre risadas e engasgo de choro. Era uma manhã de chuva com sol, um cenário de “casamento de raposa”, presenteado pela natureza que parecia conspirar a favor de quem lida com a imaginação.

Tremembé, Melancias. Um tempo, eu fui a Canindé. Eu fui indo no meio do mundo, com Baltazar nas costas.

O Baltazar é de umburana. E foi o único Calunga que não morreu. Esse é o artista dos bonecos. Esse tem tanta história pra contar... que só vendo. Quando eu chegava do mar, ia lá reparar na mala se ele tava lá, se os os meninos tinham mexido. Eu sempre disse aos meus filhos: não é pra bulir aqui. E lá se vem, lá se vem, lá se vem....

Pra ser mestre, não é só chegar e dizer que é mestre não, precisa ser bom naquilo que faz. Isso aqui também tem ciência, tem que agradar o povo. Isso aqui não é só botar na mão e dizer: boa noite pessoal e acabou-se, não. Aqui tem de ter a história boa pro povo achar graça. Isso aqui é uma arte popular, é pra todo mundo achar graça.

A minha apresentação, se eu for num lugar num dia, é uma, se eu for no outro dia, não é a mesma. Eu conto outra história. Eu tenho a história do padre, do pastor, pescador, história dos dois doutores que vão ensinar, dos dois gêmeos, história da cobra, da alma. Eu tenho história de todo tipo e

crio histórias de mim mesmo. Tem muita história, adivinhação.

Quando eu recebi esse título de mestre da cultura... Isso, pra mim, foi uma glória, eu quase... meu Deus... Eu me abracei com meu menino, peguei a chorar! Porque... Eu pensei: pra você ver o que meu pai me dizia e hoje eu cheguei a ser Mestre da Cultura Popular. Em todo canto que eu chego gostam da minha conversa, das minhas histórias. Eu conto história mentirosa, eu conto história do mar, conto história de todo jeito. Eu tenho uma embolada de coco que eu canto, dos bonecos. E por aí eu saio, tirando as brincadeiras, todo mundo gosta das minhas brincadeiras. Agora esse neguinho aqui, o Baltazar, não sai da mão. E a gente vai andando no mundo, e quanto mais eu ando, mais eu aprendo.

Sou muito satisfeito em ser Mestre da Cultura Popular e ter meu filho, que já está quase imitando. Marquinhos, meu filho calungueiro, filho de Gilberto Calungueiro. Ele já vai a Brasília mais eu, Rio de Janeiro, ele foi à Florianópolis, ele foi à Santa Terezinha, foi Bahia, Paraíba. E aqui no Ceará quase todo. Tudo andando mais eu, sempre. Não

falta brincadeira para nós, não! Mesmo aqui, em Icapuí, nós brinca aqui e acolá, duas brincadeira no mês, nós brinca. Num mês não falta uma brincadeira não. Ele vai ficar no meu lugar. Eu me orgulho disso. Eu lá no cemitério mas eu tô vendo ele ir no meu lugar. É o que eu estimo e quero, que ele não abandone nunca esa brincadeira.

O teatro de bonecos, é muito importante conhecer, porque é da cultura mais velha que nós temos no Brasil e no mundo inteiro. Eu queria que a mãe, o pai levassem os filhos para ver a brincadeira, pra eles saberem como foi, como é que começou, como é a brincadeira, porque, de tudo, a gente dá para aprender. A cultura popular não é para abandonar nunca. ✱





Mestre

Hugo

HUGO PEREIRA DE ANDRADE

Mestre em Dança do Coco

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Aracati – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 29 de abril de 1944



“Ser um Mestre me faz orgulhoso: é um orgulho de cantar, de saber levar aquele grupo na hora de precisão e resolver o problema.”

Eu sou Hugo Pereira de Andrade. Nasci em Majorlândia. Me criei em Majorlândia. Nunca me mudei para morar noutro canto. Moro em Majorlândia direto. E eu sou o Mestre desse grupo. O grupo dos cocos de Majorlândia. É a Dança dos Cocos José Mendes.

Essa história vem de muito tempo. Eu era menino, 10 anos, Papai já tinha o grupo dele — José Francisco de Andrade, José Mendes — de homens. Eu era menino. Eu e meus três irmãos mais velhos, a gente passava a noite dançando nesse grupo. Era dia de reis e todos dias de festa — era uma tradição

Dia de Reis, dia de festa, a gente ia dançar o coco. Passava a noite dançando o coco. Não sentia nada. Eu menino no meio dos homens, eu e meus irmãos mais velhos. Levamos a vida até agora, dentro do coco. Depois que fiquei adulto — papai também e meus irmãos — aí começamos um grupo grande e ele era quem comandava. Ele convidava. E nós íamos dançar, sem problema nenhum.

Saía para todo canto. Às vezes, a gente ia dançar em Fortaleza. Aqui, nos tempo de festa: era dia de festa, dia de ano... Então, os turistas vinham da cidade — Fortaleza ou Aracati —, vinham pra cá e a gente ficava

dançando com eles a noite todinha. Eles davam um “cachezinho” pra gente.

O grupo era formado com 12, 15, até 20 pessoas. Só homens no grupão. Antes, era mesmo só homem. Mas depois de a gente dançar muito tempo assim, papai botou as mulheres para dançar também no grupo. Chamou as mulheres. Inclusive, me lembro ainda, a gente dançava a roda de homem por fora e a mulher no meio, dançando no meio. Mas na mesma hora.

Eu comecei a assumir esse grupo nessa casa. Nós dançando, e papai doente — já bem doentinho — pediu que eu assumisse. Eu era muito novinho, assim sem saber direito. Eu não tinha ainda o jeito, o ritmo. Mesmo assim eu disse: tá certo, papai. Aí, eu fui e comecei a ensaiar ainda com ele. Ele com a voz bem fraquinha, e eu dançando com ele, ajudando ele a cantar. Foi a última vez que eu trabalhei com ele.

Faz mais ou menos uns 25 anos que eu sou líder desse grupo. Como Mestre faz pouco tempo. Mas fazer os cocos, embolar e cantar, faz mais de 20 anos. Eu, mesmo, na minha idade avançada, tenho 76 anos, ainda brinco no meio deles e sinto alegria. Me dá alegria



RELATO DE VIAGEM

A areia branca da frente da casa da mãe do Mestre Hugo, uma senhora quase centenária que ainda tecia em seu tear de labirinto, foi o terreiro da dança e do prostrar franco e ligeiro com o Mestre do Coco da praia de Majorlândia. O Mestre juntou os tocadores e os brincantes, em uma das brechas da pandemia da COVID, para cantar e embalar os dançarinos ao ar livre e com o frescor dos ventos que vêm do mar logo ali à frente. Toda a família reuniu-se e foi plateia do grupo, que vicejou alegria em tempos de distanciamento social.

estar com eles. Inclusive, eu fui Mestre porque eu lidero o nosso grupo dos cocos; eu fiquei mais contente ainda depois disso.

Depois que eu fui Mestre, ficou um pouco diferente. Por quê? Porque eu aprendi mais coisa que eu não sabia. Se eu não tivesse sido Mestre desse grupo, eu não tinha essa liderança que eu tenho hoje. E ser um Mestre me faz orgulhoso, é um orgulho de cantar, de saber levar aquele grupo na hora de precisão e resolver o problema.

Quando fui escolhido Tesouro Vivo, eu recebi a notícia em casa. Eu ia ser Mestre da Cultura. Tesouro Vivo! Eu nunca tinha sido aquilo. Fui pra Fortaleza receber o diploma. Lá para o Teatro José de Alencar. Foi muita gente.

E depois que eu fui nomeado, mudou uma grande coisa. O negócio melhorou mais pra mim. Porque minha vida foi de trabalhador, trabalho cansado... trabalhador de enxada, pedreiro... minha vida era essa... Mas mudou mais um pouquinho porque eu já sou aposentado e tive mais outra aposentadoria como Mestre da Cultura. Agora, também a comunidade sabe que eu sou um Mestre da Cultura. O segundo Mestre da Cultura no lado leste do Ceará.

E eu sinto que eu tive mais um privilégio em relação ao grupo. E eu sou mais do grupo.

Eles concordam comigo. Quando convido: vamos fazer isso? Eles dizem: vamos fazer!

Não é desfazendo dos outros grupos, mas esse nosso grupo é um grupo mais especial. Os outros grupos têm o coco, a dança, pandeiro, ganzá, outros instrumentos, têm muitas coisas. Nós temos a dança, o caixote e o ganzá. São esses os instrumentos que dão o ritmo. Eles dão o som, a altura que a gente dança.

As cantigas são as emboladas. Isso aí é na cabeça da gente. Tem a “Helena”. Tem o “boi me deu”. Tem o “maneiro-pau”. Tem “andorinha branca”. Tem várias músicas.

Meu pai sabia tudo isso aí, como eu sei. Hoje em dia, eu aprendi também isso. Porque ele cantava e eu também. Aí tem um cérebro que a gente tem na cabeça que grava. Não é a música que vejo acolá, que aprendi com fulano de tal... Não! As músicas saem da minha cabeça. Eu faço improviso na hora, mesmo! Eu, como Mestre da Cultura, Mestre dos Cocos, eu canto, eu danço e improviso com o som do meu ganzá.

O mais difícil na Dança do Coco é cantar. Porque dançar você está vendo o outro do lado. Eu estou sabendo quem está ali dançando. E cantar é mais difícil. Fazer uma música, uma embolada. É preciso inventar, improvisar.

O grupo é da família. Tem mais gente da família do que de fora. Porque os extras, às vezes, não querem ir. Então, é sobrinho, irmão, um filho, um neto. Minha irmã é uma das pessoas que é a cabeça do grupo. Ela é quem resolve as coisas, inclusive roupa... tudo é ela quem faz. São mais os da família que chegam mais perto. Às vezes dizem que a gente só chama a família. É não! É porque os da família estão mais no ramo. A gente chama o pessoal de fora e eles não querem.

O mais novo no grupo agora está com oito anos. Nós estamos fazendo uma coisa que é para incentivar esses novos do grupo, porque é como eu falo aqui: A dança do coco não pode se acabar! A gente tem todo um tempo de se viver aqui, um dia posso ir, mas vou deixar um sobrinho, um neto no meu canto. Já tem um que ensaia comigo, brinca também comigo. Já canta. Não é muito que nem eu mas já me ajuda muito. Um bocado de música ele já sabe cantar, pouquinho, mas ele sabe. Foi como eu, no começo, eu não sabia, mas fui aprendendo. Muita música eu sei, eu invento e dá tudo certo. Então, os mais novos, para onde a gente vai, eles vão, e com a maior vontade do mundo, eles vão brincando com a gente. Onde a gente está, eles estão. Inclusive para Fortaleza.

Eu imagino que se não fosse essa dança, minha vida seria um pouquinho diferente.

Aliás, a vida que a gente tem: eu, meus amigos, minha irmã e todo mundo, seria diferente. Se não fosse esse grupo, talvez eu não tivesse essa liderança que eu tenho aqui. ✨





Mestre

Seu Jaime

JAIME ARNALDO RODRIGUES

Mestre em Artesanato de Mosaicos
(ladrilhos hidráulicos)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Barbalha – Região do Cariri

NASCIMENTO 17 de agosto de 1942



“Eu dou valor ao mosaico que eu sustentei.”

Eu nasci em 1942, no sítio Venha Ver, município de Barbalha, e hoje estou aqui ainda. Nessa vida toda, aqui em Barbalha. Meu nome é Jaime Arnaldo Rodrigues.

Minha história começa assim. Em 1960, eu vim trabalhar de servente, para um patrão lá do Cedro. Já estava com seis anos que ele tinha essa fábrica, quando eu cheguei lá. Trabalhei uns tempos de servente. E aprendi. Quando foi em 61, eu passei para a prensa. Fazendo o mosaico. De 61 até hoje, meu rojão é mosaico. Eu tinha uns 18 anos. Já faz sessenta anos, justinho.

Em 1977, era muita encomenda, muito serviço. Eram cinco prensas rodando. De Alagoas a Belém do Pará, tem nossos mosaicos lá. O mosaico dele era muito bom, muito bem feito. O povo vinha daqueles mundos comprar os mosaicos naquele tempo.

Na década de 70, começou a aparecer cerâmica. Muito bonitas, coloridas. O povo achava que ela tinha a mesma força do mosaico. Tudo novidade. E ficou muito barata a cerâmica, e o mosaico perdeu a sua potência, suas vendas. Foi fracassando, fracassando. Nesse tempo, ninguém dos mosaicos vendia quase nada. Em 1978, ele resolveu acabar a fábrica.

Desmanchou tudim. Despachou todo mundo. Eram 25 homens que tinha lá rodando, fazendo mosaico. Servente e fabricante.







RELATO DE VIAGEM

A mesa posta para um café ao final da entrevista e uma conversa animada com o Mestre e seus familiares pareciam algo improvável, quando chegamos pela primeira vez à oficina de seu Jaime, que é ao lado de sua casa. Sim, fomos duas vezes ao local para falarmos com ele. Nesse primeiro contato, ele, sentado na calçada, não arredou pé: estava aguardando um caminhão para entrega de material. Marcou para o dia seguinte, em horário cedo, para não atrapalharmos o serviço. Obedecemos e, aos poucos, Mestre Jaime foi se empolgando, contando seu percurso na vida. Um homem dedicado ao trabalho. A primeira impressão era confirmada por toda a sua história.

Mas o patrão resolveu acabar. Venderam alguma coisa que tinham, uns prédios. Quando despachou os empregados, ele me pediu para ficar com a chave e mostrar a algum interessado que quisesse comprar um dos prédios. Fiquei com esse compromisso. O povo chegava, eu mostrava. Depois de três anos que a gente tinha fechado, o povo começou a procurar mosaico de novo.

As cerâmicas começaram a dar defeito no esmalte. Os clientes que já tinham mudado o piso vieram atrás para botar mosaico de novo. Mas não tinha mais fábrica, ninguém queria mais fazer mosaico. Eu resolvi conversar com o patrão. Eu disse a ele: Seu João, gente que comprou mosaico há trinta anos estão querendo remendar os mosaicos, que o piso arriou. Assim ele disse para mim: fale com a coletoria e vá fazendo o que o povo pedir.

E assim, em 83, eu já comecei aqui por minha conta. Botei uma prensa lá onde é minha sala hoje. Eu tinha um barraco ali atrás. Resolvi vender e fazer um galpãozinho de telha, uma latada de telha, e o que sobrou fui organizando. E já tinha gente atrás, até desses desenhos que comprei do patrão antigo.

Então, o pessoal começou a chegar. Era um espatifado de cerâmica que o povo não queria mais. Começou a chegar gente de todo canto. Hoje está vindo gente de São Paulo atrás de mosaico aqui. Está com cinco anos que a Cultura do Rio de Janeiro veio aqui, juntou-se com a do Crato, e eles vieram bater aqui. Desse tempo para em diante, eu não parei mais de trabalhar. Passa assim dois dias, três dias parado mas o povo sempre atrás. Só não tem mais fila porque o povo de fora é mais interessado do que os nossos. Veio uma arquiteta do Rio de Janeiro para fazer um bocado de revestimento para o Hotel Verdes Vales. Salviano, que é o dono de lá, mandou ela aqui. E ela ficou doidinha quando viu nossas coisas. Para ela, eu fiz praça, fiz painel. Está lá tudo assentado. Ela disse que, se eu chegasse com ela no Rio de Janeiro, a gente ia ganhar muito dinheiro. Porque, por aí, eles fazem, mas é serviço mal acabado. Eles não pintam como nós.

Quando eu montei, eu tinha um bocado de colega que tinha trabalhado comigo na fábrica anterior. Resolvi chamar eles. Pegava um serviço de um mês — conforme o tempo — e eles vinham me ajudar a fazer. Hoje eu tenho quatro rodando e um servente.

Para fazer o mosaico, nós temos a mistura do cimento comum, a base que segura. Tem as tintas, os pigmentos. Tem o sílex — o sílex é que vai entrar mais o cimento branco para virar pedra. Vem o cimento preto, o pó de pedra. E umas areias bem fininhas que vem lá do centro da terra. Precisa caçar nas veias dos riachos, aquelas partes que as enchentes deixaram lá. Essa areia bem fininha, a gente passa em uma peneira de *nylon*. Tem também as peneiras e as medidas (para medir e não ficar um diferente do outro). Importante são as cores. Tem diversas cores (cada cor tem uma quantidade da tinta). Para as cores é que tem as medidas também. Botar direitinho para não ficar esmorecido. Para não ficar mais fraco nem mais forte. Ficar tudo igual, todas as peças. Você pega em uma pedra nossa, esse mesmo material está com a mesma força do cimento comum. Mas se eu não medir direitinho, pode ficar uma mais fraca e outra mais forte. E o maior cuidado é nessa medida de material. Esse nosso mosaico vai ficando velho e vai ficando mais forte.

Esses desenhos, o padrão antigo comprou lá em 56. Naquela época, tinha muita fábrica de mosaico no Nordeste, toda cidade tinha, e os viajantes vinham de São Paulo com os desenhos no papel. E se você se interessava pelo desenho, achava que ia ser bonito, ia ser bom, fazia o pedido que eles mandavam de São Paulo. Quem fabricava esses moldes eram os franceses, lá em São Paulo. Aqui a gente não fazia. Aqui a gente chama modelo mas o nome certo é molde.

Eu ainda tenho um bocado deles que veio dessa época. Tem uns que eu não posso nem pensar em quebrar. Se quebrar, não posso nem soldar que a solda não é essa nossa aqui, de fogo. É um calor que eles têm lá. Um

rapaz explicou o jeito de fazer os moldes: corta a peça, bota na forma, no tamanho certo e faz um preparo e dão um calor na energia para eles se unirem. É tanto, que tem uns desenhos que não se vê a solda. Mas quando a gente bate, aqui e acolá ela descola um pouco. É preciso consertar. Tudo de metal e bronze.

Desde a época que comecei a fabricar, não mudou nada. A receita, ainda hoje, ela continua. Eu só modifiquei assim: a cor. Essas cores eu modifiquei um bocado delas. Mas a dosagem é a daquela época. Eu fiz uns mais fortes, que lá naquele tempo, era muita venda, e a concorrência era muito grande, e eles queriam fazer um negócio mais barato para poder ter saída, né? Mas quando eu peguei, eu não fiz isso não. A venda já é pouca, se o danado do mosaico não prestasse, ia ficar difícil para mim

Se eu sou Mestre? Sei lá o que é que eu sou? Mas eu achei bom ser escolhido. Chegaram e me perguntaram tudo. E fizeram um jornal, uma revista, cartazinho. E me deram um salário. Isso é o que eu preciso mesmo para poder ser Mestre de vera! Essa indicação de Mestre, eu fiquei feliz. Resolveram me dar esse título porque eu sustentei a tradição até hoje. Porque todo mundo abandonou, ninguém quis mais, ninguém tinha mais fé de voltar. Eu não tinha o que fazer. O povo pedia, assim uma coisinha, dois metros. Quem é que quer fazer dois metros? Pegar um horror de material desse e fazer dois metros de serviço? Ninguém queria. O cabra só quer coisona grande, de carrada. Eu não. Pessoal chegava aqui dizendo: homem vou perder meu serviço, meu piso... tá faltando tantas pedrinhas. Se o senhor não fizer, vou perder 30/40 metros, porque não tem outra peça para botar. Assim, eu pegava o



serviço e fazia. E eu também fui tomando gosto no negócio, e o pessoal foi enchendo a notícia. Eu só podia sustentar se tivesse uma propaganda. O pessoal dizer que eu faço. Hoje todo mundo sabe e ensina onde tem o mosaico.

Hoje eu tenho um filho que ele já faz. Além dele fabricar os desenhos, esses mais difíceis, faz também a mistura dos materiais. Porque cada uma dessas tintas pega quatro ou cinco tipos de material. E se você errar uma colher de sopa de um traço para o outro, pode atrapalhar, porque fica uma mais do que outra. A dosagem tem de ser tudo medidinho, tudo certo. Porque tem de ter muito cuidado para não perder a quantidade das medidas. Nem botar demais nem botar de menos. Uma noção: uma pessoa me pede um azul, se botar demais vai passar do azul. Se eu botar de menos vai diminuir a cor. Eu não posso tirar nada de um para o outro. E para precificação é as medidas dos cimentos. (4 pra 1 ou 3 pra 1). Se botar demais, fica forte. Se botar de menos, faz esmorecer. Tem que ser um negócio para não errar. Na hora que começa a secar é que se vê a diferença.

A cor já diz. Logo na hora que faz, não vê, porque estão molhados. Só vê quando tá acabando de secar.

Eu tenho um orgulho danado do que eu construí. Porque eu nasci sem nada, não tinha nada e hoje comando uma tropa. Tem minhas risadas do mesmo jeito, de tardezinha, e tem meus colegas, que a gente conversa e bate papo... E tudo na alegria. Gostam de mim e eu gosto deles todos. E esse respeito que eu tenho. Eu dou valor ao mosaico que eu sustentei. Eu faço os serviços e eles levam. Quando é com 10 anos eu pergunto e eles dizem que está de “primeira”.

E com essa vinda de jornal e revista e cultura e faculdade, acabei de ficar mais orgulhoso. Hoje eu tenho um orgulho danado porque eu cheguei até aqui. Todos eles me elogiam. Porque eu sustentei! ✨

Mestre

Lucas Evangelista

JOÃO LUCAS EVANGELISTA

Mestre Cordelista e Violeiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Crateús – Região dos Inhamuns

NASCIMENTO 6 de maio de 1937



“Eu me criei à custa da cultura, fazendo cultura.”

Nasci na Ingá, zona rural do Município de Crateús. Num local chamado Várzea da Calambanha, no meio do Açude do Car-naubal. O meu nome é João Lucas Evangelista — um nome dado pela minha mãe. Aí, como mestre me batizaram como Mestre Lucas Evangelista. Eu morava em uma casinha muito humilde lá no sertão de Crateús. A porta era uma esteira. Era toda de taipa e a maior parte da cobertura era de palha, só uma pequena parte que era coberta com telha. Eu me lembro muito. Já fui lá várias vezes como uns amigos, pesquisadores, mostrar onde eu nasci.

Minha mãe era uma mulher que gostava de poesia. Então ela tinha muito texto de versos na memória e contava histórias à noite pra gente, pra mim e pra meu irmão. Meu pai também gostava de cantar versos, essas coisas... versos antigos.

Ele morreu de sezão, uma febre, em 1940. Eu tinha cinco anos, e o meu irmão três anos ... E nós começamos a pelejar para sair fora, na luta de viajar e eu fiquei mais minha mãe viajando, andando, ajudando ela a ganhar a vida pra nos sustentar. Porque nós não ficamos com nada quando meu pai morreu.

Mas quero frisar que a herança maior que eu tive da minha mãe... ela não me deixou mais nada — são as lembranças das toadas que ela cantava e dessas toadas eu fiz, versos que ganhei muito dinheiro, como foi a Carta do Marginal.

Quando eu era pequeno, o pessoal me botava mais dois, três, quatro meninos pra ir chamar uns tocador — tocador de harmônica — naquele tempo era harmônica... pra fazer um forró. E aí juntava moça e rapaz naquelas fazendas — ou engenhos — aonde a gente trabalhava, eu e mamãe. Ela trabalhava lutando com o gado e cada dia ela ganhava era 2,50 réis — dinheiro daquele tempo — e eu ganhava a metade e servia para ajudar na nossa vida cotidiana, porque eu dava tudo para ela. Nas casas de farinha, mamãe era raspadeira de mandioca, e eu passava o dia todim carregando mandioca — do roçado para a casa de farinha. Por isso que eu fiz muita coisa dizendo assim: “eu já montei muito em touro/já botei máscara em touro/tangi burro em bulandeira/torrei farinha no forno/já tirei manipueira/mas a coisa mais bacana/foi ver o namoro da serrana/no balanço da peneira.”

De tudo que eu vivia, eu fazia uma gravação. Quando eu andava com os meninos pelos matos, pelos cantos por aí fora, eu já vinha montado num cavalo cantando uma música, a história do rei valente, de um príncipe brabo. Eu não sabia de nada disso. O que eu sabia era da minha mãe contar as histórias. Por isso que eu inventava.

Pois bem. Depois que conheci as letras, eu comecei a cantar. Comecei a fazer versos.

Foi assim que eu comecei a minha vida, que eu dei início toda esta arrumação da



RELATO DE VIAGEM

O prédio centenário da antiga estação ferroviária de Crateús foi o local escolhido pelo Mestre Lucas Evangelista para conversarmos. Desde o primeiro contato telefônico, ele fez questão de marcar ali nosso encontro. Apesar da importância da edificação para o município, o que motivou o mestre na escolha foi naquele local funcionar a Academia de Letras de Crateús. Membro fundador da instituição, ele ocupa a cadeira de número 8, cujo patrono é também um poeta popular, o paraibano Leandro Gomes de Barros. Memorialista, Lucas Evangelista, faz seus versos baseado nas histórias que ouvia de sua mãe, e em vivências cotidianas do passado mais longínquo e também de experiências recentes. Orgulhoso de sua obra, fez um relato emocionado de sua vida, sob o olhar do também acadêmico e amigo Raimundo Candido Teixeira Filho.



minha vida, e comecei a escrever e cheguei a ser um artista cantador, violeiro e escritor de verso da literatura de cordel. Eu descobri uma coisa, que poeta nenhum tinha descoberto ainda, uma modalidade de cantar. E todo poeta me pergunta como foi que eu criei aquela toada tão diferente de todos os violeiros do mundo. Minha viola não tinha o som dos mesmos violeiros. Minha viola era criada por mim, com minha personalidade. E foi aí que a minha toada pegou tanto valor, porque a toada da minha viola é diferente dos outros violeiros. Eles ficam cantando “lengue, tengue, tengue, lengue, lengue, tengue”. Eu não tenho lengue, tengue. Eu vou cantando a música, eu vou cantando a toada. Essa mesma toada eu cedi para muita gente e foi quando ela chegou ao comércio da música — ela foi gravada em forró, ela foi gravada na viola. Eu gravei na viola, mas também foi gravada em forró. Uma banda do Ceará gravou ela em forró. Daí, veio outra música: Caboclinha. Mamãe cantava essa música. Eu criava em cima do que ela cantava, eu criava uma toada.

Eu comecei a fazer versos para cantar nas praças porque eu via os cantadores de Juazeiro, de Pernambuco, cantando e declamando versos nas praças e vendendo os versinhos, o cordel... história disso e daquilo outro. Eu via os outros fazerem e ganharem dinheiro. E eu também comecei a ganhar dinheiro fazendo aquilo, depois que eu comecei a fazer versos. O primeiro verso que eu fiz foi Os Valentões do Sertão de Maria Pereira. Foi uma história que eu vi acontecer numa festa — uma briga do sertão. Depois, eu fiz a história que minha mãe contava de manhã. “Era uma vez, uma princesa, uma rainha na beira do rio vermelho, nas margens do Rio Vermelho...” uma história que mamãe contava pra entreter a boca da noite, debulhando feijão no sertão, contando

até meia noite, e o pessoal escutando. Contava até o fim da história, uma história linda que está escrita no grande romance A Princesa Irmã da Cobra, de Lucas Evangelista. contei em rima, do jeito que mamãe contava a história, em prosa. Então ficou uma história muito bonita. Essa foi a primeira história que eu publiquei. Quando eu recebi os exemplares foi a coisa mais linda do mundo. Botei na capa do romance uma princesa, um cartão postal — que naquele tempo se botava o cartão postal na capa de um romance. Botava era um cartão postal, não era um desenho. Depois eu aprendi a fazer xilogravura e os meus versos foram feitos com xilogravura, feita por mim. Mais tarde, eu cansei de fazer xilogravura e fiquei só no desenho.

Eu vendia verso era cantando na rua. Pra cantar verso antigamente... eu aprendi com o povo da praça de Fortaleza. Os artistas que vinham de Juazeiro, que vinham da Paraíba e do Pernambuco. Só poeta legítimo, e eu não sabia quem eram. Chegava nas praças e iam vender. Vendiam romance e outras coisas intermediárias... Um complemento do artista. Se ele não ganhou com o verso, ele ganhou com outra coisa. Ele vendia um cinto que ele tinha trazido de Juazeiro, um bocado de chapéu, uma mesinha, um óleo, a pílula que inventaram de matar vermes. O poeta tinha sempre uma coisa de lado. O companheiro dele era uma pasta com qualquer coisa. Eu comecei a vender verso e, quando chegava no meio do verso, eu parava. Aprendi com eles. Eu parava a história e dizia: só termino se comprar ao menos mais cinco versos. Brincadeira de praça. Então, a gente trabalhava brincando na praça e achava bom vender o versinho.

Eu fazia versos e, fazendo versos, eu fazia as toadas, botava as toadas. Foi quando veio o

“Fom, foron fom fom”. Quando eu fiz a música do Fom, foron fom fom, já fazia muito tempo que ela estava no meu pensamento, porque tinha um o sanfoneiro — um caboclo que não sabia nada, só bebia cachaça — ficava lá no pé do balcão e tocava num fole véi furado que ele comprou lá não sei de quem — uma sanfona velha furada — e arranjou um zabumba velho e um triângulo enferrujado. O pensamento era esse e aí foi quando eu fiz a música do Fom, foron fom fom:

Zé Davi, um cachaceiro/desses de pé de balcão/Resolveu ser sanfoneiro lá na nossa região/Conjunto Chico vida, pegou fama no sertão/No lugar onde passava/De tão ruim que ele tocava/Servia de mangação/Fom, foron fom fom foron fom fom/Fom, foron fom fom foron fom fom/Fom, foron fom fom foron fom fom/a poeira levantando/e os cabra bebo gritando/dizendo: ô, conjunto bom!

E assim foi que eu fiz a história do sanfoneiro Zé Davi. E a história foi contada, fiz ela em verso. Quem era o Zé Davi, como foram as presepadas dele...

O que eu faço é fácil de aprender, não é fácil é rimar. Rimar, só rima quem tem um dom de fazer a rima. Tocár, todo mundo aprende a tocar, e a história, todo mundo pode fazer a história, aprender a escrever história em prosa. Agora, criar a rima na história é que é difícil. É por isso que a gente não pode formar um aluno como poeta. Ele pode estudar, ser doutor, ser sanfoneiro, ser músico. Ser o que ele seja. Mas ser poeta, não tem quem o faça, se ele não trouxer o dom de dentro, pra rimar, pegar as rimas...

Eu ia subindo esses degraus, nas praças, nas cidades por onde eu andava, no mundo, em todo o Brasil. Eu achei que tinha de ser mais do que o pessoal achava que eu fosse, porque todo mundo gostava dos poemas que

eu fazia, dos versos que eu fazia, eu era uma coisa importante. Então eu achava que eu poderia ser alguma coisa mais... E aí, quando saiu este projeto da Cultura, dos mestres da Cultura, eu dizia que se aparecer um mestre da cultura sobre literatura de cordel, que não seja eu, tá errado. Ou tá errado ou tão mentindo. Por que além de cantar, de ser um poeta cordelista, eu gravo a história e ainda ensino as pessoas em oficinas, participo nos colégios de palestras. Faço tudo isto para o povo ver e aprovar. E ser mestre é fazer tudo isso. E eu fiquei muito satisfeito quando eu recebi a notícia que eu estava colocado no quadro dos mestres, com um ano que eu tinha me inscrito. Porque prosa, prova, pesquisa, eu já tinha feito muito, e muita gente já falava sobre mim. Mas nunca tinha recebido nada que me agradasse tanto quanto está no quadro dos mestres, porque eu sou filho da cultura, bebo água da fonte da cultura. Eu me criei à custa da cultura, fazendo cultura e não foi outra coisa. ✱





Mestre

João Paulo

JOÃO PAULO VIEIRA

Mestre em Reisado de Caretas

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Meruoca – Região do Sertão de Sobral

NASCIMENTO 6 de novembro de 1925



“A minha vida foi o reisado e o roçado.”

Meu nome é João Paulo Vieira. O nome do meu boi é Boi Estrela da Serra da Meruoca. Moramos nas Flecheiras, no sítio Flecheiras.

Eu comecei a brincar quando inventaram o “reisado de menino”, e um homem que morava perto de nós tomou conta do reisado. Tinha o reisado no São João, que brincavam os grandes, os mais velhos. Quando foi um dia, me convidaram para brincar — eu tava com idade de sete anos. Eles viram eu brincar e foram pedir ao meu pai pra deixar eu brincar no reisado dos grandes. Eu era menino... E meu pai disse: “eu não deixo ele brincar por toda parte do mundo e que eu não posso acompanhar. Agora, se eu pudesse acompanhar, eu deixava”.

O senhor que era responsável falou: “pode deixar o menino brincar mais nós, que a gente lhe garante que não acontece nada com o menino. Vai ser como nosso filho”.

Até que meu pai deixou! Comecei a brincar. Desse tempo pra cá, afamou muito... brinquei mais eles esses anos todos. Quando foi um dia, na hora da morte do boi, o caboco que era o chefe, ele falava demais, tava muito rouco. E aí o Mateu disse assim: “João Paulo, tu se atreve a ‘matar’ o boi mais eu?” E aí eu pedi para ele me dar uma explicação — que eu já tinha visto “matar” o boi, mas eu não sabia direito. O Mateu me falou rápido e começamos. Depois que nós “matamos” o boi, ele disse: “o menino fez um serviço melhor que o cumpade... o trabalho foi mais bem

feito!” E aí ficou a fama no mundo... até hoje ainda brinco. Mais de 80 anos de brincadeira.

Eu sentia muita alegria. Eu achava muito bom a brincadeira. Eu só tinha vontade no reisado. Outra coisa, não! Só o reisado e trabalhar. Meu gosto na vida era isso. Outra coisa, eu nunca procurei. A minha vida foi o reisado e o roçado. O reisado já veio do começo do mundo.

Quando ajustava um reisado, a gente combinava tudim. Na hora marcada, tava tudo no ponto para brincar. E nesse tempo não tinha história de carro, não. Era de pés, levava boi na cabeça... era burrinha, era tudo... as coisas do reisado... era de pés. Tinha reisado que a gente chegava em casa de madrugada, quando brincava longe. Hoje em dia, não tem mais esse tipo de reisado. É só uma coisa pra fora. Não é mais como antes.

Da minha época, tem gente que tem vontade, mas não brinca mais. E os mais velhos — que eu aprendi com os mais velhos do que eu — já foram embora. Da minha época, não existe mais nenhum. Eu continuo brincando. Ainda no ano passado, nós ainda brincamos.

O começo do reisado, a gente chega na casa onde vai brincar e se a porta está fechada, a gente canta para abrir a porta: (cantando) “ô de casa, ô de fora, manjerona é quem está aí... é o Cravo e a Rosa e a fulô do Bugari”... aí tem o sapateado. Diz o repente, depois o sapateado e outro repente....





RELATO DE VIAGEM

Para um cearense, a expectativa de subir a serra pode ser traduzida como uma chance de usufruir de uma temperatura ambiente amena — “um friozinho”, como a gente costuma dizer — quem sabe um oásis em meio ao calor acima dos 30 graus a que estamos acostumados. Ancorados na ideia de que o dia teria um clima agradável, afinal também contávamos com a época chuvosa, subimos a serra da Meruoca, cerca de 240 km de Fortaleza, para encontrar Mestre João Paulo. Sabíamos de antemão que o Mestre, de 94 anos incompletos, tinha sofrido um AVC e estava ainda em convalescência. Ele nos esperava sentado na varanda da casa do Sítio Conceição, ao lado da irmã Laura, quase centenária. Ficamos admirados com a disposição e jovialidade de ambos. Dona Socorro, segunda esposa de João Paulo, timidamente nos deu as boas-vindas. Conversamos ao ar livre. O Mestre não se furtou em andar até uma clareira próxima, onde, cercados pelo silêncio da mata nativa, ele contou-nos sua história. É verdade que não fez calor, mas isso não foi relevante frente à leveza e vontade de viver de Mestre João Paulo.



(Declamando:)

“Sendo o eixo liso grande, forças muito gaieira, sem ter um vaqueiro novo, tem que ser bom conselheiro. Chegando em cima da serra, se avistava as capoeiras, e onde logo se via gado sair na carreira. Acabou quem tomou a frente não se viu nem poeira. Distância de muitas léguas viu-se o cavalo arrancar. Ali mesmo se jogar, se jogar tudo igual. Peguei na cauda do boi, dei-lhe uma calcada feia. O boi quebrou o chifre. Só não quebrou o quarto por ser lugar de areia. Foi bezerro e foi garrote... não souberam te criar, não souberam te amansar. Mas hoje não obedece e caro vai te custar.”

Quantas pessoas no grupo? Muitas pessoas que eu nem sei da conta direito. Porque só figura limpa é: cinco índios, dois soldados, quatro damas, seis caretas e Mané Pequenininho, a burra, o macaco e a ema. O derradeiro é o boi, já no meio da brincadeira. Tudo tinha. Hoje em dia não tem isso. Hoje em dia só quem dá presença é o macaco e a ema, e algumas outras coisas não aparece mais.

A brincadeira é em janeiro. Às vezes, começa logo em dezembro. Nos tempos dos antigos, começava em dezembro, e quando era no dia 6 de janeiro, já matava o boi. Agora, hoje em dia, não. Às vezes começa em dezembro, brinca dezembro todo, entra em janeiro e brinca até fevereiro. Tudo mudado.

E eu ensinei muita gente depois que eu comecei a brincar. Uns que não sabiam de nada e hoje sabem. Está com uns pouco de anos que eu brinco com esses meninos da Flecheiras, e eles ainda não têm o sistema de brincar como eu. O camarada sabe muito repente. Mas saber os repentes e não ter queda no corpo não tem graça. Precisa o camarada ter repente, ter queda no corpo,

saber se requebrar. Mas não aprendem como que era. Como sou Mestre, ensino.

E o que é ser um mestre? É ser o mandão da tropa toda. Porque faz de conta que no reisado eu só sou brincalhão. Mas se eu não estiver no meio ninguém quer. Eu é que mando tudo. Quando eu entro, eu resolvo tudo! Isso é ser um mestre. E quando eu fui escolhido, fiquei muito satisfeito. Nunca tinha arrumado essa melhoria. Aqui nessa região, ficou a fama. No caso, não é nem o que o povo diz, mas é o grau que eu recebi.

A importância do reisado é a gente brincar, e todo mundo ter gosto com a gente. Porque quando a gente tá brincando, quanto mais as pessoas dão valor, mais a gente cresce. Mais a gente fica de cima.

(Declamando:)

“Eu subi terra de fogo, com alpargata de algodão. As alpargatas se queimaram eu desci com pé no chão. Desci na ponta da nuvem por um estralo de um trovão. Pisei em terra firme, com dois crucifixos na mão. De um lado São Cosme e do outro São Damião. Em prece, acode o cruzeiro da virgem da Conceição.” ✨

Mestre

João Pedro do Juazeiro

JOÃO PEDRO DE CARVALHO NETO

Mestre em Xilogravura e Literatura de Cordel

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 11 de junho de 1964



“Ser mestre é voltar a ser aprendiz.”

Meu nome é João Pedro. Conhecido como João Pedro de Juazeiro. Sou de Juazeiro do Norte, mas resido em Fortaleza há 20 anos e trabalho com xilogravura. É o meu ofício na sustentabilidade familiar. Iniciei o meu trabalho aos 16 anos de idade, como poeta-cordelista. Somente em 1998 é quando dou início na xilogravura. Em 1999, venho receber o prêmio do IBEU aqui em Fortaleza. Acontece também minha primeira exposição, no IPHAN, a primeira individual, e um *workshop*, ministrado por mim, na UFC. Resolvi ficar por aqui, trabalhando com a xilogravura. Antes, eu trabalhava com pomadas Padre Cícero e artefatos de alumínio.

A pomada Padre Cícero é uma pomada feita com produtos químicos. É uma pomada pra dor. Eu trabalhava vendendo ao romeiro a pomada Padre Cícero pra dor de cabeça, inflamação, inchação, coceira, pé rachado, frieira, dor nas juntas, dor nas costas, constipação, catarro no peito. Trabalhava no entorno da Igreja Matriz de Juazeiro, nos ranchos e também subindo até o Horto.

Mas a xilogravura proporcionou mais oportunidades, quando eu chego em Fortaleza. Vi a receptividade da primeira exposição, do prêmio e, também na UFC, dos alunos e professores. Então enxerguei a oportunidade onde o matuto poderia se encaixar e juntar o conhecimento de vendedor com o início também da xilogravura e trabalhar com vendas do meu trabalho e

ter o sustento familiar. Passei um ano vindo de Juazeiro a Fortaleza toda semana. Após um ano, resolvi fixar residência na capital

Minha aproximação da arte da gravura aconteceu em 98. Eu já convivía com ela. Mas não tinha o conhecimento sobre o que era a xilogravura e não tinha interesse. Eu convivía com os meninos na Lira Nordestina, levando os meus cordéis para serem editados. Convivia com Expedito Sebastião, Stênio Diniz, José Lourenço e outros mais. Já era tido como um da casa, mas eu não tinha interesse sobre a xilogravura. Meu interesse era a literatura de cordel. Com eles e também com os poetas, ali conversando, e a troca de versos, uma coisa e outra. Mas quando chega, em 98, eu faço uma pequena pesquisa para um cordel sobre o folclore, nessa época, a Lira Nordestina estava ali, onde funcionava a estação ferroviária de Juazeiro, Lira Nordestina e a AMAR – Associação dos Artista e Amigos da Arte.

A Secretária da AMAR era minha amiga. E quando ela soube que eu estava com esse cordel, sugeriu uma matriz dela para ilustrar o cordel, com o devido crédito. Entretanto, dias depois chegou um pesquisador de Fortaleza e comprou a ela umas três matrizes por um preço altíssimo e ia fazer a exposição dela. E ela comenta com os meninos que arrependeu-se de me passar essa matriz. Queria a matriz de volta. Eu agradei e devolvi a matriz.

Ela estava extasiada com todo o *glamour* que ia chegar para ela. E dizia: “eu vou fazer a minha primeira exposição na capital.” E me perguntou: “o que você faz com o seu cordel?” Respondi: eu edito e vendo a um cruzeiro — moeda da época — na escola. Daí, ela disse: “João Pedro, você anda esmolando com esse seu trabalho. Vender um cordel por Cr\$ 1,00. Vendi minha gravura por Cr\$ 50,00 cada. Você não faz arte. Isso não é arte. Arte é o que eu faço. Agora vou fazer uma exposição na capital.”

Dessa conversa, eu saí para a Lira Nordestina. Quando entro, dou uns cinco passos, me vem de súbito, uma expressão que eu não tinha em mente. Eu abro a boca e, sem pensar, disse: eu vou fazer xilogravura. Os meninos olharam pra mim e riram. E disseram: “João, você vai fazer xilo? Você não sabe desenhar, você não sabe escavar. Você nunca olhou a gente trabalhando, nunca se interessou. Você vai fazer xilo?” Respondi: vou.

Eu quero madeira. Eles me deram três pedaços de umburana e me deram um preguinho, um estilete, um pedaço de lixa. E eu fui pra casa, morava por trás dos Franciscanos. Saí da estação, fui para casa. No meio do caminho, eu pensei: Meu Deus, pra que eu falei isso? Que ia fazer Xilo. Nunca nem olhei uma xilogravura. Com tantas que tem lá na Lira, nunca olhei eles trabalhando.

Eu me arrependi do que tinha falado. Mas eu pensei: já que eu estou com os tacos das madeiras que eles me deram, eu vou fazer. Então eu fiz umas garatujas. Apenas uns riscos, dando a noção de imagem, e fiz um Frei Damião. Esse Frei Damião foi comprado pelo Professor Gilmar de Carvalho*, quando ele foi ao Juazeiro. E eu sei que eu passei a noite inteira trabalhando nesses três tacos de xilos, disformes. E amanheci o dia, e quando

cheguei pela manhã lá na Lira e pedi aos meninos para imprimir. Eles imprimiram e disseram: “João, ficou ótimo!” Daí, eu disse: eu quero mais madeira.

E fui começando. E passava a noite trabalhando, fazendo gravura. Amanhecia o dia na calçada da Estação, esperando eles abrirem a Lira Nordestina, para eu imprimir. Eu não dormia à noite. No terceiro dia, o Zé Lourenço disse: eu vou te ensinar a imprimir, porque eu sozinho aqui, vivo imprimindo de todo mundo. Mas como você vive direto aqui na Lira, você vai imprimir as suas gravuras.

Nessa época, o professor Gilmar de Carvalho estava fazendo sua pesquisa sobre xilogravura. Ele fornecia todo o material para os xilógrafos. Mas eu não era xilógrafo e, mesmo assim, eu comecei a pegar as madeiras toda noite, e isso foi incomodando, porque eu estava acabando com toda a madeira da Lira. Todo dia, eu estava gravando a noite inteira. Não dormia à noite, gravando. Chegaram a ligar para o Gilmar dizendo que eu estava acabando com a madeira, com o papel, com a tinta. O Professor respondeu: “deixem o João Pedro trabalhar, que ele vai ser um bom xilógrafo”. Então, são 30 e poucos anos até hoje. O professor Gilmar continuou comigo, me apoiando e acompanhando o meu trabalho. Com ele, fizemos muitas coisas. Destaco, no início, o álbum *Mitos do Nordeste*. Então, eu trabalhei nesse álbum: meu Padre Cicero, Frei Damião, Lampião, Maria Bonita. São 14 grandes heróis nordestinos, santos e cangaceiros e também escritores e beatos.

O professor Gilmar de Carvalho é uma das maiores mentes maravilhosas e benevolentes que temos na contemporaneidade, a mente mais brilhante. Tudo quanto ele toca vira ouro. Quando ele pegou os gravadores de Juazeiro... Hoje os gravadores estão nos

*N. do E.:
Na época dessa entrevista, o Prof. Gilmar de Carvalho estava vivo e atuante.

patamares, nas grandes galerias, saindo para fora do país! O João Pedro chegou a Mestre da Cultura. E ele agora pegou os rabequeiros que também estão até participando com a orquestra. Com ele, então, tudo brilha.

Quando comecei, eu passei a pegar restos de madeira no chão. E aí eu fui me reciclando bem mais, porque eu pegava aquelas madeiras com defeitos e aqueles defeitos tinha que surtir efeito. Então eu fui me aprimorando mais, eu fui evoluindo mais. É tanto que hoje eu trabalho com qualquer tipo de madeira.

Não tenho esse problema de trabalhar com madeira qualquer porque na região que chego — quando eu vou ministrar a oficina — uso madeira local. Porque trabalhar sempre com a matéria prima do Cariri, se torna caríssimo. Imagina o pessoal vir de São Paulo para Juazeiro do Norte, comprar o tronco de umburana, mandar cortar, serrar madeira e levar o taco de umburana? Então eu sempre trabalho com a madeira local, com todo tipo de madeira, e com isso eu aprendi bastante.

O meu momento de ser um xilógrafo é no momento que um cliente está comprando a minha gravura, no momento que uma pessoa está dando a atenção a mim, ao meu trabalho, porque eu não sou xilógrafo. Eu sou uma ferramenta de composição da xilogravura. Não existe um xilógrafo formado. A cada dia ele necessita se reciclar, evoluir.

A xilogravura já me deu muita coisa. Então, eu acho que isso serve para me fortalecer e, como se diz, afiar um pouco mais essa ferramenta de composição da xilogravura. Eu fiz apenas duas viagens para fora do país, que foi para a África e para Portugal. Fui para Coimbra e para Cabo Verde. Exposições, eu fiz uma individual na Alemanha. Em vários países, já fiz várias exposições. E tenho vários prêmios: Sesc daqui e Sesc de São Paulo, o







RELATO DE VIAGEM

João Pedro saiu de Juazeiro do Norte, mas não esqueceu um dos preceitos do Padre Cícero: manter sempre um altar na sala e uma oficina no quintal de casa. Xilógrafo, gravador e cordelista ele produz suas muitas e belas criações — preto-e-branco e coloridas — na oficina com prensa e diversos materiais da lida, em sua residência, no bairro de Jacarecanga, região central de Fortaleza, onde ele abriu as portas para nosso encontro, e pudemos constatar sua vasta produção. Cioso do seu trabalho, o Mestre mantém rotina de estudos, experimentos e busca de novas formas de juntar tradição e contemporaneidade.



prêmio do Ibeu. E também várias comendas e homenagens.

O cordel, continuo fazendo. Tanto escrevo o cordel, como edito também. Não só cordéis meus. Mas de alguns amigos também. A tipografia Padre Cícero é minha editora de cordel. Mas não uso o nome editora. Uso o nome tipografia. Tipografia e folheteria. Não uso o nome editora e nem livraria.

O povo diz: “João Pedro é do tempo da lamparina”, porque eu gosto de juntar a tradição com a contemporaneidade. É assim que temos uma história completa. Então, eu continuo fazendo cordel. Meu cordel é bem tradicional, com xilogravura. Continuo fazendo, escrevendo, editando. E livros também. Teve um que foi o meu primeiro livro sobre xilogravura, que foi contemplado pelo BNB e editado em 2008. E teve a segunda edição por conta própria e a terceira edição pela editora Queime a Bucha. E agora ele está sendo reeditado novamente.

Ser mestre é voltar a ser aprendiz. É aprender. Porque ser mestre não é somente aquele que ensina, aquele que repassa seus conhecimentos, mas o que divide os conhecimentos e adapta os seus conhecimentos com as inovações que surgem com aqueles que estão com ele. Então, eu acho que ser Mestre é, no meu caso, uma retomada ao início, à minha iniciação; estou fazendo isso e trazendo tudo à tona novamente e estou buscando mais desenvolvimento e adaptando meus conhecimentos com os que estão surgindo, readaptando meu trabalho com a modernidade. Eu acho que ser Mestre é justamente isso. É você acompanhar o desenvolvimento, evoluir um pouco mais e evoluir também aqueles que estão com você.

A maestria está no fazer. O importante não é eu ser Mestre. É fazer coisas com

maestria, coisas boas. Porque o que irá me dignificar serão as coisas boas que eu fizer. Então acho que o importante não sou eu. É o meu trabalho.

Eu me apoio nisso. E esse reconhecimento que foi feito, eu só tenho a agradecer a essas pessoas que estavam na curadoria porque eles são bem mais mestre que eu. Que mestre é aquele que torna um outro mestre. Esses são mestres. Eles tiveram um olhar bom, um olhar grandioso, de qualificar a minha pessoa como mestre.

E tenho que agradecer ao Governo do Estado, que criou esse projeto, para os Mestres da Cultura, os Tesouros Vivos, porque eles pensaram não só em qualificar o artesão, mas também em dar oportunidade para eles terem continuidade, com esse salário para eles. E eles não pensaram só em homenagear. Eles pensaram em tudo. Eles dão a cobertura completa e estão sempre acompanhando nosso desenvolvimento.

Quando eu recebi o título de Mestre, eu já era bastante reconhecido. Porque eu tenho um currículo bastante grande, com dezenas de exposições, tanto aqui como no Sul, fora do país, em vários países, vários prêmios e dezenas de oficinas. Mas o título valeu para modificar muito algumas mentes com julgamentos pejorativos a meu respeito. Eu acho que esse reconhecimento veio mudar muito isso. ✨

Mestre

Joaquim Roseno

JOAQUIM FERREIRA DA SILVA

Mestre da Dança de São Gonçalo

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Quixadá (Sítio Veiga, Distrito de Dom Maurício) – Região do Sertão Central

NASCIMENTO 19 de fevereiro de 1939







“O dia da dança é um dia de alegria. É uma festa.”

Meu nome é Joaquim Roseno, mas eu me assino por Joaquim Ferreira da Silva.

Nós começamos a dança de São Gonçalo por causa do meu pai. Ele tirava a dança mais minha tia e uma prima. Aí ele morreu. Ficou um tio mais um outro colega. Depois ele parou de tirar. Eu já vinha treinando com meu pai. Uma vez, ele me disse: rapaz, é você quem vai tirar mais eu, Joaquim! E eu sei?!, eu perguntei. Ele respondeu: Sabe, é daquele jeito que você tira.

Aí eu comecei a tirar. Eu acho que estou na base de quarenta anos que eu danço. Tirei mais um, tirei mais outro. Agora estou tirando mais um sobrinho. Eu nunca me acanhei de entrar, ensaiar mais outro. E sempre digo: enquanto eu puder tirar, eu tiro todos os anos, essa dança de São Gonçalo, se Deus quiser!

Essa dança foi São Gonçalo quem inventou. Assim dizem. Tinha um mulhério danado... Era na festa todo dia, toda hora da noite. Aí, São Gonçalo, pra não perder um horror de alma, inventou essa dança para ver se salvava um bocado dessas mulheres. E foi assim que São Gonçalo fez e dizem que salvou um bocado de alma! Mas sempre eu digo que só salva se for velha, porque se for nova, não enfada e dança a noite toda. Eu, quando era era novinho, dançava nas reza, e quando era de sábado para domingo, nós terminava a dança de São Gonçalo e pegava no forró. Dançava até de manhã e não cansava, não!

No meu grupo de São Gonçalo, são 14 pessoas: são doze dançadeiras e mais dois homens dançando, que sou eu e meu parrelha hoje, meu sobrinho. Seis mulheres do meu lado e seis do lado dele. Eu tiro a dança aqui na comunidade do Sítio Veiga, município de Quixadá, mas é Dom Maurício.

Quando eu recebi esse cargo como Mestre da Cultura, eu me senti muito feliz e ainda tô muito feliz, graças a Deus, e é de ser toda a vida. Minha cultura foi reconhecida. Eu fui receber o meu certificado no Limoeiro do Norte. Ser um mestre... eu me acho meio importante. Eu entendo das coisas meio pouco, mas a gente reconhecido como mestre, eu imagino que é meio importante. Não é verdade?!

Eu acho que a dança de São Gonçalo não vai morrer tão cedo não, se Deus quiser. Eu é que já tô perto de morrer, mas meu sobrinho é novo... Passa de geração pra geração, que é como vem vindo e passando. Vem de longe. Desde minha vó que trouxe essa dança do Rio Grande.

Eu aprendi que, quem fez uma promessa para fazer a dança e, aí, foi válido, tem que fazer a dança. ... é uma promessa. Aqui a dança é no dia da consciência negra, porque nós somos quilombolas. Nesse dia, tem brincadeira daqui, brincadeira dali... e aí, eu encerro com a dança de São Gonçalo.

O dia da dança é um dia de alegria. É uma festa! Eu compro umas caixas de fogos



RELATO DE VIAGEM

Na serra do Estevão, fica a sede do distrito Dom Maurício. Um pouco mais distante, situa-se a comunidade quilombola do sítio Veiga, com 39 famílias. Foi lá que encontramos o Mestre Joaquim Ferreira da Silva, aliás Mestre Joaquim Roseno, como ele mesmo se apresentou e como, de fato, é conhecido naquelas bandas. As informações eram variadas e, talvez por isso mesmo, foi difícil a confirmação precisa da localização da casa do Mestre. Chegar até o sítio, vindo de Quixadá, pareceu-nos mais longe do que realmente era. Subir a serra por uma estrada com parca pavimentação em algumas extensões, rodeada por uma paisagem estéril — castigada por cinco anos de seca consecutivos — fez 25 quilômetros parecerem muito mais extensos e tomarem a dimensão da ansiedade de quem quer chegar logo ao seu destino. Extremamente paciente e solícito, o Mestre, além de conversar conosco, montou o altar, chamou o sobrinho Osvaldo e “tiraram” uma parte da dança de São Gonçalo, para realizarmos uma gravação. Não era o dia, festejar o São Gonçalo, mas houve também, além da dança, um almoço de aguçar o paladar, como é feito no dia da festa.

e, quando eu vou começar, cedinho, é bomba como todo. Quando vai terminar, do mesmo jeito. O povo já sabe: tá começando ou tá terminando. Tardezinha. Eu me sinto feliz. Me lembro muito do meu pai, que ele era quem tirava, me sinto uma pessoa realizada na vida em continuar. Eu fico meio emocionado. Vem muitos amigos meus. Porque eu boto os convites. Um traz um litro de vinho pra eu tomar mais minhas dançadeiras, outro traz outra coisa.

Tem também aquele gosto de matar um bicho, de fazer aquela comida. É porco, é galinha, é tudo... a pessoa tem aquele gosto. Que nem eu tenho! Nós somos da comunidade mas eu quem faço! De primeiro, eu tirava até esmola, no nome de São Gonçalo. Um dava uma galinha, outro dava um capote. Agora eu não aguento mais, a minha filha é quem toma de conta. É assim...

A dança são 12 jornadas. A gente tira doze jornadas cantando e dançando. Termina uma e começa outra. Às vezes, tira duas

encarrilhadas, às vezes, até três nós já tem tirado. Aí, eu digo: negrada, vamos beber água. Quem começa a dança tem de ir até o fim. Cansativo é, mas, começou, tem que terminar. E é só com aqueles. Se uma cansar não pode substituir por outra, não. Aquela que começou tem que terminar. Porque tem de ser certo mesmo! Não pode estar baldiando não! É trabalhoso! De tarde, eu tô arrasadinho, mas São Gonçalo me ajuda, e eu aguento.

As músicas são as mesmas que eu via meu pai cantar. Desde a época do meu pai. Ele morreu, eu tinha doze anos, mas eu me lembro demais. A gente canta muito bendito.

Eu uso o tambor que era dele, e já vai fazer 64 anos que ele morreu. Mas está aqui em casa, o tamborzinho, e eu tenho um ciúme danado dele.

Eu sempre digo: enquanto eu puder tirar, eu tiro. E a pessoa vindo atrás pra eu tirar, eu vou, e tiro. Eu junto minha tropa aqui e vou dançar. ✨

Mestre

Palhaço Pimenta

JOSÉ DE ABREU BRASIL

Mestre em Arte Circense

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 18 de novembro de 2013

CIDADE-RESIDÊNCIA Circo Teatro Pimenta – Região Metropolitana de Fortaleza

NASCIMENTO 19 de março de 1945



“Eu criei o meu próprio ser de palhaço, meus próprios movimentos.”

Meu nome é José de Abreu Brasil. Eu sou conhecido como Pimenta. Eu nasci em Canindé, em 1945. Eu moro no mundo. Eu moro no Circo Teatro Pimenta. Eu tenho uma casa como endereço. Morar mesmo, eu moro no circo. No circo eu trabalho de palhaço, levo as comédias, eu sou locutor, anuncio o espetáculo.

Eu comecei em circo em 1960. Eu trabalhava em vacaria e eu sempre ia deixar leite nas casas. E, um dia, eu vi um circo. Foi nesse dia que eu me apaixonei por circo. Nunca tinha visto. Com 15 anos, nunca tinha visto um circo. Era no bairro Panamericano, em Fortaleza. Era o Circo Yara.

Achei bonita aquela sombrinha grande! Aí eu perguntei o que era. Responderam: é um circo. Tornei a perguntar: como é circo? Tem trapezista, tem dançarina, tem palhaço. Mas ali eu não entendia nada. Eu pensei: de noite eu venho para ver. Assisti o espetáculo. E fiquei assim, olhando, uma coisa que eu nunca tinha visto, né!? O que mais me chamou a atenção foi o trapezista e o palhaço.

Assiti e gostei. E fui no outro dia de novo. No outro dia, de novo. Todas as noites eu ia. Cada noite que eu ia, mais eu gostava. Quando foi no último espetáculo, eu disse: eu tenho de ir embora nesse circo. Eu vou embora. E pensei: eu vou pedir emprego nesse circo. A dona era Dona Zualine Santana,

uma morena bem forte. Ela era mineira e tinha um filho, assim, com seus 14 ou 15 anos, a mesma minha idade. Eu pedi a ele: arranja um lugar pra eu trabalhar no circo. A mãe dele vinha saindo e ele gritou lá de cima da bancada: mãe, tem um rapaz aqui pedindo seu buraco. A Mãe respondeu: é o quê, menino?! Ele completou: um buraco para trabalhar. Sim, ela entendeu e disse: fala com o capataz. Eu falei com o capataz, ele aceitou. Aí, eu fui trabalhar, desarmando e armando o circo. A dona me botou pra ser porteiro de cadeira. Aí, pronto: porteiro de cadeira, eu tava vendo o espetáculo todo. O trapezista.. eu olhei e pensei: isso aí também eu faço! Eu nunca tinha feito, mas eu também faço!

Eu fui com o circo. Do Panamericano para o Montese. Um bairro para o outro. Fui, armei o circo, desarme o circo. Ganhei duzentos mil réis. Eu peguei o dinheiro botei no bolso. No lugar de eu dormir com a calça, com o dinheiro no bolso, fiquei só de calção e botei a calça lá em cima do caixão. Aí, no outro dia de manhã, eu fui olhar os duzentos mil réis, cadê? Foi embora. Eu não sabia quem foi... Fiquei por ali... Mas disse: eu não vou embora. E tinha um rapaz, assim, perto que tinha uma vaca, e eu comecei a tirar leite da vaca e ele me dava um dinheirinho e eu comprava uma rapadurinha, e na hora do

almoço, eu almoçava uma rapadurinha e um litro d'água. Porque não tinha comida no circo. E continuei.

Quando eu era novo, eu levava arame, trapézio, giro. Todo número que tinha em circo, eu fazia. Eu trabalhava como... a turma chama de escada. Eu trabalhava de escada pro palhaço do circo. Um dia, o palhaço faltou. A mãe dele, que era Dona Zualinda, dona do circo Yara, disse: o jeito é você fazer o palhaço, porque só tem você mesmo. Ser palhaço não foi uma escolha. Foi porque deu certo. Tem que ir e vai e vai mesmo!

A primeira noite foi bom, eu agradei. Eu não sabia o meu ritmo de palhaço. Eu sai imitando os outros palhaços que eu já tinha assistido. Eu tinha 15 anos. Logo no início. Com 15 dias que eu entrei no circo, eu fui artista.

Os palhaços gostavam porque eu falava alto no picadeiro. E eu fui aproveitado, eu falava explicado e eles foram me dando chance de entrar no picadeiro. Eles me ensinavam e eu era inteligente, aprendia logo, na primeira encenação. Fiquei aprendendo com eles, fui indo. Aprendendo o palhaço, trabalhando de palhaço. Porque naquela época, 1960-1965, tinha muito palhaço bom aqui no Ceará. Tinha o Trepinha, o Garrafinha, o Fumaça, o Tatuzinho.

Todos trabalhavam em teatro e eles contracenavam muito no picadeiro. Os palhaços faziam as coisas com perfeição. Uns imitavam os mais velhos e os mais velhos vinham imitando os anteriores e os mais novos iam imitá-los. Como eu imitei muitos palhaços, quando comecei. Eu imitei um palhaço muito bom, que eu trabalhava com ele naquela época, o Manhoso. Um dos melhores palhaços que teve no Ceará. E eu me inspirei muito nele. A calma como ele fazia.

Eles trabalhavam muito bem, como profissional, e então eu fui aprendendo a fazer o palhaço do jeito que eles faziam: com sinceridade no trabalho, com amor. A coisa mais importante que tem no palhaço é trabalhar com amor, com aquele carinho dentro de você, com o coração como de um inocente, que não tem pecado. Se eu morrer no picadeiro, vou morrer como um anjo. Porque ali a gente tá sem maldade, sem pensamento errado. Só pensando no trabalho e fazer rir as pessoas. Que quanto mais as pessoas sorriem, mais o palhaço de sente feliz.

Hoje eu trabalho com a minha própria inspiração, uma coisa que eu criei, como fazer. Eu criei o meu próprio ser de palhaço, meus próprios movimentos. Eu faço as minhas piadas por mim mesmo. Tudo eu faço, eu crio. Eu crio muitas paródias, muitas piadas. E essas criações minhas, os outros palhaços que assistem levam pra eles.

Fui empregado também no circo Arizona. Passei seis anos com eles. Andei o norte todinho: Piauí, Maranhão, Goiás, Pará, Amazonas. A gente foi até a fronteira: Brasil, Colômbia e Peru. Andei aquela região toda. Ainda nasceu um menino meu lá, no Pará, em Santarém. Foi o Círio, o pai do Baratinha, meu neto.

O meu neto, Baratinha, eu não ensinei nada a ele. Ele aprendeu me assistindo. Vendo eu trabalhar, como eu fazia, como eu faço. O pai dele foi que transmitiu tudo de mim pra ele. Porque o pai do Baratinha, o Círio, ele trabalhava comigo no picadeiro. Ele sabe tudo de mim. Todos os meus filhos sabem tudo de mim. Então eles vão passar para os filhos. Aí, eles tem sempre alguma coisa boa do Pimenta.

Às vezes, as famílias têm mais de um circo, como a família Brandão. Do avô pas-







RELATO DE VIAGEM

Delicadeza talvez seja a palavra que melhor defina Pimenta, que se fez palhaço e tem como missão alegrar o mundo. O mestre nos recebeu em sua casa, o circo, estacionado em uma pequena comunidade de uma das cidades da zona metropolitana da capital cearense. De fala mansa e pausada, ele nos convidou para sentar no centro do picadeiro, pintou-se e colocou o figurino, contou de seu deslumbramento ao ver o primeiro circo, da decisão de ir embora com o circo, das viagens, dos locais que trabalhou, do aprendizado com outros palhaços, das famílias que construiu. Depois vestiu-se de José Abreu Brasil e foi almoçar no *trailer* sala de estar. Vida e arte convivendo, coexistindo.



sou para os filhos, dos filhos passou para os netos e dos netos para os bisnetos. E a família Brandão hoje tem muitos circos. É igual à família Pimenta. A família Pimenta tem eu com meu circo, tem o Círio com o dele — Mirtes Circo — tem o Soneca, que é outro meu filho, com circo. Meu primeiro circo eu tive agora depois dos cinquenta anos e, hoje, eu trabalho com quatro filhos, duas noras, um genro e minha esposa.

Muita coisa mudou do pior para melhor. Antes não tinha ajuda de ninguém. O circo acontecia com os esforços dos donos. Com aquele pouco dinheiro que eles ganhavam, eles mantinham o circo. Os salários eram pouquinho. Eles não tinham responsabilidade com os artistas que trabalhavam. Os artistas todos comiam por conta própria. Viviam como podiam. Hoje, você tem ajuda do Governo do Estado, da Prefeitura de Fortaleza, do Governo Federal, com os projetos.

Eu achei essa coisa de ser mestre muito reconhecedora. Quando meu projeto chegou lá, tinha todos os mestres: mestre de renda, de boi, de reisado. Mas não tinha o mestre da cultura popular de circo. O Governo me botou como Mestre da Cultura e eu fiquei muito honrado, muito alegre, porque eu comecei do pobre, do nada e hoje ser um Mestre da Cultura Popular do Ceará... Pra mim, isso é uma grande satisfação, fico muito alegre com isso e achei bom também o salário até morrer que me ajuda muito. É uma maravilha!

O que é ser mestre? É a pessoa trabalhar com dignidade, ensinar as pessoas que precisam. Eu, por mim mesmo, eu ensino. Tem uma turma que vem pro meu circo e eu ensino comédia. Toda noite eu faço comédia. Eu ensinei meus filhos, outros que entram na família, eu ensino o que é pra eles sobreviverem.

É muito importante continuar a tradição de palhaço no Ceará. Porque tem muita gente precisando de alegria. Precisando de humor. Que hoje em dia os sacrifícios são grandes. Para aquelas pessoas que nunca viram circo, e ainda tem muitos, eu digo: vá ao circo, assista. Porque o Ministério da Saúde adverte: o circo também faz bem à saúde. ✨



Mestre

Aldenir

JOSÉ ALDENIR AGUIAR

Mestre em Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato (Distrito de Bela Vista) – Região do Cariri

NASCIMENTO 20 de agosto de 1933



“A cultura é aquilo que sai de dentro da alma da gente.”

Ser mestre de reisado pra mim é uma coisa muito importante, porque não é nem todo mundo que tem o nome de Mestre. O pessoal diz: Mestre Aldenir! Isso pra mim é um orgulho que eu tenho.

Ave-maria! O reisado é tudo na minha vida. Faz muito tempo que eu brinco esse reisado. Dia 24 de junho de 1955, na noite de São João, foi a primeira vez que eu brinquei. Eu ainda era rapaz. Se eu não gostasse já tinha dado pra trás. Eu amo o reisado. Incentivo os meninos pra brincar porque só é mestre se começar que nem eu, novo. Aí eu incentivo eles para amanhã serem um mestre de reisado, serem um mestre da cultura popular. Eu me sinto muito orgulhoso de passar esse saber meu pra outras pessoas.

O reisado mudou muito. Mudou pra melhor. O reisado, até no ano de 1960, neste intervalo de 1960 pra 1970, era uma coisa. A gente só brincava naquelas festas que tinha nos sítios, nas fazendas, na casa que fazia renovação, que fazia aniversário. Aí, a gente ia. Depois de 1970, mudou, porque o pessoal da cidade começou a levar os grupos dos sítios para as cidades. Pra fazer apresentação nas igrejas, apresentação nos aniversários, os prefeitos quando iam inaugurar uma rua. Aí, foi pegando esse conhecimento na rua e hoje a gente só tá brincando mais é na cidade. A gente vai pra lá, brinca 15 minutos, 20 minutos... pronto! Tá feito o reisado.

Antes o reisado começava 8 horas da noite e o dia amanhecia. A gente cantava... A gente começava lá fora. Era três peças que a gente cantava. Cantava a primeira, a segunda e a terceira. Quando chegava no pé da porta, aí, o Mestre gritava... apitava, porque o apito é o chamamento do pessoal. Quando ele vai começar uma peça, ele apita: quando um menino sai, pra juntar os meninos, o apito é quem chama. Uma ordem que o mestre quer passar para um afigurado, ele não vai passar de boca, ele passa pelo apito. Ele vê um malfeito de um afigurado, é só ele olhar, apitou, o afigurado atende, porque aquilo ali é tudo fabricado aqui em casa, nos ensaios.

Aí, o Mestre chega no pé da porta. O mestre abaixa, todo mundo, os afigurados se abaixam, aí ele diz: Ôh de casa, Ôh de fora/Menina vem ver quem é/Menina vem ver quem é. Os meninos respondem: É um cravo e uma rosa/com a açucena no pé/com a açucena no pé.

São 12 partes. A gente canta as doze partes... No pé da porta o Mestre diz

— Mateu, você andou lá por dentro?

— Andei.

— O que você viu lá dentro?

— Eu vi panela de boca para baixo.

— Mateu, eu não estou perguntando por panela. Eu quero saber se você viu o dono da casa.

— Vi.

— O que foi que ele lhe disse?

— Ele mandou dizer que não quer nenhum pessoal desse aqui na casa dele; que não mandou chamar ninguém, não!

— Mas, nego, eu não mandei dizer isso para o dono da casa. Vá perguntar a ele se a gente pode brincar os Santos Reis do Oriente?

Aí o Mateu vai e pergunta a ele e volta pra dar o recado que pode brincar os Santos Reis do Oriente. E o Mestre pergunta: A casa está limpa? Mateu diz: tá não, a casa tá suja, que a mulher não varreu a casa.

E o Mateu vai varrer a casa, faz que apanha o lixo, que lá não tem lixo, e a gente entra e canta:

Entremos nós nesta sala de alegria/Entremos nós nesta sala de alegria/Mas o governo é quem manda/Mas o governo é quem manda/Viva Rei de Congo/Viva rei de Congo/Viva rei de Congo/Nosso Rei da Monarquia.

Mestre apita e diz: Boa noite, meus Senhores!/Boa noite, cadê Deus?/Cadê o dono da casa/por ele pergunto eu./Padre nosso que nos ensina, quer dizer santificado/Boa noite meu senhores, que eu não sou mal-ensinado/Venho trazendo com cuidado, meu brinquedo em cada dia/peço ao Onipotente/que fique calado somente/até acabar a função/dos Santos Reis do Oriente.

Aí o Rei, que brinca atrás do Mestre, diz: Quando eu entro nesta sala/pelo claro desta luz/dou viva ao dono da casa/e ao Coração de Jesus/Perante um foco de luz/digo uma e digo duas/Viva o Coração de Jesus.

Aí, a gente vai cantar o Divino, falar no menino Jesus, falar no Coração de Jesus. Quando termina o Mestre sai da casa com o reisado, cantado: Eu venho, eu venho/Do verde do mar/Cercado eu me vejo/Sem poder falar/O dono da casa/Tem muito o que dá/O dono da casa tem muito o que dá/Prepara a cadeira/Para o rei se sentar.

O Mateu bota a cadeira e o Rei se senta. Aí, o Mestre vai cantar a peça, dando boa noite ao povo, aquele pessoal que está assistindo ao reisado. Quando dá boa noite ao povo, ele apita e diz: ô, meu Mateuzinho do amor/venha prestar atenção/em toda repartição/sempre eu falo a seu favor...

Aí, vai dar início ao reisado, as danças. E aí, o reisado é a noite toda! Nas apresentações na cidade ninguém faz isso, mas numa casa é. De madrugada, tem um lanche pros meninos, uma mesada de comer, três horas da madrugada. A gente canta pra entrar naquela mesa. Tem a peça da gente cantar, rodeando a mesa com a comida. Quando a gente termina, tem outra peça que a gente vai agradecer a comida que a gente comeu. E aí, é a despedida do reisado, e vai embora.

Eu fui dos primeiros mestres que recebeu esse título, em 2004. Quando, de manhãzinha, eu assisti o jornal dizendo que eu tinha passado, que eu ia receber esse título... Rapaz, eu quase caio. Fiquei com uma alegria muito grande. Se eu estava alegre, fiquei mais. Chegou o dinheiro, chegou o título, que eu tenho guardado lá dentro. Pra mim foi bom, e eu fiquei torcendo para os outros também entrar. Desse reisado mesmo, já saiu muitos mestres. Um foi o finado Bastião (Mestre Sebastião Cosme), que brincou muito mais eu, foi também beneficiado com esse título.

Mestre só é mestre se ele fabricar aquelas peças que ele produz. Porque o reisado tem muitas peças, o canto do reisado. E o mestre é obrigado a ir transformando aquelas brincadeiras em umas peças gravadas por ele. Ou a maioria das peças cantadas no reisado ser feitas por ele; ou uma, duas ou três peças ele tem de fazer pra cantar naquele reisado. Uma coisa mais diferente, porque o cabra







RELATO DE VIAGEM

Reisado, na região do Cariri, e Mestre Aldenir são indissociáveis. Falar de um é lembrar o outro. E vice-versa. Brincante desde os vinte e dois anos de idade, o Mestre sabe tudo do ofício que hoje exerce. Afinal é Mestre. Mestre com garbo. Ensina, repassa a tradição. Mais que isso, tal qual ele mesmo nos relatou, ao fazer novas peças — músicas —, inéditas, como cabe a um mestre genuíno, ele renova o reisado. O pátio amplo da casa, onde mora e nos recebeu, na Bela Vista, no Crato, comporta os ensaios da brincadeira de Reisado com o grupo de meninos e de adultos que ele mantém há décadas. Brincadeira levada a sério, ensaiada de forma meticulosa. A espaço também abriga a sede do grupo — tem palco, cantina e lugar onde os trajes, instrumentos e adereços são guardados. Durante a tarde e um pedaço da noite que lá estivemos, o mestre nos falou detalhadamente do seu ofício, sob o olhar atento da esposa Izabel, que, claro, é também integrante do grupo.

não pode cantar só peça dos outros grupos. Tem de cantar dele também, que é pra outros mestres aprenderem.

As peças que eu digo são os cantos do reisado. Cada apresentação a gente faz uma peça pra ter uma coisa nova lá no recinto. E as nossas peças aqui, quase todas, é a gente que faz. Fabricamos aqui, vê se está direita, se está errada. Faz peça com moça, com homem, com o dono da casa. Tem peça de Padre Cícero, tem peça de Nossa Senhora das Dores, tem peça de Governador, tem peça de prefeito, tem peça de quem já morreu. Como Seu Elói Teles, ele era poeta e quem tomava de conta da cultura popular. Quando ele faleceu, eu fiz uma peça pra ele e fiquei cantando. Eu morei 26 anos com ele, lá no terreno dele. Ele me levou daqui para o terreno dele lá. E ele gostava muito do nosso reisado. A gente sempre canta essa Exposição do Crato.

Tem peça também com qualquer evento que a gente vai fazer... e ali já vai passando para outros mestres, pra outros companheiros. E tem as embaixadas... A gente tem um

livro de embaixada. Tem os entremeios: tem o boi, tem o jaraguá, tem a burrinha, tem a sereia, tem a doida, tem o sapo. Isso tudo faz parte da brincadeira do reisado.

A cultura é aquilo que sai de dentro da alma da gente. O reisado, isso que a gente faz, a gente faz com muito amor. Pelo menos eu faço com muito amor. ✨



Mestre

Zé Carneiro

JOSÉ ALVES CARNEIRO

Mestre Mateiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Pacoti – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 1 de novembro de 1963



“Eu faço pontes entre a ciência e a mata, entre a ciência e a pesquisa.”

Meu nome é José Alves Carneiro. Reconhecido pelo Estado do Ceará com a profissão de Mestre Mateiro. Sou mateiro há mais de 35 anos. Eu comecei muito jovem trabalhando. Na realidade foi em 82. Chegou uma menina aqui, a professora Eliete, uma bióloga da Universidade Federal, procurando uma samambaia, natural aqui da serra. Atrás de uma espécie nova de samambaia. E aquilo ali me aguçou um desejo que eu tinha de trabalhar com a mata sem derrubar, sem agredir. Trabalhar em concessão com a mata, que era o que eu mais gostava, que era viver da mata, que era um sonho que eu tinha.

De tanto eu pedir, fui atendido, porque quando a gente pede muitas vezes, as coisas acontecem. Eu muito jovem, quando eu comecei a me entender no mundo, pedi a meu pai para ir à escola. Aprender a ler e a escrever, que meu sonho era aprender a ler, a escrever e ser professor. E meu pai me disse: “meu filho, a sua caneta vai ser a enxada, e o seu caderno é a terra. Os meus filhos todos foram embora, e você vai ficar comigo, e eu não vou botar você na escola”. Mas eu sempre insisti. E de tanto eu insistir, um dia, ele me botou na escola.

Entrei na escola em uma idade mais avançada. A distorção de idade era muito grande. Não me entendia com os pequenos e os pequenos não se entendiam comigo. Fiquei revoltado e terminei abandonando.

Na realidade, eu não aprendi na escola. Mas aprendi de outra forma. Aprendi a ler a natureza. Eu não leio livro, mas eu leio a natureza. Eu tenho conhecimento empírico. Muitas vezes as pessoas perguntam: cadê teu currículo? E eu respondo: meu currículo está aqui na minha cabeça. Há 58 anos que meu currículo está aqui.

Eu vivo para ensinar as pessoas. É a minha profissão e eu gosto, me sinto bem quando as pessoas vêm. Eu já recebi biólogos, cientistas, professores. Ultimamente, estou trabalhando com uma psicóloga, fazendo umas expedições na serra, na mata. E é assim: eu passando os meus conhecimentos para ela, e ela passando os dela para mim. Porque conhecimento, ele não é dado, não é vendido. Ele é passado. Você passa o conhecimento e ele volta para você. Conhecimento é uma troca. E sem pesquisa, o Ceará, o Brasil, o mundo perdem, porque é através da ciência e da pesquisa que temos os grandes cientistas, os grandes mestres, os grandes professores.

Eu sou um pequeno Mestre. Mas eu procuro dar o melhor de mim. Extrair a essência. Quando eu vou fazer uma coisa, eu faço com muita consciência, muita tranquilidade. Exerço minha profissão com muita lealdade, com muita honra, com muita fibra. Não faço nada por brincadeira. O que eu faço é de verdade. É de coração. Se vou fazer uma

trilha, uma expedição, uma pesquisa, não vou fazer por fazer. Eu não vou chegar no mato tirar uma planta, cortar uma planta só por cortar. Se eu tirar uma planta, tirar um galho, é para pesquisa. Mas eu seleciono minha pesquisa, não vou sair fazendo pesquisa para todo mundo. Minha pesquisa hoje é dedicada à Universidade Estadual do Ceará – UECE. Muitas outras universidades também vêm aqui: UFC, UNILAB, UFPI, UNIFOR. Assim, eu convivo mais com os alunos do que com os locais. O pessoal da comunidade, às vezes, diz que eu quero ser “bichão importante”. Eu respondo: não quero ser bichão. Eu sou o Zé. Esse cara que herdou esse dom da natureza. Deus me permitiu que a natureza me presenteasse com esse conhecimento, de abrir caminhos.

Eu não construo muros. Eu faço pontes entre a ciência e a mata, entre a ciência e a pesquisa. Eu já identifiquei várias espécies novas. Identifiquei, não. Coletei. Primeiramente foi um calangueiro, em 2004. Depois veio a cobra, a aranha e o sapo. Eu já perdi a conta. Mas isso não é importante para mim. É importante para o Ceará. O que eu faço é para o bem do Pacoti, do Maciço e do Ceará. Para o bem do Brasil e do mundo.

Esse conhecimento eu adquiri com o longo do tempo. Foi querendo aprender a descobrir. Fazer a descoberta das espécies que tem na natureza. A natureza me presenteou com uma coisa que eu não tive no livro. Eu encontrei buscando nos anciãos, perguntando que planta é essa, que árvore é essa, que bicho é esse? Isso eu fui acumulando ao longo do tempo.

Eu lembro, eu tinha uns nove anos... fomos pro mato — menino pequeno, a gente tinha aquela coisa de andar no mato. Não tinha televisão, não tinha internet, não

tinha WhatsApp. O que a gente tinha era o mato para andar. Juntava um grupo de menino e ia para o meio de mato, para a água, tomar banho...

E um dia me despertou: nós estamos aqui no meio de uma riqueza. Isso aqui é um livro. A gente tem que lê isso aqui, disse para os colegas. E eles mangaram de mim: “quem vai ler pau e ler passarinho? Quem é que vai querer saber de mato, de pássaro? A não ser pra matar, pra comer assado. Pegar um pra vender. O resto é só o resto”.

Mas o “resto”, que eles diziam, foi o que eu aproveitei. Nada se destrói e tudo se transforma. Você tem de transformar o “resto” em oportunidade de vida. Eu comecei a me interessar cada vez mais, a tomar gosto pela natureza, pelas coisas boas que ela tem. Cada um tem de fazer sua parte. Se o ser humano, cada um, fizesse sua parte, teríamos um mundo melhor. A natureza é o começo de tudo. E não o fim. É um ciclo! Que, quando tá terminando, começa tudo de novo. Criou-se essa ideia que tudo tem um fim. Não é assim. Tudo tem um começo, tem um meio mas depois começa de novo.

O que é o mateiro? O mateiro é aquela pessoa que conduz o pesquisador, que conduz pessoas na mata, na trilha, na cidade (fazendo uma trilha ecológica na cidade). O mateiro é multiuso. Eu me adapto a tudo. O mateiro não é só aquele que vai para a trilha e volta. É aquela pessoa que vai mostrando as espécies. Tudo na natureza se aproveita e nada se “injeita”. O mateiro é essa pessoa que tem essa visão de transformar o invisível no visível.

O mateiro sente a natureza e lê a natureza de uma forma que outras pessoas não percebem. A natureza tem os seus encantos, tem suas belezas mas também tem seu lado







RELATO DE VIAGEM

Subir a serra do Maciço do Baturité é um deleite, e encontrar o Mestre mateiro para uma conversa literalmente no meio da mata foi um momento encantado. Conversa sobre conhecimento, sobre a mata que é acolhedora mas também desafiadora, sobre as preocupações acerca do possível desastre ambiental que se avizinha. Numa caminhada por uma pequena trilha, fomos instados pelo Mestre a sentir a mudança de temperatura debaixo das árvores, o som do vento, o canto dos pássaros e a provar uma folha que adormece a língua. Pequenos fascínios para pesquisadores neófitos dos saberes da Mata Atlântica que ainda temos no Ceará.

arredio. A natureza não é essa coisinha, essa folhinha, esse verdinho. A natureza, ela é dura. Ela também machuca, ela também mata. Ela constrói e também destrói.

Muitas vezes a gente perde tempo olhando coisas supérfluas na internet e esquece de observar a natureza. Observar um pássaro cantando, de ver o vento batendo nas árvores e fazendo um som, de ver um bicho passando; esquece de apreciar uma ave bonita. Observar uma árvore frutífera, e porque ela dá tantas frutas, não só para se propagar, mas também para alimentar a fauna e os filhos da mãe natureza.

Ser um Mestre é ser pequeno. É ser um cara que respeita as opiniões, respeita a ideia dos outros, que respeita a diversidade. Ser um Mestre é ser ímpar, ser uma pessoa íntegra, dentro da ética e da posição que ele exerce. Tem de ter uma ética, um controle, uma postura de não está se expondo demais, mas também não guardar tudo para si. Ser um Mestre é jogar o seu conhecimento para fora. É se abrir como um livro. Um mestre é um livro que tem de ser aberto.

Eu fui condecorado em 2017 e, em 2018, eu fui empossado como Mestre da Cultura. Eu recebi a notícia que tinha sido intitulado como Mestre da Cultura fazendo uma corrida de mototáxi. Primeiro mestre mateiro do Pacoti, do Ceará, do Brasil e do Mundo, representando o Maciço. Porque eu sou do Pacoti, mas eu represento o Maciço. Foram 153 que se inscreveram e, desses, passaram 15 pessoas, e fiquei em décimo segundo. Para mim foi uma gratidão muito grande.

Eu me sinto muito honrado de ser procurado pelas pessoas, pela parte científica. Minha posição é dar uma contrapartida para a ciência, para os biólogos, para os cientistas, para quem me procurar. É um prazer muito grande, uma satisfação e uma gratidão eu ter esse pequeno conhecimento para eu passar para as pessoas. E o que me faz sentir feliz é ser essa pessoa que está passando o conhecimento. E chamar a atenção para a transformação na natureza. No Ceará e no Brasil.

Estão destruindo a Amazônia, destruindo a Mata Atlântica e o bioma do Maciço. Todos

querem ser donos de um pedacinho. Não dá um pedaço para todo mundo! Para que destruir mais? Mas eles querem fazer *resort*, fazer água-parque. Gente, isso não comporta! A serra está morrendo e, daqui a trinta anos, não terá um pingo d'água. E se não tiver água, não tem serra, não tem nada. Isso eu tô falando porque eu conheço. Eu leio a natureza. Nosso clima aqui, antigamente, uma hora dessas aqui (por volta de 16h), estava todo mundo encasacado, bem agasalhado. O frio, do ano de 1985 para cá, já foi embora. A serra está morrendo. Nós estamos vivendo uma transição muito difícil. Desmataram o sertão quase todo. Nós estamos arrodoados de caatinga. Mas o pessoal diz: é só a caatinga. Não é só a caatinga. A caatinga também tem seus encantos. A caatinga tem seu valor, tem sua qualidade. Porque a caatinga não é só pau branco. Ali tem várias espécies que estão pedindo socorro. Elas perdem suas folhas para não perderem a vida. Perdem suas folhas para se resguardar, se proteger do tempo quente, do clima. Quando bater um pingo de chuva, ela se transforma, desabrocha do chão, e a vida flui. Já a mata verde, já o brejo, não! O bioma alto, aqui e nas outras serras do Ceará, do Brasil e do mundo, é verde por natureza, mas tem um preço a pagar, que é não desmatar. Se não fizer isso, quem vai pagar o preço é o próprio homem. O Maciço já abasteceu Fortaleza com água. Não era do tamanho que é hoje, mas Fortaleza já era uma metrópole, na década de 60. O Acarape abastecia Fortaleza folgado, com todas as suas lojas, indústrias; com todos os seus habitantes. Dava pra tudo e sobrava um pouco. Se você ver o Rio Pacoti, está morto. O rio já morreu, e esse rio não volta mais na forma que era. Jamais vai deixar de existir, mas não vai ser o mesmo.

Diziam os Carões, os verdadeiros donos dessa terra, os índios Carões, que, quando o homem dominasse as nascentes, eles dominariam todo o litoral. E foi isso que aconteceu. Não foi dominando a praia que veio a degradação do nosso Brasil, da nossa serra, dos nossos litorais, não! Foi porque o homem devorou as nascentes, conquistou tudo, detonou tudo. Porque os índios tinham isto aqui como santuário. Os índios respeitavam este monte, este Maciço.

E é assim... Não se pode ignorar a natureza. A natureza é sábia. Nós é que somos ignorantes. A natureza tem o seu quê e o seu saber. Porque isso vai acontecer ou vai deixar de acontecer. Nós é que queremos quebrar, é que queremos bagunçar tudo. Achamos que estamos arrumando as coisas, mas nós estamos é desarrumando. Quando você derruba uma mata esplêndida, você não está derrubando só mata. Você está destruindo a própria natureza, destruindo a sua casa. Está desarrumando a sua própria casa. A natureza é a nossa casa. ✱

Mestre Cirilo

JOSÉ DEMÉTRIO DE ARAÚJO

Mestre em Maneiro-Pau

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato (Distrito de Bela Vista) – Região do Cariri

NASCIMENTO 13 de agosto de 1953



“Nós temos que fazer esse trabalho, resgatando as raízes, junto com os outros mestres.”

Meu nome é José Demétrio de Araújo. Conhecido no Brasil e no mundo como Mestre Cirilo. Essa tradição de cultura popular, eu comecei com oito anos de idade, participando dos reisados que tinha lá no trecho. Eu sempre ia para os reisados e, para mim, aquilo era a coisa mais bonita da minha vida. Era a cultura popular.

Comecei com reisado. Criança, oito anos de idade. Comecei no reisado do Mestre Aldenir. Brinquei uma temporada com o Mestre Aldenir. Aí fui brincar com o Mestre Dedé de Luna, lá no Buriti. Depois fui brincar com Mestre Tico, no Juazeiro do Norte. E, durante um ano, eu participei do maneiro-pau do Mestre Bigode, em Juazeiro. Trouxe Bigode pro Crato, fizemos umas apresentações...

Foi aí que o baluarte do Crato, mestre Elói Teles, que foi quem fundou a metade desses grupos, foi quem manteve a tradição, de dar fardamento, calçado — corria atrás, fazia tudo, brigava com os prefeitos pra não deixar faltar nada para a cultura popular... Ele falou pra mim: o maneiro-pau do Crato tem que ser seu. Porque tem o maneiro pau do Carnaúba, mas ele está no fim da vida, e vai se acabar. Forme um maneiro pau que eu dou assistência. Como de fato, eu formei e, com 15 dias, Mestre Elói veio assistir um

ensaio, achou muito bom e me chamou pra eu ir para o Crato, para a gente comprar o fardamento, roupa, calçado. Nós fomos, compramos e formamos esse maneiro-pau que está aqui até hoje. No meu grupo, nós somos 12 homens e, no pequeno, 12 meninos. O meu é só com homem. Mas existe maneiro-pau com mulher pelo meio.

Pra mim, ser mestre é uma honra muito grande, de você tá trabalhando com adulto e com criança, tirando menino do mal caminho, tirando das ruas, tirando da criminalidade. E a gente trata de fazer isso toda hora e todo dia com a criançada da região. A gente vai fazer esse trabalho em colégios, nas escolas, vai fazer nas praças, onde precisar. Agora, às sextas-feiras, vou dar oficina a uns alunos de uma escola no Crato, que são deficientes. Vou com muito prazer. Isso, eu vou sem ganhar nada. Só porque eu tenho aquela satisfação, e eles querem amar a cultura do jeito que eu amo.

Eu ter sido contemplado como mestre da cultura, recebendo esse salário... minha vida mudou bastante, porque eu tenho esse salário pra manter minha tradição. Se eu passar o mês parado, eu tenho como fazer a minha feira. Agradeço muito a Deus e ao Governador do Estado e a todos que fazem esse trabalho da

cultura popular. Lá em Limoeiro, no Encontro do Mestres, é bom demais! O cabra vai lá e passa quatro ou cinco dias, é uma satisfação maior do mundo... de noite uma festa grande... Meniiino... aquilo é uma alegria pra nós.

A comunidade daqui me acolhe bastante. Sempre eu faço umas terreiradas pesadas aqui! E toda vida que eu faço uma terreirada aqui, meu terreiro fica superlotado de gente. Eu faço um macunzá pro pessoal, um lanche, e todo mundo sai satisfeito e ficam perguntando: quando é que vai ter outra? Quando nós vamos participar de outra na sua casa? E o meu grupo de crianças já se apresentou aqui no meu terreiro.

Eu acho muito importante manter a tradição. Se um dia eu não tiver mais aqui tem eles pra continuar pra frente. Eu tô repassando. Nós temos que fazer esse trabalho resgatando as raízes, junto com os outros mestres, pra continuar que nem a gente. Tradição que a gente não pode deixar morrer, não pode deixar se acabar, não!

É com muito orgulho que eu me sinto quando eu estou no meio da multidão e vou fazer minha apresentação com meu grupo. A turma toda satisfeita, tudo alegre, tudo contente e, quando a gente começa, eles começam com garra, e com mais garra eu começo... e quando a gente termina aquela apresentação, somos muito bem aplaudidos. Sempre aonde a gente chega nós nunca passamos em baixo!

Maneiro-pau tem que ter repente, fazer repente, criado na hora, tipo uma embo-lada. Tem músicas criadas por mim e tem músicas antigas que todos os maneiros-pau cantam. Eu tiro a música e o grupo resposta. A roda resposta. Eu fico de fora, no microfone cantando e balançando o ganzá, eles respondendo a música e eu fazendo o verso.

E quando eu vou parar a música, tem que fazer o apito. Eles obedecem o apito. Eles podem estar por onde tiverem, espalhados, na hora que eu açulero no apito, nos dias das apresentações, por onde eles estiverem, pelo terreiro, eles correm pra, onde eu estou... quando eu açulero, eles tão sabendo que eu estou chamado eles. Quem executa a turma todinha é o apito. Quando é para começar, um apito, já fica tudo em forma. Quando é para terminar, outro apito.

Aí eu canto assim: Ô, Maria Bonita/Lampião mandou chamar/ele era bom no rifle/e nós somos bom no jucá/Ô, Maria Bonita/Lampião mandou chamar/ele era bom no rifle/e nós somos bom no jucá/vocês vou repassar/eu tô de cabeça branca/eu não posso botar banca/que eu não vou negociar/Ô, Maria Bonita/Lampião mandou chamar/ele era bom no rifle/e nós somos bom no jucá.

Aí a gente vai prolongando, fazendo repente, eles respondendo. É muito tempo... Uma apresentação você faz de 15 minutos, faz de 20, de uma hora, de duas horas, três horas... Quem diz é o dono da casa, de uma renovação, pra qualquer repartição que a pessoa vai fazer aquele evento. A gente pergunta como é que eles vão querer, eles perguntam também como a gente faz, e daí por diante, a gente começa o tirinete. É uma noite toda se quiser. A pessoa fazendo música e fazendo repente. ✨







RELATO DE VIAGEM

Mestre Cirilo nos aguardava sorridente, na calçada – tão larga que mais parece uma varanda – de sua casa. Foi ali, naquele espaço, que passamos um bom tempo numa conversa relaxada, tanto, que a tarde se prolongou até de noitinha. É curioso como ele parecia estar de bem com a vida, e nos deu uma impressão de serenidade e alegria. Mostrou-nos, com orgulho, as publicações que se referem ao seu trabalho de mestre e que guarda com todo o cuidado, cantou algumas músicas das apresentações do maneiro-pau e ainda dançou um bocadinho. Se a gente bobeia, ficaria noite adentro com a animação do mestre.





Mestre

Macaúba

JOSÉ FELIPE DA SILVA

Mestre em Música (chorinho)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Caucaia – Região Metropolitana de Fortaleza

NASCIMENTO 30 de julho de 1943



“Eu sou da noite.”

Meu nome é José Felipe da Silva, sou músico a vida toda. O meu pai era músico e o meu brinquedo foi um instrumento. Meu pai não queria que eu tocasse para não aprender a beber, mas não teve jeito. Eu comecei a tocar com sete anos de idade, brincando com o instrumento em casa. Mas ele não queria que eu tocasse e levou os instrumentos para outra casa. Então, a minha mãe ficou com pena de mim. Eu chorei muito, e ela fez ele trazer os instrumentos. Ele disse que trazia os instrumentos, mas não me ensinava nada. Porque meu pai sempre foi músico, mas nunca viveu de música. Meu pai era ourives, consertava relógio, consertava revólveres da Secretaria de Segurança Pública.

Quando ele ia tocar nos batizados, nos aniversários, eu ficava de longe, na janela, pescando. Pescando, você sabe o que é: vendo, observando. E quando chegava em casa, aquilo que tinha visto ele fazer, eu ia fazer também. Então, assim, foi indo a vida. Eu fui crescendo, crescendo, e viemos aqui para Fortaleza. Comecei a trabalhar no meu primeiro emprego, que foi na oficina mecânica, de funileiro.

Depois, passei a trabalhar na tinturaria, na Guilherme Rocha. Depois, trabalhei na fábrica de tecido. E não durava em emprego nenhum, porque minha história era tocar. Eu só chegava atrasado no emprego. Porque chegava em casa, depois do serviço, pegava o cavaquinho e saía. O pessoal se aproveitava de mim, que eu era pequeno e abobalhado: “vamos tocar aqui... vamos tocar ali...” Assim,

amanhecia o dia, e eu perdia o horário de emprego e perdia o emprego.

Um dia, o meu pai me pegou e disse: “eu vou lhe levar para o emprego que você não vai perder”. Era na fábrica de alumínio Ironte. Uma fábrica que fazia panela, fazia tudo. “Está aqui, coloque ele no pior serviço que tiver. Pra ele não faltar mais ao emprego”, foi o que ele disse ao encarregado. Então, eu entrei como varredor, na Ironte. Eu ia varrer as máquinas e pegar as rebarbas de alumínio, para voltar para a fundição, para derreter. Um dia, eu não varri direito a máquina de um camarada. Ele não ficou satisfeito e me deu um cascudo que levantou o calombo. E os outros trabalhadores começam a dizer: “ô cabeça parecida com a macaúba.” Foi assim que o meu apelido Macaúba pegou.

Nesse emprego, eu demorei 24 anos. Eu me fiz lá. Mas sempre tocando.

Em 1970, me convidaram para tocar no restaurante Roda Gira, na parte de cima da rodoviária. E lá, eu passei a tocar às quintas-feiras e sempre trabalhando na fábrica de alumínio. E sempre a gente tocando, em batizado, eventos e tudo.

Quando foi um dia, passei a frequentar o Bar da Gia. Um bar perto da Faculdade de Medicina, onde o cardápio era gia. Então, eu, mesmo trabalhando na Ironte, nos dias de sextas e sábados, que eram a minha folga, ia lá e dava uma canja. O pessoal gostava. Também por lá, estava o violonista Pedro Ventura.

Ele viu minhas mãos cortadas de alumínio e falou: “suas mãos cortadas desse jeito...

se você deixasse aquilo ali, viesse tocar, tuas mãos não ficavam cortadas assim”. Eu comecei a pegar aquela corda e resolvi pedir minhas contas para tocar no Bar da Gia.

Do Bar da Gia, eu fui tocar no Nick Bar. Era um bar bem pequenininho. Mas só frequentava deputado da Assembleia. Era um bar de deputados. Paulino Rocha, Gomes Farias, aquele pessoal daquele tempo. Então eu passei a tocar lá todas as noites.

Foi aí que surgiu o restaurante Lido, um restaurante muito luxuoso, da Praia de Iracema. E me convidaram para tocar lá, no final de semana, sextas e sábados. Nesse período, surgiu também o trio elétrico da Brahma — resolveram trazer um trio elétrico tipo os da Bahia pra cá. Eu, que já tocava uns frevos, fui contratado pela Brahma. Toquei por cinco anos lá. E foi assim que comecei. Tocando nos bares da vida, fazendo evento.

Viajei para Manaus. Fui convidado para representar o Ceará em Brasília, no Clube do Choro. Eu, Zivaldo Maia e Aluísio do Pandeiro. E lá, nós fomos muito bem recebidos. Ganhei um bandolim. Cheguei em Brasília de sandália Melissa. Todo mundo olhando para os meus pés. E eu fiquei todos os anos indo para Brasília.

Depois, o trio elétrico foi transferido para Manaus. Eu fui e passei 70 dias lá em Manaus. Queriam que eu ficasse lá, morando, mas eu tinha um bocado de filhos. Nesse tempo, eu era casado e tinha muitos filhos. Não podia transportar uma ruma de filhos para Manaus. Nisso, deram baixa da minha carteira da banda da Brahma. Eu fui demitido porque eu não quis ficar em Manaus. E voltei para Fortaleza.

Em 85, a dona Belisa Guedes era secretária de gabinete da Prefeita Maria Luísa. Ela me convidou para tocar na banda de música.

Acontece que, na banda de música, só tocava quem soubesse partitura. Eu não sei partitura, não leio, não escrevo. Mas, além da banda geral, criaram uma regional, de pau e corda: cavaquinho, bandolim e violão. Eu fiz parte desse conjunto. Eu me aposentei pela Banda de Música de Fortaleza e hoje sou Mestre da Cultura, agradecendo a todo mundo que fez eu ser Mestre. Porque não tinha choro na maestria.

Ser Mestre é a pessoa ter a vivência que eu tenho. Uma vivência do meu brinquedo ter sido um instrumento. A partir de oito anos de idade, eu já conhecia um bandolim. Eu passo o dia com o bandolim na mão. Tenho as minhas tarefas, mas o resto é a paixão que eu tenho mesmo por música. Eu amo tocar.

Eu aprendi música nas radiadoras, nas quermesses. Mamãe me dava quinhentos réis. E eu botava a mensagem na música de Jacó do Bandolim ou Valdir Azevedo. Eu pedia, inventava a mensagem — porque tinha que botar a mensagem, pra música sair no serviço do auto-falante. Pedia muito um choro do Jacó. Ouvido bom, chegava a decorar. Os quinhentos réis só dava para ouvir uma vez. Chegava em casa, lembrava do que ouvia, já decorava aquela parte. No outro dia, mais quinhentos réis para ouvir a outra parte e aprender o resto da música. Mas eu tive sorte! Vizinho a minha casa, foi morar um funcionário do Dnocs que tinha todos os discos do Jacó e de Waldir Azevedo. Só deu pra mim! Ele era briteiro e passava o dia ouvindo, e eu de casa só decorando, decorando, decorando... E foi assim.

E gosto de ensinar. Eu estive em Apuiarés, passei quatro anos lá. Fiz um conjunto de choro e um conjunto de samba. Minha mulher trabalhava na parte de música. Então eu peguei dez meninos e botei tudo nos eixos.



RELATO DE VIAGEM

Uma casa na praia com vento que embala coqueiros na Praia de Iparana é o simpático e aconchegante abrigo do Mestre Macaúba. Ele e sua mulher Isabel nos acolheram com frutas tropicais, bolos, água de coco, para uma roda de conversa temperada com música popular brasileira e choro, muito chorinho. Macaúba, numa rede ou na cadeira de balanço na varanda lembrou suas andanças pelo Ceará e pelo Brasil, reverenciou pai e mãe, contou muitas histórias da música, dos causos e da noite e revelou planos para o futuro: quem sabe a reedição do Macaubar? Entretanto o que mais ele evidenciou foi seu amor pela música.



Deixei todo mundo tocando. Ganhamos três festivais! E foi assim que eu saí com um trabalho muito bonito de Apuiarés. E hoje eu tenho afinidade com o jovem. Ajudo. Eu posso ajudar com o que eu sei.

O amor pela música nasceu vendo meu pai tocar. Ele chegar de madrugada — que o pessoal todo fazia seresta para a minha mãe. E minha mãe acordar e, com fogão a lenha, fazer tira-gosto. Eles se reuniam embaixo de um cajueiro que tinha lá em casa. Meu pai não queria que eu encostasse, e eu ficava de longe, olhando aquilo, vendo aquilo bonito. É um dom de Deus. E hoje, eu tenho filhos, netos que tocam. Eles herdaram o sangue do avô.

O meu pai era incrível! Nunca viveu de música e foi muito carrasco comigo. Em uma ocasião, ele foi tocar no teatro de bonecos e faltou o violonista. Nesse tempo, eu já estava engatinhando, pegando o violão... E assim, a minha mãe disse: “vai Zequinha”, — nesse tempo meu nome era Zequinha — “teu pai tá lá sem violão”. Pra começar o evento, estava faltando só o violão”. Eu fui... me “empiriquei” todo. Cheguei lá com o violão... a maior decepção. Meu pai me mandou voltar. Ele disse: “volte, você não sabe tocar”. Anos depois, meu pai se orgulhava de mim.

Eu sou da noite. Toquei 50 anos na noite. Toda noite, toda noite, toda noite, toda noite. E foi assim a minha vida. E tem muita história.

É na noite se toca tudo. Houve um tempo que não tinha emprego para chorão. Por exemplo: se tem um conjunto que só toca choro, a casa noturna não empregava. Então, eu ingressei no samba, na bossa nova, no frevo. Mas a preferência sempre pelo chorinho. Das casas em que eu toquei, a que mais aguentou o choro foi o Cais Bar.

Toquei 11 anos lá. “Esperando a feijoada”. Muita gente boa: Joaquim Ernesto, o Chico Barreto... Pessoas inesquecíveis, doidos pela música popular brasileira. Lá eu gravei meu primeiro LP, gravei em vinil, com direção da Dona Bel. Depois eu fiz o CD “Esperando a Feijoada”, e depois fiz o “Meu Bandolim”, que é um choro-disco que eu fiz em homenagem à minha mãe.

No Cais Bar, antigamente tinha os bilhetes. O bilhete era “pedido” de música. Tinha uns bons que vinham com uma cédula dentro. Quando foi um dia, o camarada mandou um bilhete pra mim com os dizeres: Seu Carnaúba, toque “aldeon”, do Jacob do Tamboirim. Ele errou as três frases: Jacó do Tamborim não existe, Aldeon não existe e Carnaúba não existe. A noite é muito engraçada.

E ainda teve o Macaubar: um bar que rolou de 1995 a 1997, aqui, do lado de casa. Nesse tempo, eu tinha muito contrato, eu tocava em todo canto. A noite toda. E o pessoal vinha para me ouvir. O movimento era sábado e domingo. Os músicos que vinham dava para fazer uns cinco conjuntos. Vinham tocar de graça e ainda pagava conta. Era muito bom.

Hoje eu sou agradecido em ter sido escolhido Mestre da Cultura. Agora, sou convidado para eventos e para dar palestras. Sou muito alegre. Eu sou feliz com o que eu conquistei... não tenho dinheiro, mas tenho felicidade. Tenho paz, tenho muitos amigos. E mudou muito ser reconhecido. Conhecido eu sempre fui. Mas agora sou mais respeitado. ✨

Mestre

Zé Pio

JOSÉ FRANCISCO ROCHA

Mestre em Bumba Meu Boi

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 4 de dezembro de 1946



“O boi é uma religião que a gente carrega dentro do peito.”

Eu me chamo José Francisco Rocha. Sou filho de Maria da Conceição Rocha. Eu sempre gostei de mostrar a cultura popular do Estado do Ceará: o bumba meu boi. Comecei a brincar de bumba meu boi com três anos de idade, no boi Rei de Ouro. Eu brincava de índio. Lá, eu brinquei cinco anos.

No Pirambu, pra onde eu me mudei, eu encontrei Chico Preto, que tinha o Boi Garoto, e ele me chamou pra brincar. Meu professor foi Chico Preto, ele sendo mais novo do que eu. Brinquei também no Boi Canário, dois anos, que era da professora Fransquinha. Depois, o pai do Mestre Assis, dono do Boi Ceará, tinha falecido. O boi ficou com o Assis, empregado da estrada de ferro. Ele foi chamar o Chico Preto pra resgatar o Boi Ceará. E Chico Preto foi. E lá no Boi Ceará, eu brinquei mais oito anos. Saí do Boi Ceará e formei meu primeiro grupo, o Boi Terra e Mar, eu sendo dono. Também fiz o boi Fortaleza. De lá pra cá, eu fiquei brincando o bumba meu boi.

Quando a TV Tupi chegou por aqui, o povo não ia assistir mais bumba meu boi. Então, a televisão veio derrotando tudo, acabando. Os próprios vaqueiros e brincantes se empenhavam mais em olhar a televisão. Naquela época, quando um pobre possuía uma televisão, podia considerar que ele era um rico. Pra assistir televisão, a gente

pagava uma entradazinha para sentar na sala. Mesmo assim, eu fiquei acreditando, brincando sempre com o boi.

Minha profissão sempre foi pescador. Quando vivia pescando, passei muita fome, muita necessidade. Porque eu vivia na profissão errada. Era pra eu resgatar a cultura viva. E aguentei o rojão. Em 2005, fui reconhecido como um dos Mestres da Cultura, quando viram eu fazer o Boi Juventude e ficaram admirado. Fui mestre pelo Boi Juventude.

Depois eu dei o Boi Juventude para o meu irmão e fui resgatar o Boi Ceará. E hoje, graças a Deus, tenho o boi, convivo com esse boi desde 2005, quando eu recebi o título de mestre das mão do Dr. Lúcio Alcântara e do Ministro Gilberto Gil. Desde de 2005 que eu ganho um salário por mês. Ganhei meu título de mestre e fui trabalhar de educador social.

De pescador, pulei para educador social. Mudou muito a minha vida. Tá mudando sempre. Em 2007, fui premiado pelo Ministério da Cultura. Ganhei um prêmio de dez mil reais. Com esses dez mil reais, eu podia fazer o que eu quisesse. Como eu, muitos mestres foram premiados. Eu não sei o que eles fizeram dos trocados deles. Do meu, eu construí a sede do Boi Ceará. Embaixo é a sede, o galpão e, em cima, é a minha casa. E cada dia que passa, eu amplio mais a minha sede. Só minha sede, não. Do grupo!



RELATO DE VIAGEM

O bairro das Goiabeiras, no lado oeste de Fortaleza, é a zona de pertencimento do Mestre Zé Pio, onde ele mora desde criança. A comunidade toda conhece o Mestre e aponta, com facilidade, onde fica a Rua Vento Leste e o galpão do Boi Ceará. O boi alvinegro recebe majestoso os vistantes, e em todo o espaço do galpão estão a indumentaria e os acessórios que enfeitam integrantes em dias de apresentação. É neste espaço que acontecem os ensaios, as festas, onde são construídos adereços, onde se dão os encontros. Zé Pio, ciente de seu trabalho e da sua responsabilidade, resolveu vivenciar o boi em tempo integral. Construiu sua casa sobre o galpão e, literalmente, vive em cima do boi.

Eu tenho um prazer imenso de ser um dos mestres da cultura. Eu nem esperava receber esse título, que me entregaram em Juazeiro. Eu fiquei muito surpreso e tô muito feliz demais com meu título de mestre. Aonde a gente chega é bem recebido. Aqui dentro das Goiabeiras, onde eu vivo, quando o povo me vê, diz: ali é o homem que possui mais chifre nas Goiabeiras, o dono do Boi. Porque eles reconhecem que eu sou um dos Mestres da Cultura. Pra mim, é um orgulho muito grande. Que isso não é pra todo mundo!

O boi é uma coisa muito importante dentro da nossa comunidade. Nós temos pessoal pra ensinar a tradição. Quando eu pego algumas aulas, oficinas e eu vou dar depoimento das minhas histórias do boi, tem um momento quando os professores, os alunos pedem para passar a dança. Eu canto e as minhas assistas, Brenda e Maria, representam a dança.

O Boi Ceará trabalha com 35 pessoas. Sendo para viajar, são 16 pessoas. A gente não se importa se é jovem ou é criança. Tanto faz se está com 60, 70, 80, 100 anos.

Eu diria pra uma pessoa que nunca viu o boi que se aproxime mais, venha ter conhecimento do boi, da dança com a burrinha,

com o Jaraguá, com a ema, com o bode cheiroso, com o cordão vermelho, com o cordão azul, com reis, capitão, cigana, vassalo, príncipe e Rainha, doutô. Que o boi tem comédia, tem paródia.

Aqui na comunidade, quando chega no mês de agosto, a gente promove os ensaios, que é para preparar o povo para o dia 20 de janeiro do ano seguinte, quando a gente faz a morte do Boi Ceará. Todos os anos, se comemora no dia 20 de janeiro, que é dia de São Sebastião, aqui na rua Vento Leste, número 94, Goiabeiras, Barra do Ceará.

Manter a tradição, com certeza, é muito importante. O governo, o prefeito tem que olhar mais para a cultura do bumba meu boi. Porque o bumba meu boi vive. Eu trago o boi como uma religião. Porque a gente tem que ter aquele compromisso com ele. Se a gente não fizer aquele compromisso certo com o bumba meu boi ele mete-lhe a peia, as coisas se atrapalham. É por isso que eu acho que a coisa mais importante é ter o compromisso. O boi é uma religião que a gente carrega dentro do peito. ✨





Mestre

Rainha Almeida

JOSÉ MARIA DE PAULA ALMEIDA

Mestre em Maracatu

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Maracanaú – Região Metropolitana de Fortaleza

NASCIMENTO 8 de novembro de 1953





“Pintar o rosto faz com que a gente sinta uma força que puxa os nossos ancestrais.”

Eu sou Almeida. Rainha do Maracatu Nação Iracema. Tesouro Vivo da Cultura do Estado do Ceará. Mestre Almeida.

Meu nome é José Maria de Paula Almeida. Nasci em 1953, na cidade de São João de Jaguaribe, Ceará. Filho de Antônio Bezerra de Almeida e Maria Inês Paula Almeida. Desde criança dedicado aos estudos, sempre aconselhado pelos meus pais. Meu envolvimento com a área cultural foi fazendo peças de dramas, ainda no meu primário, na cidade de São João de Jaguaribe.

Em 1962, eu fui para Juazeiro do Norte. Ser seminarista. Lá fiz até o segundo ano ginásial. Voltando a São João de Jaguaribe, terminei o ginásial. Em 1972, ingressei no Exército. Passei seis anos. Nesse período do Exército, conheci o jornalista e folclorista Paulo Tadeu, que sempre insistiu para que eu brincasse no maracatu. Eu não tinha nenhuma aptidão para dançar no maracatu. Eu era ligado à escola de samba e já havia desfilado em algumas escolas em Fortaleza, no carnaval. Mas o Paulo Tadeu sempre insistindo que eu deveria entrar no maracatu.

Um dia, ele me atanzou tanto a paciência que eu disse: no dia que você fundar um maracatu, eu vou fazer parte. E a minha surpresa foi que, em 1980, ele passou na minha casa e fomos a uma reunião no Clube dos Diários e, lá, ele fundava, junto com outros amigos,

o Maracatu Vozes da África. No primeiro ano, desfilei como Princesa, mas comecei o desfile como princesa e terminei o desfile no Corso como rainha. E explico: a rainha, que estava comprometida em desfilar com o maracatu, tinha um outro compromisso com uma escola de samba que estava vindo logo atrás do maracatu. Então, ela tirou a roupa do maracatu e foi desfilando na escola de samba. O Paulo Tadeu, com a coroa na mão, sem saber o que fizesse, viu aquela pessoa muito garbosa e simpática desfilando e disse: é você mesmo que vai terminar o desfile como rainha. E botou a coroa na minha cabeça. Ele mesmo que, até hoje, comenta esse episódio. Assim, eu terminei o desfile como rainha do maracatu que foi campeão, em 1981, do carnaval cearense.

Isso foi muito gratificante para mim, porque terminei um desfile num posto que não era meu, mas cumpri com as obrigações dos jurados, e tiramos a nota dez. E hoje, se disser: você quer o maracatu ou quer escola de samba? Hoje, eu dou minha vida pelo maracatu. De lá pra cá, várias coisas aconteceram. Tive algumas viagens internacionais, fomos participar do festival internacional na França, fomos ao Uruguai, ao Paraguai, a Guiana Francesa e, em quase todos os Estados do Brasil, a gente já participou de festival.

Mas, sempre, tudo tem o seu momento... E houve o momento que eu tive que me ausentar e me afastar do Vozes da África. Foi em 1998. E logo em seguida fui convidado para assumir o posto de rainha no maracatu Az de Ouro. No Az de Ouro, passei até 2002, quando novamente o jornalista Paulo Tadeu e junto a seu William, dona Lúcia e o Movimento Negro, fundou-se o Maracatu Nação Iracema, onde permaneço até hoje, graças a Deus, com muita responsabilidade e fazendo de tudo para que o posto que eu exerço seja bem representado.

Concorri várias vezes através do edital Tesouro Vivo da Cultura, mas, no edital de 2017, galguei pontuação suficiente para que entrasse no rol dos Tesouros Vivos da Cultura do Estado. Fui diplomado em 2018 e, graças a Deus, até hoje tenho honrado os meus compromissos com relação a essa titulação. Uma titulação que me deu respaldo junto aos outros maracatus que passei. Não só o Maracatu Nação Iracema, pelo qual eu desfilo e faço o papel de rainha, mas abracei todos os outros maracatus, sem distinção, porque o mestre, ele tem que ser o mestre dos maracatus

Já ajudei a fundar alguns outros maracatus no interior: o de Sobral, o de Tamboril, o de Canindé, o de Juazeiro, o do Crato, o de Senador Pompeu. Então, isso é muito gratificante para mim ter esse elo capital-interior, porque faz com que, cada vez mais, nós tenhamos conhecimento do que, na realidade, o maracatu representa para o Estado do Ceará. E para a cultura de um modo geral. E eu sempre faço as coisas com muita perfeição, visando a que seja reconhecido, para que não existam críticas. A gente não pode evitar críticas, mas que não sejam críticas muito contundentes em relação ao desenvolvimento do maracatu do Ceará.

Com relação à negritude no maracatu cearense... Essa é uma parte essencial. Porque o maracatu de Pernambuco não pinta o rosto. Já é uma diferença bastante significativa em relação ao nosso. Então, o ponto chave que culmina com a característica oficial do maracatu cearense é a negritude. É a pintura no rosto. Isso é que é o bonito. Pintar o rosto faz com que a gente sinta uma força! Uma força estranha que traz e que puxa os nossos ancestrais, e o negro é uma coisa belíssima.

Sim, porque você traz o sangue, a sua origem vem à tona e faz com que você se sinta emotivo, relembrando o que aconteceu e na realidade como foi o período de escravidão no Brasil.

Ser um Mestre da Cultura, primeiro, é uma responsabilidade muito grande. Por quê? Porque na categoria que você se propõe a divulgar, a sua titulação, você tem que fazer com responsabilidade, com afinco, com carinho, abraçando de uma maneira bem própria e íntima. Para que você possa repassar os seus conhecimentos para os mais jovens, para outros que queiram seguir a categoria do maracatu.

Uma pessoa se torna Mestre, quando na realidade se dedica àquilo que está fazendo. Então, se você se dedica, como no meu caso, ao maracatu de um modo geral. Hoje tenho 40 anos de maracatu completo. 40 anos de maracatu! E fazendo o papel de rainha, 36 anos. Então, tem que ter a sua dedicação e enfatizar cada vez mais o papel do Mestre, que é ser o multiplicador, para que as pessoas conheçam mais e mais o que é na realidade o maracatu.

Uma das funções do Mestre é repassar os seus conhecimentos para as pessoas que realmente desejam atuar na área da cultura tradicional popular e, graças a Deus, nessas







RELATO DE VIAGEM

Uma casa, oficina, galpão de guardar objetos de cena. Assim é o refúgio de José Almeida, Rainha Almeida, do Maracatu Nação Iracema. A casa é no centro do Conjunto Acaracuzinho, em Maracanaú, região metropolitana da capital cearense. Sem os trajes de seu personagem, Almeida é um homem de fala mansa e altiva ao mesmo tempo, ciente e consciente de seu papel de reforço da resistência. Quando veste seu vestido de rainha, coloca a coroa e empunha o cetro, já pintado com a beleza negra, transforma-se na legítima representante de seus ancestrais que nos forjaram brasileiros.

minhas andanças, eu tenho conseguido com que as pessoas se engajem em outros maracatus. Mesmo pessoas alheias, que na realidade não se envolviam com o maracatu como eu, mas agora já estão com a mentalidade diferente. Por quê? Porque quando a gente entrava no maracatu, muita gente dizia: você vai entrar nessa macumba? E o maracatu não tem nada a ver com macumba. Maracatu é uma dança de origem afro. Como é de origem afro, os tambores sempre têm destaque. E repassar os conhecimentos é muito importante. Muito embora ainda se precisa de muito mais apoio para que os Mestres consigam ir nas escolas fazer o repasse desse conhecimento aos mais jovens.

Sem dúvida, o título de Mestre faz com que tenhamos mais respaldo, mais conhecimento do nosso trabalho e também mais conhecimento para o maracatu. O Maracatu Nação Iracema, todos os anos — depois que foi criado o carnaval de rua aqui em Maracanaú e que os desfiles são aqui no conjunto industrial — o Maracatu Nação Iracema não deixou de ser convidado a participar. Primeiro, porque eu sou do município e faço parte do maracatu. Segundo, pelo respaldo que o Mestre tem no município de ser chamado para dar palestra, se envolver

com os alunos da rede pública do município. Eu me lembro que, no ano que eu fui diplomado mestre, a Escola Eleazar de Carvalho me chamou para que eu fosse participar da Semana da Consciência Negra na escola, como uma das pessoas que eram envolvidas com o movimento negro e, particularmente, com o maracatu.

Então, quando a gente se torna Mestre, melhora muito, tanto na parte de reconhecimento, de repasse de conhecimentos, e, de um modo geral, a comunidade observa que tem uma pessoa que faz com que a cultura tradicional popular seja bem vista na comunidade. ✨

Mestre

Cacique Sotero

JOSÉ MARIA PEREIRA DOS SANTOS

Mestre em Cultura Indígena (Povo Kanindé)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Aratuba – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 15 de novembro de 1943



“Sou um historiador de contar e guardar a história.”

Meu nome é José Maria Pereira dos Santos. Sou o cacique Sotero, da Aldeia indígena Kanindé, em Aratuba. Sou mestre da cultura indígena. Eu vivo, nasci e me criei aqui. Sou filho de Lafaiete Francisco dos Santos e de Maria Pereira dos Santos. E eu me reconheci sob e dentro da nossa história indígena desde os antepassados que, era meu avô, minha avó, meus pais, e hoje tô na minha idade, de 78 anos, vivendo aqui nesta aldeia indígena dos Kanindé. Kanindé com K. Essa é a nossa origem. E este nome de Sotero, foi meu avô que botou esse apelido. Disse minha mãe que foi quando eu tinha três anos de nascido.

Eu me entendi como índio desde eu criança, quando eu nasci. Eu quis sempre conhecer a história do meu povo. Essa história eu perguntava — que eu sempre fui muito curioso, fazia muita pergunta — e ouvia de meu avô, do meu bisavô, que eu conheci eles e eles já foram falando em índio.

Eu criança, tinha nessa base de uns dez anos, eu saía para o mato mais um irmão meu. Caçar passarinho para comer o coração, que a gente chamava de Beija-Flor. Isso era para a gente ficar bom atirador. Tinha também uns passarinhos que a gente chamava de Mané Chico. Ainda tem muitos. A gente matava, depenava e lá no mato mesmo comia e achava bom. Ficava muito dentro do mato. E as pessoas ficavam chamando a gente de índio.

Um dia, a gente achou uma pedrinha preta de rutilo. Quando eu cheguei do mato, mostrei a minha mãe. E ela me disse “tu guarda essa pedra, que essa pedra é dos índios escrever o nome deles nas outras pedras. E você aguarde, que depois ele vai servir para vocês botarem num museu”. E eu guardei a pedra, e essa pedra está no museu hoje.

Quando foi em 1995, nós fomos convidados para o encontro de indígenas em Maracanaú. Quem nos convidou, eu e meu irmão, foi Maria Amélia, que era da missão Tremembé, uma associação dos índios Tremembés. E ela conhecia a gente aqui na Serra de Aratuba, porque ela trabalhava na casa paroquial. Ela achou a gente muito parecido com índio: as nossas feições, as nossas falas, o nosso jeito. Com esse convite, nós fomos a esse encontro lá em Maracanaú. Lá a gente encontrou os Tremembés, os Tapebas, os Pitaguary, os Jenipapo Canindé e também os daquela região de Crateús. E nós passamos quatro dias em cima da Serra da Monguba. E lá foi que eu me lembrei da pedra que eu tinha achado, e do que minha mãe tinha dito — que era para eu guardar aquela pedra, porque ela podia ir para um museu, para dizer que era dos índios, que era o lápis que eles escreviam com a pedra nas paredes, nas pedras.

E quando nós chegamos em Aratuba de volta, eu e meu irmão, fizemos uma reunião





RELATO DE VIAGEM

Museu Indígena do Povo Kanindé, no Sítio Fernandes, em Aratuba, é sem sombra de dúvidas, um exemplo de resistência da cultura indígena no Ceará. Mestre Cacique Sotero criou o Museu como forma de mostrar ao seu povo uma história que não deveria ser esquecida. Em nosso encontro, em sua casa, o Mestre nos contou como foi o despertar dessa consciência, ainda cedo, na infância. Falou-nos com emoção das críticas e ofensas que sofreram por terem se assumido indígenas e de sua paixão pelo conhecimento de suas origens e costumes ancestrais e que, com isso, se fortaleceu e virou Mestre da Cultura.

e convidamos nossos tios, um povo já bem maduro. Quando nós dissemos o que era que nós tínhamos ido fazer em Maracanaú, eles contaram a nossa história e disseram que a gente era de um povo indígena.

Foi depois desse primeiro encontro que nós tivemos coragem de nos assumir. A gente vem se assumindo, ajuntando o povo e criando força, mesmo sendo criticado pelo homem branco, por aqueles que não acreditavam na nossa história indígena. E a gente vem se fortalecendo. Não foi muito fácil não. Porque, no começo, fomos muito criticado, levamos muito nome de ladrão, de querer se aproveitar do governo. Era aquela história de que a gente não era índio.

E fomos se fortalecendo. E fomos crescendo. Hoje nós estamos aqui nesta aldeia. Nós já temos quase 1.000 índios cadastrados e reconhecidos pela Funai, pela saúde, educação. Uma quantidade boa para contar nossa história. Hoje eu sou o Cacique. Fui escolhido numa reunião, aqui na aldeia. Eu e o Pajé. Porque por onde a gente andava, lá nas outras aldeias, havia o Cacique e o Pajé. Desde esse tempo até hoje, ainda estou sendo o Cacique da aldeia. Por hora só é um cacique e um pajé, porque nós só somos uma etnia. Aqui em Aratuba e no município de Canindé.

Como Cacique, a gente fica viajando para visitar outras comunidades, outras aldeias indígenas, e vai juntando forças.

Quando a gente faz as reuniões, os encontros das aldeias, a união é boa, é grande. A gente é louco para trabalhar em comum. E quando a gente trabalha junto e se reúne, fica sendo uma coisa forte.

O museu aqui do Sítio Fernandes, de Aratuba, começou da pedra. Ele começou dessa pedrinha que eu achei. Cheguei na minha casa, que agora é só Museu, eu botei uma mesinha, na sala, e botei a pedra. E comecei a juntar as coisas que a gente achava aqui na aldeia. A machadinha — uma coisa linda que nós temos no museu. A gente achou o cachimbo e outras coisas, que, segundo dizem os mais velhos, era o que os índios usavam.

E o museu foi crescendo, crescendo. Hoje temos um museu bem começado. No museu, eu me baseei muito na minha curiosidade. Se você ver o museu, ele tem muita caça e tem muito couro de caça. Tudo empanado, tudo costurado. Porque nós aqui somos de um povo que gostavam muito de caçar. Isso era antigamente. Hoje, ninguém pode caçar mais, por causa que as caças estão ficando extintas. E as matas estão se acabando, estão mais diferentes. A gente não caça

mais como antes. Mas a gente ainda come. A caça que nós gostamos é o peba, o tatu, o preá, o gato maracajá, o veado, o tejo, o camaleão. De todo tipo.

O Museu e meu conhecimento trouxe uma coisa importante. Trouxe o título de Mestre da Cultura. Foi pelo meu conhecimento e pelo dom que Deus, nosso pai Tupã, me deu. Esse conhecimento que eu aprendi, o conhecimento da história velha, eu deixo dentro da nossa aldeia. É a história do meu avô, a história do meu bisavô. É sobre as matas, sobre o meio ambiente, sobre os nativos. Sobre os encantados. Essas são coisas que nós temos nas nossas matas.

Sou um historiador de contar e guardar a história, mas não de escrever. Eu não tenho leitura. Conto história de um passado que ajuda muita gente ser um historiador. Uma história de verdade, do que a gente conheceu, conto o que meus pais diziam, o que meu avô dizia e o que eu cheguei a ver na minha idade que eu estou. Já meu filho, Elenilson, é historiador no lápis e no computador.

E eu conto nossa história para os mais novos. Eu ensino. Eles vêm para esse terreiro que nós estamos. Eu vou para a escola indígena e dou aula a eles dessa história que eu estou contando, eu passo para os nossos

alunos. Do meu passado e do meu povo, nada ficou escrito. Se eu não tiver ainda um pouco dessa memória e ainda não me lembrar de como foi o passado, como eu estou contando, pode se perder. Mas agora, de certos tempo para cá, para os mais novos, está ficando tudo em discos. Está ficando em CD, está ficando em papel. Eu creio que eles vão ter muito mais facilidade de contar a história para os filhos deles. Hoje, eles têm chance para escrever, pra ler. E eu tenho esperança que essa história não se acabe.

Quando eu recebi o título de Mestre da Cultura, para mim, foi uma alegria tão grande que eu chorei. Não nego que eu chorei. No dia que eu fui receber o Diploma, lá em Sobral, o Reitor da Universidade disse que, daquele dia em diante, se eu já era doutor, se eu já era historiador, agora que eu tinha mais história para contar.

Mas eu queria ser novo hoje para ter mais força para contar as coisas que eu vi, que eu fiz, que eu passei por ela. ✱

Mestre

Zé Pedro ou Zé Gonçalo

JOSÉ PEDRO DE OLIVEIRA

Mestre em Reisado de Couro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Barbalha (Sítio Barro Vermelho) – Região do Cariri

NASCIMENTO 13 de junho de 1929



“Reisado é uma brincadeira, mas é uma brincadeira séria.”

Eu sou o mestre Zé Pedro, do município de Barbalha. O meu nome certo é José Pedro de Oliveira. O meu apelido José Gonçalo. Finado meu pai botou esse apelido em mim porque tinha um irmão meu, da primeira mulher dele, que se chamava também José Pedro de Oliveira. Aí, mode não ser dois José Pedro de Oliveira, ele botou esse apelido.

Então eu vou começar agora a falar sobre a cultura popular do Estado do Ceará. A cultura, pra mim, começou eu com idade de 12 pra 13 anos. Os mestres que eu trabalhei com eles já morreram todos. Só tem eu e Antoin Café, lá no Araticum.

Esse reisado que eu tenho agora foi renovado. Só eram três personagens: o boi, a burrinha e o cavalo. Chamaram para ir ao folclore, em Barbalha... O pessoal de fora. Então eu reuni os meninos pra renovar o reisado de couro mode eu ir pra lá representar Barbalha e o Estado do Ceará todo.

Eu recomecei numa base de 50 anos. Porque eu já tô na idade e meu senso não tá mais apumado que nem tava. Mas eu regulo que é por aí, viu! O mestre ia ser Antoin Café. Na hora da apresentação ele não soube fazer direito. Aí o finado Chiquinho Bernardes disse: o reisado vai ser o de Zé Gonçalo mesmo! Porque ele tem a cabeça boa. Ele vai representar tudo. Eu juntei os meninos. Com a cruz

eu não quis ir. Fui com o reisado de couro. Tá com uns quarenta pra cinquenta anos. Mais ou menos.

Daí pra frente, ficaram chamando pra fora, pra aqui, pra acolá, aqui no Brasil. Porque nós somos brasileiros... é daqui mesmo. Fiquei percorrendo Crato, Barbalha, Juazeiro. Só não fui pro Jardim. Iam levar, mas eu não fui. Paraíba, Russas, Mato Grosso do Sul, Limoeiro do Norte. O lugar que eu achei melhor para representar o folclore foi o Limoeiro do Norte. Todo canto deu bom, mas eu achei melhor no Limoeiro do Norte.

Eu achei muito bom ser um mestre da cultura popular no Estado do Ceará. Porque eu sou brasileiro, nascido nas Cabeceiras, Barbalha. Vim com seis meses de idade pra mata, que os políticos apelidaram de Barro Vermelho. Mas aqui toda vida foi Mata de Araçá. Meus documentos é tudo Mata de Araçá. Aí mudaram... tá bom. A culpa é deles. Minha não!

Daí por diante eu achei bom eu ser representante do folclore aqui de Barro Vermelho, aqui ao redor tudo! Nesse meio de mundo todo. Não me sinto orgulhoso, porque não tenho orgulho. Mas eu me sinto feliz. Eu já disse: enquanto eu for vivo, eu não vou acabar com o folclore. Agora quando eu desaparecer... Se quiserem continuar, continue.

Eu gosto muito de tirar o reisado. Se eu não gostasse, na idade que eu tô, eu não ia mais sair pra representar o reisado. Outro dia, vieram buscar mode eu levar os meninos pro Canadá. Mas disseram que o frio estava abaixo de zero. O que eu ia ver lá? Eu ia morrer pra lá? Não! Eu, se morrer, é em casa. Porque a minha família está toda em redor de mim. Fico satisfeito quando eu morrer ser em casa. Nem no hospital eu não quero. Uma vez eu tava doente e pedi alta ao doutô e vim pra casa doente porque tava com grande saudade de minha família, grande saudade!

É importante eu representar o reisado do couro. Importante botar meus netos mode eles apresentarem pra não faltar cultura popular no Estado do Ceará. Por quê? Tá acabando, tá acabando. Vocês prestem atenção... ali na festa de Santo Antônio tinha folclore, mas agora não tem. Eu me atrevo ir doente pra Barbalha pra levar o reisado de couro. Todo ano, no pau da bandeira de Santo Antônio, eu tô lá.

Vou porque os meninos — já tá com tempo — mas não faz que nem eu mando. Mas, se Deus quiser e antes de eu desaparecer, eles vão aprender. Justamente os meus netos que são novos, estão estudando, tem inteligência. Eu sei que eles vão aprender. Mas é duro! Por que? O camarada dentro de 45, 50 anos não aprender tudo direitinho, é duro. Eu aprendi foi por conta própria, quase. Quando eu renovei. Foi quase por conta própria. E toda vida a minha cabeça foi boa mode eu fazer tudo. E eu não tenho estudo. O estudo meu foi cabo de enxada.

No começo eu saía fugido pro reisado. Eu botava uma mão de pilão dentro da rede, cobria com as beradas da rede, e o finado meu pai, quando se levantava, cuidava que

era eu que estava lá! Mas eu tava era lá no reisado, brincando o mateu no reisado do finado Zé Rufino. Ele foi pedir ao meu pai para eu ir com ele mode ganhar dinheiro no sertão. Meu pai disse: você pode me pedir o que quiser, Zé Rufino — eu gosto muito de você —, mas meu filho sair pra ganhar dinheiro por aí pelo sertão, não! E eu não vou perder meu trabalhador. Ele nunca saiu daqui, e o pouquinho estudo quem deu fui eu e não posso deixar ele no mundão grande não. Ele tem que trabalhar, porque eu já tô velho e empancando o trabalho, e ele tem de continuar o trabalho, mode arrumar o pão.

Porque naquele tempo não tinha esse aposento. Naquele tempo só era a força de Jesus pra criar a família. Até eu criei minha familia todinha, doze filhos — seis homens e seis mulheres com muito trabalho.

Sobre o meu reisado de couro, eu tô caçando outro. Eu não sei se tem por aí não — pode até ser que tenha que nem ele por aí afora, porque tem muito folclore, mas esse reisado de couro meu é querido aqui nessa região, de Fortaleza pra cá. Que eu já brinquei muito aí fora. Brinquei muito aqui na sede, ensinando. Tô ensinando. Senão eles se esquecem. Dando ensaio, eles fazem bem feito na Festa de Barbalha. Eu não posso mais tomar a frente, mas tem dois que puxam e os outros vão atrás.

É muita diferença do reisado de couro pro reisado de congo. Porque o reisado de couro não corre perigo. Os reisados de congo têm aquelas espadas — eu brinquei muito neles. Faz medo. Eu não chego mais nem perto. Porque teve um acidente com a minha mão, numa tomação de rainha, em Juazeiro do Norte. Meu mestre entregou a espada, mode não deixar tomar a rainha...







RELATO DE VIAGEM

Um amplo sítio com uma grande casa avarandada, com outras casas menores ao redor. É neste universo familiar, criado pelo Mestre Zé Pedro, que ele vive e mantém acesa a tradição do seu reisado de couro há mais de 40 anos. O respeito e a reverência familiar e dos amigos ao bem humorado, risonho e, ao mesmo tempo, firme Mestre é de fácil percepção. Muitas risadas permearam a conversa e, quando terminamos, era hora do almoço, e um banquete nos aguardava na cozinha. Escolhemos ir à Barbalha na semana que antecedeu a Festa de Santo Antônio e encontramos Mestre Zé Gonçalo poucos dias antes da festa. O mestre gripado, andando devagar e sem firmeza nas pernas, foi taxativo em dizer que não ia para o tradicional cortejo dos grupos folclóricos. No entanto, no dia da festa, para nossa surpresa, encontramos o Mestre, amparado pelos brincantes do grupo, tocando o pandeiro e dançando. Andou todo o percurso, em pleno sol de meio-dia. Pleno de alegria!

O mateu do outro grupo botou a espada pra furar meu olho. Eu muito jovem, muito valente no corpo, rebati. Quando eu botei nele, ele não rebateu, aí furou, lá nele, quase furava o olho. Foi aí que eu entreguei a espada ao mestre e disse: não pego mais nunca numa espada de reisado de congo. Parei de tudo.

Então eu formei o reisado de couro: o boi, a burrinha e o cavalo, seis caretas, a véia, o menino da véia, o urubu. Agora formei o reisado de baile por minha jurisdição. E o reisado de baile é bonito. Não tem espada. Eu trabalho com quatro damas, dois caretas e dois mateus, o Rei e a Rainha. A espada que tem é de plástico, só mode armar mesmo o reisado. O reisado de couro não corre perigo. O reisado de baile também não. Eu tô ensinando essas meninas, esses meninos. Agora é cabeça dura. É obrigado ter muita paciência. Eu tenho muita paciência, na idade que eu tô... Mas os meninos são dormente! O reisado é uma brincadeira, mas é uma brincadeira séria. ✨





Mestre

Deca Pinheiro

JOSÉ PINHEIRO DE MORAIS

Mestre Penitente

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré (Sítio Cacimba do Mel) – Região do Cariri

NASCIMENTO 2 de maio de 1935







“Só entra na vida de penitente quem tem coração.”

Meu nome é José Pinheiro de Moraes, conhecido como Deca Pinheiro. Sou um penitente e já está com 64 anos que estou dentro da irmandade, cumprindo a missão que meu pai deixou pra mim e Deus consentiu. Venho nessa batalha forte, sofrendo, porque o cabra que anda à noite que nem nós anda, se cortando, derramando nosso sangue e tudo, é um sofrimento. Mas, graças a Deus, confiando em Deus, essa missão eu tenho de cumprir até quando eu morrer.

Eu entrei na irmandade com 12 anos. Meu pai não sabia. Chegou o tempo dele se prostrar e ele já tava consciente que ia deixar essa missão, que ela ia acabar porque não tinha ninguém pra ficar no lugar dele, ninguém que tomasse de conta. Eu tinha aquela vocação, de ajudar a cantar e andar mais os penitentes. Fui tomando gosto até quando resolvi. Foi o tempo que já conheci que meu pai não ia mais existir muito. Aí eu entrei no grupo, fomos tirar terço, andar mais eles, fui pedir esmola. Foi na época que meu pai soube que eu era penitente, porque eu cheguei já o dia amanhecido. E ele perguntou: você tava aonde até uma hora dessa. Eu respondi: Pai, eu andava mais Mané Carlo, fomos tirar umas esmolos. Você anda com o grupo de penitentes? Ando, pai, já tô colocado nele. Aí ele disse: pois pode seguir, meu filho, a minha missão. Meu pai faleceu,

eu tomei de conta da missão dele. Aí, dali por diante, Deus deu o consentimento, parece que foi Deus que me chamou de coração, que eu também recebi de coração. Até hoje, graças a Deus, estou me dando bem e venho cumprindo certo até o dia que Deus me tirar.

Já trabalhei com muitos grupos de penitentes... Lá no Arrojado. De lá, fui obrigado a vim prá aqui, em 58, porque o tempo tava feio por lá. Meu tio comprou um terreno aqui em Genezaré e me chamou pra abrir uma roça. Nós viemos, abrimos a roça, aí os outros foram-se embora e eu fiquei — eu e um irmão meu.

Aqui, tinha uns penitentes. Mas eles tinha cerimônia de dizer que era penitente. Nesse tempo, ninguém podia dizer mesmo não A irmandade é tão fina que é até pecado, quem souber dizer uns pr'os outros! Então... tinha esses penitentes aqui e eles ficaram sem Decurião, devido ao falecimento dele. Esse grupo era o da Cacimba do Mel.

Eu trabalhei com outro grupo aqui embaixo, com o Cinca Zeca que era meu tio, trabalhei mais ele, passei mais ele bem uns quatro a cinco anos e ele foi-se embora para Salvador, e aí, nós também ficamos sem Decurião...

Mas nós tirava terço. Os penitentes sempre se juntavam, tiravam os terços, fazíamos nossa obrigação. Aí, foi o tempo que surgiu um camarada, um dos penitentes mesmo,

que era o mais velho da nossa turma. Ele conseguiu ajuntar a turma da Antonina, que era seis, e nós quatro daqui. Ele juntou tudo, e nós fizemos o grupo, e foi quando nós trabalhamos uns quatro a cinco anos, e ele foi embora para o Arrojado. Lá foi falecido. Aí, ficamos sem grupo de novo. Ficamos aguentando, aguentando, aguentando.

Os da Cacimba do Mel ficavam pra lá e eu pra cá. Nós era apartado. É tanto que até o cantar nosso é diferente do cantar deles. Meu sistema de cantar é um, e o sistema deles cantar é outro. Não dava certo. Quando eles estão cantando o bendito, eu mesmo sou obrigado a parar porque não sei... é o mesmo bendito, mas o solfejo é diferente do meu. Mesmo assim, pelejei. Aí morreu os dois mais velhos: o pai de Joaquim de Camilo — o Camilo Velho — e, depois, o Quinco Duarte, o Decurião e eu fiquei mais eles. Passei pro grupo deles, que eles estavam sem Decurião e eu também. Porque depois que os mais velhos faleceram, ficou tudo parado... Ai, nós combinamos.. eu disse: lá embaixo, eu sou só, vocês aqui são sete. Vamos controlar e fazer um grupozinho só?!

Hoje, eu sou o Decurião do grupo de penitentes da Irmandade de Nossa Senhora, da Cacimba do Mel, Assaré.

O trabalho de um penitente é ajeitar o grupo, escolher um cruzeiro, em algum canto. A gente vai, tira o terço, oferece às almas, aí a gente vem pra casa. E nós tem devoção de tirar esmola para apurar dinheiro para fazer rezado de missa pras almas. As almas... a gente precisa rezar pra elas. Às vezes, uma pessoa faz uma promessa... ela vai falecido e a promessa não vai feita. Ela volta, escolhe uma pessoa (do grupo) pra pedir àquela pessoa para rezar aquele terço daquela promessa que ficou devendo, né?!

E Assim a gente vai e paga aquela promessa que a pessoa fez... Porque, às vezes, a alma está penando, se você morre e fica devendo uma promessa, não paga, enquanto você não pagar ela, você está devendo. Ali, já tem sofrimento também. Aí, a gente vai e paga.

A devoção maior que nós faz é quando entra a quaresma, que é quarenta dias. Rezar os terço da quaresma e tirar esmola. Recebe aquelas esmolos, tira para o jejum da gente, se sobrar, nós damos a quem não tem. O jejum, nós repartimos. E, assim, nós vem tirando o terço, nós temos obrigação de tirar terço...

O Decurião, o chefe do grupo, investiga o sujeito todim quando ele vai receber o cargo de penitente, o nome de penitente. Ele recebe a Ópa, recebe aquela calça branca, recebe o cacho.

O Decurião leva o novato no meio da turma pra ele tirar o terço. Ele deixa nós tudo lá junto. Se o Decurião chegar lá, depois de terminado o terço, e não tiver trabalho feito, que é o flagelo, a disciplina — que os outros que já têm costume faz —, ele diz: se abaixa aí, se enrola aí, que eu vou fazer. Dá umas quatro ou cinco lapada boa. Aí, o sangue desce logo. Aí, vai e perde o medo... Aí, pronto. Dali por diante, o cabra já perdeu o medo. Porque o medo que os novato tem é que eles pensam que dói, vai inflamar aquelas feridas, criar ferida. Não!

O cacho — que é o nome do que corta o cabra — é bento pelos padres. E o cabra se corta é do tanto que quiser, mas, quando é com dois dias, está saradinho. No outro dia, tem somente aquelas marquinhas, Aqueles golpinhos. Aí, com três dias, está largando a casca. Aí pronto: já tá sarada.

Essa prática que a gente faz é para lembrar quando andavam judiando com Jesus Cristo. Chicoteando. Eles davam tantas lapadas, que

nem as conta no bendito daí, ficou o cacho. Por isso, todo penitente tem de ter esse cacho e se chicotear, como fizeram com Jesus Cristo.

A vida de penitente é uma vida sofrida. Só entra na vida de penitente quem tem coração. Se for de coração! Se não for, pode desistir. Porque é pesada. Porque andar e ficar três dias tirando esmola e se cortando nesses três dias, às 12 horas da noite! É pesado.

Sai cada qual com seu saco de legumes nas costas e quando dá 12 horas da noite — hora que o galo canta — o cabra bota tudo no chão. Aí, quem tiver cacho vai se cortar até o galo cantar três vezes. Depois que o galo cantar, segue a viagem. E é assim.

E o cabra se corta hoje, e amanhã se corta de novo em cima dos mesmos golpes e ainda tem a terceira noite. Que é três noites! Ele ainda vai pegar os golpes inflamados e vai bater em cima de novo. E é assim.

E é por isso que eu digo que a vida de penitente é muito difícil.

Se eles dizem: Eu não vou me cortar porque não vou derramar meu sangue, porque dói, vai criar ferida. Eu digo: pois é, vocês é quem sabe. Eu tô fazendo a minha parte.

Porque se eles dizem que aquilo já se passou, aquilo foi no tempo de Jesus Cristo. Eu digo que o que Jesus Cristo fez e deixou não se acaba não! Se acaba a má vontade da gente. Aí se acaba. Mas o que Ele fez e deixou feito na Terra não se acaba não!

A gente entra para a Irmandade assim, de livre vontade. O Decurião não vai atrás de ninguém. Quem tem o bom coração entra por sua livre vontade, de gosto. Entra e vai acompanhando, se dirigindo pelo grupo. Vai vendo os mais velhos e pegando a prática deles, até ficar que nem eles. Aí, o Decurião sabe que a gente pode conseguir aquele caminho. E diz: olha, você não pode falar

pra ninguém que é penitente, e quando for para uma obrigação, não se avistar, não deve passar em frente de casa e nem se apresentar a gente que vem na estrada. Se vocês ouvirem um conversê com 15 ou 20 braças na frente, vocês entrem pros mato, se esconda, deixe aquele povo passar, depois siga a viagem de vocês. Porque não pode e é assim.

Quando eu recebi o título do mestre, eu fiquei muito contente porque nunca esperancei de chegar onde cheguei. Hoje considero como meu Mestre da Cultura Patativa do Assaré. Agora, eu represento dois grupos: o da irmandade e o da cultura. Eu tenho de cumprir meus deveres com os dois grupos. Eu tenho compromisso com os dois grupos.

Os penitentes não vão se acabar de todo. Se acaba uns e outros não. No meu caso, só se acaba quando eu chegar a morrer. Mas, se meu filho tiver o sentimento que nem eu tinha pelo meu pai, se ele tiver o gosto de cumprir a minha missão, pega meu cargo, né?! Mas até agora ainda não sei se isso vai acontecer. E eu já tenho 64 anos de irmandade e nunca chegou o plano de um dia desvanecer. Nós temos o interesse e a vontade ir pra frente e não pra trás. Pra o grupo nunca se acabar. ★



RELATO DE VIAGEM

Genezaré, um dos distrito de Assaré, é um meio entre Assaré e Potengi. Mas não é passagem. De qualquer um dos municípios são cerca de 30 quilômetros de estrada de terra. Foi preciso duas viagens, a partir de Juazeiro do Norte, para encontrar o Mestre Deca Pinheiro, que mora no Sítio Cacimba do Mel e vive na labuta seja como pequeno agricultor e pecuarista, seja na lida com as penitências para lembrar as dores de Nosso Senhor Jesus Cristo a caminho do Calvário. Encontramos o mestre cuidando de uma vaca parida, tirando uma casca de angico para fazer uma beberagem e não deixar o bicho morrer. Para nos atender e fazer a reza com esmero foi limpar a cruz, amolar o cacho da disciplina e vestir solenemente a opa da Irmandade de Nossa Senhora. À noite, o Mestre convocou os outros membros do grupo para cantar, benditos em um cruzeiro fincado na estrada, sob a luz da lua cheia.



Mestre

Stênio Diniz

JOSÉ STÊNIO SILVA DINIZ

Mestre em Xilogravura

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 26 de dezembro de 1953







“A inspiração é uma coisa meio louca de se explicar. Comigo é tudo na espontaneidade.”

Meu nome é Stênio Diniz. Nome completo José Stênio Silva Diniz. Nasci em Juazeiro do Norte, no ano de 1953, no dia 26 de dezembro. Sou neto de José Bernardo da Silva, o fundador da antiga tipografia São Francisco, que hoje chamam Lira Nordestina, e dentro do universo dessa gráfica foi que eu me criei. Já aos cinco anos de idade eu trabalhava juntando papel numa máquina, uma grande máquina impressora, que imprimia dez mil folhas de cordéis por dia. Isso para registro: se eu nasci em 1953, era em 1958, então dá pra se ter uma ideia da quantidade de cordel que era vendida e publicada aqui em Juazeiro do Norte. Com o passar dos anos, aprendi a ler, escrever. Então, passei a trabalhar na gráfica como compositor. É que essas tipografias funcionavam com tipos manuais. Hoje em dia todo mundo conhece só digitação. Mas antes era letra a letra que eram colocadas em um componedor e posteriormente iam para a máquina para ser impressos os textos. E com dez, doze anos comecei também a imprimir, em uma pequena máquina impressora que era movida a pedal, não era à energia.

Em 1969, fui para o Rio de Janeiro com a família. O cordel já estava em crise nesse tempo, sua venda tinha caído muito. Atribuímos essa queda à chegada da televisão

— o público foi arrastado para o vício da televisão e o cordel perdeu muito com isso. Em 1970, voltamos para Juazeiro. Foi quando eu comecei a fazer xilogravura. Exatamente nesse ano. Foi também o ano que morreu o meu pai, Diniz, José de Sousa Diniz. Esse ano tem essa marca.

Em 1972, faleceu o José Bernardo da Silva, o fundador da gráfica. A essa altura eu já tinha ido morar em Brasília, fui fazer uma exposição na UnB. Aí minha avó mandou me chamar pra eu ajudá-la no gerenciamento da gráfica, porque ela estava sozinha. E eu fiquei na gráfica durante o período que minha avó estava viva. Quando ela faleceu, a minha avó, foi minha mãe, Maria de Jesus, quem ficou gerenciando a gráfica. E a essa altura, o nome da gráfica, que era tipografia São Francisco foi mudado, por orientação de Patativa do Assaré. Patativa do Assaré deu a ideia de colocar o nome de Lira Nordestina e esse nome ficou até hoje. Então esse nome Lira Nordestina a gente deve a boa ideia do Patativa.

A decadência da Lira, com os cordéis vendendo cada vez menos, era crescente. Isso obrigou a minha mãe a vender a gráfica para o Governo do Estado do Ceará, em 1982. Ela negociou e o Governo comprou. Mas como

não poderia gerenciar a gráfica — eu acho que nem legalmente —, o Governo doou a gráfica para uma academia chamada Academia Brasileira de Cordel, a ABC, que tinha como Presidente Vidal Santos, um jornalista de Fortaleza.

Os primeiros cordéis que foram impressos vinham com o nome ABC, da editora que fazia os cordéis. Depois de alguns anos, o Vidal Santos entregou a Lira Nordestina aos cuidados da URCA, a Universidade Regional do Cariri. Então, há mais de vinte anos que a gráfica está sob a tutela da URCA. Inclusive, o patrimônio da Lira é todo tombado pela URCA, ou seja, é de responsabilidade da URCA o funcionamento da Lira. Só que, na verdade, o que vemos hoje é uma falta de iniciativa da URCA, falta de projeto que realmente funcione, que faça funcionar e voltar a ser, pelo menos, dez por cento do que a Lira era antigamente. Porque hoje ela não imprime um cordel sequer. Ou seja, é um engenho que não produz rapadura, nem açúcar, nem garapa, nem nada. A gráfica de cordel mais famosa do Brasil está abandonada, sem nenhum direcionamento, sem nenhuma perspectiva. Eu não conheço nenhum projeto que atenda às necessidades da *Lira* para que ela possa voltar a cumprir o papel dela — que não era somente o de editar os clássicos da literatura de cordel, mas também editar os poetas novos. Hoje, não acontece nem uma coisa nem outra. Lamentável! Mas a gente espera que esse quadro se reverta.

A minha trajetória como xilógrafo se funde a esse dismantelo que foi a venda da gráfica. Isso me desestruturou totalmente, porque eu não vi mais a gráfica cumprindo o seu papel. Então, em 1985, um grupo de alemães, da cidade de Colônia, vieram à Juazeiro, conheceram as minhas xilogravuras

e me fizeram um convite para que eu fosse à Alemanha. Aceitei o convite, mesmo pagando a passagem do meu bolso. O que aconteceu foi que, como eu demorei a pagar as primeiras prestações das passagens, — o juro era muito alto nessa época, então triplicava o valor — a dívida ficou praticamente impagável. A essa altura, eu não podia voltar da Alemanha. Mas foi bom, porque me obrigou a ficar praticamente dois anos na Europa, entre Alemanha, França, Portugal, Bélgica. Rodei um bocado para angariar o dinheiro para pagar os débitos e trazer algum dinheirinho.

Antigamente a xilogravura era feita somente para o cordel, não tinha gravuras de outras dimensões. Ou seja, você só ia ver uma gravura nova quando fosse publicado um cordel. Mas hoje não. Dezenas de xilógrafos fazem trabalhos de dimensões maiores, independente de ter encomenda. Fazem o trabalho próprio. Eu acho difícil que a arte da xilogravura se acabe. Com esses fomentos de cursos, o nome, vira uma badalação também... Xilogravura, xilogravura — Deus queira que aconteça isso também com o cordel. Dê uma badalação e comece a ativar mais o cordel. Não conheço uma cidade sequer que tenha um terço dos xilógrafos que tem em Juazeiro, e olhe que eu já rodei — só pra Europa fui 13 vezes. Aqui é uma cidadezinha do interior, mas nenhuma cidade grande que tem por aí tem tantos xilógrafos. E com trabalho de qualidade. Os xilógrafos capricham. O zelo é tanto que a gente sabe que virou escola. A gente sabe que tem a escola de Caruaru, de Recife, com J. Borges, com Dila, com o próprio Samico que era mais erudito. Mas tudo numa escola pernambucana. Nós aqui temos uma escola, não dá pra dizer o nome: escola “x”! Mas Juazeiro, Cariri criou uma escola de xilógravos importantes, ao ponto



RELATO DE VIAGEM

Stênio Diniz mora no seu atelier. Seu lugar de trabalho é sua casa, não o inverso como geralmente acontece. Cercado das matrizes, de onde saíram piracemas, pássaros encantados, pavões, personagens que parecem eclodir de um mundo onírico, às vezes lúdicos, outras assustadores, o Mestre da Xilogravura, neto do poeta e fundador da Tipografia São Francisco, brindou-nos com sua história. Artista, antes irrequieto, agora parece apaziguado consigo e com o seu mundo, onde sobressai-se seu filho mais novo. O mestre, em grandes e pequenos formatos, fala através de sua ponta seca, de seus traços sinuosos, do preto e branco e das cores que imprime, por vezes, na gráfica que já foi sua e agora é de todos os xilógrafos da região.

de quando a gente chega por aí, alguém diz: essas xilogravuras foram feitas pra banda de Juazeiro, não é do Pernambuco. Nas gravuras de Pernambuco existe muito branco no fundo, então, esse vento que aparece nas daqui, não se coloca na gravura de lá. Tem muitos espaços vazios. Elas são bem chapativas, as distâncias. Aqui, as dessa região, já são mais preenchidas.

A inspiração é uma coisa meio louca de se explicar. Comigo é tudo na espontaneidade. Deu vontade. Como se diz, deu na telha... Vem aquela coisa... eu posso citar exemplos: da época da ditadura militar — naquele momento, me vinha a inspiração de ter a arte como uma arma, como denúncia porque a ditadura era uma coisa altamente periculosa, prejudicial mesmo ao artista, e eu partia para mostrar a realidade. Para tentar dar minha contribuição em cima da anistia. A retratação de períodos de seca... eu retratei muito. Hoje, a gente olha aquele material e sente até medo... muita gente faminta, retirantes. Mas as gravuras serviram para mostrar um retrato de época, de fazer uma coisa que tenha a ver com aquele momento. Então, essa coisa da época é muito importante para mim. Uma gravura

chamada “peregrinação no rio São Francisco” — de uma peregrinação que algumas pessoas fizeram, junto com um padre que fez greve de fome para defender o Rio.

No penúltimo encontro dos Mestres, lá no Crato, um amigo chegou e perguntou pra mim: Stênio, o que é que eu faço para ser mestre? A minha resposta foi: seja! Não é diploma que vai torná-lo mestre. Porque se fosse assim, muitos que não têm esse diploma, não seriam mestres. O diploma vem só para beneficiar alguns mestres. Mas a coisa do mestre em si, nenhum diploma pode dizer. Porque ser mestre é uma coisa natural. E o mestre verdadeiro, pode-se assim dizer, ele faz a obra dele, ele pratica com muito amor, carinho, garra, muito profissionalismo. O mestre tem o dom de repassar seu saber. Uma pessoa que sabe uma técnica valorosa, então ele é mestre naquele assunto. Mas a parte que falta é o do repassar adiante, de formar as pessoas naquela matéria, naquele trabalho que ele faz. E isso aqui em Juazeiro tem passado da conta. São centenas e centenas de mestres e mestras. Ainda sem o diploma, mas altamente qualificados, dado o título de mestre pela própria natureza do trabalho que faz. ✨



Mestra

Lúcia Pequeno

LÚCIA RODRIGUES DA SILVA

Mestra em Artesanato em Cerâmica

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Limoeiro do Norte – Região do Vale do Jaguaribe

NASCIMENTO 24 de dezembro de 1959



“O meu trabalho é fino. É feito tudo à mão.”

Meu Nome é Lúcia Rodrigues. Mas todo mundo me conhece por Lúcia Pequeno. Eu nasci no Córrego de Areia. Quando eu nasci, meu pai e minha mãe já trabalhavam nas coisas de barro. Maria, minha irmã, que é mais velha do que eu, começou a trabalhar também. Aí eu via eles trabalhando e comecei a fazer umas coisinhas pequenas e aprendi. Ninguém me ensinou. Eu aprendi só. Todos nós trabalhamos nessa arte. Nessa época, eu tinha uns 10 ou 12 anos. Não tinha outra coisa pra fazer, eu fui fazendo e fui gostando. Gosto de fazer.

Meu pai só trabalhava em boneco. No começo, ele fazia pote e uns alguidar bem grande pra cera da carnaúba. Aí, ele começou a fazer uns cavalos. O pessoal começou a encomendar e trazer modelos de uns bonecos, ele aprendeu e foi fazendo. Ele fazia uns médicos consultando, fazia dentista, lampião com Maria Bonita na garupa de um cavalo, fazia uns carros de boi. A gente trabalhava pra CEART. Primeiro, a gente trabalhava para o pessoal do projeto Rondon, na época que vinha um projeto Rondon para as cidades. No primeiro ano que eles começaram a vir para Limoeiro, eles viram a gente na feira, vendendo nossas coisas, e começaram já a encomendar. Todo mês chegava uma equipe e, quando ia embora, chegavam outras. Encomendavam a mim, a Maria, a Raimunda. Agora a gente não vai pra feira porque o trabalho é pouco. Quando ia, eu gostava. Era eu, papai e mamãe. Todo

sábado. Meu pai ia na bicicleta dele, com uma caixa na garupa, cheia dos bonecos pra vender. Eu e minha mãe, a gente ia a pé — seis quilômetros daqui pra Limoeiro — com um carregio de loiça na cabeça. As que ficavam, a gente guardava. O movimento era das sete até às onze horas. Depois, a gente voltava de novo a pé, de Limoeiro pra casa. Era bom esse tempo. Ô, tempo bom...

Quando eu comecei a fazer as pecinhas pra criança brincar, eu fazia casinhas, fogõezinhos com umas panelinhas em cima, cavalinhos pequenos e até uns carrinhos de barro. Eu trabalhava só nestas coisinhas pequenas. E a gente levava pra feira de Limoeiro. Nessa época, tinha a faculdade de Limoeiro e vinha muito professor de Fortaleza. Eles andavam na feira, olhando essas coisas e perguntavam se com um modelo, eu fazia de barro. Eu respondia que sim, faço. E eles começaram a trazer revistas. E eu comecei a fazer essas peças por desenho. Eu olhando uma peça num canto, eu faço. Eu chego em casa e faço.

As peças que eu faço hoje mais é o jogo de café, jarro para suco. As fruteirazinhas. É o que mais me encomendam. Minhas irmãs já fazem outras coisas diferentes. A Maria faz as peças da feijoada, a Raimunda faz umas folhas, umas frutas, umas maçãs. Cada qual tem seu tipo e coisa para fazer.

É feito tudo à mão. O meu trabalho é fino. No que a gente começa, vai passando a palheta por dentro aí vai afinando. Aquela palheta



RELATO DE VIAGEM

Uma rua de chão batido, com muita sombra de árvores plantadas na frente de todas as casas, formam a comunidade Córrego de Areia, onde moram vários membros da família “Pequeno”, nome herdado do pai. Um espaço híbrido entre urbano e rural nos arredores de Limoeiro do Norte. Mestre Lúcia nos recebe em um dia de domingo e, pacientemente, nos conta sua história, não se importando com a profusão de sons — as motocicletas intermitentes, o som do forró vindo dos automóveis ali parados, a televisão com o programa de domingo, o choro do neto, o balanço da rede do filho, o barulho do galo e das galinhas, dos bodes que passeiam no terreiro, do cachorro e dos gatos. É uma história que está amalgamada com a da família — pai, mãe e irmãs — e com o barro, que lhe deu a sobrevivência e a possibilidade de transformar-se em uma artista de trabalho belo e delicado.

é quem deixa a peça fina. Vai afinando, vai crescendo, vai abrindo o barro e vai afinando.

Todo esse trabalho demora porque tem que passar três ou quatro dias para o barro ficar mole. Aí tem que começar a peça e deixar endurecer um pouco... Se for com asa, tem que endurecer uns trinta minutos ou mais para colocar a asa. E depois tem de endurecer mais um pouco pra o beicinho ficar bem duro, que a gente pega numa peça e não amasse. Pra poder raspar e alisar com o cabo de pente, depois dá o polimento com a pedra.

Primeiro, a gente vai no barreiro, na lagoa. Tira o barro, traz o barro seco pra casa. Bota numa vasilha e água, pra ficar mole. Com três ou quatro dias, a gente bota num pano e amassa com o pé. Passa mais ou menos uma hora amassando. Depois começa a fazer as peças. A gente senta — precisa de umas tábuas, pra gente fazer em cima, precisa da palheta feita da cuieira pra passar por dentro. Precisa de umas talinhas feitas do talo da carnaúba. Pra passar por fora, eu aliso com o cabo de pente, pra tapar os buraquinhos daquelas pedrinhas que ficam e aqueles buraquinhos que fica brilhando é

dado com uma pedrinha. Uma peça grande leva um bocado de tempo. Mas uma peça pequena, a gente começa e passa a palheta de uma vez só.

Pra queimar as peças? Maria, minha irmã é quem queima. A gente carrega as loiças pro forno e arruma. Depois faz o fogo de lenha pertinho da boca e fica esquentando. A lenha vai queimando e fazendo aquela brasa, e vai empurrando para dentro num talo que tenha cabeça, até ficar bem quente, que você joga uma aguinha nos cacos do forno e fica estalando. Depois, começa a meter o talo pra dar a queima mesmo. Regula mais ou menos uma meia hora, uma hora — quando tá ventando muito custa mais ou menos uma hora pra terminar de queimar. Quando sai uma fumaça preta, tá começando a queimar, e quando começa a sair uma fumacinha branca, a loiça já está ficando queimada. Aí, a gente olha nas brechas e vê a loiça toda vermelhinha no forno: tá na hora de parar de botar fogo.

Se a gente queimar assim nove para 10 horas da noite, quando é sete ou oito horas da manhã, a gente já descobre, pra ir correndo aquele ventinho, pra ir esfriando, pra gente





tirar. Depois que tira do forno, a gente só faz passar um pano pra tirar a cinza, enrolar e fazer a embalagem.

Hoje, não dá pra sobreviver com a venda das peças. Porque eu trabalho muito pouco. Mas, antes, eu vivia desse trabalho. Mas hoje eu recebo o salário do Governo do Estado por eu ser Mestre, eu fui aposentada com um salário mínimo vitalício.

Virar Mestra foi o pessoal da cultura reconhecendo meu trabalho...

Eu, Maria e Raimunda, nós três trabalhamos pra Ceart, nós vendemos pra Ceart. Aí, esse pessoal da cultura de Fortaleza — e o Governador Lúcio Alcântara, ele dava muito valor à cultura — viu esse nosso trabalho e fez essa escolha de quem trabalhava melhor, ser mestre.

No dia que eu soube que era mestra, que vieram me avisar, Ave Maria! Foi a maior alegria que eu tive na minha vida! Fiquei tão alegre que chorei. Eu ia ser mestra, eu ia ganhar um salário mínimo todos os meses. Eu fiquei tão feliz! Eu tinha dois filhos, e do trabalho que eu fazia e o que eu ganhava, não dava quase pra sobreviver. Com o salário, melhorou tudo. E ainda reconheceu nosso trabalho. Isso serviu pra mim e pra minhas irmãs, porque o pessoal que vinha me visitar reconheceu o trabalho delas também. Compravam de mim e compravam a elas. Foi bom pra mim e pra elas. Elas não são mestres, mas ficaram reconhecidas também. Ajudou a vender o trabalho delas, igual ao meu.

Eu gosto demais de fazer as minhas coisas. Passei uns tempos parada porque não estava podendo trabalhar, mas agora eu voltei e vou trabalhar nas minhas coisas sempre. Quando meus filhos eram pequenos, eles trabalhavam muito no barro. Faziam carro, trator. Depois que cresceram, começaram a estudar, não quiseram mais.

Eu não queria que acabasse essa tradição. Em Limoeiro, sempre me chamam pra ensinar e eu vou. Os meninos do colégio aqui de perto todo ano vêm aqui para aprender. Mas parece que eles querem aprender só para dizer que sabem fazer. Porque não tem ninguém fazendo mesmo. Aí, não sei se depois que eu morrer vai ficar alguém fazendo esse trabalho. Eu tenho muita vontade que alguém aprenda pra ficar fazendo, porque um trabalho desse tão bonito eu não queria que se acabasse. ★



Mestre

Pajé Luís Caboclo

LUÍS MANUEL DO NASCIMENTO

Mestre em Cultura Indígena (Povo Tremembé)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Itarema (Almofala, localidade de Varjota) – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 13 de setembro de 1951





“O médico chega com a medicina convencional e diz: não pode tomar remédio sem consulta. E proíbe a nossa medicina tradicional.”

Eu sou Luis Manuel do Nascimento. Nascido e criado aqui na localidade de Varjota, Almofala. Sou conhecido como Luis Caboclo, Pajé dos Tremembés de Almofala. Não só dos Tremembés de Almofala, como dos Tremembés do litoral dessa região toda — que eles atuam do rio Gurupi — do Maranhão ao Rio Grande do Norte.

Outro dia, nós Tremembé aqui de Almofala, fomos dar reconhecimento a um grupo em Raposa, no Maranhão. Lá, Imperatriz, Tutoia e São Luís do Maranhão foram antigos aldeamentos do povo Tremembé.

Eles passavam uns tempos e desativavam os aldeamentos. Em seus percursos, os Tremembés chegaram em Almofala. Esse aqui nunca foi desativado.

O meu avô era curador e pajé. Não podia era dizer, porque era proibido e porque era sentenciado à morte. O papai era pajé. Também não podia dizer. Chamava-se curador porque não tinha autoridade de falar que era pajé, porque senão era assassinado cruelmente. Eu, que também era curador, a partir de 1988 — da Constituição Federal — me dediquei como pajé. Vem do berço. É vocação familiar. A gente não é votado. É uma coisa

hereditária, vem por família. E aí, continuo até hoje sendo pajé do povo Tremembé.

E nós temos nossos curadores. Nós temos as pessoas que baixam entidades, os donos de terreiros; tem também os médicos que nos acompanham aqui — uma equipe da Funasa. Os médicos, quando chegam, eles fazem parceria com a gente. Tem doença que o médico encontra e tem doença que o médico manda para mim. O que vem para mim eu curo. Às vezes, eu digo: vá pra curador fulano de tal. Vá e diga a ele que reze disso. E eles rezam de quebrante, de vento caído, uma costura do nervo trilhado, pra reumatismo, pra curar de trombose — que pra nós chama-se tradicionalmente de ramo. A trombose é um ramo que deixa sequela, ela dá derrame no cérebro. Se ela der direto no coração, mata na hora. Tem ainda um ramo enfraquecional, que é o nervoso — enfraquece o cérebro e pega um medo que chama-se depressão. O médico botou o nome de depressão... Com medo das coisas, de tudo, muitas pessoas até se suicidam, chegam a esse fim.

A gente sabe curar. Mas o médico chega com a medicina convencional e diz: não pode







RELATO DE VIAGEM

Depois da chuva que passamos na casa do Cacique João Venâncio, em Almofala, fomos ao encontro do Pajé Luis Caboclo. Ele estava indo para uma visita e, mesmo assim, resolveu adiar a saída. Com disponibilidade e rapidez, colocou as indumentárias, trouxe sua bolsa de palha — quase um surrão — onde traz seus perfumes e mesinhas cheias de encantos; trouxe as flechas, o maracá e, de pronto, dançou um torém solitário debaixo do coqueiral que rodeia sua casa. O Mestre, quando está com o cocar e a vestimenta tradicional indígena, é uma entidade e traz consigo a força de quem conhece os mistérios da natureza e de quem pode invocar os ancestrais Tremembés. O frescor do vento frio nos embalou até a noite numa prosa sobre a cura, o tempo e os encantos dos índios do Ceará.

tomar remédio sem consulta. E proíbe a nossa medicina tradicional. Porque a consulta só quem pode passar é o médico.

A medicina tradicional é sagrada. Ela é a própria natureza em si. Ela cura muitas doenças. A medicina do próprio médico também vem da natureza. Ela também vem da medicina tradicional. Mas aceitar que um analfabeto, no caso, uma pessoa qualquer, um índio tenha o direito de fazer uma cura que o médico não se atreveu a fazer, eles nunca vão.

É assim que funciona. Tem remédio que a gente não conhece, mas, na hora da necessidade, vem uma visão e diz: “Vá, pegue um remédio fulano de tal.” Isso se chama encanto, e aí, a gente vai e dá certo.

Ao longo dos meus tempos de criança o papai acompanhava as mulheres. Na época, não tinha médico. Quando tinha uma mulher pra descansar, porque tava sofrendo dor de parto, pra dar a luz a uma criança — que é parir, na medicina convencional — a gente chamava as parteiras e as mulheres. E o papai era chamado pra rezar, pra ajudar, porque a mulher ficava fraca, passava dois, três dias sofrendo, e ele ia pra rezar pra ela

ter força e dar à luz a criança. E o papai fazia isso só entre o seu povo. Era só dentro do aldeamento, porque era só nós aqui, e as estradas eram de terra. E só existia nós aqui, e pronto. E eu convivi do meu nascimento até uma idade de quinze anos, eu convivi isso com meu pai. E eu também comecei a fazer isso, tradicionalmente. Vocacionalmente, eu comecei a fazer isso.

Eu não aprendi nada do que eu faço. Eu sou especialista em encanto. E a gente vivia encantado no encanto. Vivia num meio que ninguém sabia com nossos saberes, costumes e tradição... tudo era a mesma coisa — sem esquecer nada — só aprendendo com a evolução do tempo. A gente tem uma frase que diz: o tempo destrói o tempo, o tempo transforma o tempo e o tempo constrói o mesmo tempo. Porque é o tempo que vem fazendo essa história.

Com toda essa trajetória, a gente começou a andar na Justiça e começou a procurar direitos, se juntar com outros povos dos outros Estados e dos outros países. Começou a ir pra Brasília, andar de avião, fazer tudo isso. Isso eu aprendi. Eu aprendi a ser civilizado porque comecei a ver a sociedade, andar ali dentro.

Mas o que eu sei, o conhecimento da tradição, eu devo ao meu pai e aos meus ancestrais.

E o mais valioso é a sabedoria dos encantos. Porque é lá que a gente colhe todos os nossos saberes. Existem umas coisas que eu crio de mim, outras eu aprendi com meu pai e com meu povo, e outras, se eu fizer uma regressão até lá atrás — eu posso ver — posso ver meu povo, há 150 anos, usando coisas que não existem mais hoje. Isso eu crio, é uma criatividade minha, que não existe mais na mente do povo.

A indicação de mestre pra mim foi uma coisa natural, não foi uma surpresa. Eu... toda vida me senti assim... é uma coisa minha. Foi mais uma valorização além do que eu já era.

A maior vantagem que eu achei de ser diplomado Mestre da Cultura foi o respeito. Antes, o povo achava que a gente era uma pessoa qualquer e a gente sabia que não era. Porque a gente tem uma sabedoria que não aprendeu de ninguém, vem do berço. O médico é desenhado, ele aprende. A gente não sabe escrever, não sabe ler, mas sabe o que é a medicina tradicional, o que é o lado da espiritualidade, o que é o encanto... Se eu olhar pra você, na vista das pessoas, a gente vê as diferenças. Cada pessoa é diferente. Ver isso é sabedoria. E o importante é essa sabedoria que a gente tem. Que ninguém aprendeu de ninguém. Tem em si próprio e, por isso, o meu diploma de mestre só veio qualificar uma coisa que eu já era, de criança. Uma coisa que veio do berço. Eu me sinto grato. ✨

Mestra

Dona Branca

MARIA ALVES DE PAIVA

Mestra em Cerâmica

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Ipu (Localidade Alegria) – Região da Ibiapaba

NASCIMENTO 17 de julho de 1941



“Minha história vem de geração pra geração.”

Meu nome é Maria Alves de Paiva. Conhecida por Dona Branca. Sou filha de Antônio Alves Pereira e Nizia Irene de Paiva. Nasci no Bom Jesus e, com cinco anos, vim pra cá. Me criei na cidade de Ipu. Na localidade de Alegria. Já estou aqui com 75 anos. 70 de moradia na Alegria. Comecei neste trabalho com minha avó. Eu tinha dez anos de idade. Meu pai não queria... mas eu tinha que trabalhar que ele não podia dar o que eu precisava. Eu precisava de uma roupa, de um calçado, e ele não podia me dar. Aí eu tinha de trabalhar. Comecei a trabalhar escondido, e ele brigava. Dizia que, se me pegasse com barro, me dava uma pisa. Mas eu sempre trabalhando escondido. Quando ele ia para o roçado, eu ia para a casa da minha avó, pegava um bolãozinho de barro, começava a fazer uma panelinha mal feita. E minha vó também brigava, dizendo: eu não quero esse bolão de barro, porque menino tem as mãos sujas, não faz as coisas direito. Aí, eu guardava e ia treinar quando o papai não estava em casa.

Quando foi um dia, minha madrinha, irmã do papai, disse assim: Maria, deixa essa panelinha aí, que eu vou endireitar. Ela endireitou e ficou bem bonitinha. E aí, combinou: quando o compadre Antônio voltar para o serviço, você venha, para aprender a cortar e a alisar. E assim eu fazia. Papai arranhou cinco cargas de loiça para a cidade de Monsenhor

Tabosa, trepado em jumento, levando em animal. Minha mãe, então, pediu: leve umas loiçinhas que a Maria tem. E ele disse: e a Maria continua pegando em barro? Minha mãe, então, disse: deixe, Antônio, que sua família é toda loiceira. A menina quer aprender a fazer loiça. Eu já ensinei a fazer o croché, ela não se dedicou. Só se dedica e quer o barro. Deixa a menina fazer loiça. E ele falou enjoadado: pois vão buscar. Eu fui buscar mais a mãe, e ele socou nos garajau e levou para vender. Passou 12 dias de viagem, que era de pé. Quando ele voltou, disse pra gente fazer loiças grande, porque as miúdas não tinham muita saída não!

Aí, eu fiquei alegre, porque não fui mais trabalhar escondido, ajeitei as coisas pra trabalhar em casa. Fui trabalhar para o papai e ajudar a criar a família também. Só tinha uma dia — dia de quarta-feira — que eu fazia as peças para mim. Ainda ia ver lenha no mato pra queimar e levava as peças na cabeça daqui pro Ipu. Aquele dinheirinho, se eu fizesse 10 tostões, era cinco tostões pra mim e cinco tostões para a minha mãe. Dali, eu ia juntando para comprar um vestido. Porque, de um vestido de saco não passava. Saco de açúcar, porque papai só dava outro quando não cabia mais remendo, e comprava outro saco de açúcar e minha mãe fazia um vestido. Calçado não tinha. Eu ganhei uma afilhada,

com 12 anos de idade. Fui ser madrinha de uma menina. Tinha um vestidinho de dois pedaços, mas não tinha a chinela. Mas com o continuamento do meu trabalho eu fui me vestindo, calçando e ajudando meu pai a criar os irmãos, que a família também era grande. Nós éramos dez irmãos.

Me casei cedo, com 16 anos. E fui começar a criar os filhos. Tive três anos encarriado, foi três meninos. Redobrou mais o trabalho, mas graças a Deus eu criei, Deus criou, que a força é Dele. Quem ajuda a gente é Deus. E até hoje eu ainda estou fazendo.

Eu comecei a fazer panela e prato. Depois eu fui fazer cuscuzeira, tacho e panela de planta, jarro de planta, e agora eu tirei da cabeça este jarro que eu tô fazendo. Foi tirado da cabeça, que ninguém fazia. Fiz também peças com arabesco. Foi o Tulio, no curso que eu fui fazer, que deu nome de arabesco,. Mas eu já fazia de cabeça. Essa pecinha... aí mudou muitas coisas... aprendi fazer botija, porquinhos, aprendi a fazer jarra, pote de carregar água, que a gente carregava água na cabeça. Muitas outras coisas, potinho de leite, torrador, alguidar, muitas peças de loiça. Toda peça de loiça eu sei fazer. Jarro de parede. Tudo. Todo jeito, eu faço um jarro. Filtro, filtro de barro eu sei fazer e faço.

Depois da idade, com mais de sessenta anos, chegou um senhor aqui, me entrevistou, e mais duas pessoas. Mas das três entrevistadas, a história que valeu foi a minha. Minha história vem de geração pra geração. Veio dos meus bisavôs. Eu não conheci, mas eles eram loiceiros. E eu aprendi com a avó. E as minhas filhas, eu ensinei e quiseram as loiças. Minhas meninas tudo queriam ser loiceiras. Minhas loiças não são melhores que as das outras que foram entrevistadas. O que mais valeu foi a história. Quando foi

em agosto de 2005, eu fui chamada para receber o certificado de Mestre, no Crato. E tá pendurado na parede. Foi uma bênção que Deus me deu. Que nunca pensei que meu trabalho, depois da idade, fosse tão valorizado como foi. Lá no Crato, fui convidada para ir ao primeiro encontro dos mestres, no Limoeiro do Norte. 16 de agosto, eu fui receber o certificado, e dia 24, fui para o encontro em Limoeiro do Norte. E daí, todos os anos, tinha os encontros pra a gente ir. Que eu nunca pensei. E tô hoje com muita força e coragem e vontade, que eu quero bem meu serviço. Eu gosto do meu serviço. Eu amo meu trabalho.

Ser mestra é uma felicidade, é uma bênção. Porque ser mestre é o saber. É saber e aprender mais. Quando a gente se acha no meio dos outros mestres, ver que sabe e também vai aprendendo mais. Com a união, com a felicidade, com o prazer... Eu sou muito feliz com o meu trabalho, com a minha cultura. Por causa dela que eu ganhei o certificado de mestre da cultura.

Eu ensinei a cultura do barro para as minhas filhas. Eu botei as minhas seis filhas mulher, com sete anos de idade, para trabalhar, cavar barro e ir fazendo as peças porque eu não podia dar o que elas queriam. Elas tinham de trabalhar para comprar as coisas delas. Tudo são loiceiras.

Porque nas antigas, na era de 1950, o tempo era muito difícil, não é como agora que você tem tudo nas mãos. Agora, menino não trabalha, menino é só pra estudar, e vai pro colégio e não estuda. No meu tempo, as coisas eram muito difícil. Se você não trabalhasse, você não se vestia nem se calçava.

O trabalho de fazer loiça eu penso que não vai se acabar porque eu já tô dessa idade e faço, tem outras mais novas que









RELATO DE VIAGEM

Dona Branca começou a trabalhar com o barro ainda criança. Sua motivação não era por simples brincadeira, o que seria natural por sua pouca idade. Ela queria ter uma renda. Foi com essa determinação que continuou a trabalhar duro para dar conta de sua sobrevivência e de sua família. A mestra, uma mulher de pele clara, olhos azuis e fisionomia tranquila nos passou a sensação de que nada lhe tira a paciência. Com extrema habilidade, que adquiriu com essa larga experiência, ela nos mostrou, sentada no chão, em um canto da sala, local onde costuma trabalhar, como faz de um punhado de barro louças utilitárias.



tem gosto de fazer, tem outra mais velha do que eu que também tem gosto. Minhas filhas não deixam de fazer também. Eu penso que não se acaba não! Não pode se acabar essa cultura de loiça. Só se não vender mais de jeito nenhum. Porque tem muita saída aqui pra Fortaleza.

Para fazer a loiça de barro, primeiramente eu vou no barreiro, trago um barro vermelho. Volto e despejo em uma vasilha. Vou pegar um barro roxo na baixa. Junto os dois e vou aguando. Agoos quatro vezes pra ele ficar no ponto de amassar e começar a fazer a massa com uma areiazinha do riacho também. A gente tem que amassar com a areia, e é desse jeito. Se eu fizer hoje, se for um alguidar ou um prato, já tá boa de queimar. Pra queimar eu enfurno no forno, cobre com uns cacos todinho, bota o fogo fora da boca do forno e vai botando só as brasas pra ir esquentando. O vapor vai subindo. Com uma hora, você bota o fogo mais pra dentro do forno. Com quatro horas, pega um pouquinho de água e salpica em cima dos cacos, e quando está chiando aquela água em cima, aí pode encher o forno de lenha. Aí, caldeia, fica vermelha assim. Aí, tá no ponto. ✱

Mestra

Maria da Ló

MARIA DO CARMO MENEZES MORAIS

Mestra em Pastoril

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Paracuru – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 11 de março de 1939







“Ser mestra mudou a minha vida.”

Meu nome é Maria do Carmo Menezes Moraes. Mas todo mundo me conhece como Maria da Ló. Porque, quando minha mãe, que tinha o nome Luíza, era novinha, os irmãos começaram a chamar ela de Ló e todo mundo também chamavam assim. Quando eu nasci e cresci e comecei a fazer pastoril, o pessoal passou a me chamar de Maria da Ló. Aí eu coloquei o nome no pastoril. O nome do grupo é Pastoril Maria da Ló, de Paracuru.

Eu sou de Trairi e eu comecei o Pastoril lá porque minha mãe fazia, minha avó fazia e elas passaram pra nós e todos da família. Nessa época, lá no Trairi, não tinha colégio. Os meninos só estudavam quando os pais podiam pagar o professor. O professor vinha, a gente pagava, ele ensinava uns seis meses e, quando terminava aqueles seis meses, ele ia embora. Os pais que tivessem condições de pagar, pagavam outro professor. Se não tivessem condições, não vinha outro. A minha mãe tinha nove filhos. Ela criava tudo quanto era animal: cabra, carneiro, galinha — dava para comer e ela também vendia. Aí quando o professor vinha, ela matriculava nós e quando chegava o dia de pagar ela tirava qualquer um dos animais, vendia e pagava. Chegou um tempo que as coisas foram se acabando e ela não pôde mais pagar. Meu pai era pescador e também não era todo dia que ele tinha dinheiro. Só tinha dinheiro quando ele pescava e vendia o peixe.

Então, quando eu completei dez anos, os professores foram embora, e a gente ficou sem estudar. Aí eu pedi para minha mãe: a senhora quer deixar eu ir para o Paracuru? Ela disse: minha filha, se você quiser ir eu deixo. Pra onde você vai? E eu falei: pra casa da tia Dica — o nome dela era Francisca, mas a gente chamava de Tia Dica — Eu fico lá e fico estudando no colégio. Quando for no tempo das férias, eu venho. Minha mãe disse: se você quiser ir estudar lá, eu mando seu irmão ir lhe deixar. E aí meu irmão veio me deixar. E eu vim aqui para Paracuru e fiquei aqui. Desde de 10 anos que eu estou aqui em Paracuru. O meu primeiro colégio aqui em Paracuru foi a Colônia dos Pescadores. Eu continuei e fiz a segunda série, a terceira, a quarta no Hermínio Barroso. Neste tempo, tinha a Escola Reunida de Paracuru. Não era escola da Prefeitura e nem particular. A professora, Dona Diná, ensinava as crianças por conta dela, juntava as crianças e ensinava. Não tinha prefeito aqui em Paracuru, e era tudo na areia, casa de taipa.

Comecei com o pastoril porque minha mãe fazia, a minha avó também fazia. Ela ensinou a minha mãe e quando nós estávamos crescidinhas, assim de oito anos acima, ela começou a ensinar para nós. Aí, nós aprendemos e ela juntava as crianças, as moças e fazia o pastoril.

Um dia, veio uma senhora aqui no Paracuru e fez um pastoril. Nesse tempo, eu



RELATO DE VIAGEM

Maria da Ló parece um ser encantado, desses de fábulas e histórias infantis. Pequenina, ela faz jus ao nome de Dona Mariinha, como carinhosamente é chamada por todos de seu grupo de Patoril: crianças e adolescentes que acorreram ao seu apelo para serem fotografadas, num sábado de sol, em seus trajes próprios dos dias de apresentações. Agradecida a quem a orientou para conseguir ser uma mestra da cultura, ela nos levou à casa da amiga Terezinha, e foi lá que a sorridente Mariinha da Ló nos contou sua história, sem disfarçar que gosta muito de animação, cantoria e de viajar para apresentar seu Pastoril.

já era casada e já tinha as meninas. O pastoril não era daqui do Paracuru, era de fora. Foi na calçada da igreja, e eu fui assistir. As minhas duas meninas mais novas participaram. E eu me lembrei que eu também já tinha feito aquela apresentação, já tinha dançado daquele jeito, que a minha avó e a minha mãe me ensinaram.

Depois disso, eu perguntei às meninas se elas queriam fazer um pastoril. Porque aqui no Paracuru só tinha reisado. Elas disseram: mãe, vamos fazer! Se a senhora quiser mesmo fazer, nós procuramos as meninas, convidamos elas e a gente faz. E eu disse assim: pois, então, vamos procurar as crianças e, aí, a gente vai começar a ensaiar o pastoril e vamos começar a fazer essa brincadeira. E começou por meio de uma brincadeira, como brincadeira de criança. Juntava as crianças, fazia os ensaios. E depois, eu fui comprando uns pedacinhos de pano, de metro de pano, de metro de fazenda e eu guardava. E quando chegava no tempo eu fazia as roupas — que eu tinha uma máquina *singer* antiga e comecei a fazer... — do jeito que eu vi as roupas do pastoril que aquela senhora fez aqui, eu fiz as minhas, do mesmo jeito.

A minha avó era portuguesa. Ela foi quem trouxe o pastoril de Portugal para cá.

Ela veio morar no Brasil e ela dizia pra nós que o pastoril tinha começado em Portugal, começou lá... e que era assim um natal, o nascimento de Jesus e começou com Maria, o anjo... com a anunciação do anjo que Maria ia ser mãe de Jesus, e ele ia nascer em Belém. Então, a gente começou a fazer do jeito que era... a gente começou a fazer as roupas, os trajes das crianças, e a gente faz o pastoril como que seja o de Belém, o pastoril verdadeiro. As pastoras eram todas descalças, a roupa delas era bem simplezinha. Aí, a gente começou a pesquisar e vimos que tinha mais personagens que os nossos e começamos a colocar os personagens e fazer as roupas do mesmo jeito que a gente via.

Aqui, em Paracuru, sempre a gente faz o pastoril no dia 23 de dezembro. Somos 45 pessoas. 45 crianças e adolescentes que participam. As meninas começam a ensaiar em outubro pra se apresentar em dezembro. Agora, nas outras cidades, a gente faz quando mandam convidar. Qualquer dia. A gente faz o pastoril até o dia 6 de janeiro. Sempre a gente faz na frente da igreja, no patamar da igreja. Quando começou, era na praça. Mas, depois, o padre pediu pra gente fazer no patamar da igreja, porque o pastoril conta o nascimento de Jesus, começando lá

na anunciação do anjo a Maria, quando o anjo anunciou a Maria que ela seria a mãe de Jesus Cristo. Começa daí. Os personagens são: Maria, São José e tem o menino Jesus. São os principais. Tem os três reis magos. Tem o caçador, o cordão de pastoras, tem a Diana, tem a mestra e a contramestra. E tem duas ciganas, a florista, a camponesa, os dois pastores e os dois hospedeiros. Antes a gente tinha dificuldade de fazer os ensaios. Porque a gente ensaiava onde é o cinema, mas o salãozinho era muito apertado. Aí, a gente mudou para o salão paroquial. Como no salão paroquial todo dia tem reunião, a gente mudou para o clube social. E tem sempre gente querendo participar. Quando sai uma, já tem muitas que querem participar.

Depois que eu fui escolhida Mestra da Cultura, eu me senti mais feliz, porque as pessoas começaram a ver que eu fazia essa apresentação e aí começaram a me ajudar. Uma das pessoas que mais me ajudou foi a Dona Terezinha. Ela é quem foi atrás dessa cultura para mim. Porque eu fazia a minha cultura só nos quintais, nas casas quando as pessoas pediam. Por acaso, tinha uma casa com quintal grande, a gente pedia para fazer lá e o dono da casa deixava, porque a gente só fazia nas casas que as pessoas consentiam. Eu comecei a criar mais gosto, a ficar mais feliz e agradeço muito o que a

Dona Terezinha tem feito por mim até agora e a todas as pessoas que me ajudam e me ajudaram. Mais gente hoje me reconhece aqui e em outras cidades. Antes, a gente só fazia aqui no Paracuru, só fazia aqui, nunca saía. Agora a gente viaja e é muito feliz.

Pra mim, ser uma mestra é ser uma pessoa simples, que nem eu, e ensinar aquilo que eu aprendi e passar para minhas amigas, para, mais pra frente, elas ensinarem pra outras pessoas. Eu me sinto feliz com isso, em poder ensinar para as pessoas que não sabem, para elas aprenderem essa cultura. Ser mestra mudou a minha vida. Não só a minha vida, mas a da minha família também. ✨



Mestra

Mazé das Quadrilhas

MARIA JOSÉ COSTA CARVALHO

Mestra em Tradição Junina

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Caucaia – Região Metropolitana de Fortaleza

NASCIMENTO 14 de outubro de 1939





“Eu acredito que Deus me deu esse dom, porque a quadrilha não sai da minha cabeça.”

Eu me chamo Maria José. Meu nome é Maria José Costa Carvalho. Nasci em Caucaia e moro aqui no bairro da Cigana. As pessoas me conhecem por Dona Mazé das Quadrilhas por motivo de eu ter um grupo junino. Aliás, foram dois grupos juninos. O nome do meu grupo era Arraiá do Chitão, só para adulto, e Arrasta-pé do Chitão, o infantil. Esse grupo foi criado no dia 13 de junho de 1970, nesse mesmo lugar onde eu moro.

Eu comecei quadrilha na época de 1970. Sempre, eu criança, eu tinha essa ideia. Eu via quadrilha, aliás, eu ouvia quadrilha, ouvia as músicas do grande rei Luiz Gonzaga. Eu ouvia aquelas músicas que falavam em quadrilha, e o tempo foi passando. Quando eu fiquei adolescente, eu inventei de fazer, mas ninguém me ensinou, nunca eu aprendi com ninguém. Apenas uma brincadeira da minha irmã. Ela disse assim: vamos fazer uma quadrilha, e eu aceitei: vamos! E comecei a fazer.

Eu organizo a minha quadrilha esses anos todinhos. Eu sou marcadora, marquei quadrilha 19 anos. Eu faço casamento, faço evolução. Eu sei dançar quadrilha, sei os passos, coreografia eu sei também. Eu sei tudo, tudo de quadrilha. Agora me pergunte quem me ensinou. Foi só mesmo o dom de Deus.

Durante esses anos que eu tenho de quadrilha — esses quarenta e oito anos — eu fiz a conta e passou mais de 3.260 brincantes. Esses brincantes saíram daqui sabendo. Todos eles sabem dançar. Eu ensinei e continuo ensinando. Eu não parei de ensinar.

Quando eu comecei, em 1970, meus brincantes eram muito lindos. Eles brincavam com sandálias de sola, chapéu de palha, roupa remendada. Eles pisavam na quadra com maior amor, com maior carinho e por isso que eu continuo com o chitão. E vou continuar, se Deus quiser. É muito bonito, é muito lindo roupa de chitão. As minhas meninas eram muito lindas, elas se transformavam em pessoas tão bonitas, de chitão, com aqueles vestidos rodados, com bico, fita, renda, o sorriso delas, aquela alegria pisando no chão, na quadrilha! Meus brincantes de hoje também são lindos.

A parte mais legal que eu acho da quadrilha é a chegada da noiva. É uma parte importante: a noiva chegando, toda de branco, de véu, grinalda, com aquele sorrisozinho matuto. Ela se encontra com o noivo também matutinho. A pessoa, assistindo, se arrepiava todinha. Tem outra parte que eu acho importante também, muitas pessoas não sabem, é o padre e o juiz. Isso é importante na quadrilha. O juiz e o





padre têm de ser muito repetidos. Perfeito com a roupa de juiz e perfeito com a roupa de padre. Juiz e padre não são brincadeira, não. Eles têm de ser perfeitos.

Quando eu fui escolhida mestre da Cultura, pra mim, foi uma surpresa. Mas, pelos anos que eu tinha, pelo meu trabalho que eu fazia, eu sabia que um dia eu ia ser reconhecida. Eu fiquei e estou muito feliz. Não é dizendo: eu sou importante mais do que as outras! Não é isso. Eu acho que todos os quadrilheiros, eles têm o mesmo trabalho como o meu. Têm trabalho! Eles se sacrificam pra ter as quadrilhas deles, como eu me sacrifico também. E também eu não posso receber essa felicidade sem agradecer a Deus. Tudo depende dele. Porque o dom que ele me deu ninguém me ensinou. Ninguém, ninguém. E eu acredito que Deus me deu esse dom, porque a quadrilha não sai da minha cabeça.

Eu acredito que as pessoas me veem como mestre pelo meu entendimento, pela minha sabedoria. As pessoas viam o meu trabalho, meu sacrifício, meu interesse, meu amor mesmo por quadrilha e, também, por tudo o que eu faço, eu achei que eu merecia. Por isso é que fui reconhecida como Mestra. No meu entender. Agora, eu como mestra, vou trabalhar ainda mais.

Meus brincantes são da periferia. Não é aqui pertinho, é de longe. Os ensaios acontecem à noite. Duas vezes por semana, três vezes por semana. Quando tá bem pertinho, eu ensaio todo dia. Eu mando fazer as anáguas, que eu empresto a elas, que elas não têm. Eu vou comprando de dois em dois trajes, de três em três. Compro o tecido e mando fazer. Compro bico de cem metros: cem metros de um, cem metros de outro, de outro, e tem a costureira que faz. Agora dá trabalho eles virem para os ensaios. Dá trabalho eles

virem!! Mas, quando vem, eles gostam. Eu aviso. Eu mando avisar: vai ter reunião, vai ter quadrilha. Mesmo assim, teve brincante que brincou dez anos só aqui. Dez anos!

A tradição mesmo, da época que eu comecei tá se acabando. Acabando porque as pessoas não querem mais seguir a cultura. Não querem mais usar uma roupa de chitão. Eu ensino meus meninos a dançar com pé no chão. E tá se perdendo a tradição porque a gente não vê mais chitão, não vê mais um chapéu de palha, não vê mais uma fogueira — como eu faço aqui. Ninguém vê mais um casamento caipira, aquelas músicas tradicionais. As minhas anáguas todas são de filó, e ninguém vê mais uma anágua de filó. A anágua é toda diferente, as danças diferentes. Eu também nunca mais ouvi as chamadas Anavantu e Anarriê. Quadrilha tem que ter. Então a quadrilha, eu acho, está perdendo a tradição. É uma coisa que me deixa muito triste. Muito triste mesmo... Tá certo, se a pessoa quer um vestido bonito... fica muito lindo um vestido bonito, mas que tenha uma tradição! E a minha quadrilha é tradição perfeita

Então, eu acho o seguinte: nós quadrilheiros aqui do Ceará, nordestinos... nós temos que mostrar a nossa cultura. Qualquer um brincante, meus amigos quadrilheiros, eles podem fazer do jeito que eles quiserem. Eu não sou contra. Mas eu acho que nós temos que mostrar o nosso Ceará. Eu não vou trazer uma cultura de São Paulo. Eu não posso comparar também o carnaval com quadrilha. A quadrilha tem que ter o pé no chão, tem que ser dança de quadrilha. ✨



RELATO DE VIAGEM

Dona Mazé é uma mulher faceira. Corpo esbelto, cabelos sempre com uma presilha e preocupação com sua imagem nas fotos e na filmagem. Quando chegamos, adiantou que seu tempo era exíguo. Parecia impaciente. Era preciso sermos objetivos e concluir toda a entrevista, antes do final da tarde. Concordamos, claro!

A mestra demonstra um amor incondicional às quadrilhas, em sua fala emocionada e no olhar apaixonado, quando desdobra os vestidos de chitão e/ou quando pega cuidadosamente a estola do padre. Tudo guardado com esmero em um ateliê/depósito contíguo a sua casa. Além das quadrilhas, ela cuida também de sua ampla casa no bairro da Cigana, em Caucaia, cuida do marido e do figurino e acessórios do grupo que mantém há 48 anos. Empolgada em falar sobre o tema que lhe fez Mestra, foi ela quem esqueceu da hora, e saímos de lá quase na hora da janta.



Mestra

Maria do Horto

MARIA JOSÉ IGNÁCIO

Mestra em Benditos

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 14 de junho de 1944



“Toda vida, meu destino era morar em Juazeiro.”

Eu sou Maria... Meu nome é Maria José Ignácio. Mas me chamam de Maria do Horto, depois que eu peguei a cantar esses benditos e porque eu moro no Horto. Mas eu também tenho vaquejada, pé de serra. Sou devota de Meu Padrinho e Nossa Mãe Virgem. Eu sou Mestre da Cultura, fui contemplada e gosto muito. Pra mim, é um prazer muito grande na vida. Eu e todos os Mestres da Cultura.

Eu nasci em Sergipe, Pacatuba, Estiva do Raposo. Antes deu vim morar em Juazeiro a gente caminhava de romaria desde de 15 anos, já caminhava há muitos anos. Passei 35 anos. Vinha de caminhão pra Juazeiro. Dormia duas vezes nas estradas. Era muita gente. Juazeiro era tão pequena...

Depois que a minha mãe morreu foi que eu fui pra São Paulo. Gostei de São Paulo. Mas eu vinha pra Juazeiro todo ano: Dia de Todos os Santos, Dia de Finados eu tava aqui. E lá em São Paulo a gente andava em romaria... Caminhava duas vezes por ano para Pirapora, de pé. De pé! Saía duas horas de Santo Amaro, caminhava a noite toda e no outro dia, às 9h, tava chegando. Era em abril e em agosto. Era muita gente.

Em 1987, eu vim de São Paulo rumo daqui, vim morar de vez mesmo. Eu vim só e fiquei. Sempre morei no Horto. Porque toda vida meu destino era morar em Juazeiro. Nem

em São Paulo, nem em Sergipe mesmo... Eu gostava muito daqui. E ainda hoje eu gosto. Eu moro só e Deus!

A gente cantava muito bendito, vinha cantando nas viagens. Benditos velhos, antigos. Eu sabia muitos. Nos caminhões, se vinha em perigo na Estrada, a gente cantava: Bendito e louvado seja a luz que mais alumeia/Bendito e louvado seja a luz que mais alumeia/Valei-me meu Padrinho Cijo e a mãe de Deus das Candeias/Valei-me meu Padrinho Cijo e a mãe de Deus das Candeias/ô, que caminho tão longe com tanta pedra e areia/ô, que caminho tão longe com tanta pedra e areia/Valei-me meu Padrinho Cijo e a mãe de Deus das Candeias.

Eu comecei a criar os meus benditos depois dessa cultura dos mestres. Eu canto assim — que eu não sei nem bem ler, né?! — se eu sei uma história de Meu Padrinho eu digo, é que nem essas mensagens de Nossa Senhora, é uma tradição.

Quando eu fui prá Fortaleza, uma vez, eu disse: lá no Juazeiro não precisa ensinar não. Porque os meninos do Horto eles já são ensinado: tem renovação... Já são ensinado.

E eu fiz o bendito, que é da minha autoria: O nascimento de meu Padrinho Cijo neste mundo.

Acorda, acorda Quinô/veja uma voz lhe chamando/Acorda, acorda Quinô/veja uma voz lhe chamando. É o meu Padrinho



RELATO DE VIAGEM

Para entrevistar a Mestra Maria do Horto, foi preciso recorrer a Romão, que trabalha na Secretaria da Cultura do Município de Juazeiro do Norte. Ele informou que a Mestra passa quase todos os dias na Secretaria, quando desce do Horto. Dona Maria não tem telefone e, embora tenha endereço fixo — ela mora na colina do Horto, a 3 quilômetros do centro da cidade, numa construção de dois cômodos sem energia elétrica —, quase não para em casa. Maria do Horto caminha pelas ruas de Juazeiro, numa romaria particular e diária. Nossa conversa aconteceu no Memorial Padre Cícero ao lado da Igreja de Socorro, onde ela costuma assistir às missas. Lugares muitos conhecidos que fazem parte da sua rotina e da sua história. A mestra tem pensamento rápido. Por vezes as palavras não acompanham o raciocínio e frases carecem de entendimento pelas entrelinhas. Ele devaneia, voa alto, vagueia por ideias, recordações das romarias e das caminhadas em vários santuários no Brasil. Afirma e reafirma sua devoção a Padre Cícero e o amor incondicional por Juazeiro do Norte, seu destino de vida. No entanto, o que ela mais quis fazer e, de fato, fez com todo o gosto, foi cantar benditos antigos e outros de sua autoria.

Ciço/neste mundo vem chegando/É o meu
Padrinho Ciço/neste mundo vem chegando.

Acorda, acorda Quinô/vem cuidar deste
menino/Acorda, acorda Quinô/vem cuidar
deste menino/Que ele veio do alto, mandado
pelo Divino/Que ele veio do alto/mandado
pelo Divino./Ele já veio ensinado, não
precisava de escola/ele já veio ensinado, não
precisava de escolar

A professora de Ciço quem era Nossa Se-
nhora/a professora de Ciço quem era Nossa
Senhora./Em Roma tinha porta que padre
nenhum abria/Em Roma tinha porta que
padre nenhum abria./E lá tinha um segredo
que só meu Padrinho sabia/E lá tinha um
segredo que só meu Padrinho sabia.

Quando bate a meia noite todos os sinos
tocavam/Quando bate a meia noite todos
os sinos tocavam./A hora que o Pai Eterno a
santa missa pregava/A hora que o Pai Eterno
a santa missa pregava./Na terra ele é um
jardim, lá no céu é uma rosa/Na terra ele

é um jardim, lá no céu é uma rosa./Só ele
tinha o mistério daquela porta/Só ele tinha
o mistério daquela porta/Quando ele abriu
aquela porta toda cercada de luz/Quando
ele abriu aquela porta toda cercada de luz/
Estava Nossa Senhora e o Coração de Jesus/
Estava Nossa Senhora e o Coração de Jesus.

Aquele livro que ele trazia em vossas
mãos/Aquele livro que ele trazia em vossas
mãos/Era mostrando pra o mundo o cami-
nho da salvação/Era mostrando pra o mundo
o caminho da salvação.

Acorda, acorda Quinô/vem cuidar
deste menino/que ele veio do alto/manda-
do pelo Divino.

Quando eu canto os benditos, fico com
muita alegria, muita satisfação. Se pudesse,
vivia cantando. ✨





Mestra

Maria de Tiê

MARIA JOSEFA DA CONCEIÇÃO

Mestra em Dança do Coco e Maneiro-Pau

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Porteiras – Região do Cariri

NASCIMENTO 18 de setembro de 1958



“Levantei minha cabeça, porque eu era negra. E como eu era uma mulher negra, eu tinha de mostrar o que eu era.”

Eu sou Maria Josefa da Conceição. Conhecida, no meu trabalho, como Maria de Tiê. Nasci, me criei e vivo no Sítio Vassourinhas, município de Porteiras. Filha natural de Porteiras. Desde pequena, já via meu pai trabalhar com a cultura. Meu pai era uma pessoa que fazia embolada. Ele tinha grupo de coco, maneiro-pau, bumba-meu-boi, banda cabaçal e ainda era decurião.

Meu pai ia fazer os trabalhos dele, as brincadeiras, e sempre nós acompanhávamos. Nesse tempo, a gente não tinha o que se tem hoje. O divertimento do pessoal de antes era a dança do coco, maneiro-pau e a banda cabaçal. Quando terminava as “renovação”, ele brincava o coco, tocava o maneiro-pau, ele brincava de tudo. Nós não tínhamos outro divertimento. Mas nós nunca sabíamos que era uma cultura, uma história. Nós brincávamos porque era nossa brincadeira, divertimento.

De um certo tempo, 2005 para cá, é que foi descoberto que nós éramos remanescentes. Nós fomos descobertos como remanescentes de quilombo, de escravo. O meu avô, Raimundo Valentim de Sousa, mais conhecido como Raimundo Preto, era escravo e foi fugido. Mas não sabia que fosse uma história que tinha que a gente contar hoje.

Ele criou os filhos, criou os netos. Tudo naquela tradição dele, na mesma história, na mesma dança. Mas não sabia o que significava. Então, só depois que foi descoberto que nós somos quilombolas — remanescentes de escravos que eram fugidos para o quilombo.

Nosso conhecimento veio de nosso bisavô, que fugiu de Pernambuco pra comunidade de Porteiras. Ficou escondido. Ele veio rapaz. Encontrou uma moça, se casou, formou uma família. Então, dessa família, hoje existe os netos, os bisnetos que estão levando essa tradição que eles deixaram.

Do tempo que foi descoberto o quilombo, muita gente tinha medo. Muita gente fechava as portas, com medo daquelas pessoas que vinham. Ninguém tinha estudo. Não podia estudar porque não tinha condições de estudar. E então nós tínhamos medo do pessoal que vinha. E eu fiquei aqui e me casei. Vim morar aqui, que é uma comunidade só. Fiquei aqui guardadinha em meu canto, mas prestando atenção àquele trabalho que tava tendo de quilombo. Porque nós sentimos muito preconceito no passado por sermos negros. Preconceito pela cor, pelo cabelo. E preconceito é uma coisa que deixa a pessoa triste.

Quando foi descoberto o quilombo, muita gente dizia assim “quilombola”.

Achavam que era uma coisa ruim. Muitos ainda tiveram preconceito pelo quilombo. Mas eu não tive medo do preconceito. Eu enfrentei, eu enfrentei e entrei na luta. Criei uma associação e fui trabalhar sem medo. Levantei minha cabeça, porque eu era negra. E como eu era uma mulher negra, eu tinha de mostrar o que eu era.

Segui em frente. Levei a cultura. Resgatei aquilo que meu pai deixou. Uns diziam assim: Maria de Tiê não vai saber cantar. Maria de Tiê não vai saber levar esse trabalho. Aí eu disse: eu sei, que eu sou filha de Luís Manoel de Sousa. O que meu pai sabia, eu sei. Eu vou resgatar essa cultura e vou mostrar a vocês que nós vamos em frente com nosso trabalho.

Comecei em 2011. Chamei esse grupo: “vamos, minha gente, ensaiar?! Vamos, minha gente, resgatar o que está enterrado. Porque eu vou atrás. Então eu fui atrás, junto com meu tio, João Manoel de Sousa, irmão de meu pai. É o supremo do quilombo! Já está bem velhinho, doente. E então levei em frente meu trabalho. Depois que eu criei a associação, fomos tendo conhecimento. Foi vindo gente de fora a minha procura, e eu fui mostrando o que eu era, com aquelas toadas que meu pai deixou. Depois eu fiz as minhas mesmas. Mas nunca deixo de levar o que meu pai fez. Ele não brincava só. No tempo dos cocos, ele brincava mais os colegas no pandeiro e ele com a maraca. As maracas de antigamente chama ganzá. O ganzá dele era uma lata. Botava chechos e balançava, chacoalhava o ganzá, e o colega dele no pandeiro. O colega tirava a toada, e o meu pai e minha mãe respondiam, e nós na pisada mais ele. Não era coisa de minuto, nem dez minutos, nem quinze minutos. Era de seis da noite às seis da manhã. Eles dançavam

com vontade, porque era uma coisa gostosa e era muito bom.

Tinha um barreiro?... Nós dizíamos: hoje vamos aterrar o barreiro lá de Enock. Como é que gente vai aterrar o barreiro? Vamos aterrar na pisada. Então juntava todo mundo e ia dançar o coco dentro do barreiro. Já ouviu falar em coco duro? O povo não sabe o que é coco duro. Hoje o povo tem que ter uma parrelha para dançar. Antigamente não! No tempo que o coco foi criado — coco que foi criado da natureza, da terra — era chamado coco duro. Dançava homem com homem, mulher com mulher, homem com mulher. E levava a pisada! E ainda tinha um trancelim. Quem pudesse tinha um trancelim nas pernas, para a pisada. E meu pai era exigente. Se você errasse, ele dizia: “Ó, tá desigual... vamo aprumar a pisada!”. Hoje a gente dança de todo jeito, porque muitos não sabem. Eu não vou exigir. Eu quero que eles dancem, quem não sabe vai aprender.

As crianças, eu estou ensinando e dançar e cantar. Então, tem um idoso que entra na dança, não sabe... vai aprender. Eu aprendi a tradição depois de velha. Para aprender não tem idade. É só a pessoa querer e entrar. E porque não sabe, eu não posso desistir daquela pessoa. Tenho de insistir naquela pessoa tá no grupo. Porque jamais eu vou dispensar ninguém que entra. Eu vou a uma apresentação fora, eu acho lindo aquelas pessoas que não sabem dançar e que, quando eu balanço o pandeiro, todo mundo entra na dança, todo mundo dança, e eu acho lindo quem não sabe dançar, dançar. Que, se está aprendendo, tá me dando força. Cada vez mais, você entrar na dança, mais a gente tá tendo energia para cantar, para dançar.

O quilombo foi descoberto pela dança do coco. A primeira-dama de Porteiras foi num

**RELATO DE VIAGEM**

Mestra Maria de Tiê é uma pessoa feliz! Foi essa a primeira impressão que ela causou em nós com a animação contagiante com que nos recebeu em seu Sítio Vassourinhas, no alto da serra, e que foi confirmando-se ao longo do dia. Ela já havia convocado o seu grupo para dançar. Convocação é a palavra certa. A Mestra é sem dúvida uma liderança do lugar. E todos os que estavam ali sentiam-se acolhidos e muito familiarizados com o local. O colorido das roupas, somado a animação dos companheiros e companheiras de grupo, fez ser a apresentação um show e tanto. E quem disse que queriam parar?



encontro fora do Brasil e, lá, ela descobriu que, aqui em Porteiras, tinha remanescentes quilombolas. E os remanescentes quilombolas eram os Sousas. Então, os Sousas somos nós.

Muitos não queriam aceitar porque nunca tinham ouvido falar o que era quilombola. Ouvia falar na televisão, mas, assim, ao vivo, como nós somos, ninguém dizia essa história de quilombola. Até hoje tem muita gente aqui no município de Porteiras que não sabe o que é quilombola

A gente tem de dizer o que é quilombola... muitos não dão valor a sua cor, a sua origem. Eu me sinto orgulhosa de ser quilombola. Eu me sinto orgulhosa de ser negra porque eu não posso negar minha origem, eu não posso negar minha cor... Se eu sou filha de um negro. Se eu sou neta e bisneta de um negro, eu não posso ser galega. Eu tenho orgulho de ser negra. Adoro um negro porque sou negra também. Adoro um branco também, porque o branco me adora. Por isso a gente tem de respeitar o negro, respeitar o branco, respeitar o cabelo bom, respeitar o louro, respeitar todos.

Eu fico me perguntando: como eu cheguei a ser Mestra? Eu não esperava. Eu nunca pensei na minha vida de hoje eu ser uma Mestra da Cultura. Porque eu não tinha essa expectativa de ser Mestra. Eu entrei na roda, eu entrei no grupo, entrei na dança, na cultura, tradição. Mas eu não entrei pensando de eu ser um Tesouro Vivo. Os meus documentos de Mestra foram feitos com a dança do coco e com o maneiro-pau. Então, é isso que tenho de mostrar. Essa tradição da dança do coco e do maneiro-pau veio do quilombo, que já veio do escravo. Tem que mostrar e tem de falar. Veio do passado mesmo, dos mais velhos, que passou de geração para geração.

Mas ser Mestra, eu acho que é um respeito que a gente tem pelas pessoas, pela comunidade, pelo trabalho, pelas pessoas que sempre me procuram, por aquelas oficinas que eu tenho passado pro povo, e o povo passa para mim. Eu nunca perdi uma oficina e nem uma roda de conversa; e também nunca perdi entrevista. Sempre que o povo me pergunta, procura, eu tenho para responder. O pessoal me respeita muito por ser Mestra. Se tem alguém que não me dá valor, mas milhares me dá valor pelo que sou. É por isso que tenho muito orgulho de ser Mestra. Para eu passar muitas coisas boas para as pessoas que me perguntam, que me procuram e que acreditam em mim e no meu trabalho

Com as novas gerações — com as crianças, e também tem gente que não é criança — sempre eu passo para eles que a cultura está acima de tudo. A gente conhecer uma cultura, ter um conhecimento tanto da parte da comunidade negra — porque tem muita comunidade que não é quilombola, mas trabalha pelas mulheres negras, pelo direito de ser negro. E eu passo para eles também aprender cantar, dançar e respeitar o amigo, a amiga, seja quem for, a gente tem de respeitar.

E eu vou na escola que está ensinando a ler e a escrever e vou passar o meu saber de Mestra. Com tradição, com respeito, de geração para geração. Se eu não passar o que eu sei para as novas gerações, amanhã eu posso não estar aqui e levo meu saber comigo. Eu tenho um prazer de passar o meu saber para as pessoas. Eu chamo as crianças e os jovens para virem para o grupo. Para eles aprenderem um pouco do conhecimento, como eu aprendi. A gente não nasce aprendida. A gente aprende com quem sabe. ✨





Mestra

Cacique Pequena

MARIA DE LOURDES DA CONCEIÇÃO ALVES

Mestra em Cultura Indígena
(Povo Jenipapo-Kanindé)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Aquiraz (Lagoa da Encantada, reserva indígena Jenipapo-Kanindé) –
Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 25 de março de 1945



“Eu sou Cacique e sou guardiã da memória.”

Eu me chamo Maria de Lourdes da Conceição Alves. Conhecida como Cacique Pequena dentro da aldeia e fora da aldeia e, aliás, em uma boa parte do Brasil. E a minha profissão é liderar esse povo desde a era de 80. Não um dia nem dois. Tá com mais de trinta anos. Em 95, eu recebi a missão de ser Cacique e até hoje estou sendo essa pessoa da aldeia, lutando em favor do meu povo. Tenho 21 anos de Cacique!

Fui Cacique não por brincadeira, nem foi de gaiata. Eu fui Cacique por necessidade. Na aldeia tinha homem adulto, jovem e ancião, mas nenhum quis assumir a responsabilidade do Cacique Teodorico. Eu assumi essa responsabilidade mas eu não sabia o que eu ia fazer e o que eu não ia... Eu apenas era uma mãe, parideira, que já tinha tido a minha formatura de família. Eu queria cuidar dos meus filhos e não cuidar da humanidade. E eu não queria entrar em trabalho que não era aceito por mulher e os outros homens não aceitavam mulher ser Cacique. Mas a comunidade, o povão da aldeia e o advogado da Pastoral Indigenista pediram muito que eu fizesse esse papel de Cacique, porque era importante para o meu povo não ficar desgarrado. E eu disse que não por três vezes, disse que não ia ser nada, que eu apenas era uma mãe de família. E eles insistiram e persistiram e eu aceitei ser a Cacique da aldeia do povo Jenipapo-Kanindé.

Quando eu comecei a luta, a trabalhar em defesa do nosso povo foi porque tinham

pessoas que queriam tomar o que era nosso. Pessoas fortes que queriam tomar nossas terras, que queriam tomar a lagoa. Eu lutei! Foi o que eu fiz. E eles, quando disseram que queriam a mim como cacique, foi porque acharam que os onze anos de trabalho, de luta que eu já tinha, vinha acordar nosso povo. E foi quando eles acordaram. E eu levei o barco pra frente e até hoje luto em defesa do nosso povo.

Nasceu esta mulher com uma estrela na testa. Posso dizer que eu fui a estrela daqui, que fundei esse lugar. Mas eu não me orgulho, eu me alegro. Eu me alegro de ter fundado esse lugar, de ter levantado o povo que vivia dormindo, há anos e anos e anos atrás. Eu fui a primeira mulher cacique do Estado do Ceará, da primeira capital do Estado do Ceará e do Brasil. Cabeça chata! E essa mulher já abriu espaço para muitas mulheres criar coragem e também ser cacique.

Até hoje estou sendo essa pessoa, muito respeitada, graças a Deus. Por onde eu ando, todo mundo gosta de mim. Tem um grande respeito por mim e uma grande admiração, porque eu estou levando as coisas todas no pé da letra como deve ser. Sou uma Cacique que trabalhei para ver acontecer as coisas para o povo da aldeia Jenipapo-Kanindé.

Uma pessoa que sabe contar as histórias dos antepassados desse lugar. Histórias que os troncos velhos contavam muito — o Cacique Teodorico, meu sogro, meu pai. E



RELATO DE VIAGEM

Um longo e sinuoso caminho em areia de duna leva o visitante à Lagoa da Encantada, em Aquiraz. Da primeira vez que fomos encontrar a Cacique Pequena, perdemo-nos nas inúmeras bifurcações da estrada. Foi necessária a ajuda de um motoqueiro, morador local. Depois de localizar a comunidade indígena, não foi possível encontrar a Cacique. Um compromisso da liderança causou sua ausência no dia combinado. Marcar de novo não foi nada fácil. A agenda da Cacique é atribulada. Na segunda e bem sucedida visita, encontramos Cacique Pequena numa reunião há alguns metros de sua casa. Com moradores da Lagoa da Encantada e agentes externos, deliberava sobre questões emergenciais. A sede do Museu Jenipapo-Kanindé nos abrigou e, lá, a Cacique nos contou com voz firme e altiva sobre as memórias de seus antepassados, a primeira mulher a assumir o posto de cacique numa etnia indígena brasileira, e sobre ser Mestra da Cultura. Cacique Pequena nos brindou com uma rodada de caju de vários tamanhos e cores.

tudo isso eu aprendi e me formei a ser uma guardiã da memória. Eu sou Cacique e sou guardiã da memória. Agora, de 2015 pra cá, também passei a ser a Mestre da Cultura do povo Jenipapo-Kanindé.

Eu ouvi muito meus pais dizer que eles tinham sido muito massacrado, muito escravizado. E graças a Deus nós não somos. Por todas as batalhas que eu tenho passado na minha vida com meu povo, nós não sofremos o quanto eles sofreram lá trás. Vivemos com muito sofrimento mas aguentando. E a gente vai vivendo o dia a dia, com a combinação do tempo que vai passando. A gente vai aprendendo e vai fazendo com que tudo dê certo. A gente não tem nenhum problema grande e forte que venha destruir os índios Jenipapo-Kanindé.

Nós temos a luta mas, na nossa luta, nunca houve sangue, nunca. Lutando em defesa do povo Jenipapo-Kanindé... eu sou uma pessoa, como Cacique e como liderança, que sempre procurei o lado do bem, nunca procurei o lado do mal. Pra todos entenderem que a

gente vive num mundo com amor, com paz, com carinho e nada de violência. Porque não existe violência no povo Jenipapo-Kanindé.

Eu fui Cacique com a cara e a coragem, sem ter nem um segmento, nem um estudo do Cacique que o Tupã levou. Mas eu estudei por mim mesma, pedindo força à natureza, aos encantados das águas, da mata, ao pai Tupã, que me formasse uma cacique, uma cacique de verdade, que viesse trabalhar em defesa do meu povo, que viesse lutar por eles sem ter prioridade de outras coisas. E foi assim que eu segui os mandamentos do pai Tupã. Pela própria natureza, pela própria mãe terra, pelos próprios lagos de rio doce e salgado, pelo próprio pai Tupã e pelos encantados das águas e da mata. Essas forças foram meus mestres e os meus professores, que vieram me dá luz para iluminar a minha mente e para eu trabalhar com meu povo sem nenhum tipo de agressão, sem nenhum tipo de rancor. Para que eu tivesse aquele amor por eles, aquele carinho que ainda hoje tenho, o que precisou na minha vida foi a força divina.

A cultura indígena não vai se acabar porque não tem só um índio, nem só dois índios no Brasil e todos trabalham em cima da sua cultura, da forma que sabem. A cultura indígena só se acaba se acabar os índios tudim. A gente sabe muito bem o que é cultura: planta é cultura, plantação de mandioca é cultura, colha de cajú é cultura, plantação de legume é cultura, colher algodão é cultura. Pesca é cultura e eu nasci os dentes pescando... Cresci pescando... Vim deixar de pescar quando casei e vim morar aqui na Lagoa da Encantada. Mas continuei as culturas que tinham no próprio lugar pra fazer. Cultura de planta, trabalhando pra plantar feijão, milho, maniva. Raspar mandioca é uma cultura. Tirar goma é uma cultura. Uma mesinha... uma raspa pra fazer um lambedor, pra fazer um remédio. Tudo é cultura. Agora, é cultura de vários tipos. Cultura da mesinha, cultura da farinha, cultura de trabalhar de enxada, a cultura da mandioca, a cultura de fazer colar, a cultura de pescar. Tirar mel de abelha, mel de jandaíra é uma cultura. Fazer esteira de junco é uma cultura! Fazer cama de cipó é uma cultura. Apanhar cajú, fazer moco-
roró, Moco-
roró é a cultura que é a bebida do índio. moco-
roró do caju azedo. Tudo isso é cultura. Se eu for dizer as culturas que nós temos, um dia é pouco para se contar a história da cultura que tem o povo Jenipapo-Kanindé

Quando recebi a notícia que fui escolhida mestra, eu não senti nada! Só senti alegria e levantei as mãos pro céu e agradei ao Pai Tupã, como toda a vida faço: Pai, eu te agradeço por tudo o que o senhor me oferece, dos momentos bons, os momentos ruins, as facilidades, as dificuldades. Eu só estou aqui, porque é consentimento do Pai. Porque eu não sou digna nem de uma folha quando cai sem o consentimento dele,

jamais. Sempre a minha vida é essa. Tudo o que acontece comigo, de ruim ou de bom, eu agradeço ao Pai Tupã.

E me pergunto: por qual sentido que sou essas coisas? Não sei e sabendo. Porque tive um grande respeito pelo meu povo, estudei muito a força da natureza e as histórias dos antepassados. Gravei tudo isso na minha memória e hoje eu repasso para as pessoas que chegam aqui, que vêm nos visitar: no museu, na pousada. Eu conto tudo, conto a história da minha vida, como eu tive uma vida sofrida, e conto as histórias dos antepassados que viveram há muitos anos atrás. Nós aqui já somos a sétima geração. Nós não somos quatro, nem cinco gerações! Quando Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, a gente já existia. ✱



Mestra

Margarida Guerreira

MARIA MARGARIDA DA CONCEIÇÃO

Mestra em Guerreiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 21 de junho de 1935



“Eu não quero reisado não, eu quero é guerreiro.”

Sou Maria Margarida da Conceição e sou conhecida como Guerreira.

Eu cheguei em Juazeiro em 40. Minha mãe veio morar aqui. Quando chegamos aqui, a gente começou a brincar reisado e eu me abusei. Não gostei. Eu disse: eu não quero reisado não, eu quero é guerreiro. Na minha terra se brinca é guerreiro, que eu nasci nas Alagoas.

Então, na rua Todos os Santos, eu brinquei meu primeiro guerreiro com vinte pessoas, menina e moça. Com o tempo, muita gente brincou. Eu e muita gente. Eu ensinei e pegaram a brincar e, com pouco, não quiseram mais deixar. Então eu tinha a sereia, tinha rainha, tinha a lira, tinha a mercúrio, estrela d'alva, papa-ceia, estrela de ouro, estrela brilhante. De tudo tinha. No ano que eu nem me lembro mais. E eu comecei como mestra logo. Porque eu sabia de muita coisa. E também ensinei muita gente, muita gente.

Ser mestre é quem sabe, é quem o povo gosta. Ser mestre é o pessoal gostar e achar bonita as peças. E hoje o povo é quem diz: a Mestra Margarida! Botaram esse nome e eu aceitei como Mestra. E ainda depois recebi o diploma de mestra no Crato. Eu gostei.

Tem muitos reisados, mas nenhum é que nem o guerreiro. O guerreiro é diferente. E eu posso dizer isso porque eu brinquei guerreiro, brinquei reisado. Deixei o reisado pelo guerreiro. Porque o guerreiro pra mim é melhor. Porque, na época, no meu tempo









RELATO DE VIAGEM

Mestra Margarida Guerreira, mesmo com mais de oitenta anos — dizem que, na verdade, beira os cem, apesar de os documentos desmentirem —, tem uma voz firme e uma aparência viçosa. Uma beleza ímpar somada a um temperamento invocado — pudemos comprovar sua força de vontade. Não há como deixar-se de impressionar com o seu porte. Ainda mais trajada de mestra. Ficamos boquiabertos com sua imponência. Ela deve ter sido uma mulher desafiadora em seus tempos de juventude, quando criou as Guerreiras de Joana d'Arc, um auto natalino que carrega marcas de reisado, na década de 1950, em Juazeiro do Norte. Hoje, passadas mais de seis décadas, Mestra Margarida não tem mais um grupo de Guerreiro. No entanto, ela se tornou uma figura legendaria da cultura popular do Cariri.

o reisado era uma coisa só de homem. E o guerreiro é de mulher. No Guerreiro, as peças, as músicas..... é diferente. E a gente tem o direito de ser Guerreira! O guerreiro tem as figuras... estrela de ouro, estrela d'alva, papa-ceia, mercúrio... mercúrio e a sereia. E a Rainha e a lira. E o mestre e o contramestre. O Guerreiro começa a brincar e sai no dia 24 de dezembro. A gente saía na rua aos pinotes, chegava na Praça Padre Cícero e se apresentava. A brincadeira era lá. Saía com a espada, batendo, danada cantando. E o prazer do povo era cantar. A gente botava as meninas pra cantar, a rainha pra apresentar, a lira pra morrer... Quando eu saía, eu ficava muito feliz, era muito legal. No meio de muita gente. Gente pra danado me acompanhava e eu chegava na Praça Padre Cicero. Me achava feliz, com muito prazer da minha brincadeira. Então o povo dava valor, e eu, que eu era de fazer?! Cantava! Com muita alegria, dando viva a minha Mãe das Dores e a Padrinho Ciço. Hoje eu não posso mais brincar. Não posso mais fazer o que fazia. Mas o pessoal diz assim: em Juazeiro só tem a Mestre Margarida. De Guerreira!

A Lúcia, minha sobrinha, é quem vai ficar com minha tradição. Ela deixou a mãe por causa de mim, por mode o guerreiro. Ela brincou mais eu e aprendeu e disse a mim que ia brincar o reisado, e, aí, botou um reisado e botou um guerreiro. Dança guerreiro e dança reisado. ✨

Mestra

Odete Uchoa

MARIA ODETE MARTINS UCHOA

Mestra em Medicina Popular

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Canindé – Região do Sertão do Canindé

NASCIMENTO 6 de janeiro de 1946



“Não me interessa o nome das pessoas. Me interessa que elas fiquem curadas.”

Eu me chamo Maria Odete Martins Uchoa. Canideense, nascida no interior de Canindé, em São Serafim. Filha de Manoel Uchoa Neto e Julieta Martins Uchoa. Eu tive uma trajetória de vida sempre ligada aos costumes da nossa igreja católica. Desde criança, ensinava o catecismo às crianças menores e, na juventude, fui me graduando e assumindo pastorais. Também trabalhei no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e em muitas entidades filantrópicas. Sempre tive o desejo de conhecimento sobre as plantas medicinais, porque minha avó paterna era filha de índio, dos índios Kanindés, de onde veio o nome Canindé — a cidade recebeu o nome dessa tribo indígena, Kanindé, com “K”. Acho que eu puxei muito essa história dos índios. Bem, por causa desse meu desejo de aumentar os conhecimentos sobre as plantas medicinais, eu procurei saber muito sobre isso, dentro desse Brasil e fora daqui. Viajei bastante. Não existia, nessa época, na década de sessenta, não tinha livros, nem revistas desse assunto, que hoje tem bastante. Eu ia sempre pelo que o povo já sabia. Aonde eu viajava — Pará, Maranhão, Piauí, São Paulo e por aí afora... Amazonas, as ilhas... ilha de Marajó, ilha Ponta de Pedras — tudo no Pará... conversava com os índios em busca de mais informação sobre as plantas medicinais. Porque já nasceu comigo esse

desejo e, por isso, eu estou perseguindo ainda. Depois consegui fazer muitos cursos, graças a Deus, porque agora existem vários. Eu já fiz vários cursos, até em São Paulo. E hoje tem ainda televisão, internet, encontros. Tudo para melhor atender a população e procurar curar problemas sérios de saúde. Nunca consegui foi fazer a faculdade tão desejada. Eu queria ter sido uma médica das plantas medicinais. Por eu não ter esse curso de faculdade, fui até perseguida. Mas eu continuo com os trabalhos alternativos. Continuo trabalhando com o saber popular. E agora esse saber está registrado, apoiado, confirmado pelos que cursaram a faculdade.

Aqui em Canindé, como em tantos outros lugares onde eu já estive, outras cidades, outros Estados e até mesmo outros países, como no Timor Leste, que eu fui, essa medicina que vem da natureza é uma coisa que já é do povo. Todo mundo quer aprender mais e saber mais da medicina natural, dessa medicina tradicional. Medicina popular. Aqui em Canindé, eu tenho um programa de rádio, 23 anos de programa no rádio, sobre as plantas medicinais, e tem muita receptividade.

Em 2007, eu fui eleita Mestra da Cultura do Estado Ceará, por causa desse meu trabalho. Essa cultura nossa, minha, é a das plantas medicinais. Uma cultura que é mais conhecida como medicina caseira.



RELATO DE VIAGEM

Contribuir com o reconhecimento da capacidade curativa da natureza tem sido o objetivo maior de Dona Odete. Para isso ela já escreveu livro, mantém um programa de rádio há mais de duas décadas e percorre lugares com o intuito de fazer cursos para aprimorar conhecimentos, e repassar para quem ousa acreditar em mais esse saber popular. Em Canindé, nós tivemos o privilégio de conhecer o laboratório onde a Mestra produz remédios oriundos do saber adquirido ao longo de sua experiência prática e de teorias que vem aprimorando. Dona Odete foi iniciada em tal cultura por suas antepassadas — avó e mãe — ainda na adolescência, e de lá pra cá já testemunhou muitas pessoas serem curadas e aliviadas de doenças graves por confiarem na medicina popular.

Para mim, ser mestra é ser conhecedora da história, da causa e manejar esse assunto com segurança. Então, é por isso que eu sempre procuro aumentar e melhorar meus conhecimentos, porque a gente não pode só gostar e achar bonito, mas tem que realmente dá conta do assunto.

Quando eu fui diplomada e intitulada Mestra da Cultura, foi uma alegria muito grande para mim, mas, no mesmo instante, muitas responsabilidades pesaram sobre as minhas costas, porque é necessário ter a responsabilidade pelo que se está assumindo. E a palavra Mestra não é coisa pouca não. É muita responsabilidade, muito trabalho, e é com isso que eu me preocupo.

Então, dentro desse trabalho, dessa caminhada, eu procuro sempre repassar os conhecimentos sobre esse assunto para os que desejam e sou até bastante cobrada pelas pessoas. Faço isso nas escolas, aqui e em outras cidades, nas igrejas, grupos de base, através de cartilhas, palestras, até na faculdade, além do programa de rádio. Já fui em programa de tv, como o Ceará Caboclo. Estou sempre sendo procurada para isto, sou sempre convidada a dar palestras em diversos níveis.

Só para dar um exemplo dessa medicina. Temos o aveloz, que tem mais de um nome popular, que são meio esquisitos. Uns chamam de cachorro pelado. Outros chamam de dedo do cão e escadinha. Mas o nome científico é aveloz. É um antibiótico em alto grau que está sendo utilizado até em hospitais para cuidar de pessoas com câncer. É uma planta muito comum no Nordeste do Brasil. Tem propriedades anticancerígenas. É antiasmática, antiespasmódica, antibiótica, antibacteriana, antivirótica, fungicida e expectorante. É também purgativa e também antisifilítica. Serve para a Sífilis. É indicado no tratamento de tumores cancerosos, pré-cancerosos. Ele tira também as dores. Na prevenção, basta uma colher diariamente. No caso de câncer, é tomar uma colher três vezes ao dia, até se curar. Pode botar no suco, pode botar no leite, numa água. Pra isso também a gente tem que recomendar uma alimentação... evitar carnes, refrigerantes, açúcar, frituras, etc. Comer mais fibras, frutas e verduras. Este aveloz é bem semelhante a outro que é bastante conhecido daqui da região, que é a janaguba, o leite da janaguba. Só que está sendo muito mais usado que a janaguba, agora.





Temos também o cajueiro roxo, ameixa, raiz da chanana, artemisa, cajiru e o carvão vegetal ativado que é uma composição excelente. Já curou várias pessoas. Eu não preciso nem dizer o que é a tintura de cajueiro, nesses municípios vizinhos, porque eles já chegam procurando essa tintura. Homens, para problemas de próstata, rins, bexiga, coluna, garganta e as mulheres; para doenças das mulheres mesmo. Já curou problemas de quistos, miomas, nódulo nos seios.

Uma coisa que eu nunca fiz foi anotar o nome e o endereço das pessoas que ficam curadas, como, às vezes, me pedem e perguntam para terem certeza que essa medicina funciona. Por que eu não faço isso? Porque não me interessa o nome das pessoas. Me interessa que elas fiquem curadas.

Eu, hoje em dia, quase não encontro pessoas descrentes nas plantas medicinais. Em muitos lugares, as pessoas estão é querendo saber mais, cada vez mais. Esse programa de rádio aqui em Canindé, por exemplo, por causa dele eu já fui convidada para ir a Baturité, a Pacatuba, Aratuba, onde tem rádio, para que eu criar um programa parecido nesses locais... Aonde a rádio, as ondas de rádio daqui pegam, em outros municípios, eles ficam felizes porque estão acompanhando. Então eu tenho uma responsabilidade que é reforçar o desejo do povo. Levar mais conhecimento. Descobrir cada vez mais, estudar, pesquisar para dar a resposta certa para o que eles querem saber. Eu não posso dar uma resposta qualquer. ✨

Mestra

Dona Tarina

MARIA QUIRINO DA SILVA

Mestra em Cerâmica

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Cascavel (Sítio Moita Redonda) – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 3 de julho de 1939



“Barro é uma coisa da gente. Se não fosse o barro, a gente não vivia.”

Meu nome é Maria Quirino da Silva e me chamam de Tarina. Na Moita Redonda, todo mundo me conhece como Tarina. Eu moro aqui, no terreno da minha mãe. Nasci e me criei e hoje ainda estou aqui. Estou na idade de 78 anos e ainda moro aqui no terreno da minha mãe, a Deus querer.

Antigamente, quando era pequena, comecei a trabalhar com oito anos com minha mãe. Ela fazia as quartinhas. Ela cortava e eu alisava e relava mais minha irmã. Minha mãe criou a gente com a quartinha, porque meu pai morreu, eu tinha 4 anos de idade. A quartinha era um trabalho da tradição. Antigamente, era o pote e a quartinha. Muita gente que eu conheci, que já morreu, tudo trabalhava somente na quartinha e no pote. Depois foi que veio as panelas, os pratos, essas loiças diferentes.

Foi minha mãe que me ensinou a trabalhar no barro. Eu fazia as quartinhas bem pequeninhas. Aí ela dizia que estava mal feita. Tornava a fazer de novo. E fazia de novo até quando ficasse bem feita. Trabalhava todo dia, junto com ela. Minha avó também trabalhava no barro. Eu trabalhei com minha avó, depois com minha mãe. Com minha mãe foi que nós continuamos. Eu, meus irmãos, minhas irmãs... Todo mundo trabalhava no barro. Eu

fazia 20 quartinhas todo dia, antigamente, quando era moça. Amassava o barro, cortava, alisava, relava e fazia 20 quartinhas todo dia. Por semana fazia um cento de quartinha. Quando era sexta-feira, queimava e vendia.

Continuando, fui trabalhando, crescendo e me casei e tive 15 filhos. Depois que eu me casei, comecei a fazer outro trabalho. Eu e meus filhos que sempre me ajudavam, começamos a fazer a jarra, a panela, o pote, o prato, a bacia e a quartinha também. Os 15 filhos, criei tudo com o barro. Trabalhando de dia e de noite. Vendia no Cascavel. Todo sábado, eu vendia no Cascavel. Sexta-feira, eu queimava no forno. Carregava lá pra fora. Vinha um carro buscar. E eu ia de madrugada, negócio de quatro horas, cinco horas já tava lá. Vendia minhas loiças, os potes, as quartinhas, panela, prato, tudo o que eu fazia. Botava lá e vendia e depois comprava minha comida. E assim fui vivendo e criando tudim.

A maior graça que Deus me deu foi o barro. Desde que eu nasci vivo com o barro, criei meus filhos com o barro. Tudo o que eu tenho é do meu barro, graças a Deus. O barro é a felicidade pra todo mundo que trabalha na Moita Redonda. Porque aqui todo mundo trabalha em barro. Barro é uma coisa da gente... Se não fosse o barro, a gente

não vivia. O barro é que é nossa felicidade. E nós viemos tudo do barro, né?!

Aí foi o tempo que chegou o seu Técio, do projeto Beija-Flor. Chegou na Moita Redonda, convidando o pessoal mais de idade pra gente ensinar o povo, as crianças, nos colégios. E nós fomos para Cascavel. Eu e as meninas pegamos a trabalhar e veio muita gente, alunos. Foi o tempo que seu Técio começou o trabalho do Espaço do Barro. Graças a Deus, seu Técio e Dona Sabina, mulher dele, são pessoas boas que gostam muito de ajudar a gente.

Um dia a gente... eu tava lá na casa da Dona Sabina e ela viu esse projeto do Tesouro Vivo, e ela botou meu nome. Foi ela que me ajudou nesse projeto. Quando passou um tempo, ela e Técio me disseram: Dona Tarina, a senhora ganhou o projeto da cultura. Eu disse: que coisa boa! E foi aquela alegria medonha! Graças a Deus, foi bom demais pra gente! Eu fiquei muito alegre, muito feliz, eu gostei muito. Tenho que agradecer muito a Deus e a eles, que fizeram essa bondade pra mim. Sou muito feliz porque estou recebendo, todos os meses, estou recebendo o tesouro vivo.

Eu ensino muito. Já ensinei muito também. Já fui pro Rio de Janeiro, com seu Técio e Dona Sabina. No Dragão do Mar, em Fortaleza, eu fiquei três dias lá ensinando. Seu Técio levou os instrumentos pra tocar, eu levei minhas loiças pra vender e lá eu dava o curso. Já ensinei no colégio de Cascavel. Os meninos do colégio têm a animação de ver e fazer o que eles têm vontade, se animam pra fazer aquelas pecinhas de barro. Nós passamos bem seis meses, ensinando por lá. No SESC Iparana, por exemplo, quando eu chego, as meninas ficam tudo atrás de fazer a oficina. A gente leva o barro pra amassar e leva todo o ma-

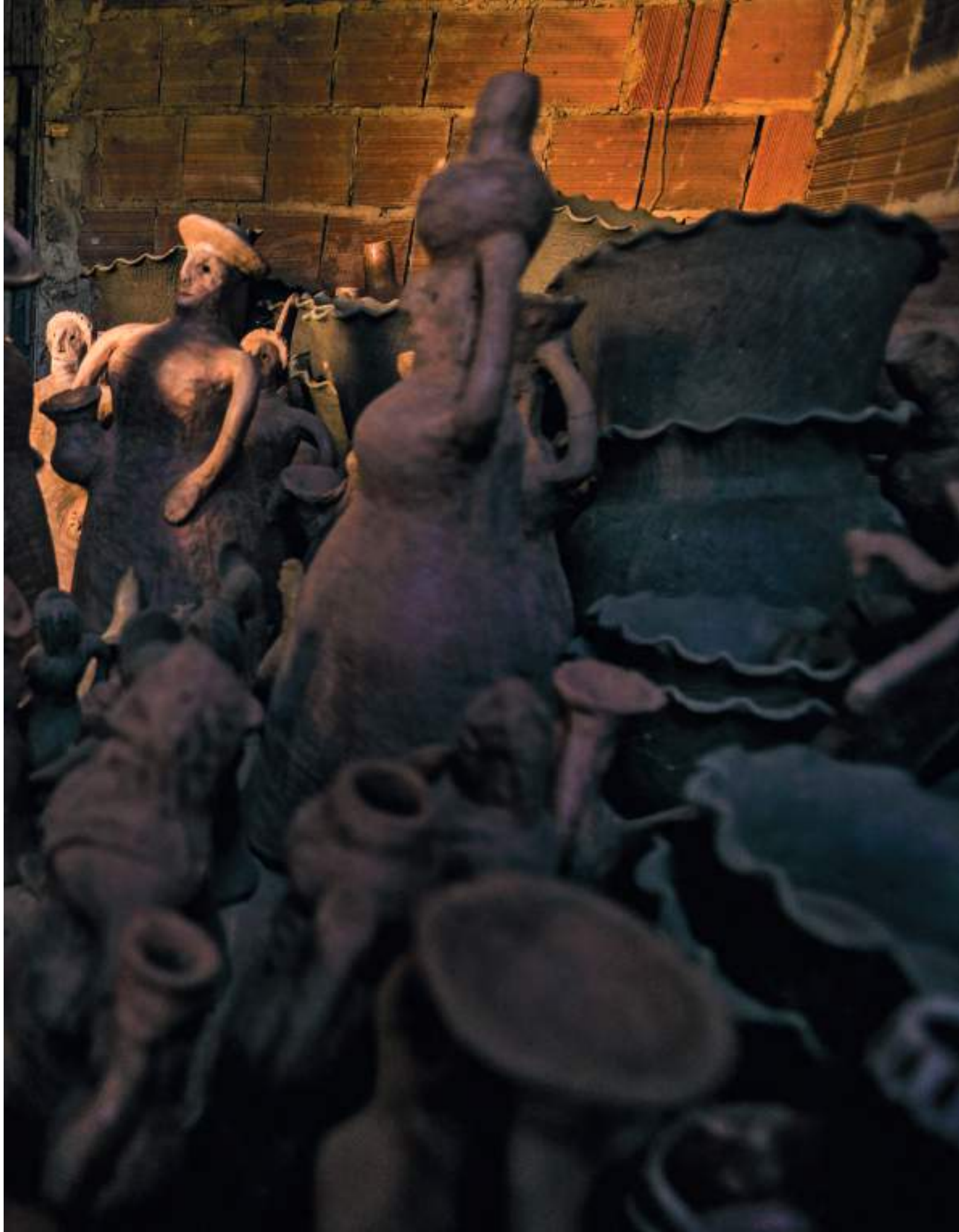
terial: a rodeira, a placa, o pau... Leva tudo. Aí as meninas, de idade mesmo — não é só criança não —, têm vontade de fazer, e eu ensino. Quando eu chego lá, ave maria, é a maior festa! É como eu digo: tem que ensinar, pra todo mundo aprender, pra poder ter o pé de nunca se acabar. A gente ensina o pessoal que quer aprender pra poder não se acabar a tradição do barro.

Toda qualidade de peça, eu gosto de fazer. Mas a quartinha e o pote é o que eu acho melhor, porque é peça antiga. Agora o povo inventou essas peças pintadas, muita loiça, tudo pintada. Tem o toá vermelho, que a gente passa pra relar com a semente de mucunã. Depois de relar com a mucunã, a gente vai riscar com toá branco. Só riscado. Eu não gosto de peça pintada com tinta não. Eu gosto somente ela de tradição mesmo. Os desenhos, a gente faz da cabeça da gente. Faz um imbuá, uma flor, uma cobra. O que a gente pensar na cabeça, a gente faz. Tem um pauzinho pra pintar com toá branco e fazer o desenho das quartinhas. Depois de riscar, aí vai queimar no forno.

O trabalho mais difícil é cortar e alisar. Pra fazer a peça, num instante a gente faz. Mas pra cortar, alisar e relar é que dá mais trabalho. Porque tem de cortar bem cortadinho com uma faca, depois de cortar tem que alisar com um pau ou sabugo, depois vai alisar com o pau bem alisadinho, depois vai passar o toá, depois relar com a mucunã pra poder ter o pé de ficar bem reladinha. Quando ela tá brilhando, bem reladinha, bota num canto pra secar. No dia que vai queimar é que risca. Faz aqueles bordados. Dá trabalho, minha filha! Tá por fora! O trabalho do barro é uma tradição que dá muito trabalho a gente.

Antigamente, a gente vendia muito pote. Pote pra água. Agora as pessoas não







RELATO DE VIAGEM

Dona Tarina é uma mulher firme e resoluta. Estes dois atributos foram fundamentais em seus 78 anos de vida e de labuta. Duas palavras permearam nossa conversa: o barro e o trabalho. No terreno herdado da mãe hoje há várias casas: a dela — onde vive com o marido e uma filha, as de outros filhos e a sua oficina, onde passa muitas horas do seu dia sentada no chão trabalhando. Dezenas de peças armazenadas na oficina e, em praticamente todos os cômodos de sua residência, dão a dimensão do trabalho que ela faz questão de fazer todos os dias, “para se entreter”.

querem mais os potes porque diz que tem geladeira. Mas a gente faz sempre! Quem chegar um dia precisar comprar uma quartinha, que tem muita gente que tem vontade de ter. Eu bebo água de pote! Eu não gosto de água de geladeira. E muita gente não gosta também. Muita gente quer beber água do pote porque a geladeira....muita gente vai beber água gelada e cai é doente. Do pote não! Você vai e bebe toda hora!

A venda tá mais fraca. Muita gente não vende quase nada. A gente vai para uma feira vender a loiça e chega lá pouco vende. Aqui no Cascavel era pra ter uma feira boa, pra gente vender essas coisas da cultura. Não tem. Na feira que tem em Cascavel, não tem um lugar pra gente. Eu vendia no Beberibe, deixei até de ir. Tem vezes que a gente vende e tem vezes que não vende. E é o povo a dizer: eu quero é panela de alumínio, eu quero é a geladeira. Mas a gente faz. Tem de fazer. Fazer e guardar. Um dia chega uma pessoa, gosta e compra. Ninguém vai deixar de fazer o barro.

Inventei de fazer umas bonecas e o povo está gostando. Já mandei pro Rio de Janeiro. Mandei 15. Vendeu. Mandaram dizer que gostaram muito das bonecas e pediram mais

400 peças. Faço o “udu” também, da música do seu Técio. É a quartinha mas chama “udu” porque a gente faz aqueles buraquinhos que é para tocar. Quem inventou foi seu Técio e a gente fez o instrumento do barro. Eu faço meu trabalho com muita vontade. Porque eu tenho vontade de trabalhar. Eu tenho 78 anos mas, graças a Deus, ainda trabalho no barro. Se fosse outro nem pegava mais. Eu ainda faço.

O barro vai acabar não. Se acaba não! É uma tradição pra nunca se acabar. Que venda, que não venda. Até um dia arranjar um freguês, um canto, uma pessoa que compre. Mas se acabar? Se acaba não! Porque a gente vai morrendo e os filhos se interessando vai fazendo. Muitos não querem mas muitos já aprenderam. Muita gente que sabe fazer não vai deixar de fazer seu barro. ✨



Mestre

Moisés

MOISÉS CARDOSO DOS SANTOS

Mestre em Dança do Coco de Lagoa

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Trairi (Distrito de Canaã) – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 26 de março de 1945



“Quando eu tô cantando e dançando, eu tô relembrando meu pai e meu avô.”

Eu me chamo Moisés Cardoso dos Santos. Nasci no Sítio Estrela, num lugarzinho por nome Lagoa da Passagem. Este lugar hoje não existe mais. Sou descendente de índio, a minha tribo chamava-se Pitaguarí, aqui das praias. Estes índios foram expulsos através dos cangaceiros. Por isso que meu pai não paternizou a parte indígena, com medo, porque os cangaceiros mandavam matar. Pois bem, esta é a parte do meu nascimento. Minha bisavó foi encontrada em cima de umas folhas... os cangaceiros deixaram aquela meninazinha em cima das folhas, que foi minha bisavó. Então os índios criaram ela, e nasceu a minha avó e depois veio a minha mãe. Tudo que índio sabe fazer eu aprendi também. Não exerço muito os trabalhos, mas eu exerço uma parte. Eu conto história de trancoso, eu sou curador — que essa parte é do índio —, ensino remédio medicinal. Todas essas coisas é da parte indígena. A dança do coco veio da parte do meu pai. Meu pai era Tapuío. O Tapuío é uma qualidade de índio que não se mistura com tribo nenhuma. Ele foi quem me ensinou a dança do coco. E, depois que ficou velho, não pôde mais exercer o trabalho dessa dança, e eu tomei de conta. Eu tinha dez anos de idade, quando comecei a dançar a dança do coco. Agora, quando eu comecei a tomar de conta desse trabalho, tá com uns 25 anos. Os meninos da Secretaria

de Cultura do município me deram muita força para esse trabalho. Eu devo dar graças a Deus e a eles. Eles me ajudaram muito.

Eu exerci muita profissão na minha vida. Eu fui pescador, trabalhei de carpinteiro na beira da praia, fui repentista, carreguei uma viola cantando vinte anos, depois passei a trabalhar em construção. Mas tudo isso eu exercendo a dança do coco, nunca deixei de mão. Tomei de conta da responsabilidade de criar menino, com dez anos de idade, por que minha mãe morreu e me deixou como herança cinco irmãos pequeninhos. Eu era o mais velho e tinha dez anos. Entreguei essa responsabilidade com vinte anos, para me casar. E eu mais minha mulher criamos dez filhos e três netos. Então foi esse o meu trabalho durante esse tempo todinho. Lutando e trabalhando para trazer o pão de cada dia pra minha família. De todos os meus filhos, os que ficaram aqui, eles aprenderam a dança. Os outros que foram embora não quiseram, não aprenderam. Mas os que moraram mais eu, aprenderam. E só quem me acompanha nesse trabalho é Rosa Cristina, minha neta e filha de criação.

O grupo do Mestre Moisés foi começado assim: me flagraram em casa. Eu chegava da praia cansado e meus netos estavam por aqui... e eu, pra animar e enganar eles, enquanto a mãe fazia a comida, ia batendo



RELATO DE VIAGEM

Várias gerações nos esperavam na varanda da casa do Mestre Moisés. Lá estavam os tocadores, seu Aurélio e seu Zé, 75 e 55 anos respectivamente, José Elias, com 8 anos, e, ainda, Edivirges com 6. Além deles, havia mais doze integrantes do grupo com idades que variavam até 33 anos. A diferença de faixa etária é uma das riquezas do grupo que defende essa tradição herdada dos antepassados Tapuios. Misturados, eles, sob a liderança do Moisés Cardoso, se revezavam nos passos da dança do coco e pareciam incansáveis, apesar do esforço físico que a dança requer.

num caixão e ia cantando. Nessa arrumação, os netos foram chegando mais, foram aprendendo... Ai veio os de fora. Quando eu pensei que não, a casa tava cheia de menino. Foi assim que eu comecei. Depois que eu passei a ser mestre, eu formei o grupo, formei um grupo grande. É esse grupo que ainda hoje tá aqui. São vinte. Vinte pessoas ao todo. O nome do grupo é Dança do Coco. O que é mais valioso, que eu acho nesse trabalho, é começar a ensinar menino com três anos de idade. Eu ensino com tanto prazer que, às vezes, até eu choro de alegria, quando eu vejo os bichim, bem pequenininho, dançando. E tem mais, ela é uma física. A gente faz muito exercício. É tanto que eu tenho lutado pra ver se o município coloca a dança do coco como educação física. Porque ela é uma física muito boa que os meninos fazem.

A minha alegria com a dança do coco é porque ela me enche de emoção, quando eu tô dançando, quando eu tô cantando... Quando eu tô cantando, eu tô lembrando meu pai, lembrando meu avô... Porque eu me lembro daqueles tempos que eles dançavam. Vem aquela lembrança todinha. Em segundo lugar, eu me animo. Às vezes, eu tô com o astral baixo, aí eu começo a brincar com os meninos, aí eu me animo! Pra mim, esse trabalho é de coração, vem de dentro de mim esse trabalho que eu faço, vem de dentro de

mim mesmo. É um evento especial, porque eu estou ensinando um monte de criança.

Quando eu fui indicado e diplomado Mestre, eu me senti muito feliz. Primeiro lugar, porque eu passei a receber uma segurança, vamos dizer por exemplo: quando a gente ia para uma animação, eu tinha de pagar um carro para eu me locomover com o grupo. A partir do momento que a Secretaria de Cultura passou a me ajudar, eles é que me dão um carro. Segundo: eu passei a receber merenda pros meninos. Esse é o lado que eu achei muito importante pra esse trabalho.

Pra mim... ser mestre é ter uma responsabilidade grande com a escola que eu ensino. Agora eu não gosto muito que me chamem de Mestre. Eu não me vanglorizo com este nome de mestre. Porque Mestre é só Nosso Senhor Jesus.

A dança do coco era só um sapateado, mas depois, com rimas diferentes, eu coloquei em cada rima outro tipo de dança. Tem a dança de umbigada, o sapateado, a dança do xis, o sapo na lagoa e a dança de roda. Pra quem nunca viu, eu diria que procure ver e aprender. E tem que ter a bateria pra fazer os meninos sapatear. O caixão pra bater, o bombo, um pandeiro e um ganzá. A dança do coco pra mim é festa, é celebração! É uma mistura que se dança com as emboladas e com a bateria. ✨





Mestre

Paulão Ceará

PAULO SALES NETO

Mestre de Capoeira

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza e Budapeste

NASCIMENTO 14 de janeiro de 1961





“A capoeira é uma luta, é uma dança, é um jogo. É um sentimento.”

Meu nome é Paulo Sales Neto. Sou cearense da Praia de Iracema e sou conhecido na roda de capoeira como Mestre Paulão Ceará. Eu comecei a capoeira aos 15 anos de idade, jogando bola e vendo um amigo meu jogando capoeira, lá na Praia de Iracema. E isso me encantou. Então, fez com que eu me empolgasse e passasse a praticar a capoeira.

Desde então, pratico a capoeira com motivação dos meus familiares. Tivemos muitos tempos difíceis, no período em que a capoeira era um pouco discriminada. Mas nós conseguimos mudar essa mentalidade, fazer com que a aceitação da sociedade cearense para a capoeira fosse favorável e positiva. Tivemos muitas adversidades, mas nós conseguimos fazer grandes eventos aqui. Grandes encontros, na época chamado Encontros Nacionais, trazendo grandes mestres da Bahia, do Rio de Janeiro e de outros Estados do Brasil.

Tive uma formação escolar até o segundo grau, fiz o vestibular. Passei, mas por consequência da minha viagem para a Europa, que foi em 1994, eu tive que abandonar. E lá na Europa foi onde eu comecei. Foi na Holanda, o primeiro país onde eu cheguei. Situação difícil, porque costumes diferentes, língua diferente, clima diferente e um lugar onde poucas pessoas conheciam a capoeira.

Então foi um trabalho bem de início, divulgando a capoeira. Nos primeiros dois anos

estava meio difícil, foi a dificuldade e foi o momento de investimento que nós fizemos, divulgando a capoeira em centros culturais, em academias e, no verão, nas ruas, com apresentações de roda de rua. No terceiro ano, a capoeira explodiu e, do quarto ano em diante, foi a moda, que perdurou por 12 anos em todas as academias, na Europa inteira.

Existia uma migração de capoeiristas para a Europa muito grande. Nosso grupo mesmo fez um trabalho de levar até a Europa capoeiristas. De dar oportunidade para quem gostaria de exercer a profissão de capoeira lá fora, de construir a sua vida. Então, o grupo Capoeira Brasil, através do mestre Paulão Ceará, deu essa oportunidade a todos eles. Para que eles decidissem. Alguns ficaram, alguns voltaram por questão de adaptação. E essa adaptação não é fácil.

Hoje, o grupo Capoeira Brasil está em 25 países e em 65 cidades. A sede principal é aqui no Estado do Ceará, onde a gente fala que é a origem, onde é a raiz, e muitos dos europeus vêm aqui treinar. Porque isso faz parte da nossa regra. Cada vez que o capoeirista vai se graduando, vai pegando experiência, a gente pede para eles virem no Brasil, saber como o povo brasileiro vive a capoeira, como o povo brasileiro desenvolve a capoeira.

Com o passar do tempo, eu fui congratulado com o título de Mestre da Cultura dos

Tesouros Vivos do Estado do Ceará. E paralelo a esse título, eu recebi o título de Doutor do Notório Saber da Cultura Popular pela Universidade Estadual do Estado do Ceará.

Esse título foi de grande importância na minha vida. De um reconhecimento de todo um legado vivido durante 45 anos, dedicado intensamente à capoeira. Para os senhores terem uma ideia, a minha vida toda, durante esses 45 anos, foi superintensa. Todos os dias com capoeira. Divulgando, levando capoeira além das fronteiras. E esse título me deixou muito honrado, muito feliz, porque demonstra o respeito e a notoriedade que a capoeira deu para o meu Estado.

E estou usufruindo hoje desse título de várias maneiras. Aonde eu vou, aqui no meu Estado, no Brasil ou no mundo, as pessoas comentam sobre essa congratulação. Eu falo particularmente na capoeira, e isso me dá um prazer muito grande.

O grupo Capoeira Brasil foi fundado por uma motivação que nós tivemos dos fundadores do Grupo Senzala. Mestre Paulinho Sabiá, Mestre Boneco e eu fomos os três fundadores; fazíamos parte do mesmo grupo que era o Grupo Senzala. Houve um impasse e com esse impasse ficou difícil, difícil de reatar, de continuar dentro do Grupo Senzala, com o mestre da gente.

Fomos até os mestres fundadores do grupo Senzala e pedimos uma opinião. E a nossa primeira fala foi em querer ficar no Grupo Senzala. E eles disseram, usando a ética moral, que seria muito fácil pegar três capoeiristas já confirmados. E eles preferiram nos incentivar a fundar um grupo, o que na época, 32 anos atrás, não era uma coisa normal, fundar um grupo.

Então, pegamos a ideia e partimos para o projeto. Começamos a elaborar todo o

sistema do grupo. Como iria funcionar: símbolo, cores, nome, graduação, metodologia, filosofia. Passamos um ano fazendo esse trabalho até chegarmos a um denominador comum, até chegarmos à estrutura. E em 14 de janeiro de 1989, no Rio de Janeiro, em Niterói, fundamos o Grupo Capoeira Brasil, com o apoio da comunidade capoeirística.

Nós temos grandes mestres como padrinhos do nosso grupo. Mestres famosos como o Mestre Itapuã, Mestre Suassuna, Mestre Gato da Senzala, Mestre Rafael, Mestre Peixinho e tantos outros. Nós fundamos o grupo para mudar uma mentalidade, porque a gente estava sentindo uma necessidade de mais harmonia, mais familiaridade. Então, no período, nos finais dos anos 80 e 90, a capoeira tinha muita rivalidade, tinha muita violência. Era um ciclo que a gente compreende, porque muitas pessoas queriam realmente mostrar o seu trabalho. E uma das maneiras negativas que a gente percebe, mas que para o futuro foi positivo, era essa coisa de mostrar quem era o mais forte. Então tinha essa rivalidade, mas só que chegou um momento que essa rivalidade começou a prejudicar, e nós trocamos a filosofia. Botamos mais harmonia, mais amizade, porque o jogo, ele é decidido na roda. E aí partimos para desenvolver a capoeira como nós gostávamos.

Essa história das filiais, das redes que nós temos, ela surgiu naturalmente com a sinalização que nós percebemos, com a minha partida para a Europa. E estando lá, eu levava os alunos brasileiros para pra ter uma oportunidade na Europa. Uns ficavam, e a gente instalava num país ou numa cidade. E outros voltavam. Ficava a critério de cada um. Democraticamente, era resolvida essa decisão. E os que ficaram deram a ideia para filiar. Aí vinham outros estrangeiros, que gos-

tavam da técnica, da maneira que o grupo se desenvolvia, da filosofia, da metodologia, da harmonia — que é um conjunto de vertentes muito importantes, que as pessoas passam a admirar no grupo, na sua filosofia — e vem se tornar membro desta família.

E assim foi crescendo. Porque a capoeira tem um lado do *business*, que a gente faz dela uma profissão. Nós não temos ainda essa profissão regulamentada, mas fazemos dela uma profissão. Mas, ao mesmo tempo, nós temos essa irmandade, essa amizade, que a gente chama de família, que é uma coisa intrínseca à capoeira; não dá para você fugir disso.

É muito difícil você fugir disso e deixar o aluno só como cliente. Muitos já tentaram. Aluno como cliente, que vai na academia, paga. Paga o *royalties*, compra instrumento ou compra o material. E não foi bem sucedido. Porque falta a parte afetiva, que é a da amizade, da irmandade, da familiaridade que temos, que é o que completa esse conjunto.

A capoeira é uma luta, é uma dança, é um jogo. É um sentimento. Então, o momento é que te dá o caminho, te sinaliza se você vai lutar ou se você vai só brincar. A capoeira te dá inúmeras possibilidades. Ou você pode também chegar na roda, só cantar, só tocar. Então, é o momento.

Um Mestre é ser exemplo. E essa história de ser mestre, ela é muito forte! Só que está sendo mal compreendida. Porque o mestre tem uma das coisas fundamentais, fora o seu notório saber, o seu conhecimento daquilo que você faz, daquela arte, daquela cultura ou daquela arte marcial, fora os fundamentos básicos, as técnicas, todo o conhecimento: é a idade cronológica, é a vivência, é a maturidade, é ser exemplo, é praticar. Porque você sabe que quando nós somos mais jovens, nós

cometemos erros. Esses erros fazem parte da formação de uma personalidade. Tem uns que aprendem com o erro, usam o erro para crescer, para mudar; outros não.

Então para mim, mestre é isso: é exemplo. Mas que tem que praticar. Ele não pode ser só aquele que tem o poder da persuasão e só falar. E, na prática, ser completamente o contrário daquilo que ele faz. Então, para mim, Mestre é exemplo.

Como atrair os jovens para a capoeira? Como fazer com que os jovens vejam perspectiva na capoeira? A capoeira em si, por ela própria — os movimentos, a maneira de se jogar, a música, a harmonia, o frenesi que tem na capoeira — por si só já atrai. Dito assim, quando a pessoa, o aluno se matricula, passa a fazer parte da capoeira. Além disso, na capoeira, ele tem uma doutrina positiva, que depende de cada escola. Na nossa escola, nós temos essa doutrina positiva. De dar oportunidade, de mostrar perspectivas através da capoeira. Não só sendo capoeirista, mas a capoeira também levando para outras profissões de classe, seus valores, transformando, educando, disciplinando, mostrando o caminho do bom viver, trazendo esperança.

O forte da capoeira é isso. Por exemplo, temos aqui no nosso grupo vários membros, vários professores que desenvolvem trabalhos sociais. Eu mesmo fiz quando dei aula. A maioria dos meus alunos eram da comunidade. Hoje, 80% são profissionais de capoeira. Hoje são todos mestres. Saíram do Serviluz, do Pirambu, da Serrinha, do Verdes Mares, do Baixa-Pau (na Praia de Iracema). Eles tiveram essa oportunidade na capoeira. Então, essa é a força que a capoeira tem.

A minha ida para a Holanda foi uma decisão pessoal. Eu tinha vontade. Parece até um pouco engraçado, mas eu tinha dentro de



RELATO DE VIAGEM

Mestre Paulão é um cidadão do mundo. A capoeira lhe deu esse destino. O encontro para a conversa sobre sua trajetória deu-se em Fortaleza, em uma de suas visitas à capital cearense. Quem dera pudéssemos ter ido encontrá-lo em Budapeste, onde mora há 20 anos. A academia de um discípulo foi aberta especialmente para essa roda de capoeira, que reuniu companheiros do início da jornada e novos alunos, perfazendo a terceira ou quarta geração de capoeiristas cearenses que fazem essa arte/esporte cada vez mais viva e disseminada.

mim a vontade de não morrer sem conhecer o mundo e aprender a falar um idioma. Essas duas coisas foram fundamentais para mim. De ver uma outra cultura, de aprender com outras culturas, com outros costumes e ver isso de perto e aprender a falar o idioma. Eu aprendi o inglês, principalmente o inglês de rua, em um ano. Mas na rua, estudando, e as pessoas me corrigindo. E depois foi a segunda língua. Foi o holandês, depois o francês e depois foi o espanhol. E agora um pouco do húngaro. Eu tenho essa curiosidade. E quando eu chegava nesses países, eu também experimentava da culinária. Eu não ia lá atrás do feijão, nem do arroz.

Quando eu decidi ir, eu disse a mim mesmo: eu só volto quando eu vencer, eu só volto com sucesso. Eu só volto no positivo. Não foi fácil, não. Você chegar numa terra onde ninguém conhecia a capoeira, costumes diferentes, línguas diferentes e toda essa diversidade. Depois você fazer aqueles holandeses abraçarem a capoeira. Eu falo do holandês porque foi onde eu aportei, onde eu cravei lá e botei o meu barco.

Eu me considero cidadão do mundo. Antes, eu fazia isso e não sentia. Não é coisa assim que eu seja demais, ou uma pessoa boçal. Mas eu sou reverenciado nos países onde eu passo. E homenageado por trazer a

cultura brasileira, porque, geralmente, no evento de capoeira que nós organizamos lá fora, a capoeira é o carro-chefe. Mas a gente leva todo um pacote cultural brasileiro. Na festa tem um forró. Na festa tem a caipirinha. Na festa, no jantar, ou é um baião de dois ou uma feijoada. Então você vê que é a nossa culinária — um pouco dela —, o nosso coquetel famoso, que é a caipirinha.

O forró, que hoje domina a Europa, faz parte desse pacote que a gente leva, sendo puxado pelo carro-chefe, que é a capoeira. Então, eu penso que nós somos — há vários outros mestres que também fazem esse tipo de trabalho — nós somos embaixadores da nossa cultura lá fora. E para você ter uma ideia, hoje, o português é também empurrado pela capoeira. Porque a gente faz com que os capoeiristas estrangeiros aprendam a língua portuguesa, porque o nome dos golpes é falado em português, as músicas, em português. Então isso acelera, incentiva aos estrangeiros a aprender, a falar o idioma.

A mensagem que eu poderia dizer para finalizar é que a capoeira é um veículo muito forte, capaz de transformar as pessoas, de educar. Eu sou um exemplo disso. ✨



Mestre

Pedro Aboiador

PEDRO COELHO DA SILVA

Mestre Vaqueiro Aboiador

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Acopiara (Sítio Logradouro) – Região Centro-Sul

NASCIMENTO 12 de abril de 1943





“Hoje se tira o gado é de moto. As motos são os cavalos. Tá tudo diferente.”

Eu me chamo Pedro Coelho da Silva. Conhecido sempre como Pedro Aboiador. Eu nasci aqui, nessa casinha que nós estamos. Meu avô morava naquela outra casa ali, ele era separado e vivia aqui mais nós. O ponto era aqui na casa da minha mãe, mas ele dormia lá na casa dele. Os adereços dele era tudo lá. E eu, pequenininho, comecei andando mais ele. Ele era vaqueiro. Comecei andando mais ele pra os baixios. Ele ia arrancar mato, arrancar salsa e eu nos mocotós dele. Com um cacetinho e nos mocotós dele. Comecei andando a cavalo, andando na garupa do cavalo dele. E fui indo e comecei a andar num animal só. Ele vaqueiro, lutando e eu acompanhando.

E a gente saía daqui — eu com seis pra sete anos de idade — e levava o gado lá pra onde hoje é a água do Banabuiú. Eu ia no meio de uma carga. A gente levava o gado no inverno e trazia no verão. Eu ia no meio de uma carga forrada com uma rede. Minha mãe ajeitava aqui os mantimentos, pra gente comer. Era o tempo do chapéu de couro — o bolo de milho. E eu ia no meio da carga. Deixava o gado lá e voltava. Depois, quando foi em 50, peguei lutando aqui. Lutando com o gado dos outros, que ele não tinha. Ele tomava de conta de uns gado alheio, lutando. Como ele era vaqueiro, e eu vendo aquilo ali, me dediquei no ramo dele.

Quando eu vesti a roupa de couro, eu tava com 10/12 anos, e fomos levar o gado em 59 pra lá, naquele mesmo lugar. Eu tomei a roupa de couro emprestada e fui num burro tangendo os gados. Aí, fui levando e fui ficando, seguindo a profissão, com todo prazer. Eu não dormia de noite, quando era pra fazer viagem no outro dia. Primeiramente, eu menino, a gente ia dar água a um gado, daqui uns quatro quilômetros. Ele selava o cavalo e ia, e eu, no jumento — meu pai tinha um jumento muito bom, e eu ia no jumento.

A derradeira viagem que ele fez foi em 59. Aí eu já fiquei fazendo aquelas viagens sem ele. Me arranchando nas casas que ele se arranchava. E fui ficando conhecido. E peguei a lutar com o gado e o pessoal me procurava pra tirar gado, pegar gado no mato. Eu sou vaqueiro e vaqueiro de pegar o boi no mato mesmo. Aí eu parti pra aboiar. Manezinho Pernambucano aboiava na rádio Alto de Piranhas, e eu assistia. Era o radinho aqui, armada a rede, radinho do lado, toda cinco hora da tarde, escutava... e fui ouvindo aquilo. Na minha luta, aprendi a fazer uns versos também, e ele convidava uns vaqueiros pra ir na rádio. Eu fui treinando e me dediquei naquilo. Daí um pouco, fui chamado pra convidar os vaqueiros para a vaquejada, em verso. Aí, fui me elevando, os fazendeiros tudo me queria bem. Fui muito





RELATO DE VIAGEM

Mestre Pedro deixou o gado no curral, selou o cavalo e abriu a porta da casa antiga para mostrar como era e ainda é a vida de vaqueiro. Porque, mesmo com toda a mudança trazida pela tecnologia, um vaqueiro do sertão do Nordeste continua a enfrentar praticamente as mesmas condições, afazeres e dificuldades: o sol escaldante, a boiada bruta e o eterno sofrimento em busca de água para si e para os animais. Pedro Aboiador hoje mora numa casa grande para um homem sozinho, bem perto da casa onde nasceu e que já tem algumas paredes caídas. Muito solícito, o Mestre aboiou no curral, andou a cavalo para as fotos e, depois da conversa, nos acompanhou até a cidade, a cavalo, para o almoço na Churrascaria mais famosa e onde todos o cumprimentam como Mestre.

responsável com a luta. Eu não dava, como se diz, vencimento para as lutas, porque eu era um só. Um chamava pra uma boiada hoje e já tinha outra pra amanhã. Pegar um boi no mato, nestes altos aqui, peguei muito. Boi por carreira. Fui me dedicando no ramo mesmo e me tornando um vaqueiro aboiador.

Foi assim como diz a minha música: Nos meus tempos de vaqueiro, morava no Logradouro/montava em cavalo bom e pegava boi corredor/e aprendi a campear andando mais meu avô/ôôôôô/sou vaqueiro do sertão, a profissão que eu tenho/de vestir roupa de couro e campear boi no mato também/essa vida me dá prazer, o maior prazer que eu tem/ôôôôô.

Eu me tornei um mestre da cultura. Começou por isso, eu ser analfabeto e conservar e zelar essa cultura. Desde esse tempo até hoje, eu venho conservando. Todos os trajes de couro, todas as tralhas do vaqueiro eu tenho com muito prazer.

Primeiro, foram as entrevistas. Em 86, fiz uma entrevista no Carneiro Portela, e o povo dando valor aos meus trabalhos. Depois, a parceria com Galego Aboiador, que eu gravei uma parte no CD dele. E o povo

vendo aquilo. E gravei meu CD, em 2002, e o povo admirando muito. Em 2008, foi uma página do jornal Diário do Nordeste. Foi aí que um poeta, Chico Antônio, conhecido em Fortaleza por Teixeira, que é parente meu, descobriu esse órgão do Governo com os Tesouro Vivo. Já tinha passado o da Dina, que ela já era mestre. E ele veio aqui e levou os meus documentos tudim e os CDs, aquela página do jornal. Lá ele trabalhou e fez o documentário e do documentário já partiu pro Mestre da Cultura. E e foi indo até que chegou. Todo mundo fazia força e me dizia que eu merecia. Pra mim é um prazer muito grande porque um analfabeto foi julgado e escolhido. Tem uma toada minha que diz: minha escola foi cocheira e o professor foi o gado. E a gente ganha o salário, já tô recebendo.

Essa tradição de vaqueiro já foi muito elevada. Tem diminuído muito. E tá diminuindo. Aqui no município de Acopiara mesmo, que é um município grande, só tem eu considerado o vaqueiro mesmo. Hoje se tira os gado é de moto. Se vai buscar uma boiada, eles vêm de moto — um de pés e outro na moto. E sai um chamando na frente e outro atrás

tangendo, entrando dentro dos matos. Não tem mais um cavalo de campo aqui, senão eu. Não tem mais uma roupa de couro, nem nada, acabou-se. As motos são os cavalos. Tá tudo diferente. É tanto que pra representação de folklore, o pessoal vem tudo aqui atrás dos meus vestuários. Só tem eu aqui que tem. Pra mim, era pra eu ter um colega, um parceiro. Nem tem de aboiar e nem tem de ir pro mato, pra luta de pegar boi no mato.

E hoje, a juventude não tem mais vontade. Meus dois filhos, um podia ter seguido, mas não! Mas com essas minhas histórias já tem gente entrando, se interessando. Eu acho que vai aparecer. Em outros municípios tem uns garotos novos que tão entrando na vida do vaqueiro mesmo. Mas na vida do gibão, na tradição, tá bem pouquinho. Se caça onde é que tem um. É porque os jovens querem a coisa mais fácil. Vai pro estudo, que é mais maneiro.

Mas ensinar, não se ensina. É o dom que Deus dá, que nem me deu. Também não ensina os versos. Eu não escrevo meu nome e Deus deu aquele dom, e a gente vai vendo os outros, que nem eu vi e ouvi. Eu tenho um bocado de toada, mas pra eu fazer era uma dificuldade porque eu não escrevo. Eu faço aqui, duas três estrofes, quatro, fico repetindo e depois faço outras até terminar. Pra ter o começo e o fim. Mas faço também de improviso.

Pra mim, foi a vida melhor que Deus me deu. Foi essa vida e essa profissão de vaqueiro. Tenho sofrido nela, mas estimo como a melhor coisa do mundo. ✨





Mestra

Raimunda Lúcia

RAIMUNDA LÚCIA LOPES

Mestra em Renda de Bilro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de janeiro de 2012

CIDADE-RESIDÊNCIA Trairi (Distrito Canaã, localidade de Timbaúba) – Região do Litoral Oeste

NASCIMENTO 31 de maio de 1949







“Pra onde eu vou, eu levo a minha arte.”

O meu nome é Raimunda Lúcia Lopes. Moro na localidade de Timbaúba, no distrito de Canaã, município de Trairi. Eu tomei de conta de dez filhos do coração, não é biológico... Hoje já tenho cinco netos. E agora cuidei dos meus pais — da minha mãezinha, que se foi, e tô cuidando do meu pai e da casa. Sou rendeira desde os sete anos de idade. Aprendi com minha mãe. Que a minha mãe ensinou a todas as filhas. E, até hoje, continuo fazendo essa arte. A renda de bilros para mim é, não só uma profissão, como é uma terapia também.

Sou ainda agricultora. Planto cana, feijão, crio galinha, cuido da casa... Eu trabalho um pouquinho de crochê, bordado à mão e bordado à máquina. Sou costureira, professora, líder comunitária e catequista. Tudo isso!

Eu tenho uma caminhada de mais de três décadas, uma caminhada muito significativa pra mim, para que esse trabalho de renda de bilro se desenvolva. E esse trabalho eu aprecio muito, eu gosto muito. Eu defendo essa arte, essa cultura. Devido esse interesse, de repassar para as novas gerações, levar o nosso produto a vários eventos, divulgar... para que essa cultura continue, eu fui premiada, diplomada como mestra. Hoje, eu sou a Mestra do Tesouro Vivo da Cultura, um título que eu ganhei por essa luta.

Quando eu recebi esse título, eu me senti, podemos dizer assim, envaidecida. Porque

no meio de tantas rendeiras, outras rendeiras mais idosas de que eu, que já faziam renda há mais tempo do que eu... eu fui premiada com esse título da cultura do Estado do Ceará, representando a renda de bilro do Estado do Ceará, principalmente pelo nosso município. Mas eu repassei informações sobre a renda de bilro, pra valorizar mais essa cultura nossa, essa tradição nossa. Que nós precisamos valorizar a rendeira. Para a rendeira ter o seu prestígio. A gente tem esse sonho: a rendeira continuar com a sua arte. E formei um grupo com 20 jovens que eu estou ensinando, que eu acompanho, onde eu falo que é muito importante aprender essa arte, essa técnica, que é um trabalho que nossas avós, nossas bisavós e nossas mães fizeram e fazem. Eu convido para uma reunião os jovens interessados, dou explicação, mostro os exemplos, e produtos que podemos fazer com a nossa renda e vender, para eles terem o seu dinheirinho. Primeiramente é preciso trabalhar o coletivo. Unir esses jovens, para eles não fiquem na ociosidade, nesse mundo violento que está acontecendo aí. Trabalhando, eles vão ocupar a mente, de início, e depois eles reconhecem que ter o dinheiro deles, vindo do seu próprio trabalho, é muito bom. E tem ainda a técnica para que eles continuem esse trabalho.

Eu ter sido reconhecida como mestra da cultura valorizou mais o meu trabalho e a própria arte da renda de bilro, mostrou para



RELATO DE VIAGEM

Só numa segunda viagem ao Trairi foi possível entrevistar Dona Raimunda Lúcia. Na primeira vez que passamos pelo distrito de Canaã, ela apenas nos pediu para retornarmos em outra ocasião, porque sua mãe estava muito doente. Tempos depois, voltamos. Ainda consternada, pelo falecimento da mãe, ela nos falou da importância da renda de bilro na sua vida, mostrou-nos os trabalhos recém-confeccionados, atendeu aos familiares que chegavam para uma breve visita e não descuidava do pai, que debulhava as vagens de feijão, colhidas no quintal da casa. Atenções repartidas, mas direcionadas para cada demanda específica. Essa habilidade faz a Mestra ser muitas e galgar desafios com relação ao seu trabalho com a renda de bilro, tanto na arte de fazer a renda em si, como no sentido de repassar o ofício para os mais jovens e, ainda, organizar a produção através de uma associação de rendeiras da região.

todos que eu sei fazer essa renda. Quando eu viajo, quando eu exponho a renda, eu falo sempre com a certeza de que o reconhecimento, esse título, foi pela minha luta de defender essa arte e acreditar em dias melhores para essa tipologia.

A gente faz a renda trabalhando em três linhas: o vestuário, cama e mesa e acessórios. Nesse longo período que eu faço renda de bilro, já houve muitos avanços e transformações. Não que a renda tenha perdido a sua característica — que não perde a sua característica — mas nas linhas de vestuário, cama e mesa, na própria renda em metro, outros desenhos... Tudo isso tem feito uma diferença do que se fazia há quarenta, cinquenta anos atrás e da que se produz hoje. A renda que se produz hoje é mais para ser apreciada. Não é só uma renda pra se colocar em algumas peças que não são vistas. Se coloca a renda em algumas peças de casa que antes não se colocava, como os jogos americanos, capa de almofadas... Os acessórios: rosto de sandálias, colares, pulseiras, tiaras... Tudo isso hoje a gente

produz com a renda de bilro. Antes não. Antes a renda de bilro era só pra colocar nas anáguas das madames, os biquinhos de acabamento da blusas e hoje até vestido de noiva a gente produz.

E hoje existe uma grande diferença nas vendas das peças. Antes não se tinha nenhum pequeno retorno financeiro, não se ganhava nada. Hoje sim, a renda de bilro ajuda muito no orçamento familiar. Hoje já podemos comprar algo e pagar com a venda dos nossos produtos. Claro que ainda está longe de a gente alcançar aquilo que almeja. A profissão de rendeira ser uma profissão legalizada, tirar dessa nossa profissão a nossa renda financeira.

Eu viajo, bastante. Viajo a trabalho, para as feiras.. e uma coisa interessante, que é de mim mesma... pra onde eu vou, eu levo a minha arte de lado, a arte da rendeira de lado. Em São Paulo, quando eu morei lá, eu fazia renda. Onde eu vou, Santa Maria, no Rio Grande do Sul, também levei a nossa arte... E principalmente hoje, porque hoje Trairi é a terra da renda de bilro. E eu sou





a mestra da cultura. Então, se eu tinha interesse de divulgar, de fazer a renda de bilro, hoje eu tenho muito mais.

A renda de bilros está se expandido muito dentro do nosso município, porque, antes, há alguns anos atrás, só tinha mais na região litorânea, e hoje, na região do sertão também já tem.

Aqui, hoje, nós temos a Agrupart: Associação do Grupo das Rendeiras de Timbaúba. Somos 15 famílias, em torno de vinte rendeiras, juntamente com os jovens, trabalhando juntos. Compramos a matéria-prima juntos e vendemos junto. É um grupo que trabalha o associativismo, o coletivo e, até agora, está dando tudo certo. Esperamos que continue a dar certo. Se nós tivermos perdas, é o grupo, é junto. Se nós tivermos lucro, é o grupo. Graças a Deus, até agora, nós temos só avanços. ✱

Mestra

Pajé Raimunda Tapeba

RAIMUNDA RODRIGUES TEIXEIRA

Mestra em Cultura Indígena (Povo Tapeba)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Caucaia

NASCIMENTO 24 de novembro de 1945



“Ser uma mestra da cultura é uma questão de sabedoria, de ciência que a gente tem.”

Meu nome é Raimunda e sou a Pajé do povo Tapeba. Tenho 76 anos, com muita força, guerreira. Força de lutar pelo meu povo. Eu sou rezadeira porque a minha mãe era curandeira, meu pai também era curador. Rezava nas pessoas, trabalhava nos remédios. E eu vivia dentro de casa, convivendo com eles, aprendi a fazer os remédios. Minha mãe me ensinou as rezas, me ensinou a fazer os remédios. Ensinou as plantas que serviam e as que não serviam.

Sempre vivi dentro da comunidade. Rezava, fazia alguns remédios. Eu fiquei firme com meu povo. Passando os remédios, curando, conversando para eles terem fé. Aprendendo, ensinando a cultura para eles não crescerem sem a cultura, sem a tradição.

Porque é muito importante que a gente aprenda a cultura da gente, a história dos nossos antepassados. Isso foi o que eu aprendi e repasso até hoje para eles, como Pajé, como curandeira, como índia.

Para que os novos não cheguem a reclamar: meu pai era índio, minha mãe era índia e eu não sei de nada. Que cultura foi essa? Que sabedoria foi essa que eles aprenderam que não passou pro seu povo? É um dever, por obrigação, repassar.

A minha história é essa de guerreira, de lutar com o meu povo, lutar por demarcação

de terra, por saúde, educação. Que a gente seja respeitado e respeite, tenha educação com as pessoas. Que saibam entrar e saibam sair. Que foi isso que eu aprendi, e eu quero que eles sigam a minha experiência. A convivência que eu tenho como Pajé e como Mestre da Cultura repasso para que eles sigam em frente, para nossa comunidade crescer cada dia mais.

Eu comecei ser Pajé em 1987 para 1988. Antes tinha outro Pajé, o finado Zé Tatu. Nós tínhamos grande respeito por ele. Ele também fazia o trabalho dele dentro da aldeia. Quando Deus levou Zé Tatu, o Dourado, nossa liderança, fez uma reunião para escolher quem ia ficar no lugar de Pajé. Nessa reunião, todos disseram: é a Raimunda. Porque, apesar de ela não saber ler, mas tem a sabedoria, tem o jeito dela de falar, o modo dela viver, o modo dela pensar, a visão de como uma pessoa é e como uma pessoa não é. E foi feita essa reunião e eu fui aceita como a Pajé do povo Tapeba. Com muita alegria deles e eu também com muito orgulho, aceitei, porque é um dever meu. Uma obrigação que eu tenho com o meu povo de passar a tradição dos meus antepassados, a minha história, a minha cultura, a minha sabedoria, a minha ciência, a

força dos Encantados com a espiritualidade, curar as doenças.

Isso é um dom que eu já nasci com ele, dado por Deus. Quando eu era jovem, eu via os Encantados, eu conversava com eles, eu ouvia voz. Tudo o que tinha para acontecer, eu era avisada, e hoje eu ainda sou. Quando tem alguma coisa para acontecer, eu sinto o aviso do que é ruim e do que é bom. Tudo eu sinto. Então por que eu não aceitar ser a Pajé do povo Tapeba? Porque eu já curandeira, trabalhava com o remédio, medicina, orientava, passava a história. Então era a única solução de eu continuar a ter eles, os Encantados, com aquela sabedoria e com aquela ciência, né? Por tudo isso, eu hoje sou a Pajé do povo Tapeba.

Depois que eu fui Pajé, um menino meu foi para uma reunião e chegou falando dos Mestre da Cultura. Dizendo ele: a Cacique Pequena é Mestre da Cultura; o Luís Caboco é Mestre; o João Venâncio também é Mestre. Por que a mãe não é? Ele ficou dizendo: “a senhora que ajudou a levantar esse povo. Botou todo o movimento para funcionar”. Eu disse a ele: Quando Deus quiser, algum dia, quem sabe?! A gente tem que ter fé, ter paciência. E aí, quando foi um dia, me chamaram e me disseram que eu tinha sido aprovada como Mestre da Cultura. E eu fiquei muito agradecida a Deus, e às pessoas que fizeram isso por mim. Sou Mestre da Cultura, com todo orgulho, pelo trabalho com meu povo. Tanto como um Mestre de Cultura, como Pajé, como Curandeira, como Índia, respeitando a tradição do meu povo, no modo de viver e no modo de ser.

A comunidade ficou alegre, quando passei a Mestre da Cultura. Começaram a dizer: nós temos um Tesouro Vivo no nosso meio, no nosso povo Tapeba. Ela é Mestre da Cultura

e nós vamos fazer de tudo para ter ela muito tempo entre nós. Para ela passar mais e mais sabedoria, do que ela sabe, para nosso povo, para a nossa geração que está crescendo. E eu acho que o que mudou na comunidade foi essa alegria. Mas o respeito, toda vida eles tiveram comigo. Quando eu era só a Pajé, eles tinham respeito. E depois, como Mestre da Cultura, o respeito deles parece que dobrou.

Para mim, ser uma Mestre da Cultura é uma questão de sabedoria, de ciência que a gente tem.

Por eu ser Mestre da Cultura, eu tenho o maior prazer de passar o que eu aprendi dos meus antepassados. A sabedoria, a ciência. Como eu vivo com a ciência, como eu vivo com a natureza, como eu vivo com os astros, como eu vivo com a força dos encantados. Isso é o que importa. Transmitir, fazer andar, fazer caminhar, não abafar. E eu me sinto orgulhosa de ter recebido essa sabedoria, essa bênção de Deus. E com todo prazer, como Mestre da Cultura, repassar para o meu povo, principalmente para as crianças e jovens que estão crescendo agora.

Eu faço esse repasse dentro das escolas, aqui na Lagoa e na Ponte, aonde tem as comunidades do povo Tapeba. E eu estou dentro das escolas. Passo o dia com os alunos. Com os jovens. Porque os adultos, os velhos sabem, mas os jovens não. Eles estão na escola para aprender a ler e escrever, mas também têm que aprender a sua cultura, a tradição de seus antepassados. E eu, como Pajé e como Mestre da Cultura, é um dever e uma obrigação fazer esse trabalho. Eu passando para os mais jovens, e eles aprendendo, vão passar para os filhos, os netos, os tataranetos deles. E assim vai de geração para geração.

Mas eu tenho um grande desafio de repassar a tradição. Porque, na minha ju-

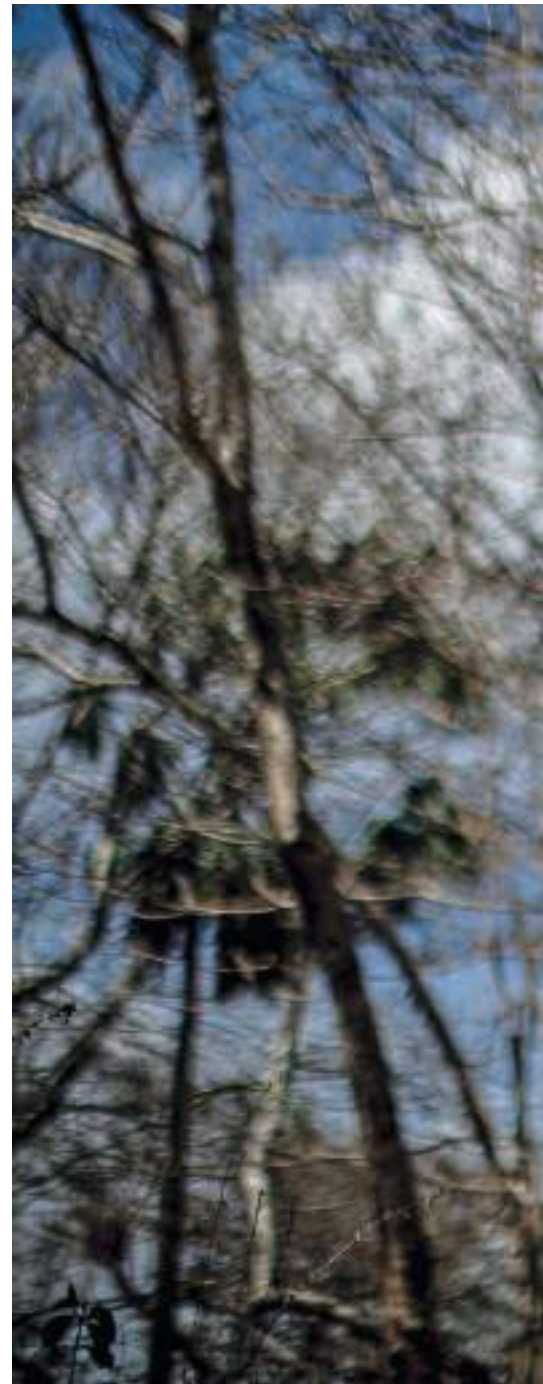


RELATO DE VIAGEM

Encontramos Dona Raimunda perto de sua casa, nos arredores de Caucaia. Ela aceitou prontamente ir conosco até uma mata próxima, onde nos apresentou algumas plantas e ervas que conhecia. Entoou cantigas, fez orações e reverenciou a natureza. Ali, ao ar livre, sob um sol forte e próximos a um córrego, conversamos com a Mestra Pajé dos Tapebas, que nos mostrou como alguém, aparentemente frágil, pode ter uma força contagiante.

ventude, na minha infância era diferente, a cultura do próprio índio era preservada com o meu povo. Uma cultura de viver da tradição dos nossos pajés, dos nossos caciques, das nossas lideranças, rezadeiras, curandeiros. Tudo dentro da aldeia. E hoje a minha preocupação é porque, mesmo eu tendo o maior prazer de repassar a tradição, muitos preferem ouvir a história da rua de que ouvir a minha, que é verdadeira e da sua própria tradição. Mas não desisto.

Vou continuar a passar a tradição para os meus netos, meus filhos, parentes para que eles sigam o que eu estou seguindo até hoje. ✨





Mestre

Doca Zacarias

RAIMUNDO ZACARIAS

Mestre em Reisado de Congo

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Milagres – Região do Cariri

NASCIMENTO 19 de setembro de 1929





“A congada de Milagres é diferente. Porque não é reisado. É congo.”

Meu nome é Raimundo Zacarias mas sou conhecido por Doca Zacarias. Sou Mestre do Congo, de Milagres. Sou da Cultura e a Congada de Milagres é antiga e eu tenho que cumprir com essa lei da congada. Uma herança que meu pai me deu: os Congo de Nossa Senhora do Rosário. Sou mestre da cultura do Estado do Ceará e daqui de Milagres.

A congada é uma tradição antiga que veio desde o tempo dos escravos, no tempo que existia Reis. Quando eu comecei dançar congo, mais meu pai, eu tinha oito anos de idade. Antes de morrer, foi a primeira coisa que ele me pediu: que não deixasse acabar essa tradição antiga, que é os congo de nossa senhora do Rosário. Depois de um ou dois anos que ele morreu eu comecei ser mestre dos congos. Naquela época, eu ser mestre não tinha benefício nenhum. Hoje eu me acho feliz porque a gente tem benefício. Os mestres da cultura do Estado do Ceará e, principalmente, aqui do Cariri, são bem olhados.

Pra os congo de Milagres não cair e ficando pra frente, eu tô com o grupo mais novo. Esse grupo novo de hoje é um grupo que é preciso o caba lutar muito pra poder dominar. O grupo todo é da família, aonde eu tenho duas filhas e uma já é mãe, que essa é a mestre que trabalha na frente comigo. E eu tô ensinando esse grupo para, no dia que eu desaparecer, elas tomar de conta.

Quando é pra fazer apresentação, eu chamo atenção, tem os dias do ensaio, explico como é para fazer, e graças a Deus, parece que vai dar tudo certo. Confiado em Deus e em Nossa Senhora do Rosário vai dar tudo certo. E esse Congos de Milagres não vai cair, de jeito nenhum.

Eu digo e repito: sou muito feliz em ser mestre da cultura. Primeiramente, eu dou graças a Deus, a Nossa Senhora, que me deu força, e ao governador Lúcio Alcântara, que foi quem me deu o diploma, na cidade do Crato.

Eu torno a repetir: tô muito feliz sendo mestre da cultura, ensinando meu grupo. Quando nós vamos fazer nossa homenagem a Nossa Senhora do Rosário, a gente sai daqui de Milagres, e vai pra o Rosário, um distrito aqui de Milagres. Lá no Rosário, ao chegar na capela de Nossa Senhora do Rosário, canta música com o grupo, a banda cabaçal tocando, eu dançando na frente e cantando a música antiga: Pretinho de Congo, para onde vai?/Pretinho de Congo, para onde vai?/Vamo pro Rosário para festejar/Vamo pro Rosário para festejar/Festeja, pretinho, com muita alegria/vamo pro Rosário festejar Maria/vamo pro Rosário festejar Maria.

Pra entrar na capela de Nossa Senhora do Rosário, a gente tem o nosso bendito pra adorar Nossa Senhora. Entra com o grupo cantando o bendito. Entra todos os com-



RELATO DE VIAGEM

Respeito, seriedade e compromisso são talvez as palavras que melhor definam o Mestre Doca Zacarias. Ele, com quase noventa anos, tem a força de encaminhar os mais jovens para louvarem Nossa Senhora do Rosário, Rainha dos Pretos, e não deixar “cair” a congada que herdou de seu pai. Em sua casa, no centro de Milagres, abriga a família, com muitos netos e sobrinhos que logo vestem os trajes. Os vizinhos, acostumados com a movimentação do grupo, enchem a sala e os corredores para ver seu Doca falar e cantar os benditos, com sua voz cheia de sons graves e palavras doces, para homenagear Nossa Senhora.

ponentes olhando para o altar e eu entro cantando esse bendito: Meu Deus que luz é aquela?!/Meu Deus que luz é aquela?! Botai-me naquela luz/Me botai-me naquela luz.

E todos respondem: É os Congo do Rosário/Vamos festejar Maria/É os Congo do Rosário/Vamos festejar Jesus.

Essa é a nossa atração e a entrada dos Congo no Rosário, na capela.

Quando a gente chega no pé do altar, eu canto essa: Entremos, entremos num jardim tão cheiroso/Entremos, entremos num jardim tão cheiroso/é do nascimento do nosso redentor/é do nascimento do nosso redentor

Aí nós canta essa música e eu canto novamente: viva Maria, mãe singular/Rainha do céu de Portugal/E o rei da Gulora do marajá/E o rei da Gulora do marajá/Jesus e Santa Maria/Jesus e Santa Maria de bandaruê/não é zombaria/estrela do céu é nossa guia/estrela do céu é nossa guia. Essa é a nossa entrada na capela do rosário quando vamos visitar.

A congada de Milagres é diferente. Porque não é reisado. É congo. É como essas músicas que eu tô cantando aqui. Os congo não tem boi, não tem burrinha, não tem Jaraguá, não tem Mateu, não tem nada. A atração dos congos de Milagres é adorar Nossa Senhora, fazer homenagem a Nossa Senhora, ser chamado para qualquer repartição, fazer nossa

apresentação. Eu tenho a apresentação da igreja, também tem apresentação de qualquer canto que a gente chegar.

A minha profissão antigamente era agricultura. Depois que eu peguei o conhecimento, trabalhei na segurança de guarda, trabalhei 35 anos de guarda.

E eu trabalhei 12 anos em Brejo Santo, no IPEC. Depois trabalhei de pedreiro, que essa casa aqui fui eu que fiz. Fui trabalhando e fui começando os congos... Depois fiquei só na congada mesmo. Me aposentei e hoje estou vivendo a minha vida.

Eu acho que a congada me traz uma grande felicidade. Porque quem se pega com Nossa Senhora do Rosário é feliz. Eu sou feliz... com meu grupo de congo. Porque acho conforto, acho muita força e coragem. Eu tenho o maior dos prestígios e todo mundo me dá valor com as autoridades, a população da cidade e de todos os cantos. Aí é onde eu digo que sou feliz. Até hoje eu sou feliz e sei que eu vou ser feliz até o dia que eu desaparecer. ✨



Mestra

Dona Rita

RITA DE CÁSSIA DA CUNHA

Mestra Doceira (fartes)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Sobral – Região do Sertão de Sobral

NASCIMENTO 4 de dezembro de 1933





“O fartes é um pastel de forno. Eu fui fazer porque eu gostava de comer.”

Meu nome é Rita de Cássia. Eu nasci em Sobral, numa casinha bem pequena. Eu morava lá com a minha mãe. Depois a gente foi crescendo, eu e meus irmãos, que são quatro. E a gente vivia nessa casinha. Aí depois minha vó disse que tinha uma casinha pra vender por cinco tostões. Então a gente comprou.

Aí começou aumentando a casa de pouco. Comprando de pouco, e fazendo e terminando, e a gente foi crescendo. Eu trabalhava de ajudante de costureira, fazia chapéu. Aí a gente foi levando a vida dessa maneira.

Agora os doces... A minha madrinha Semírames era quem fazia os doces de Sobral. Na época, só tinha ela. E eu entrava muito lá na casa dela, para ver ela fazer. Eu sempre gostei de cozinhar. Achava bom porque tinha doce. Ela fazia pastel, fazia sequilho, queijada. Eu achava bom e fazia parte também. O povo encomendava, e ela, às vezes, dizia que não queria fazer porque era muito trabalhoso. Fui vendo ela fazer e pensei: vou aprender. Olhava... até que eu aprendi.

O Fartes é um pastel de forno. Antigamente era grande e, agora, é pequeno. Minha madrinha que me ensinou. Ela nunca falou de onde veio. Nunca teve receita. Nunca falou nada. Acho que foi da cabeça dela. Juntou as coisas, foi experimentar e deu certo.

Fazer fartes é difícil porque é muita coisa para fazer. Os ingredientes são: farinha

de trigo — se faz a massa —, castanha, gengibre e farinha de mandioca — a castanha, o gengibre e a farinha de mandioca, tudo misturado eu piso para o recheio. Faço uma massa bem fininha e, no rolo, vou fazendo os pastéis. Tem também o mel. E depois de prontos, eu passo mel e açúcar por cima. Dá trabalho muito. Demorado. Porque é um doce difícil!

Comecei a fazer. Tinha pouco encomenda. Talvez uma vez por mês. Mas o pessoal foi dizendo que estava bom. Começou essa fama desde a reportagem do *Diário do Nordeste*. Eles queriam fazer uma reportagem, e eu disse: pode vir. Quando saiu no jornal, aí era gente, muita encomenda.

Fartes é doce de adulto. Pouca criança gosta. Eles comem e, quando arde, eles botam pra fora. É mais para gente grande. O povo mais antigo gosta. Eu fiz no dia dos cem anos da minha Madrinha. Quando ela fez cem anos, eu disse: eu vou fazer fartes. Fiz! As pessoas que estavam lá, mais velhas e também os mais novos, começaram a comer e gostar. Ficaram perguntando: quem faz, quem faz? Eu disse que eu tinha feito.

Eu fiz muito fartes para o Renato Aragão. Ele vinha para Fortaleza, e a Dona Ivete, que mora aqui, a irmã dele, encomendava logo os fartes. Ele gostava muito. E o Padre Zé Linhares também gostava muito. Toda vida



RELATO DE VIAGEM

Ao chegarmos na casa de Mestra Rita, no centro da cidade de Sobral, fomos recebidos por Tomásia, sua sobrinha. Contrastando com a quietude da tia, Tomásia, a quem dona Rita reputa a continuação de seu legado, era puro burburinho. A Mestra estava meio insegura para nos contar sua trajetória. Numa demonstração de modéstia, ela parecia não entender que a maestria com que executa os Fartes lhe valera um título de destaque na Cultura do Ceará. Já Tomásia... E foi nessa mistura de humores que conversamos com Dona Rita, na cozinha de sua casa. Aos poucos, ela ficou mais a vontade, mostrou-nos como faz os doces e, para nosso deleite, presenteou-nos com algumas caixas recheadas dessas iguarias de origem portuguesa.

que ele vinha, o pessoal encomendava esperando ele chegar. A gente faz também para casamento, aniversário de 15 anos. Quando eles fazem as festas, eles encomendam. Mas a maior encomenda foi a de Giovane Sabóia. Fiz 300 fartes. A Dona Minerva Santos também encomendava muito.

O título de Mestre me deram por fazer um dos doces mais antigos e tradicionais, com muita perfeição. Todo mundo falava, muito jornal, foi até televisionado. Eu nem gostava muito das reportagens, porque eu não gosto de me mostrar. Mas o título mesmo é muito importante. E ser mestre é repassar o que se sabe para os outros. Para quem quer, eu repasso, eu ensino.

Depois que eu fiquei Mestra, as encomendas aumentaram. Achei bom também porque fui receber o título de doceira de Sobral. O pessoal escrevia no jornal, saiu numa revista também. Uma revista que tinha todas as doceiras; quem fazia doce antigo. E até o bumba-meu-boi de Sobral fez eu ser homenageada no carnaval.

Quem vai ficar fazendo os fartes é Tomásia Maria Cunha. Ela gostava muito e se interessou, e eu ensinei a ela. Eu entreguei,

e ela tomou conta e até hoje ainda faz. E, às vezes, faz melhor do que eu. Também eu fiz uma oficina, “Doces Lembranças”, na Casa de Capitão-Mor. Eu fiz durante dois anos. Todas as terças-feiras. Era para 20 pessoas e deu muito mais.

Eu mesma não como muito fartes hoje. Só um ou outro. Já comi muito. Eu fui fazer porque eu gostava de comer. Para quem nunca comeu, eu digo para experimentar. Sempre acham bom. ✱



Mestra

Terezinha Lino

TEREZINHA LIMA DOS SANTOS

Mestra em Drama

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Beberibe (Sítio Umburanas) – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 7 de junho de 1941



“Pra mim, é uma das melhores coisas que eu faço, é dançar drama.”

Terezinha Lima dos Santos é o meu nome. Sou aqui de Umburanas, município de Beberibe. Comecei a apresentar drama aos sete anos de idade. No colégio onde eu estudava, minha professora era dramista. O nome dela era Raimunda Sena Lima e ela foi quem me ensinou os dramas. Daí eu comecei.

Ensaiaava os dramas com ela e aprendi todas as partes, apresentava. E depois, no decorrer dos tempos, ela foi embora, e eu já estava moça. Aí, fiquei com minhas amigas e minhas sobrinhas. A gente se juntava e fazia a noite cultural do drama. Nesse tempo, não tinha ajuda de ninguém. A gente apresentava o drama e fazia um circo, arrecadava dinheiro pra comprar os trajes do drama. E, depois, o meu irmão fazia um forró, com sanfona e tirava bastante dinheiro. E a gente tirava aquelas despesas, e o resto, partia com as dramistas.

Então, eu me casei, e a gente parou tudo. Não fiz mais drama. Mas depois de muito tempo, uns sessenta anos, o Evandro Vieira teve essa ideia de voltar os dramas. E queria que eu dissesse como era, como tinha começado. Ele pelejou muito e eu nem tinha muita vontade, porque eu achava que, depois de eu velha, não fazia mais nada. Mas, graças a Deus, eu enfrentei e a gente ficou fazendo os dramas muito bonito, muito grande... É importante fazer o drama porque alegra

demais a comunidade. É porque é uma festa que a gente gosta, pelo menos eu gosto de fazer drama, me sinto bem fazendo.

Pra fazer o drama, a gente reúne as moças. Tem as partes copiadas no livro. Aí, a gente tira as partes do livro e você escolhe um trecho para cada uma delas estudar. Quando elas aprendem, a gente convoca os ensaios, com o tocador. Nos ensaios, elas vão cantar, dançar. E eu vou ensinar, dizer como é.

O drama tem comédia, tem estória. Tem partes que é igual a uma novela, de casal, de namoro, tudo isso tem. Tem também as partes de bailado, muita baiana, muita cigana. Tem parte de rapaz com moça, de casal, de velho que casa. De negrinhos, muitos negrinhos de Angola, muito bonito. Inclusive quem fez foi meus dois netos e uma neta, foi quem representaram. Tem a parte do bêbado, que é a Umbelina quem faz. No tempo que eu apresentava, que eu era moça, ela era pequena, não fazia com ela. Mas agora ela é quem faz o bêbado. Tem uma comédia de matutos que vêm lá do sertão e vão conversar sobre o casamento de uma filha, depois os matutos vão cantar um coco. Tudo é muito bonito. É uma brincadeira que a gente faz.

Essas histórias que a gente conta são antigas. Já temos copiadas daquelas antigas pessoas que passaram pra gente. Agora é verdade que, às vezes, a gente compõe uma



parte das histórias. A gente ajeita, compõe outros versos.

Quando a gente convoca um drama, agora, as pessoas não estão disponíveis. Antigamente era muito fácil. De primeiro não tinha televisão, não tinha nada... então o drama era uma noite de festa. E todo mundo se sentia feliz. Hoje em dia, as moças não querem mais saber de drama, principalmente essas mocinhas novas, não têm uma que queira. A gente só convoca as mais velhas, que já têm entendimento. Drama é uma coisa que se aprende, mas as pessoas que já estão acostumadas, têm o jeito, tem o balançado... Às vezes, não é todo mundo que aprende.

Mesmo assim, hoje tem muita gente fazendo o drama. Não daqui da Umburana, porque o drama daqui não tinha quase personagem, devido às mocinhas de hoje, que não querem saber de drama. Aí, só eram as mais velhas. Eu, Alice, a Umbelina — no meu grupo só tem mulher. A gente já está muito cansada, não dá para fazer a coisa bonita do jeito de quando era nova. Mas tem umas meninas, aqui na comunidade vizinha, no Pau Branco, e lá tem um bocado de moça, mulher casada também. Mas elas são muito dispostas. Elas gostam de cantar, elas gostam de fazer drama. São umas pessoas excelentes. Então, Evandro passou o drama daqui para lá, junta as comunidades e faz um drama só. E, assim, tem muitas pessoas.

No drama, tem parte que é igualmente um teatro. Porque tem parte que é falada e outras, às vezes, é dançada, quase um teatro. Posso dizer que sou uma atriz, de drama! Quando eu tava dançando, eu me sentia muito feliz. Pra mim, é uma das melhores coisas que eu faço, é dançar drama.

Pra fazer o drama, não tem data certa. Faz no dia que der certo, que arranjar as

pessoas pra ajudar. Pra ensinar, pode ser na casa da gente e, às vezes, vai lá pro grupo, pra Casa das Dramistas. Existe a casa, que é um ponto de cultura. A gente ensaia muito lá, quando é tempo de drama.

O que eu entendo por ser mestre é ensinar, ter muita participação nos dramas, ensinar, ajeitar. Quando eu fui diplomada, me senti muito feliz, porque eu não esperava ganhar esse título, depois de eu velha, achava que isso não ia acontecer. O que eu vou deixar na minha comunidade é a lembrança do que eu fiz. Vou deixar o ensinamento pra minhas netas e pro pessoal que não sabia fazer drama. E hoje em dia, muita gente já sabe.

Hoje eu sou mestra e faz diferença, porque já tenho mais o apoio das pessoas, quando é pra apresentar o drama. Tem o título, já é mestre. Pode já ensinar, enfrentar. ✨

**RELATO DE VIAGEM**

A alvura da areia fina e fofa da comunidade de Umburanas, um sítio no meio do imenso município de Beberibe, é berço e morada da Mestra Terezinha desde sempre. Nossa conversa aconteceu na varanda que um dia foi casa de farinha, de Dona Umbelina, uma das dramista de seu grupo. A Mestra se diz cansada, mas quando começa a representar, a cantar e dançar, ganha o ânimo de suas personagens, seja a cigana, a baiana ou o Janjão, quando se veste de homem e fala mais grosso. Com um sorriso tímido, quando indagada, se reconhece atriz, mas atriz de drama!



Mestre

Vicente Chagas

VICENTE CHAGAS GONDIM

Mestre em Reisado de Caretas e Bumba Meu Boi

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Guaramiranga (Sítio Arábia) – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 2 de julho de 1937





“Gosto de ser mestre, não vivo mais preso só num lugar.”



O meu nome é Vicente Chagas Gondim. Faz 50 anos que moro nessa casa, nesse mesmo local, aqui no município de Guaramiranga. Eu, desde criança, gostava muito de brincar em reisado. Brincava com o pessoal mais antigo, que já faleceu, e continuei a brincadeira da gente. Como gostava muito de brincar, aprendi a fazer o boi, aprendi a fazer o cavalo, a burrinha. Tudo isso foi da minha cabeça, sem ninguém me ensinar.

Às vezes, quando eu ando por aí, o pessoal pergunta: quem foi que te ensinou? Eu respondo: ninguém. Foi eu que aprendi, brincando. Quando eu ia brincar em certos lugares, eu ia olhar de que jeito era o boi... Da minha cabeça, eu ia fazendo pequeninho e ia aprendendo. Aí, aprendi. Então, o pessoal ia atrás da gente, pra brincar em reisado... começava no natal e terminava no dia 6 de janeiro. Quando terminava, se acabava mesmo! Ninguém dava mais valor àquela brincadeira, depois dessa época do natal.

Hoje em dia, é muito diferente, porque apareceu o pessoal dando valor à cultura. Aí, me procuraram para eu ser mestre da cultura de Guaramiranga. Então eu fiz uns trabalhos por fora, umas apresentações, o pessoal foi filmando meus trabalhos. Hoje, eu sou mestre da cultura. Me orgulho do meu trabalho porque sou mestre da cultura e sou conhecido do mundo. E saio de casa,







RELATO DE VIAGEM

"Vamos começar? É agora? Tô pronto!" Mestre Vicente Chagas emendava uma frase na outra. Estava aflito para começarmos a sessão de fotos e a entrevista. Nós havíamos atrasado o horário combinado. Ele não deixou por menos: "pensei que não vinham mais!" Desde cedo, já nos aguardava em sua casa, no sítio Arábia, zona rural de Guaramiranga. Em nível mais baixo que o da rua, cercada de vegetação nativa e sítios de veraneio, o lugar era só silêncio. Quer dizer... seria, se o mestre, com um boizinho na mão, parasse um pouquinho de falar e pinotar. Ele nos fez dar boas risadas com sua irreverência, e, para repor, a energia gasta com tanta animação, tomamos um suco de rapadura delicioso.

me ajunto mais os mestres, a gente debate os trabalhos da gente. Conversa com um, conversa com outro. Aí, eu me sinto feliz por causa disso. Gosto de ser mestre, não vivo mais preso só num lugar. Porque, no tempo que eu não era mestre, eu não saía nem de casa, quase. Hoje eu sou mestre e me reúno com os outros mestres dos outros lugares, e a gente faz aqueles debates, e isso tornou a minha vida mais animada do que era. É isso aí, eu me orgulho é disso, de ser Mestre da Cultura por causa disso.

O pessoal daqui dava valor à brincadeira da gente de reisado. Mas de um certo tempo para cá, quando eu não era mestre da cultura ainda e estava fazendo o boi, algumas pessoas mangavam de mim, porque eu estava fazendo aquele boi. Mas eu não me importei e continuei, continuei. E, hoje em dia, muita gente, que às vezes mangava de mim, talvez tenha inveja do meu trabalho, porque eu visito muito lugar.

Eu, com meu trabalho, já formei reisado de crianças e elas já brincavam na cidade, já brincavam por aqui. Todo mundo acompanhava, achando bom aquela brincadeira. Mas foi o tempo que as pessoas deixaram de chamar a gente para se apresentar... parou

a brincadeira, né?! Não chamaram mais pra fazer o trabalho, parecia que não davam valor. Aí, aquela brincadeira ia se acabando, o trabalho ficava parado.

E estando parado, fica duro continuar depois. Porque, quando chega um dia que precisam da gente pra fazer um trabalho, é preciso ir atrás daquele grupo que já foi educado na brincadeira, aí como já faz muito tempo... os meninos dizem: eu não vou mais não! Aquelas moçotinhas dizem: eu não vou brincar mais não! Isso é uma tristeza para mim, porque aquele trabalho que eu tive ali, ficou perdido. Vou ter que arrumar outras pessoas pra ensinar ainda, começando tudo de novo. Os vestuários eu já tenho. Me chamando, eu tô no ponto. Mas tem que ter o grupo, e aí não tem quem me ajude nesse sentido.

Mas eu ensino, me procurando, eu ensino. Eu ensino o pessoal pra aprender... Só que, hoje em dia, o pessoal não quer aprender. Querem aprender outras coisas. É mais fácil tacar o pé numa bola de futebol do que aprender brincar em reisado.

Isso não tem futuro não! — Eles dizem.

Eu chamo os meninos: vambora meu filho fazer uma brincadeira acolá!

Pra continuar, né?! Pra não se acabar a brincadeira da gente. E eles respondem: eu não vou nisso, que não tem futuro, e fica nessa arrumação.

Tem gente que, às vezes, vem pesquisar trabalho meu, de escola. Eu ensino como é que se faz. E ensino também nos colégios, faço visita, levo meu boizinho pequenininho pra mostrar aos alunos. Eles gostam muito e fica aquela festa boa, animada. E eles pedem que, quando eu puder, vá outra vez. E aquilo ali eu já tenho feito em muito canto. Porque, aqui, nós fizemos uma reunião, a gente fez um debate e eu disse para os encarregados da cultura que, do jeito que estava indo, estava se acabando a brincadeira. Era bom que a gente formasse assim um meio de não se acabar... Foi quando começamos as visitas. Todos os meses eram três escolas que a gente visitava. Aí, teve um tempo que não tinha transporte, e as visitas se acabaram. Mas, hoje em dia, precisando de mim, eu estando aqui em casa... me chamando em qualquer canto... venha me buscar que eu vou, pra não se acabar, não deixar o trabalho da gente cair... e eu não quero que essa brincadeira se acabe não. Eu vou e já chego cantando:

Ô, de casa !/ô, de fora/Manjerona é quem
taí/Ô, de casa !/ô, de fora/Manjerona é quem
taí/É o cravo/é a rosa/é a flor do bulgari/
Esta casa está bem feita/por dentro, por fora
não/Esta casa está bem feita/por dentro,
por fora não/por dentro cravos e rosas/por
fora manjerição/por dentro cravos e rosas/
por fora manjerição/vi bater na fechadura/
vi a chave a retinir/vi bater na fechadura/
vi a chave a retinir/vi o arrasto da chinela/
vi a porta se abrir/vi o arrasto da chinela/
vi a porta se abrir/abre essa porta se quiser
abrir/abre essa porta se quiser abrir/que
nós mora longe/queremos nos ir/que nós

mora longe/queremos nos ir/me abre essa
porta por Nossa Senhora/abre essa porta
por Nossa Senhora/que nós mora longe/
queremos ir embora/que nós mora longe/
queremos ir embora.

E eu ainda acho que a brincadeira do boi
vai continuar Sabe por quê? Porque, se um
dia eu faltou, com minhas brincadeiras... tem
muito trabalho meu gravado aí. ✨

Mestra

Zilda

ZILDA EDUARDO DO NASCIMENTO

Mestra em Drama

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Guaramiranga – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 2 de abril de 1927







“O drama é o verdadeiro teatro.”

O meu nome é Zilda Eduardo do Nascimento. Eu sou dramista. Sou mestra da cultura e moro em Guaramiranga.

Eu comecei a fazer os dramas em 1943. Eu tinha 14 anos quando comecei a fazer os dramas. Nós éramos sete irmãs, e a gente queria brincar e inventamos. A gente não sabia nem o que era drama. Mas a minha professora, ela fazia uns dramas pra gente, e foi com ela que eu vi o drama pela primeira vez.

Minha irmã inventou alguns dramas. Ela passou uns tempos no colégio e aprendeu com as irmãs de caridade. Quando chegou em casa, foi ela quem chamou: vamos fazer drama?! Começou a ensinar a gente. Depois a minha sogra e minha patroa me ensinaram alguns dramas também. Foi aumentando os dramas. E quando eu já estava mais sabida, eu comecei a criar também. Às vezes, eram uns dramas curtinhos, e eu botava mais versinhos para ficar mais comprido. Como eu criei as mentirinhas... e em quase todos os dramas tem uns versinhos que eu criei pra aumentar mais o tempo.

Foi assim... Eu aprendia com uma e com outra pessoa, minha irmã aprendia com outros e assim a gente aprendeu e criou muitos dramas. Mas os nossos dramas eram feitos no chão. Não tinha palco. Era assim como brincadeira de roda.

Fizemos muitas vezes, assim, no chão e ficamos continuando fazendo, e era bem movimentado. O pessoal gostava muito.

Era a diversão que tinha, na época. Depois, eu me casei e parei uns tempos. Depois, eu fiquei continuando. Minhas irmãs também se casaram todas e nenhuma quis continuar. Já casada, meu marido botava umas tábuas de caixa de sabão e montava aquele palco pra gente brincar e se apresentar. A iluminação era lamparina ou farol. Os enfeites eram galhos de matos, de papoula. Era assim que a gente fazia, porque não tinha outro enfeite. Os trajes eram papel crepom, papel de seda...

O drama conta histórias. São umas historinhas cantadas, e eu acho que seja uma diversão. Quando eu aprendi, já era com a melodia, e eu acho que, quando eu nasci, já existia drama. Eu criei muitos. São 86 dramas que eu tenho... Eu digo que criei, porque eu aumentava. Eu criava da minha cabeça e dava certo.

E agora, eu fiquei muito feliz, porque quando eu passei a ser mestra da cultura, me disseram que o drama é o verdadeiro teatro, e eu fiquei muito empolgada. Eu concordo, mas eu não sabia que a gente fazia teatro. Eu nem sabia o que era drama, antigamente. Eu fazia assim por fazer, pra diversão. Eu, hoje, fazendo os dramas, eu me considero uma atriz. Eu já participei também até de teatro.

Antigamente, a gente fazia os dramas nos sítios — no final da panha, colheita do café, na época de São João e São Pedro, nos aniversários. Eu fiz drama no Sítio Cana-



RELATO DE VIAGEM

Um jardim bem cuidado repleto de flores e rosas enfeitam a entrada da casa da Mestra, no centro da cidade de Guaramiranga. O clima frio, que a Mestra diz adorar, contribui para deixar o jardim mais colorido. Mestra Zilda trouxe os enfeites dos dramas e demonstrou qual o acessório para cada parte das encenações musicais: o chapéu da florista, a estrela, a lua e o sol da camponesa, a faixa da Princesa Formosa. Disse também que está meio esquecida mas, mesmo assim, cantou várias estrofes das músicas que executam nos dramas e que ainda representa. Um sorriso tímido ressalta-se quando ela admite que, quando está se apresentando, é uma atriz.

brava, na Linha da Serra, no Sítio de Fora, e fazia no Arábia, onde eu morava. De vez em quando, eu fazia um drama.

Depois que eu passei a ser mestra, nós ficamos mais valorizadas. Porque, antes, o drama não tinha valor. A gente fazia drama sem nem saber direito o que era. Agora, ficou mais valorizado. E outra coisa que eu também fiquei muito feliz, porque a gente ganha um dinheirinho. Ser a mestra é ensinar para os outros, participar e também representar.

O pessoal da cultura também me falou que eu tinha de ensinar os dramas. Fiquei com essa obrigação. E eu saía daqui e ia ensinar dramas na Linha da Serra, no Pernambuquinho... nas escolas, no grupo... Ensinnava também aos meninos pequenos, no Educandário, que eu tenho os dramazinhos pequenininhos, para ensinar meninos de quatro anos até seis anos. E, já hoje em dia, eu sou muito feliz, porque eles já representam no palco os dramas que eu ensinei, e eu me orgulho muito por isso, porque, algum dia, quando eu me for, já tem algumas pessoas que ficam no meu lugar.

Hoje meu grupo, são dez pessoas comigo. Agora eu também represento. Porque

antes eu não representava, eu só ensinava e agora, depois de velha, estou representando também. Todas mulheres. Elas se vestem de traje de homens na parte que sai homens ou o casal. Porque homem é difícil... a gente convida os homens mas eles não aceitam. As mulheres têm coragem. Pelo menos, as minhas, que participam comigo, são corajosas.

O grupo se apresenta duas ou três vezes por ano. A gente faz sempre na abertura do Festival de Teatro de Guaramiranga e na mostra dos dramas no mês de maio. ✱

Mestra

Mãe Zimá

ZIMÁ FERREIRA DA SILVA

Mestra de Umbanda
(medicina tradicional de terreiro)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 3 de abril de 1947



“Essa é a minha missão aqui na Terra: ajudar os outros.”

Meu nome é Zimá Ferreira da Silva. Nasci no dia 3 de abril de 1947, numa Sexta-feira Santa.

Desde os meus 7 anos eu comecei a trabalhar, na Casa do meu avô. Esse período era muito difícil, porque as pessoas não aceitavam a religião. Meus pais me levaram para a igreja. Eu fiz a primeira comunhão e eu fiz todos os procedimentos na Igreja Católica. Por esses motivos é que eu sempre fui mais um pouco afastada da família. Mas, depois, com o decorrer do tempo, todos começaram a compreender e entender que eu tinha essa minha parte, que eu trazia de “carrego” dos meus avós.

Durante a minha vida toda, eu sempre vivi dentro da umbanda. Com os meus 14 anos, eu comecei a frequentar a casa do meu Pai de Santo, e lá eu fiquei até o tempo que ele partiu. Com o decorrer desse tempo todo, eu sempre gostei de fazer o bem e a caridade, a cura. Fazer as minhas garrafadas, fazer meus banhos e levantar os meus filhos que batem na minha porta. Porque a coisa melhor que existe no mundo é você saber fazer as pessoas felizes. Porque, quando você é feliz, eu me sinto feliz também.

E até hoje eu estou aqui. Um amigo veio e me vendeu este terreno para eu botar a casa dos meus caboclos. E aqui eu vim e aqui estou. Espero estar por muito tempo.

Para ajudar a quem precisa. Pois chega muita gente doente. Aqui chegam pessoas doentes, desenganadas do médico, pessoas de fora. Uma delas, é minha filha de santo. Frequenta a minha casa com as demais pessoas da família dela, que mora no Acre. Então, para mim, isso é uma vitória.

A filha de santo é aquela que a Mãe de Santo cuida dela. Com o decorrer do tempo, ela vai se desenvolvendo espiritualmente e passa a ser Mãe de Santo. Mas para ela ser Mãe de Santo, ela tem que ter todos os “cruzo” e todas as “obrigações”, para se tornar uma Mãe de Santo que cuida dos outros. Porque, se eu chego na sua casa pedindo uma caridade, você, a partir daquele momento que a gente passa a mão, o santo passa a mão, o caboco passa a mão sobre a cabeça, então já faz parte da casa. E eu digo sempre: se passou do portão pra dentro, são meus filhos. Porque filhos de santo é aquele que a gente convive no dia a dia, participa no dia a dia, cuida espiritualmente. E a pessoa se torna a filha de santo, a filha da casa. Então essa que é a filha de santo. E a Mãe de Santo é só com o decorrer do tempo que vai fazendo, vai fazendo todos os procedimentos da casa e aprendendo e desenvolvendo espiritualmente, aí vai ser, vai ser a Mãe de Santo.

A Casa de Ogum Megê faz tudo. Cuida espiritualmente, cuida amorosamente, cuida na saúde e, muitas vezes, no abrimento de caminhos: pra dinheiro, pra negócios. Tudo isso a Casa de Ogum faz, sempre ajudando uns aos outros. Porque se eu ajudo um, o outro ajuda o outro, assim sucessivamente. Aqui não tem distinção de cor nem de qualidade. Todos nós somos iguais. Tanto faz entrar pela porta a pessoa que é varredor como o desembargador. Todo mundo é igual como um ser humano. Aqui ninguém tem distinção de cor nem de qualidade. Porque como ser humano todos nós somos iguais, todos nós temos sentimentos, todos nós sentimos dores, angústias e outras coisas. Porque a Casa precisa de pessoas que sejam humildes, amigas e companheiras. Então, aqui nesta Casa de Ogum, todos nós somos assim.

O trabalho da mãe de santo é muito forte, muito árduo e muito determinado. Porque se eu entro com as mãos e os pés e a cabeça, eu entro com toda força para eu conseguir aquilo que a pessoa chega a me pedir. Quantas pessoas não choram a meus pés porque estão doentes. E os médicos disseram que lá não podiam se curar?

E aqui eu faço as garrafadas, aqui eu faço os banhos e faço a cura. E quantas pessoas que já chegaram aqui e que foram ao médico

de volta e o médico perguntou: o que foi que você tomou? Eu tomei uma garrafada. Então continue... Problema de câncer, com problema de gastrite. Com outros problemas de saúde forte, que faz a gente ter pena.

Muitas coisas têm cura. Às vezes, a gente alivia a dor para a pessoa não sofrer tanto. Mas quando é determinado por Deus, todos nós vamos. Eu digo sempre aqui que a morte é o renascer de uma nova vida. A gente nasce, cresce, vive e parte para uma vida melhor. Porque o espírito, para mim, é tudo, nunca morre.

Às vezes, chega uma criança aqui, para eu rezar. Eu rezo, a criança sai boazinha de um quebrante, de uma dor de barriga. Às vezes, chegam pessoas aqui com inflamação no útero, nos ovários. Eu faço uma garrafada, duas e na terceira a pessoa está boa. Tem problema de pressão alta, eu faço um chá, uma coisa e a pessoa melhora.

Chega aqui um “louco de pedra”. Eu deito no pé do santo, dou-lhe um banho, dou um descarrego e a pessoa sai maravilhosa. Então, isso, para mim, é muito gratificante. Essa força astral que Deus me deu para eu curar e ajudar meu próximo.

Eu acho que essa é a minha missão aqui na Terra: ajudar os outros. Como todas as pessoas que chegam aqui me ajudam. Porque um sorriso e um abraço, pra mim, já é uma ajuda.

Eu sou Mãe de Santo há uns 40 anos ou mais. Muitas pessoas já passaram por aqui. Eu tenho muitos filhos que passaram por aqui e que moram na Europa. Eu conheço França, Viena, Verona, Milão, Suíça, Roma, África, Portugal, Bruxelas e Cuba. Eu conheço 11 países fora do Brasil, com as minhas filhas de santo, que moram lá, que casaram e que já moram lá, e meus netos também.





Eu vou para lá por conta delas. Quando elas não podem vir para cá, elas mandam me buscar e eu vou até lá. Agora tem um que viajou para os Estados Unidos. Tá em tempo de enlouquecer para eu ir aos Estados Unidos. Eu não vou, pois hoje eu já tenho medo por conta dessa situação, dessa doença que vem por aí, que ninguém sabe o que é. E ninguém sabe porque foi isso (Covid-19).

Os meus pretos velhos dizem o seguinte: que essa doença veio para ensinar a gente ser amiga, companheira e humilde. Porque tem pessoas que pisam além do ser humano, porque acham que têm dinheiro, porque é influente. Isso aqui não! Como ser humano, nós somos todos iguais. Não existe diferença entre o rico e o pobre. Como ser humano, somos todos iguais. Eu acredito que é isso.

A energia da Casa sendo boa, os pretos velhos ajudam muito. E a compreensão e a força espiritual que você tem curam. Eu posso chegar morrendo de dor, mas a minha força espiritual é tão grande e a minha fé é mais forte ainda que cura, porque a fé remove montanhas.

Infelizmente, o preconceito existe. Porque eu só acredito em um Deus, puro e verdadeiro. Em qualquer religião só existe um. E se esse Deus é de todos, não tem por que as pessoas terem preconceito com

a religião. As pessoas não passam na rua e dizem assim: lá vai a Dona Zimá. Elas dizem: lá vai a macumbeira Zimá. Isso não me deixa triste, porque eu acho que eles, as pessoas que dizem isso, é porque não têm fé e não acreditam que todos nós, como ser humano, somos iguais.

Eu praticamente morava com os meus avós. Mamãe me deixava de manhã lá e ia trabalhar. A pedra onde eu recebi o meu primeiro caboco, hoje eu tenho na minha casa, a Pedra de Xangô. Eu tinha sete anos, eu não sabia o que era a vida. E eu senti muita dor de cabeça, provoquei muito. E quando eu saí do quarto do meu avô e fui até onde estava essa pedra, foi lá onde eu recebi o meu orixá, meu primeiro caboco. De lá eu vim participando da mesa branca — porque o meu avô era espírita — e até aquele momento eu não entendia o que era. E meu avô começou a me ensinar o que era a vida espiritual.

Mas aí eu me afastei um pouco, porque ia para a Igreja Católica. Mas não foi lá na Igreja Católica que eu me encontrei. Eu me encontrei dentro do centro espírita e dentro da casa do meu Pai de Santo, o finado José Alberto. Foi lá onde eu me encontrei espiritualmente. Foi lá onde eu me encontrei dentro da religião, e a prova é que eu estou até hoje, e com muito orgulho.

Eu me encontrar é eu ficar bem dentro da minha religião. Sentir a presença de coisas boas, sentir que você pode ajudar, você pode permanecer, você pode curar, você pode ser você mesmo. E pedir a Deus e aos bons orixás que lhe ajude a crescer e a melhorar.

Para mim, ser Mestra da Cultura é um orgulho. Por quê? Porque fui reconhecida no que eu deixei pra trás para poder seguir a minha religião. Então, por eu seguir a

minha religião, eu me senti bem. Não é orgulho. É uma forma de você sentir que você foi reconhecida.

Acredito que o reconhecimento é muito importante na vida da gente. Eu acho bom como as pessoas dizem: “lá vem a Mestra”. Às vezes, até sorrio e digo obrigada. Por onde eu passo todos me chamam de mãe. “Mãe Zimá, Mãe Zimá”... Eu entro dentro do Mercado São Sebastião e todos me chamam de mãe Zimá. Eu entro dentro do supermercado... é “bênção mãe, bênção mãe”. Isso para mim é um orgulho, porque todo mundo me tem como mãe. E eu acredito que eu seja uma boa mãe, porque, se eu não fosse, ninguém me dava nem um bom dia.

E eu sou a mesma pessoa de antes. Eu acho que, aqui no meu bairro, ninguém sabe que eu sou Mestra. Sabe que eu sou a Mãe Zimá. Porque não adianta você estar dizendo eu sou isso, sou aquilo. Você tem que mostrar às pessoas aquilo que você pode fazer por alguém. E, na minha comunidade, eu ajudo a todos. Se bater na minha porta, precisando de mim, eu abro as portas e deixo entrar. Come comigo na mesa. Se estiver doente, eu levo para o médico. Se estiver precisando de alguma coisa, eu estou junto. Então, eles reconhecem o que eu faço por eles.

Tem muitos filhos de santo, comigo, tem muitos.... muitos... Eu tenho a Elenice, que está comigo aqui há mais de 20 anos. Ela tem uma mediunidade muito forte. A Gleice, que fica na ponta da minha mesa, que é minha neta de santo, filha da Elenice. Tem o Brás, tem a Bete, tem o Thiago, tem a Aline... tem muitos, muitos, muitos. E eu gostaria que, quando eu partisse dessa para uma melhor, eles ficassem, não fechassem a casa, ficassem tomando conta da casa. Hoje, eles acham que a mãe é quem vai trabalhar. Mas eu acho que



RELATO DE VIAGEM

A Casa de Ogum Megê fica no bairro Bom Jardim, em Fortaleza. Chegamos lá no meio de uma manhã de trabalho. Muitas mulheres, suas filhas de Santo, organizando o espaço amplo, arejado, cheio de plantas e ícones da umbanda. O cheiro do almoço já começava a pairar no ambiente, e a Mestra, reverenciada por todos, nos recebe com austera simpatia. A entrevista de Mãe Zimá foi no meio da sala de trabalho, rodeada dos Santos e Orixás que a guiam e lhe dão força para acolher e curar aqueles que a procuram. Entre e conversa e a sessão de trabalho espiritual, um almoço coletivo, em que todos os muitos convidados e trabalhadores da casa compartilharam boas energias, sorrisos e uma comida deliciosa, como é a prática em casa de umbanda.

eles é que deveriam ter mais coragem para tomar a frente e ficar dentro da casa, para a casa não fechar

E toda essa moçada, meninada que entra aqui, a maioria são evangélicos. Mas eu tomo um café na casa dos evangélicos. A minha festa de Cosme e Damião, aqui tem 200, 300 crianças. Todos são evangélicos e frequentam a minha casa. Todos eles respeitam a minha religião, como eu respeito a deles. E eu digo a eles que só existe um Deus, puro e verdadeiro, em toda religião, e que eles podem entrar, que nada aqui tem de mal. Isso só acontece na minha casa de umbanda.

Quando as pessoas vêm de fora — como já veio o Hanz e o Robert, da Áustria — elas chegam aqui, eu mostro os Santos e dou os banhos delas. E eu levo conhecimento do que eu sei até elas. Muito embora elas não entendam, mas pelo menos respeitam. Isso, para mim, é muito, muito gratificante.

A Casa de Santo é onde você deixa as suas mágoas, as suas dores e as suas angústias.

Porque, se você entrar numa igreja, você vai pedir tudo isso que eu estou dizendo: que tire de você as angústias, as dores, as maldades. Se você entra dentro de uma casa de Candomblé, você pede a mesma coisa. E se você entra em uma Casa de Umbanda, você entra com o único objetivo: de ser feliz, de se limpar, de prosperar e ter saúde. Então, tudo isso existe entre o céu e a terra. ✨





Mestra

Zulene Galdino

ZULENE GALDINO SOUSA

Mestra em Pastoril, Dança do Coco
e Maneiro-Pau

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 2 de março de 1949





**“Vamos brincar, que,
através da brincadeira,
acaba a tristeza.”**



Meu nome é Zulene Galdino. Nome artístico, Mestra Zulene. Eu me dediquei mesmo à cultura popular em 75. De lá pra cá, eu criei vários grupos. Eu danço Maneiro-Pau. Danço quadrilha junina e, também, a lapinha. A lapinha é o nascimento do Menino Jesus. São danças que são tradição, de um povo brasileiro. E essa tradição nós não podemos deixar morrer.

Eu, com idade de oito anos, eu já dançava. Dançava quadrilha, lapinha. Foi aí quando papai, Luis Galdino, ele me incentivou a ficar dedicada mesmo a essa cultura. Ele me disse: haverá de ter um tempo de o povo não querer mais saber da cultura e que eu continuasse sempre na minha tradição, dessas quadrilhas, lapinhas, maneiro-pau. Ele deixou também outra mensagem: “vamos brincar, que, através da brincadeira, acaba a tristeza.”

Essas danças e o grupo Cintura Fina também foi uma tradição que seu Elói Teles me incentivou pra eu fazer. Esse grupo Cintura Fina é uma homenagem a Luiz Gonzaga. Através desses grupos, eu sou campeã de quadrilha junina 25 vezes. Tenho vários troféus aqui, na minha casa, e é uma dança que a pessoa deve cada vez mais se dedicar, porque é a uma tradição do povo brasileiro.

Eu sou mestra da cultura popular. Então foi uma tradição que valeu a pena. Eu sou mais do que feliz. Eu agradei muito a Deus



RELATO DE VIAGEM

Por sua dedicação à criança, Mestra Zulene pode ser comparada a um erê, entidade que representa o estágio infantil da alegria, sinceridade, inocência, tudo o que é puro. Toda a nossa conversa foi permeada pelo seu trabalho com as crianças do Crato. Quando chegamos à calçada da sua casa, que também abriga o projeto Criança tem de brincar com criança, estava repleta de meninos e meninas, arrumando as roupas de quadrilhas e os enfeites das lapinhas. Ao mesmo tempo, vaidosa, a Mestra se arrumou e se perfumou, e, ao final da conversa, disse para si e para quem quisesse ouvir: a gente arrasa, mulher!



e ao Governo do Estado de ter esse projeto, passando a gente pra ser mestre da cultura do Ceará. Porque, se não fosse o Governo ter feito isso, no meu pensamento, eu acho que as outras pessoas já tinham deixado de fazer essas brincadeiras. Porque, se não fosse isso, eu não sei nem como era que a gente tava. Agora, nunca é de acabar essa tradição da cultura popular. Só vou deixar no dia que Deus me permitir. Vamos brincar e vamos dar valor à cultura popular. Ser mestre é muito bom. Eu me sinto feliz. Quando estamos brincando, quando estamos ensaiando, a gente fica muito alegre, muito animado com essa cultura.

Eu moro na Vila Novo Horizonte, no Crato. O nome do meu projeto é Criança tem de brincar com criança. Através desse projeto, tem uma escolinha onde as crianças de 10/11 anos ensinam os menores a ler e a escrever. E eu ensino a cultura, que é brincar maneiro-pau, lapinha, grupo Cintura Fina, o xaxado, o bumba meu boi, as quadrilhas. E quando é na Semana Santa, eu ainda faço o Judas, a mãe do Judas, que é para as crianças brincar. Porque, em todo canto, tem o Judas. Mas o Judas é homem, e eu nunca vi filho sem ter mãe. Aí, eu faço a mãe do Judas.

O pessoal da comunidade fica tudo alegre, tudo satisfeito com nosso trabalho. Porque as crianças aqui da comunidade, que brincam agora comigo, são os filhos dos que já dançaram antigamente. Então é filhos e netos que sempre participam dos meus grupos. E todos mandam as crianças vim pra ensaiar. Todas as festas, o pessoal daqui me apoia. Principalmente o Dia da Criança, quando se junta aqui 250 crianças ou mais para brincar. Esse dia, tem o desfile para a escolha da rainha da criança. Todo ano, eu tenho esse prazer de fazer o dia da criança, pra ter o desfile e

a escolha da rainha das crianças daqui da comunidade da Vila Novo Horizonte.

Quando eu fui reconhecida pelo Governo do Estado pra ser mestra da cultura eu fiquei muito satisfeita e o pessoal aqui da comunidade ficou também contente porque, na Vila Novo Horizonte, tem uma mestra da cultura do Ceará.

Nas festas a gente canta muitas músicas, como essa que eu quero cantar:

Vou contar uma história, você tem de acreditar/é direito do povo, quero ver tudo de novo/quero ver pancada igual/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito, o Brasil perde também/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito, o Brasil perde também/confiando em Jesus Cristo, que nasceu lá em Belém/que morreu crucificado porque nos queria bem/confiando em seu amor/nosso direito vem/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito o Brasil perde também/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito o Brasil perde também/só porque tem muita terra e tem gado com fartura/e tem o político passado na escritura/cuidado com seu mistério, que no dia no cemitério/se mistura/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito, o Brasil perde também/Nosso direito vem/nosso direito vem/se não vim nosso direito, o Brasil perde também. ✨

Mestre

Cabaceiro Siará

ADRIÃO SISNANDO DE ARAÚJO

Mestre Cabaceiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de fevereiro de 2019

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 29 de setembro de 1966



RELATO DE VIAGEM

Adrião fundou em sua cidade, Juazeiro do Norte, numa rua contígua à sua residência, o Museu das Cabaças. Ali, ele expõe fotos, reportagens e “peças” trabalhadas com as cabaças que recolhe. Autointitulado *Guardião da Cultura e Memória do Povo Cabaceiro*, ele considera que dá continuidade à coleção das últimas artes campestres do planeta, expressa sobretudo em artefatos de cabaças coletadas na região do entorno da cidade. A atividade de percorrer terrenos em busca dessa matéria-prima é quase diária. E nesses períodos, o Museu fica aberto e sem problema nenhum, entregue à cidade e a quem queira visitá-lo. Estivemos no Museu da Cabaça duas vezes na esperança de encontrarmos o Mestre Cabaceiro. Na primeira vez, fizemos uma peregrinação pelas redondezas, localizamos o seu irmão e, além dele, conversamos com o vizinho da frente. Eles nos confirmaram a fama de arredo e de *outsider* que o Mestre Cabaceiro carrega. “Boa gente, mas vocês não vão conseguir falar com ele. Ele não gosta de dar entrevista”, disseram. Ambos também não sabiam o destino de Adrião. Ele havia saído cedinho e, provavelmente, só voltasse no fim do dia. Voltamos nós em outra ocasião e demos sorte: a bicicleta usada por ele estava na frente da casa. Chamamos, e Adrião nos atendeu. Mas não quis marcar a entrevista. Falou que estava muito ocupado com seus projetos. Mostrou-nos sua reserva técnica, na casa ao lado e, de fato, pudemos constatar: era muita coisa para organizar. Ainda em mais duas ocasiões demos uma “incerta” e fomos até a casa do Mestre. Nessas duas, nem ele estava, nem o Museu estava aberto. Sentamos no meio fio e aguardamos. Foi em vão. Entendemos, então, e respeitamos a vontade do Mestre Cabaceiro em não falar conosco.





2
TOMO





Mestre

Piauí

ANTÔNIO BATISTA DA SILVA

Mestre em Boi de Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Quixeramobim – Região do Sertão Central

NASCIMENTO 15 de setembro de 1939

FALECIMENTO 18 de março de 2019



Meu nome é Antonio Batista da Silva e me apelidaram por Mestre Piauí, porque quando eu era pequeno eu queria ir para o Piauí. Eu chorava muito por isso, e o meu povo chegava e perguntava: porque o menino tá chorando? Porque ele queria ir para o Piauí e a gente não deixou ele ir. Pois agora nós vamos dizer que ele é do Piauí, piauízeiro. Daí o nome, Mestre Piauí.

Comecei essa tradição com 12 anos. Já está com sessenta e quatro anos que eu faço esse reisado. Sou mestre de reisado e já andei por muitos cantos, já dei muita entrevista. Acho bom entrevista, porque cada vez mais a gente fica na história, fica mais lembrado. É bom saber que o povo está se lembrando da gente. A gente gosta e recebe com aquele prazer, com aquela alegria.

Depois que recebi esse diploma, a gente

é mais visto, tem mais “aquele poder”. Muita gente crê no que a gente diz. A gente se sente valorizado em saber que o Governo ajudou nessa parte. Quando eu recebi o diploma, me perguntaram se eu ia continuar nessa brincadeira. Tinham ouvido que eu ia abandonar, que eu ia me afastar. Eu disse eu ia me afastar mas devido essa ajuda resolvi continuar. Porque a gente não tinha nada na vida, só comprava fiado para pagar no apuro. Não tinha recursos para manter uma tradição que esses anos todos eu vinha mantendo...

Esse diploma foi pra valorizar a gente, porque a gente tava lá num recanto acolá, quando dá fé, chega uma valorização dessas, que a gente alcançou. A bem dizer, um milagre que a gente não esperava receber: essa ajuda, essa homenagem e ser reconhecido como um Mestre da cidade. A gente não

tinha a fé de receber título nenhum, de receber esse salário. É mais uma ajuda pra gente manter a cultura. Já que o governo não quer deixar se acabar tudo.

Depois do diploma, em todo canto que a gente passa o povo fala com a gente, tem a novidade dos grupos que a gente faz parte. E tem as apresentações em muitas escolas daqui. Muitos colégios que nós temos aqui, nós que inauguramos, fizemos a abertura. É isso aí que a gente queria. A gente quer e se sente feliz em ter essa ajuda e em não deixar se acabar o reisado.

Eu passei a ser Mestre da Cultura, a ser Mestre Piauí, porque eu comecei pequeno. Meu irmão era quem fazia esse reisado e, uma vez, a gente ia se apresentar lá na Boa Viagem. Ele não pôde ir, aí ele me entregou. Disse que eu tomasse de conta porque eu tinha mais tempo. Então eu continuei, porque eu recebi esse reisado que já vem dos meus avós. Os avós começaram, passou para um tio meu, do meu tio passou para o meu irmão e do meu irmão passou para mim. E a gente vem mantendo.

Hoje em dia, as coisas são mais fáceis, porque já foi muito difícil, porque a gente não tinha nada, ninguém ajudava. Muitas vezes chegava nas casas para pedir uma ajuda e o camarada dizia: pode ir embora daqui, não quero esses malandros aqui. Malandro, magote de vagabundo... Nós passamos por tudo isso para chegar a esse ponto; eu e os outros colegas, os outros Mestres. Então nós sofremos muito. A gente não tinha condições de manter essa tradição.

Antigamente quando a gente ia fazer um reisado, o tocador do boi ganhava a metade. Naquela época, brincava por 5 mil réis. Então a metade era de sanfoneiro/tocador. O cantador do boi ou cabeça do boi, o caboclo,

que no meu reisado sou eu, ficava com a outra metade. E o grupo ficava com quê? Um saldozinho do jaraguá. Porque o jaraguá saía fazendo a revisão na plateia, coagindo o povo e o povo ia dando aquele trocadinho. Então isso aí era o que a gente lucrava. Porque o dinheiro que a gente brincava numa casa e era contratado por aquele tanto, a metade era do sanfoneiro e a outra metade era do caboclo do boi. Então era difícil!

Eu digo para os garotos: Mestre não é para qualquer um! Porque pelo tempo que eu passei pra ser mestre... não é fácil! Eu pelo menos passei muito tempo brincando para poder aprender. Passei muitos anos... Vocês só vão ser Mestres se aprenderem. Não é com duas risadas, com duas palavrazinhas, duas musiquinhas que vai ser mestre, não! Porque eu passei muitas coisas pra chegar lá. Fiz muita coisa! Não tem um mestre novinho não! Todos eles já estão nas idades boas. Eu só recebi esse diploma já depois de aposentado, de 65 anos. Quando aprendi o que o outro mestre sabia, porque não é fácil, gente!

Nosso reisado é o Boi Estrela. Nós estamos com 28 pessoas. Quando a gente tá brincando, é aquela coisa, aquela alegria, daquele povo gostando. Às vezes, as pessoas dizem: eu hoje tinha outro evento, mas como tem esse reisado, eu vou para o reisado. Aí é que a gente fica satisfeito, de saber que a pessoa deixou a missão que ia fazer pra vim assistir o reisado da gente. Então quando a gente vai fazer uma apresentação dessas aqui no nosso lugar, no Quixeramobim, tem muita gente que deixa outra coisa, às vezes até de ir a um forró, para ir ao reisado, porque gosta mais do reisado.

Fizemos uma apresentação na Praça Coronel João Paulino, para mostrar a muitas crianças que ainda não conheciam o reisado,



porque não sabem o que é cultura. Estivemos numa creche só de garotinhos, eles fizeram um boizinho, uma emazinha... Então me levaram lá pra mostrar para eles e contar o que sabia. A gente ensina a cultura, o que eu sei.

Aqui no meu grupo, os meus meninos quase todos são músicos; um toca violão, outro toca teclado, outro toca bumbo. Esses instrumentos tudo são eles que tocam. Então eu me sinto feliz ensinando as músicas, ensinando as danças, porque hoje eu já estou treinando outra pessoa para ficar no meu lugar. Ele já faz parte das brincadeiras, ele já brinca com a gente, ele é um brincante do nosso reisado. Eu sempre digo a ele: você, pra ser um mestre, precisa tá sempre lá em casa.

Ensinei a outro. Lá na porta do SESC daqui. A diretora de lá me apresentou: Piauí, esse rapaz quer fazer parte do reisado. Eu

respondi: é fácil! Ela disse: ele quer aprender as músicas. Ele trouxe uma folha de papel e eu ditei tudo pra ele. Ele escreveu e hoje ele é dono do Boi Mimoso. E ainda tem o Boi Bolinha, aqui em frente.

Eles agradecem quando estão cantando, eles agradecem ao Mestre Piauí. É isso aí que dá mais alegria: saber que aquele povo se lembra da gente toda hora que está brincando. Saber que aquele povo deu valor e se valorizou porque eu ensinei pra eles o que eu tenho pra ensinar. Eles dizem: esse bumba, eu comecei a bater no reisado do Mestre Piauí. Será que tinha outra história melhor pra eu contar? ✨

Mestre

Antônio Hortêncio

ANTÔNIO RODRIGUES TRAJANO

Mestre Rabequeiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Varjota (Sítio Olho d'Água dos Trajanos) – Região Norte

NASCIMENTO 4 de julho de 1928

FALECIMENTO 28 de maio de 2019



Meu nome é Antônio Rodrigues Trajano, mas o povo me conhece por Antônio Hortêncio, por causa do papai, que era Hortêncio. Eu comecei minha vida assim: eu tinha um cavaquinho e fazia zoadas com o cavaquinho. Tinha também uns rapazes que eu conhecia e trabalhavam em cassimirada. Aquela brincadeira com as empanadas e os bonecos de correr em riba. E eu acho que eles gostavam da zoadas que eu fazia. Vá ver eu entoava alguma coisa, nera?!

Aí papai comprou um cavaquinho para mim, mas aquilo não me engraçava. Eu troquei o cavaquinho numa rabeca que era só aos pedaços, não prestava não. Pra poder tocar, eu fui na casa de um vizinho que também tocava rabeca. Pedi a rabeca dele emprestada 'Eu só quero por dois dias'! Ele disse: "então pode levar"! Eu peguei a

rabeca e comecei a tocar. Era meu destino tocar rabeca.

Foi então que eu comecei a tocar em cassimirada, em festa. Em tudo no mundo eu queria tocar, aprender a tocar. Experimentei outros instrumentos: a sanfona, a harmônica, que se chama pé-de-bode. Aprendi a fazer muita coisa também. Fiz banjo grande e pequeno. Uma vez, eu fui numa festa lá no Riacho dos Pires. Aí eu convidei um irmão meu pra ir junto. Nós fomos. Quando chegamos lá, tocamos até o dia amanhecer! E quando fomos receber, era dez tostões. Pra você ver como as coisas de outrora eram diferentes de hoje. Eu tinha quinze anos nesse tempo.

Eu trabalhava também de carpinteiro, de mercante e tocava instrumento rabeca, cavaquinho, violão, tudo isso eu tocava. E

tocava também sanfona, a pé-de-bode, como a gente chamava antigamente. Agora, o que eu gosto mesmo na vida é tocar rabeca. Outra coisa... a roça, não! Não gosto da roça não! E criei minha família na roça. Pra você ver... eu criei minha família na roça.

Eu fui escolhido mestre porque eu tocava melhor do que os outros, né?! E me senti muito feliz. E gostei muito das festas que eu ia, os encontros dos mestres. Era muito gostoso, festa boa, todo mundo me conhecia. Eu me lembro... quando eu ouço falar nas festas da cultura, eu tenho saudade. Eu me lembro: uma foi em Limoeiro do Norte, outra em Juazeiro, outra foi no Crato. Em todas, eu tocava minha música “Moda de Fortaleza”.

Quem foi que me ensinou?! Ninguém. Não aprendi nada ninguém me ensinando. Tocar rabeca, negócio de trabalho, de endireitar máquina de fazer costura. Aprendi só. Essas coisas assim, tudo é da minha natureza mesmo. Hoje não tem quem queira tocar rabeca. Eu tenho pejeado em ensinar, mas não tem quem queira. Meu filhos mesmo não teve um que quisesse. Mas acredito que não se acaba não! Porque só aqui isso não tem muito valor. Mas em outros lugares a rabeca tem muito valor. ✨



Mestre

Bibi

DEOCLÉCIO SOARES DINIZ

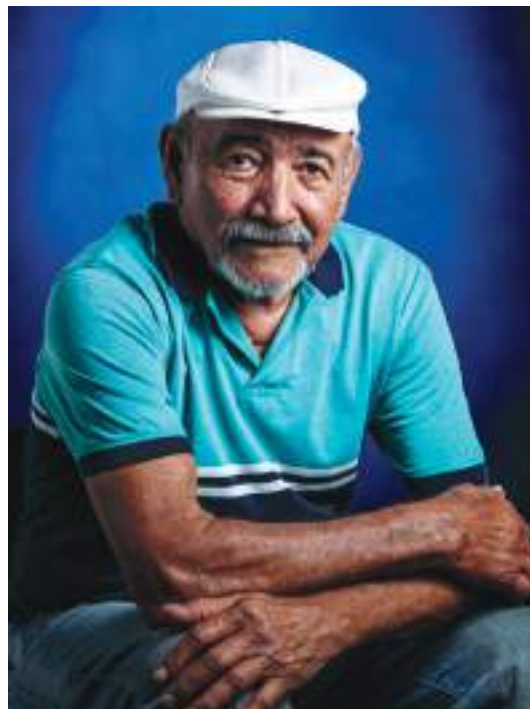
Mestre Escultor

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 26 de janeiro de 2012

CIDADE-RESIDÊNCIA Canindé – Região do Sertão do Canindé

NASCIMENTO 26 de dezembro de 1936

FALECIMENTO 29 de maio de 2022



O meu nome é Deoclécio Soares Diniz. Conhecido como Bibi. Eu comecei a trabalhar com oito anos de idade. É hereditário: meu pai já trabalhava em esculturas e eu trabalhava escondido. De vez em quando, ele saía pra pescar, pra caçar e eu pegava as ferramentas dele e começava a cortar um pedacinho de madeira, fazendo aquela brincadeira de imagens. Então eu fiz a primeira escultura com oito anos de idade. Eu morava em Iguatu. Depois vim pra Fortaleza. Aqui, eu me empreguei no comércio e à noite eu ia para o colégio. Comecei a fazer desenhos de Capitão Marvel, Super Homem, Homem Morcego... eu fazia figurazinhas também em barro, em argila.

Fui morar em Canindé em 1958. No tempo de uma seca grande que teve aqui no Ceará. Lá, eu comecei a fazer imagens de gesso pra lojas, fazer formas. Trabalhava com argilas. Depois,

comecei a aprimorar mais o meu trabalho. Em 1960, mais ou menos, eu vim novamente para Fortaleza servir o exército. No quartel do 23 BC, no corpo da guarda General Sampaio, eu fiz um busto. Fui tomando gosto. Aí fui para o Rio de Janeiro. Eu levei várias imagens de madeira, esculturazinhas pequenas, imagenzinhas, São Francisco, Nossa Senhora...

Nesse tempo, lá no Rio, tinha as Casas da Banha. Eu fazia compras lá para a minha casa e botava as imagenszinhas dentro das sacolazinhas da Casa da Banha.

Eu cheguei na praia de Copacabana e vi de longe um restaurante muito bonito, com muitas pessoas, então, eu cheguei com aquela sacolinha e fui vender as imagens...

Estava lá um cidadão de camisa branca de bolinhas pretas, com as sobrançelhas grossas, cabelos grisalhos, que me chamou. Eu disse:



pois não!? E ele: o que você está vendendo aí? Eu mostrei as imagens. Ele me perguntou: você não quer estudar, não? Eu respondi: estudar como? E ele disse: estudar numa escola de belas artes. Eu disse: cidadão, eu sou pobre, sou do Ceará... não tenho condições. O sujeito me olhou e falou: eu vou lhe dar um cartão, você vai na escola de belas artes e fala com o Professor Tico. Diga que foi o Presidente da República que mandou. Era o Presidente Médici e eu não sabia! Quando eu cheguei lá... quando o rapaz viu o cartão... por ordem do Presidente! Eu disse pois é, é do Presidente! Ele disse:

— Você vai ali pro salão, se junte aos alunos e pegue o material que você quer trabalhar; vá fazer alguma coisa... e me mostre!

Então eu vi argila, que aqui nós chamamos de barro de louça, né?! Peguei aquela

argila e fiz um busto de São Francisco... ele olhou o que eu fiz e disse:

— Rapaz, aqui não é pra você ser aluno, não! Você tem de ser é professor.

— Mas, meu amigo, eu não queria aprender a esculpir, eu queira aprender a aumentar. E de fato, o meu estudo é pouco. Eu queria era saber fazer uma peça grande!

Foi como eu consegui me expressar, naquela hora. Ele então entendeu o que eu queria dizer:

— Você quer aprender anatomia!

— Deve ser isso mesmo! — eu respondi.

Eu passei uns seis meses estudando anatomia. Depois voltei para o Ceará, fiquei por aqui trabalhando e comecei a fazer monumentos. Tive a felicidade de ser escolhido para fazer a estátua de São Francisco, em Canindé — nesse tempo, o nosso Governador

era o Doutor Lúcio Alcântara. Ele mandou fazer a estátua de São Francisco, e eu fiz ela com 31 metros e 25 centímetros.

Depois, ele lançou, ainda no tempo da gestão dele, esse concurso pra Mestre da Cultura do Estado do Ceará. Eu nunca na minha vida achava que ia aparecer uma pessoa que lembrasse dos artesãos do Ceará. Nós temos muitos artistas bons aqui, sem reconhecimento. Eu então participei e ganhei o diploma e uma pensão vitalícia e estou muito grato com isso. Depois desse diploma, eu não dou conta do trabalho, é rodando o Brasil todo, até para fora do Brasil eu fui convidado. Eu tive um trabalho pra fazer em Mar del Plata, na Argentina. Não fui porque a agenda aqui tá alta, tá grande. Graças a esse diploma que eu recebi de reconhecimento pelas autoridades competentes.

Agora, para ser mestre tem que ter valores e ter capacidade de fazer um trabalho pra honrar esse nome de mestre. Porque, não sendo assim, é só mesmo um artesão. O trabalho de um mestre tem que ter aceitação geral. Então, ter esse nome de mestre dá muito valor ao artista. Só em você dizer eu sou um mestre da cultura do Estado do Ceará é muita honra.

Eu gostaria muito de participar de aulas em colégios, dá aula de escultura, de pintura, aula de desenho. Eu acho que os artistas mais velhos que ganham esses diplomas poderiam fazer isso. Eu mesmo gostaria de repassar minha profissão pra alunos de colégios, seria

um prazer para mim ensinar a escultura, ensinar como trabalhar com argila... Às vezes, a gente já nasce artista e precisa apenas de um pontapezinho pra poder chegar lá. Daqui a pouco, os artistas de hoje vão-se embora e não tem mais o hereditário, ninguém para dar continuidade do seu trabalho. Nem todo mundo gosta de trabalhar com esculturas.

Cada artista, de um modo geral, tem uma coisa que ele gosta mais de fazer. Eu adoro trabalhar com imagens de São Francisco. E principalmente em madeira. Eu gosto de desenhar... Criar imagens... gosto de fazer esculturas grandes, de um a cem metros, de desenhá-las e botar toda no esquadro e fazer... Tenho um filho adotivo que tá comigo trabalhando aqui e que tem muito progresso. Ele é muito bom. Eu tenho fé em Deus que ele vai dar continuidade ao meu trabalho. ★

Mestre

Zé Matias

JOSÉ MATIAS DA SILVA

Mestre em Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Caririaçu – Região do Cariri

NASCIMENTO 15 de setembro de 1925

FALECIMENTO 16 de julho de 2016



Visitamos seu Zé Matias a primeira vez que fomos ao Cariri, em 2015. José Matias Filho foi conosco de Juazeiro até Caririaçu, onde o Mestre morava com a filha Maria. Sabíamos que o Mestre do Reisado dos Franciscanos, cratense de nascimento, estava bastante doente. A intenção era apenas uma visita de cortesia e conversar um pouco com a família. Mas o que se passou foi surpreendente. Dona Maria aprontou o pai, que raramente se levantava da cama, já sem memória recente e balbuciava poucas palavras, com as roupas e adereços do Reisado de congo que tanto ele amava, para algumas fotos. A sessão foi iniciada com os dois filhos ao lado do pai, e avivado pela viola do filho e voz de Maria, seu Zé Matias entoou refrãos das canções do seu reisado com uma expressão de quem estava fazendo uma revisita no

tempo. Pudemos atestar o quanto o Mestre mantinha a tradição sob sua guarda. Uma tradição que aprendeu ainda no Crato com um tio seu, que era mestre, e que, desde que se mudou com a família para Caririaçu, há cerca de 44 anos, continuou defendendo. Dona Maria nos relatou que o reisado do pai era em louvor ao menino Jesus e que na época natalina eles se apresentavam nas ruas de Cariaçu e Juazeiro. ★

Mestre

Tico

FRANCISCO FELIPE MARQUES

Mestre em Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 16 de janeiro de 1922

FALECIMENTO 20 de janeiro de 2021



O apelido é Mestre Tico. Meu nome é Francisco. Mas só me chamam de Mestre Tico. Chamou Mestre Tico, todo mundo já tá sabendo que sou eu. Muito mestre de reisado já sabe quem é mestre Tico. Nasci no Crato. Num lugarzinho chamado Buriti.

Eu moro no Juazeiro. Tô morando aqui no Juazeiro agora. Eu vendi a casa lá do Buriti e vim embora pra cá. Tô com vontade de vender essa aqui e ir embora pra lá. Porque lá é um sitiozinho e a zoada é mais pouca. E aqui é uma zoada da moléstia, toda hora da noite!

Eu comecei a brincar com dez anos. Eu tive de pedir a minha mãe e ela respondeu: o homem não deixa tu entrar, não! Deste tamanho! Aí eu falei com Mestre.

— O Senhor me dá uma vaga pra eu brincar mais vocês?!

— Dou. Sua mãe aceita? Vou falar com ela.

O Mestre conversou com minha mãe e ela disse: aceito, porque voce é conhecido aqui no baixio. Assim eu fiquei brincando reisado.

Mas eu comecei a brincar, sério mesmo, foi com quinze anos. Fiquei brincando, brincando e crescendo, crescendo. A gente ia fazer apresentação na praça Siqueira Campos, no Crato. De noite, a gente ia brincar lá. Todo sábado. Era contrato. O mestre viu que eu era um cabra bom, um menino bom e disse: eu já tô velho, vou deixar o reisado... Vou entregar a você. Aí eu fiquei com o reisado e tomei de conta até agora.

Esse Reisado é do Coração de Jesus. Porque nós todos botamos nome no reisado e eu adoro o Coração de Jesus. Todo mundo já sabe: é do Mestre Tico. Por onde andar... é o Reisado do Coração de Jesus, do mestre Tico, lá do Juazeiro. Eu botei esse

o nome de Coração de Jesus pra Deus não me levar tão cedo!

Quem começa o reisado sou eu, pelo grupo. Porque o grupo é meu, né?! O mestre fica atrás... são seis de um lado, seis do outro. São doze. Os dois mateus, quatorze. Com a Catirina, quinze. Pronto. A primeira chamada quem dá sou eu. Mas tem outro personagem, que é o contra-mestre. Quando o mestre não pode brincar — o mestre saiu prá beber água — tem o contra-mestre pra brincar, pra ajudar.

Ave, Maria! Eu adoro brincar de reisado. Eu tenho gosto de tá brincado porque o pessoal gosta, gosta demais. Eu acho bom o cabra brincar reisado num lugar como a Matriz, o Socorro... na Missa do meu Padrinho Ciço. Ave, Maria!!!! Todo ano a gente tem que brincar lá porque eles recebem a gente com todo gosto! A gente não deixa de brincar.

Se eu pudesse eu não tava parado. Agora nós vamos botar o reisado prá frente de novo. Se Deus quiser. Já tô melhor, já dá pra eu brincar. Enquanto Deus me der saúde, eu brinco. Eu acho ruim tá parado assim. Se tivesse brincando... Tava brincando... Tava lá embaixo, na festa de meu Padrinho Ciço. Parado não tá dando certo não! Mas eu dou

valor a rezar, a pedir força a Deus. Meu Padrinho Ciço é quem dá coragem, quem dá força.

Sou mestre. É bom demais. Quem manda no Reisado é o Mestre. Tem o Rei, mas ele também faz homenagem ao Mestre. O dono do reisado é o mestre. Ele é que resolve tudo. Desde quando eu tomei de conta do reisado, quem manda nele sou eu. Tudo é meu. As coisas da farda eu compro. Ninguém me dá. Vou comprar outro fardamento agora.

A coisa melhor que foi inventada foi isso aí, de Mestre da Cultura. E vou receber o diploma, né?! Eu acho muito bom ser um mestre da cultura porque quem manda sou eu. Não é ninguém, né?!

Aquilo que a gente gosta, não desgosta. É como o cabra que gosta de futebol... Eu não quero saber de futebol. Eu quero saber de reisado!

Enquanto eu puder bincar, com as pernas, com a garganta, com a voz... Eu vou longe ainda, se Deus quiser e meu Padrinho Ciço. Eu brinco até quando eu puder brincar. Até duzentos anos... ✱



Mestre

Chico Paes

FRANCISCO PAES DE CASTRO

Mestre Instrumentista
(sanfona de oito baixos – “pé de bode”)

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré – Região do Cariri

NASCIMENTO 23 de outubro de 1925

FALECIMENTO 8 de junho de 2018



Vou me apresentar. Eu me chamo Francisco Paes de Castro, vulgo Chico Paes. Sou mestre da cultura. Eu comecei a aprender a tocar na sanfona de meu pai, com oito anos de idade, quando eu ainda morava sítio Riacho do Felipe — município de Tarrafas, antes era município de Assaré, que nesse tempo ainda não era cidade de Tarrafas. Eu tocava quando meu pai ia para a roça.

Eu tinha medo de ele brigar comigo, porque eu era muito pequeno e podia dá uma queda na sanfona e quebrar. Um dia ele me viu tocando e disse que era pra eu aprender mesmo! Pode tocar à vontade! E eu disse para mim mesmo: agora eu mato a minha vontade!

Com 9-10 anos, eu acompanhava ele nas festas. Meu pai era o tocador afamado que tinha na região. Ele tocou quase 50 anos a sanfona de oito baixos. Só em forró! Na idade de

13 anos, eu já tocava mas não tinha acordeon. Aí, comprei uma oito baixos e comecei a tocar e meu pai liberou. E comecei a tocar em festa. Aí toquei quase vinte anos a oito baixo, forró.

Tocava só, sem instrumento, sem acompanhamento. Depois apareceu um zabumba, um pandeiro. Meu irmão me acompanhava. Todos os meus irmão aprenderam a tocar. Mas o maestro era eu. Eu não ensinei. Isso aqui ninguém ensina, não! Só se Deus der o dom.

Comecei a tocar sanfona de sete ritos, acordeon. Acordeon toquei 50 anos, justinho. Só em forró. Toquei no Piauí, Pernambuco. De Fortaleza pra cá, nestas cidades do interior, eu tocava muito: Acopiara, Senador Pompeu, Iguatu, Jucás, Cariús. Passei pra os Inhamuns: Saboeiro, Arneirós, Tauá, Aiuaba, toquei muito. E os chefes políticos gostavam muito que eu tocasse.



Minha primeira festa foi em Altaneira. As festas eram nos lampiões de garrafa, cheia de querosene. O pavio muitas vezes se apagava e o povo ficava dançando tudo no escuro. Aí, botava mais gás no lampião e começava a tocar de novo.

Neste tempo, também havia muita festa de dia. Eu saía de casa, chegava lá, em dia de missa, tava o salão preparado pra eu tocar, de dia, porque de noite não tinha energia. O povo aproveitava e dançava o dia todim.

Muitas vezes botavam pimenta no salão — pimenta malagueta e não tinha quem aguentasse. Precisava lavar todinho o salão pra poder aguentar a dançar. Era muita gente despeitada com namorado, com isso e aquilo e levava a pimenta e botava, para acabar a festa. O salão era no barro. Não tinha cimento neste tempo não. Botava água, lavava, botava água e acabava o cheiro da pimenta. Era gente espirando para todo canto.

Uma vez, eu toquei numa festa que durou três dias. De dia, eu dormia, e quando era de tardezinha, eu acordava, tomava banho, jantava e, aí, começava de novo. Quando era um casamento, eles faziam a véspera e a antevéspera. Tinha o forró, tinha cachaça, cerveja e a galinha morrendo e o sujeito comendo frango assado. E na última noite, eu tocava até de manhãzinha. O cabra chamava para tocar nos forró, mas a gente não chamava forró. Era samba. Todo mundo ia pro samba.

Tem uns forrós de hoje que eu não acho vantagem, não! É uma música sem sentimento. Ninguém sente nada por essa música, sem tom, fora do ritmo. Pros jovens de hoje, é muito bonito, porque nunca viram música, não sabem o que é bom, uma música perfeita, uma música bem solada, cantada. Música é aquela que o sujeito sente, toca e faz você sentir ela no coração.

Em 1978, eu passei quase um ano em São Paulo. Lá eu fiz umas poucas de músicas. Fazia

e anotava o nome. Mas não tinha gravadora neste tempo, a gravação era difícil. Era só para quem soubesse cantar. Não deu certo gravar. Depois, com a oportunidade do Gilmar de Carvalho, que se interessou e se encarregou de fazer meu CD, o mundo abriu pra mim. Chegaram as coisas que eram para chegar antes, quando eu mais novo, com mais ideia, com mais inteligência, com mais ouvido. Mas ainda me alcançou muito bem, com idade boa.

Tocar a oito baixo e tocar sanfona, tem diferença grande. A sanfona de oito baixos faz um tom quando abre e fechando é outro tom. O traquejo da música na oito baixos é o fole. Os dedos é só para corresponder. E a sanfona, não. É o mesmo tom, tanto abrindo quanto fechando. É um tom só. A escala é mais extensa. O sujeito faz uma música de baixo até em cima. Tanto faz tocar os botões de baixo quanto os de cima, é tudo uma coisa só. É mais fácil.

Eu prefiro tocar a oito baixos. Porque aprendi tocar nela. Papai tocava oito baixos em forró e eu ajudava ele. Aí fiquei tocando harmonica, sanfona, acordeon, toquei muito forró. Quando diziam: Chico Paes vem hoje pra tocar, o povo se animava tudo!

Eu devo ter sido escolhido mestre porque eu, naturalmente, toco mais do que os outros. Eu fui receber meu diploma em Limoeiro do Norte e eu tenho ele guardado. Quando eu recebi esse diploma, eu fiquei muito satisfeito, muito contente por eu ter esse merecimento. Eu não esperava. Depois do diploma eu venho tocando. Já toquei em São Paulo, um *show* lá no Ibirapuera. Dois *shows*, na verdade.

Tocar pra mim são duas coisas. Tem o meu sustento, ganhar meu dinheiro. E tem o prazer de tocar. Muitas vezes eu durmo e sonho fazendo uma música e no outro dia eu ponho na sanfona. ✴

Mestre

Panteca

FRANCISCO PEDROSA DE SOUSA

Mestre em Boi-Bumbá

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Sobral – Região Norte

NASCIMENTO 8 de abril de 1933

FALECIMENTO 7 de maio de 2006



Foi no Boi Coração, de Inácio Melo, da Serra de Santo Antônio dos Camilos, município de Meruoca, que Panteca teve sua iniciação nessa brincadeira de Boi. Tomou gosto.

Em 1987, criou o Boi Ideal, fundado pelo sogro Raimundo Casimiro, nos anos 40 do século passado, e que havia perdurado até 1955.

O jogo de peteca, que lhe valeu a alcunha, deu lugar a um ofício que extrapolava o do trabalho diário na terra. Além de lavrador, Panteca tornou-se Mestre de Boi, função que ele claramente definiu: “ser mestre é ser dirigente do boi, ser chefe de tudo”.

Panteca, enquanto esteve à frente do Boi Ideal, foi seu chefe e, mais que isso, uma inspiração para os grupos de Boi que se formaram em Sobral, lugar onde vivia e onde o seu grupo reinava. Sua paixão pelo Boi unia a comunidade.

O Boi Ideal era um boi misturado ao reisado. E isso lhe fazia confiante do trabalho de Mestre que realizava, sabia que mantinha viva uma tradição milenar: “Esse negócio de reisado é do começo do mundo!”

Hoje, o neto de Mestre Panteca, João Mendes, continua a tradição do Boi.

Ele está à frente do Boi Paz no Mundo, — fundado em 2010 — influenciado pelo Boi Ideal. São 59 pessoas, entre brincantes e ajudantes, que, nos meses de janeiro e agosto (mês do Folclore), obrigatoriamente, saem a brincar. Isso não significa que o resto do ano seja de calma. Como disse João Mendes: “estamos sempre a postos. É só chamar que a gente vai”. ✨

Mestre

Netinho Victor

FRANCISCO VICTOR DE LIMA

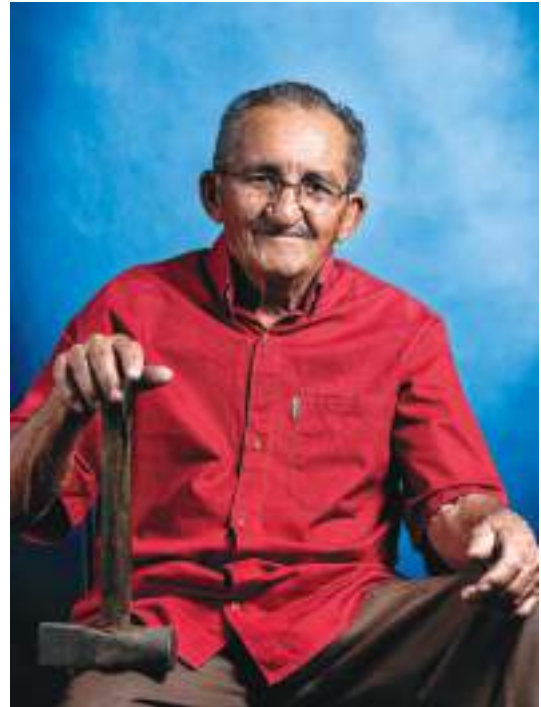
Mestre Ferreiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Cedro (Sítio Lajedo) – Região Centro Sul

NASCIMENTO 25 de novembro de 1939

FALECIMENTO 30 de novembro de 2022



Meu nome é Francisco Victor de Lima. Conhecido por Netinho em toda a região. Nasci em Mombaça. Vivo aqui no Lajedo, desde 1951, e meus pais eram daqui. Comecei nessa arte de ferreiro em 1965, aqui no Lajedo. Eu fabrico a foice, a roçadeira, chibanca, machado, picareta, armador, recupero as lâminas da Madal, da Patrol. Fabrico um monte de coisa. Fabrico também forrageira. Máquina de desbulhar milho já fiz 25. Eu adoro essa profissão porque pode a gente está sem um tostão de manhã, quando é de tarde, já tem um tostãozinho.

Eu aprendi a ser ferreiro com meu pai. Essa tradição já vem de 1800 e um quebrado, que eu não me lembro bem do ano. Aprendi e fiquei nela. Já vem dos bisavôs.

A primeira peça que eu fiz foi prego de moinho. Antigamente o povo só vivia do

moinho. Moía milho, café. Fazia o pão pra comer. E os moinhos desmantelavam. Chegava muito moinho, e meu pai dizia que eu consertasse, que ele não tinha tempo. E eu aprendi fazendo prego de moinho.

A peça mais difícil de fazer, eu achei que foi uma máquina de desbulhar milho. Pra fazer ela do que jeito que a fábrica fez foi a peça mais difícil que eu achei. Uma forrageira também eu já fiz. Já recuperei muitas coisas. As peças que eu ganhei mais dinheiro foi fazendo e consertando essas máquinas.

Aqui no Lajedo tem 22 oficinas mais ou menos e a gente fez associação para o Governo dá uma ajuda. Era um bocado de sócios, de vinte prá lá. Mas hoje tá quase parada essa associação

Aqui dentro dessa oficina, eu ensinei a mais de 50 ferreiros. Tem deles que começou



bem novinho, em cima de uma cadeira, puxando o fole.

Meus irmãos também trabalhavam aqui. Todos eram novinhos, quando começaram. Hoje já tão com idade de 50 – 60 anos. Por hora, eu estou trabalhando com dois rapazes. É um filho meu e outro rapaz daqui mesmo. Porque as coisas fracou. Não teve mais inverno e acabou-se a metade das coisas que a gente fazia.

Antigamente, pra fazer um machado, se fosse para caldiar era no fogo com areia. Areia e o fogo. Mexia os dois igual e emendava. Não era todo ferreiro que trabalhava. Tinha aqueles que sabiam caldeiar ferro. Emendar ao ferro. Hoje, com a energia, facilitou muito. Tem máquina de solda. Porque se fabrica muita coisa com a máquina de solda. O povo emenda com solda.

Quando eu comecei, era com fole. Era puxando o fole e acendendo o fogo e batendo no ferro, fazendo ferro. Para esmerilhar, a gente usava uma bicicleta, com as rodas pra cima, e tinha uma cinta que ia para o esmeril e dois puxavam o veio da bicicleta, para esmerilhar os ferros.

Era difícil. Era difícil! Depois apareceu o motor a gasolina. Comprei um. Ainda acabei três motores a gasolina. Depois foi um motor a diesel. Foi nesse tempo, em 1980, que chegou a energia aqui. Hoje é tudo na facilidade. Tudo é fácil.

Tem gente que aprende ligeiro a ser ferreiro, e tem outros que morre doido e não aprende. Porque, hoje, o povo não quer trabalhar mais, nem aprender. Por isso é que é difícil, hoje, fazer um ferro. Pra fazer uma foice, precisa força e coragem para aguentar a quentura que o cabra leva.

A peça que vende mais é a foice. Tem a época da foice. A gente tem muita encomenda

de foice. E chega a época do machado, depois chega a do enxadeco, pra plantar, e depois chega o tempo da roçadeira, pra tirar capim. Eu não sou agricultor, mas se o agricultor não tiver a chuva, nós não temos essas encamendas.

Deus mandando bom inverno, essa profissão vai durar muito. Para aqueles que tiverem coragem de aprender e trabalhar. Os mais velhos vão se acabando, que nem se acabou meus avôs, meus pais. Hoje está em nossa geração, dos filhos. E os netos... tem uns que não querem mais aprender. Aí é onde tá... A gente não pode dizer que vai durar muito tempo a profissão.

Fiquei feliz demais com o diploma que o Governo me deu. E ainda me disseram: você vai ganhar um salário até chegar o dia de você falecer.

Porque eu acho que eles viram que eu ensinei muita gente e trabalhei muito. E esse negócio de ser Mestre, eu achei melhor o reconhecimento. O Governo dá o salário mas eu achei melhor foi o reconhecimento da família, da população. Hoje eu acho ser um mestre da cultura muito bom.

Ser ferreiro é uma arte boa. Pra mim, toda vida foi uma vida boa porque eu sustentei meu filhos, meus netos e, hoje, até os bisnetos é na cola dos avôs. Fui feliz a vida toda, graças a Deus. Nunca me faltou nada. ✨

Mestre

Geraldo Gonçalves

GERALDO GONÇALVES DE ALENCAR

Mestre em Poesia Popular

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré – Região do Cariri

NASCIMENTO 10 de setembro de 1945

FALECIMENTO 11 de maio de 2018



Nascido em 10 de setembro de 1945, numa localidade a 18 km do município de Assaré, Geraldo Gonçalves começou sua alfabetização ali mesmo, no sítio Serra de Santana. Em Assaré, fez o primário e, em 1962, prestou o exame de admissão para o ginásio, na cidade do Crato. Filho de Maria Risalva e Silva e de José Gonçalves de Alencar, ele se descreveu em um de seus livros como “um menino tímido, assustado, nervoso” que se transformou em um “rapaz boêmio, romântico e apaixonado pela poesia”.

Infelizmente, não conseguimos conversar com o poeta. Geraldo Gonçalves faleceu e não chegou sequer a comparecer à titulação de Mestre da Cultura, em 2018. Representado por sua filha, Polyana Gonçalves, simbolicamente, teve essa honraria confirmada na solenidade de diplomação, no Theatro José de Alencar,

em Fortaleza. Polyana também nos recebeu em sua casa, no município de Assaré e, emocionada, nos falou da alegria com que Mestre Geraldo Gonçalves havia recebido a notícia de ter sido um dos escolhidos Mestre da Cultura.

Além de poeta, Geraldo era educador, atuando como professor e alfabetizador de crianças e adultos. Apaixonado pela poesia, deixou impressa na sua obra uma forte crítica social. Fundou a Academia de Letras e Literatura Popular Patativa do Assaré, também compôs músicas e gostava de declamar versos. Entre seus livros estão: *Suspiros do Sertão*, *Clarão da Lua Cheia*, *Atrativos do Amor e da Paz*, *Ramalhete* e a adaptação para o cordel do clássico de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. ★

Mestra

Dona Gerta

GERTRUDES FERREIRA DOS SANTOS

Mestra da Dança da Cana Verde

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 3 de setembro de 1927

FALECIMENTO 15 de agosto de 2014



Dona Gerta regia o grupo da Dança da Cana Verde, em Fortaleza. Participavam 34 brincantes — parentes e amigos da comunidade de pescadores do morro de Santa Terezinha, no bairro Mucuripe, onde morava. Ela ficou à frente do grupo depois que seu marido, José Ferreira dos Santos, o mestre anterior, faleceu. José dos Santos já havia assumido o posto de seu padrinho “Zeca Três Vêis”.

Nesses tempos passados, o grupo não contava com a participação de mulheres. Dona Gerta apoiava a iniciativa, passou a costurar as roupas dos personagens do folguedo de origem portuguesa, aprendeu as músicas e a

história que a brincadeira conta: o pedido, a licença e a festa de um casamento da Corte Real. No carnaval, os brincantes saíam às ruas e, de casa em casa, representavam e dançavam por uns trocados.

Ao se fazer Mestra, ela assumira uma tradição e não queria vê-la desaparecer: “Enquanto eu puder cantar, eu canto. Enquanto eu puder dançar, eu danço. Enquanto eu estiver viva, a Caninha Verde também vai viver!”

Com o falecimento de Dona Gerta, sem apoio institucional, como nos contou sua filha, Maria José dos Santos — Mazé — o grupo da dança da cana verde também deixou de atuar. ✱

Mestre

Getúlio Colares

GETÚLIO COLARES PEREIRA

Mestre Sineiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Canindé – Região do Sertão de Canindé

NASCIMENTO 23 de março de 1929

FALECIMENTO 18 de março de 2021



Meu nome é Getúlio Colares Pereira. Eu nasci lá no sertão. Quando eu vim pra Canindé eu tinha dez anos de idade. Peguei uma doença lá no sertão e a mãe fez uma promessa com São Francisco pra eu me curar e passar quatro anos aqui, trabalhando de graça pra São Francisco. Aí passei os quatro anos, os frades ficaram gostando de mim e fiquei trabalhando por aqui.

O primeiro dia que eu toquei o sino foi na ocasião de uma procissão do Sagrado Coração de Jesus, no dia 29 de julho de 1944. Comecei a tocar o sino nas formas tradicionais do Canindé... vários tempos do sino... várias tocadadas, de alegria e de tristeza.

E me aposentei aqui... através do cemitério de São Miguel de Canindé. Trabalhei no cemitério e me aposentei na posição de “septuição”, que é coveiro. As pessoas pergun-

tam quantos eu enterrei. Eu dou a resposta: de adulto: 8397, e criança, 4.734, durante os 27 anos e oito meses que eu trabalhei lá. Ficou essa contagem. Aí fiquei aposentado.

Recebi o diploma de operário-padrão da cidade de Canindé. Fui homenageado duas vezes: 1979 e 1980. Passei a ser Patrimônio Histórico da Basílica de São Francisco e, hoje, sou Mestre da Cultura Popular do povo do Ceará e do Brasil todinho através da visita de romeiros. Os romeiros ficam apaixonados pelo meu trabalho, adorando a São Francisco e o sineiro. O Brasil todinho. Eu sou o mestre da cultura da função religiosa... os afetos religiosos. Eu me sinto muito feliz porque sou o mestre da cultura da igreja, né?! É uma função religiosa.

Eu recebi esse diploma de Mestre foi das mãos do ex-Governador Cid Gomes. E o Go-

vernador Camilo convidou todos os mestres da cultura para assistir a posse dele. Todos os mestres se reuniram e foram assistir.

Todos os anos nós apresentamos nossos trabalhos em vários lugares. Tem os convites para ir aos passeios dos mestres da cultura no Limoeiro, no Juazeiro do Norte, no Crato, quando eu toco o sino e me sinto feliz.

É uma tradição tocar o sino das promessas, das promessas de Cristo. É uma tradição muito linda, bem conhecida do povo de Canindé, dos canindeenses, romeiros, frades, irmãs. E como se diz, fiquei sendo tradicional daqui do povo de Canindé pelo sino da igreja. E não tem outra pessoa sineiro no mundo, reconhecido. Só existe eu! Abaixo de Deus e de São Francisco, só existe eu! E os romeiros ouvem os sinos baterem e ficam felizes.

A safra de romeiro aqui é grande demais. Dia 3 de fevereiro, dia de São Brás, todos os anos tem uma romaria comemorativa, abertura do dia do romeiro. Em agosto começa a chegar os romeiros. Já támo perto da romaria de São Francisco de Assis. Aí depois vai chegando muito romeiro durante a festa de São Francisco. Depois da festa de São Francisco tem um movimento muito grande, do Rio Grande do Norte, no mês de outubro... No mês de novembro dá muito movimento de romeiro... Mês de dezembro pro natal, né?! Final de ano... Sempre... Não falta romeiro não! Quando é os dias de sábado e domingo, os finais de semana, dá muito romeiro de Fortaleza.

Eu toco o sino também quando tem o perdão de Assis, as Chagas de São Francisco, a festa de Nossa Senhora das Dores, a festa

de São Francisco. Depois tem tem o mês do rosário. Tem o dia de finados, depois o natal, entrada de ano novo, dia de São Brás, dia da abertura do romeiro, na quinta-feira santa e no domingo de páscoa.

Eu tô ensinando a tocar o sino. Tem o Sacristão-mor aqui e ele bate o sino nos dias que eu estou doente. Bate bem como um todo. E tem um garoto, com serviços prestados aqui na sacristia, que está batendo bem. O garoto tem uma função religiosa através das arrumações e preparações para as santas missas.

Enquanto tiver podendo andar, eu continuo tocar o sino nos dias festivos. Com fé em São Francisco milagroso, dia a dia eu vou tendo mais coragem, mais força e mais saúde. Com amor a esses eventos religiosos, que eu estou com eles desde 1944 até hoje. ✨



Mestre

João Mocó

JOÃO EVANGELISTA DOS SANTOS

Mestre em Bumba Meu Boi

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Granja (Sítio Vereda do Júlio) – Região Norte

NASCIMENTO 27 de dezembro de 1931

FALECIMENTO 17 de abril de 2017



Eu vou dar início ao meu trabalho sobre a cultura popular do Estado do Ceará. Meu nome é João Evangelista dos Santos, conhecido como João Mocó. Filho de Raimundo Pereira dos Santos e Maria Lopes de Amorim. Nascido na cidade de Granja, no Estado do Ceará. Com 10 anos de idade eu comecei a brincar, a dar início a brincadeira do Bumba meu boi. Juntando meus colegas, pessoal da minha residência.

Eu tinha um tio que era mestre da antiguidade, José Domingues da Silva, que foi meu professor de cultura, de bumba meu boi. Ele dizia: João eu vou lhe ensinar minha história, pra ficar com você. E ele vinha toda tarde me ensinar. Eu já lia e já escrevia, aí, ia anotando e cantando, até que eu decorei tudo de cabeça: a história de bumba meu boi, da cidade de Granja. Eu aprendi tudo

isso. Inteligência, a gente traz, num compra não! E o gosto da pessoa de ingressar na cultura e ter o dom.

Citei essa história do primeiro boi, com uns amigos. Conteí que são vinte e uma figuras. Aí arrumei um grande violonista, o melhor da cidade de Granja: Seu Francisco Barba, vulgo “Chico Canjica”. Fizemos um pandeirinho, de couro de bode, que a gente não tinha condições de comprar. Nosso estilo, aqui em Granja, era brincar nas portas. Saía perguntando: você quer, hoje, que a gente venha brincar na sua porta? Se a resposta fosse: quero, hoje venha pra cá!, a gente saía anunciando: hoje, o bumba meu boi, do João Mocó, é lá na Rua das Pedrinhas, casa de fulano de tal. Aí, a gente ia brincar... Então, assim a gente fazia. Do dia 8 de dezembro até o dia 16 de janeiro.

Quando chegava o mês de janeiro, era hora da matança do boi. A gente ainda não sabia bem citar a história, mas tinha um narrador de cultura, que se chamava Francisco Macedo, já falecido. A gente convidava: seu Macedo, o senhor pode fazer a matança do nosso boi junto à gente? E ele vinha. Aí, a gente fazia o curral, embandeirava... Vinha muita gente ver a matança do boi.

Como a gente era criança, todos de menor, não fazia a festa sozinho, que a justiça não aceitava. Aí, quem fazia a festa era o Seu José Mendes, na casa dele. Ele dizia: “eu vou fazer a festa dos curumins. Assim, eu aprendi a história. Quando foi chegando a minha idade de 15 anos, me convidaram para eu brincar num boi original, de verdade. Fui brincar no boi do seu Zé Laguim. Então todos os anos, de 08 de dezembro a 16 de janeiro, eu brincava num boi de verdade. Esse boi tinha as pessoas profissionais. Tinha o primeiro galante, o melhor de Granja, José Júlio. Júnior Cobra, era o apelido dele. E o segundo: Benedito Belchior. E o terceiro: Conrado Pereira. Esses eram os três galantes no Bumba Meu Boi que trazia admiração ao povo Granjense. Zé Domingos, dançarino da Burrinha. Ele foi um dos melhores dançarinos de burrinha que deu na cidade de Granja.

Aí, de certos tempos pra cá, eu vim trazendo o bumba meu boi, todo o tempo. E o Bumba meu boi, aqui em Granja, era só o meu. E nós continuava fazendo. Desde de criança e depois de adulto.

Eu tenho oitenta e cinco anos e eu ainda repasso história. Tendo saúde... e ainda podendo andar... Posso repassar uma história. Eu ensinei uns meninos junto com o Mestre Aldenir, lá do Crato. Esse grupo era de uma faculdade no Rio Grande do Norte, Natal. Na hora que eu cantei, que eu expliquei... eles

dançaram bem direitinho, igual aos meninos que eu ensino aqui. Fiquei admirado! Eu cantando e o rapaz da banda cabaçal batendo no zabumba. E dançaram bem certinho.

Também já repassei para quatro mestres. Um deles já morreu. Um mora em Chaval, outro em Fortaleza. Outro mora em Rio Grande do Norte. Eu acho que a tradição do boi não era para acabar nunca. Era para ficar para filhos e netos e a quinta geração da nossa cidade. Porque o bumba meu boi foi fundado na nossa sede por aquelas pessoas antigas. Homens que nasceram em novecentos, naquele tempo que nem nascido eu era.

Quando eu fui escolhido ser um mestre da cultura tradicional popular do Ceará, pra mim, foi como uma surpresa. Porque já há mais de quarenta anos que eu brincava... num tinha essa esperança. O mestre é valorizado como professor de um grupo, de um movimento popular que é um grupo de folclore. Eu fui diplomado lá em Russas e agradei a Deus.

Os personagens do meu boi são: primeiro de tudo, o Mestre, que é o coordenador do grupo. O mestre sai do painel e vai contemplar o povo. Depois do Mestre, os primeiros são os caretas, que em outros bumba meu boi chamam de papangu. No nosso são quatro caretas: tem o tapioca, tem o beiju, tem lizeu e tem o mateu. Eles fazem um sapateado com o sanfoneiro e dão bom dia ou boa noite ao povo que está assistindo.

Depois a gente canta aos Reis. Aí, sai a primeira figura importante do reisado que é o primeiro galante. Ele sai dizendo um verso. Vem o segundo galante, o terceiro galante, reis magos. Aí vem o vaqueiro. Tem ainda primeira-dama, segunda-dama, terceira-dama, quarta-dama, que é a dama do vaqueiro. E tem o dançarino do boi, o



dançarino da burrinha, o menino da Maria Ligeiro e o urubu. E tem os tocadores com os três instrumentos. Tem também os índios.

Essas partes são as primeiras, pra depois a burrinha e o boi dançar. E ainda tem os gigantes. Esses gigantes... É uma história dos turcos, já antiga. Dizem que tinha uma casa de turco, que eu nunca vi, mas dizem que lá tinham uns gigantes que comiam gente. Se a pessoa passasse por lá, eles comiam. Matavam e comiam.

Os instrumentos que acompanha o boi é a sanfona, a zabumba, o triângulo e o ganzá. Agora tem um maracá particular que acompanha a burrinha. O rapaz que dança na burrinha balança um maracazinho. O careta é só com o cacete e o traje é paletó preto, chapéu de palha e a fala é diferente. Ele fala rouco, engraçado que eu não sei fazer.

Esse é nosso boi. O programa dele é teatro. Comédia e teatro.

E eu, toda vida, desde o início do meu dom de cultura, que eu tive aquela alegria e o prazer de fazer o que eu gosto. E eu continuo com aquele dom e aquele destino, que ainda tenho de praticar e de ensinar as pessoas. E a saudade de brincar com aqueles que já sabem. ✱

Mestre

Maurício

JOSÉ MAURÍCIO DOS SANTOS

Mestre em Artesanato em Flandre

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 20 de setembro de 1951

FALECIMENTO 17 de abril de 2018



O meu nome... eu me chamo José Maurício dos Santos. Realmente eu sou de Juazeiro. Nasci em Juazeiro do Norte e foi aqui que comecei brincar reisado. Do reisado, foi onde tudo começou. Eu conheci meu mestre Pedro de Almeida no reisado e trabalhei com ele dezoito anos na arte de flandre.

Ele me procurou e perguntou se eu queria aprender, e eu disse:

— Eu não quero não! Eu já sei!

— Já sabe como, se eu não dei as dicas pra ti?

— Não carece do senhor me dá dica.

— Ôxe! Só olhando, tu já sabe?

— Eu já sei.

Então ele disse: pois vamos trabalhar. Ele botou pra eu trabalhar primeiro em concha de legume. Depois em candieiro, daqueles candieiros chatinhos, que parece uma mar-

mita. Aí eu fiz. Ele então disse: você vai fazer gaita. Eu perguntei: o que é gaita? Ele disse: eu vou fazer uma pra você fazer outra. Ele fez a gaita e eu comecei. Fiz as gaitas. Quando terminou as gaitas, voltei de novo pros candieiros. Aí, fui fazer “minissaia”, uns candieirinhos deste tamanho assim — da metade do meu dedo. Eu fiz duas dúzias de candieiro, e o mestre viu que eu era bom e disse: dá pra trabalhar.

Fiz navio. Fiz candieiro. Candieiro minissaia. Candieiro de pé. Todo tipo de candieiro eu já fiz. Eu peguei o mote do navio em Fortaleza. Fui pra lá só prá pegar o mote do navio. Meus candieiros eu nunca vendi nas romarias. Eu vou nas romarias pra algum conhecimento meu, porque, às vezes, tem uns conhecimentos que vem nas romarias, sabe?! Vendo mais os candieiros



no Centro de Cultura ou, então, nos visitantes, quando vêm de fora pegar.

E teve os estandartes. Os estandartes, um alemão chegou e trouxe um modelo, da Alemanha. E perguntou se eu fazia essa peça. Eu respondi. Agora eu não faço não, porque está na sua mão. Mas se me der, eu faço. Ele encomendou 12 estandartes. Eu disse: é 12? Pois, pra semana, o senhor vem pegar. Aí, eu tinha sofrido o AVC... deu trabalho... mas eu terminei. E até hoje ainda recebo encomendas dele.

O material que eu uso é o zinco, breu, a solda *stein*. Uso o fole, as estanhadeiras de soldar. E uso meio mundo de ferramentas. Fazer a minha arte é difícil. É sacrificoso! Tem que lidar com fogo. Queima as mãos... Mas eu gosto de fazer, porque eu me interessou. Tem interesse da minha parte. E quanto mais eu faço, mais vontade eu tenho. Mas não criei minha família só com a minha arte, porque eu tinha muito serviço de carpinteiro, pedreiro. Carpinteiro, pedreiro...

Eu gosto de fazer tudo. Porque, se eu for fazer... eu faço tudo. Agora, aqui merecia ter um mestre pra trabalhar igual a mim, pra gente fazer a união. Por isso, eu não tenho esse negócio de não ensinar a fulano... Eu ensino a todo mundo.

Eu tô com 46 anos trabalhando nessa arte e brincando reisado. São duas profissões que eu só deixo quando eu morrer. E, ainda quando eu morrer, mestre Tarcísio tem de botar uma coroa na minha cabeça e uma espada boa pra eu brincar mais Senhor São Pedro. Eu sei brincar...

Eu entrei no reisado brincando de embaixador. Brinquei, brinquei. Aí, o irmão do mestre morreu de uma comida de uma carne de porco. O mestre do reisado disse: você vai ficar no lugar de Chiquinho. Aí, eu fiquei brincando no lugar dele, de Mateu. Não fui mais brincar de figura, fui brincar de Mateu. Daí por diante, eu fiquei brincando de Mateu. Ele arranhou outro companheiro para mim, chamava Chico Mateu. Nós ficamos brincando, brincando, brincando.

Mestre é nosso Senhor Jesus Cristo. Eu sou um peregrino. Filho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando eu passei a mestre, os de fora me reconheceram. Realmente eu fiquei muito alegre porque eu não tinha recebido diploma nenhum daqui. O pessoal daqui não reconheceram, não! Aqui só dá camisa a um quando a que estamos usando está toda rasgada. Aqui ninguém dá camisa a ninguém, não!

Quem fica com minha arte? Quem aprender comigo. Eu tenho meus netos, meus sobrinhos... E só meus netos e meus sobrinhos dava pra formar uma oficina. Mas eles não se interessam. Outros mestres que tem aqui, nenhum faz o que eu faço.

Nenhum se interessa fazer o que eu faço. Então quando eu morrer...

Pra aprender essa arte, só vai com interesse.... Não é só assim, não! Quando eu aprendi a arte com meu mestre, aprendi a trabalhar, mas eu trabalhava pra ele. Eu trabalhava pra ele! Só vim ganhar quando eu aprendi mesmo, foi que eu vim ganhar dinheiro. Mas enquanto não, eu só trabalhava pra ele. E assim eu faço com quem trabalha aqui. Só pago mesmo no dia que aprender. Mas enquanto não aprender, só recebe uma gratificação.

Eu tô parado agora porque está com dois anos que eu não posso... que eu não trabalhei mais. Comecei a chorar porque não trabalhei mais. E eu fiquei totalmente assim... pedindo socorro e atrás de quem se interessasse a aprender a arte, que eu ensinava pra quem quisesse.

Essa arte quem me deu foi meu Padrinho Frei Damião. Eu fiz o candieiro para ele botar em Recife, na igreja dele. Ele abençoou minha arte e só disse uma coisa: não venda dia de domingo. ✱

Mestre

Joaquim Mulato

JOAQUIM MULATO DE SOUSA

Mestre Penitente

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Barbalha – Região do Cariri

NASCIMENTO 3 de março de 1920

FALECIMENTO 23 de fevereiro de 2009



Joaquim Mulato era o Decurião da Ordem dos Penitentes do Sítio Cabeceiras, no município de Barbalha. Sucedeu a José Francisco da Silva, o Mestre Biro.

Aos dezesseis anos, entrou para a ordem, que prega a retidão. Manteve-se casto e fiel aos princípios dos penitentes, cujas origens remontam ao século XII no sul da Itália e que, no Cariri, região onde viveu, teve no Padre Ipiabina seu difusor e mentor.

Sob uma vestimenta específica — a opa — coletes pretos, com cruzeiros e listras verticais brancas e capuzes também brancos, o grupo, formado basicamente por agricultores, liderado por Joaquim Mulato, saía às ruas em procissão, entoando orações.

Praticavam, nos primórdios, sob a veste que os mantinham anônimos, a autoflagelação com pequenas lâminas, para extirpar, no sangue, os pecados da alma e do povo, hábito

que, com o passar do tempo, foi substituído pelas orações e pelo ato de pedir esmolas.

Nos últimos anos, ainda sob o bastião de Joaquim Mulato, o grupo também não garantia mais o anonimato dos integrantes. O Decurião argumentava que era necessário divulgar o ritual como uma manifestação cultural. Apesar de ceder em parte aos apelos da contemporaneidade, o mestre também expressava sua decepção em relação aos apelos profanos do mundo: “Os jovens não querem saber da penitência, preferem as festas”. Seu sucessor, Antonio Severino da Rocha, também Mestre da Cultura, esteve como Decurião até falecer. Hoje, Antônio Lino está à frente do grupo. ★

Mestre

Joaquim de Cota

JOAQUIM PEREIRA LIMA

Mestre em Artesanato em Couro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré – Região do Cariri

NASCIMENTO 8 de julho de 1917

FALECIMENTO 20 de fevereiro de 2012



“Quando eu era *rapaizim*, gostava de andar de cavalo, levei um tombo, fui no inferno, vi o bicho ruim e, quando acordei, tava em casa, e num pense que eu tô brincando não, seu minino, que tava tão quente que passei três dias sem tomar banho porque o corpo num esfriava...”

O trecho do causo acima é de autoria de seu Joaquim. Um hábito que cultivava — contar histórias, ao sentar-se na calçada de casa, que era também sua oficina, em Assaré, rodeado de filhos e netos.

O filho de Dona Cota, daí o apelido, tinha destreza com trabalhos manuais, chegou a fazer crochê com agulha de pau quando menino. Foi ferreiro, carpinteiro, sapateiro, agricultor. O trabalho com o couro começou aos quinze anos. Saiu do

Crato, onde nasceu, e, em 1945, adotou Assaré como moradia.

Autodidata, Joaquim de Cota fazia selas, selins, gibões, cintos de couro de cobra, arreios, bolsas, bainhas para facas, xaréus. Produtos marcados pela minúcia de detalhes que saíram do Ceará para outros Estados do Brasil, e do Brasil para o mundo.

Cioso de seu trabalho, sentia orgulho do que fazia: “De couro, eu faço tudo”.

Depois de sua morte, o genro, Francisco Vieira de Souza, ficou fazendo as selas de couro e seu filho, Antônio Rodrigues, arreios e trabalhos menos elaborados. ★

Mestre

Juca do Balaio

JOAQUIM PESSOA DE ARAÚJO

Mestre em Maracatu

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 30 de janeiro de 1923

FALECIMENTO 5 de abril de 2006



Juca do Balaio nasceu no Cedro. Foi em Fortaleza, entretanto, que se eternizou. Ao ir para a capital e fixar moradia no bairro Jardim América, onde fica a sede do Maracatu *Az de Ouro*, sua história se misturaria à tradição do Maracatu. Foi no *Az de Ouro* que se descobriu balaieiro. Quem o via passar testemunhava uma evolução cadenciada sob o ritmo do triângulo e do tambor, que magnetizava os olhares do público, com sua forma diferenciada de dançar - balaio na cabeça, mãos libertas - barba branca na pele escura, impôs uma dinâmica própria - improvisava e era dono de si mesmo na avenida, aflorando uma liberdade estética que marcou o Maracatu cearense de forma geral. Era ainda compositor e tirador de Loas. Em 1939, participou pela primeira vez do carnaval de rua em Fortaleza, como brincante de Maracatu, integrando o

cordão de índios. Foi também princesa. Por algum tempo desfilou no Maracatu *Rei de Paus*. Em 1970, retorna ao *Az de Ouro*, obtendo reconhecimento popular e contribuindo com sua larga experiência ao folguedo na confecção de fantasias, alegorias e adereços. Mestre Juca foi presidente em duas gestões da Federação das Agremiações Carnavalescas do Ceará. No carnaval de 2006, foi homenageado pela Prefeitura de Fortaleza. Já não desfilou. Do camarote, ao ser entrevistado, deixou um recado: “o agradecimento a todos os brincantes, e que eles mantenham firme o trabalho. O Brasil tem gosto com o balaio”. ✨

Mestre

Seu Oliveira

JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA

Mestre Miniaturista em Jangadas

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Aquiraz (Prainha) – Região do Litoral Leste

NASCIMENTO 25 de setembro de 1925

FALECIMENTO 11 de dezembro de 2013



Seu Oliveira nasceu e se criou à beira-mar, na Prainha, distrito do município de Aquiraz. Conforme a ordem comum da realidade local, seguiu o que deveria ser seu percurso natural. Foi ser pescador, assim como seu pai, e, também como ele, casou-se com uma rendeira.

De pai para filho, a realidade parecia se perpetuar, mas, mesmo de viés, a vida, às vezes, inventa moda. Inventou. Impossibilitado de pescar por causa de comprometimentos com a saúde, seu Oliveira tornou-se artesão.

Daí, o que havia sido uma brincadeira nos tempos de criança, transformou-se em sua principal atividade, aos cinquenta anos de vida. O mestre passou a fazer réplicas de jangadas. Segundo ele, as jangadas eram fabricadas com “cipó de Imbé, que vem do olho da árvore, na mata fechada, onde as cobras cantam”. A Timbaúba, Imburana, raiz de cajueiro eram algumas das matérias-primas utilizadas.

Fazia réplicas de vários tamanhos - entre 10cm e 2m — sendo as mais procuradas as de tamanho padrão — 20 cm. Elas o tornaram bastante conhecido na região.

Segundo Alexandra, a filha que o acompanhava de pertinho, o Mestre das jangadas deu dois cursos com o apoio da Central de Artesanato do Ceará (Ceart). Cinco alunos se organizaram em forma de cooperativa e durante três anos colocaram em prática os ensinamentos aprendidos. Hoje, entretanto, não executam mais o trabalho de fazer as jangadas. Lourena Oliveira Silva, neta de Oliveira, ainda guarda o ofício de memória e até restaurou uma jangada feita pelo avô, embora não faça disso sua atividade de sobrevivência. ★

Mestre

José Renato

JOSÉ RENATO VASCONCELOS DE CARVALHO

Mestre de Capoeira

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 24 de maio de 1951

FALECIMENTO 31 de março de 2021



Eu me chamo José Renato. Sou Mestre. Mestre da Cultura representando a capoeira no Estado do Ceará. Em 1970, eu comecei com essa prática da capoeira, eu já fazia um estudo sobre ela, aqui no Ceará, e, ao mesmo tempo, ensinava educação artística em alguns colégios aqui de Fortaleza.

Eu com idade de 9/10 anos tinha uns primos que gostavam muito de luta, luta marcial, luta de judô, de karatê e que gostavam muito de bater em mim, porque eu era mais franzino. Eu resolvi que tinha de aprender alguma coisa para eu poder me defender. E surgiu a luta da capoeira. Era diferente. Tinha os saltos, os golpes, a música. E esses meus primos eram muito duros para aprender essas coisas. Já eu, era com muita facilidade que aprendia a fazer os golpes e os movimentos da capoeira. Tanto é que a pes-

soa que me ensinou disse logo: você nasceu para ser capoeirista. Isso me empolgou. Tive uma afinidade com a capoeira e não tive com as outras coisas. A ginga, a dança, o corpo, o aspecto afro. A capoeira é tudo isso.

A capoeira do Ceará tinha muita semelhança com o que as pessoas faziam lá fora — no Rio, na Bahia e alguns outros lugares. Achavam que o nosso povo cearense tinha tudo a ver com a prática da capoeira, pela forma artística. E foi se formando grupos de capoeira com outras mentalidades. A capoeira, nessa época de 1970 em diante, no Brasil, foi tomando outra dimensão do estudo. E a gente tinha a maneira de expressar a capoeira como uma cultura nordestina pura.

Aqui no Ceará, eu cheguei a formar três tipos de grupos diferentes. Por que três grupos diferentes? Porque eu viajava muito

atrás de sabedoria pelo Brasil. E a gente sempre estava mudando de estilo. Então, o primeiro grupo que que nós montamos aqui no Ceará foi o grupo Xangô, e depois foi Alma Negra. E deu uma parada exatamente por causa do meu problema de saúde. Mas a gente continua... ainda continua sendo Alma Negra. Quando a gente se reúne para conversar, sempre se fala no último grupo, o grupo Alma Negra.

Eu sabia que o “mundo da capoeira” não era só aqui no nosso Estado, era em vários Estados. E na época dos anos 70, estava realmente a capoeira se expandindo muito. Em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia. Aqui mais para o lado do Nordeste, no Maranhão. Era uma capoeira legítima, era pura. Porque naquele tempo cada um fazia jogo diferente e se praticava diferente. O Rio de Janeiro era uma prática, São Paulo era uma prática, Minas Gerais era outra prática. É por isso que ainda hoje em dia a capoeira está quase sem ninguém entendê-la. Porque cada mestre tem uma filosofia diferente. De forma pura, só existe algumas. E ainda hoje se discute muito a originalidade da capoeira aqui no Brasil. Ninguém sabe. Onde eu acho que tem a legitimidade chama-se Rio de Janeiro, Bahia, Maranhão. São capoeiras que a gente nota que puxa mais a cultura afro.

Uma coisa que as pessoas sempre diziam era que a capoeira tinha tudo a ver com o povo cearense. Por causa das acrobacias. Por conta desse lado circense. O cearense tem esse lado circense muito forte. Não tinha muito negro aqui, mas tem esse lado circense. Uma mistura que trouxe esse aprendizado mais fácil da capoeira. Dessa facilidade que a gente tem de gingar, de saltar. Eu digo isso porque já andei no Brasil inteiro e em outros lugares, no exterior, onde se pratica a capoei-

ra. A gente salta bem e a gente interpreta bem o papel de capoeirista.

A capoeira fala divinamente bem sobre o negro, sobre o que o negro pode fazer. Sobre essa maneira de apresentar a cultura afro. E por ser um esporte genuinamente brasileiro, que puxa do negro e da sua cultura. É uma mistura do folclore, da luta, da dança.

Na minha época, era muito difícil você jogar capoeira, porque existia um preconceito terrível. Mas eu sempre fui uma pessoa que eu nunca liguei para esse tipo de coisa, nada me incomodava. Se eu era negro, se não era. Eu gostava era de fazer os movimentos que eu fazia. Então, para mim, esse preconceito nunca me incomodou. Eu fui aprendendo e ainda hoje eu vivo aprendendo. Porque a capoeira você passa o resto da vida aprendendo e nunca vai aprender tudo. Ela tem sempre algumas coisas que vai fazer você estudar mais para ter realmente noção do que está fazendo. E eu sempre andei muito, porque eu tinha necessidade de aprender mais.

Quando eu fui escolhido Mestre, houve uma celeuma porque eu já tinha tentado três vezes e não tinha conseguido. Exatamente por conta de que a mesa julgadora achava que capoeira não era cultura. Não era cultura como se previa como cultura popular. E foi preciso a gente fazer altos estudos sobre o que a capoeira representa, em matéria de cultura. E foi daí que a gente convenceu a banca julgadora. E como eu era o primeiro do Ceará, aí eu fui escolhido. Mas deu trabalho, por conta disso.

Eu concorri porque eu achava que o Ceará merecia ter o Mestre de capoeira escolhido como Mestre de Cultura, porque faz parte. A capoeira no Ceará tornou-se cultural porque quase todo bairro tem capoeirista, tem grupo de capoeira. Então ela merecia ter um repre-



sentante como o Mestre da Cultura. Não era ganância minha ser Mestre da Cultura.

E para ser mestre de capoeira ou da cultura popular você tem que ser realmente um mestre daquele ofício, para você se aceitar mestre. Tem que realmente se sentir forte e destemido. Sentir que aquela representação lhe convém.

É muito importante ter um representante de cada área, principalmente da capoeira, que envolve a nossa cultura brasileira. Por isso que eu acho importante que houvesse essa representação do Mestre da Cultura como legítimo representante da cultura afro-brasileira. ✱

Mestra

Zefinha

JOSEFA PEREIRA DE ARAÚJO

Mestra em Rede de Dormir em Renda de Bilros

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 18 de novembro de 2013

CIDADE-RESIDÊNCIA Potengi – Região do Cariri

NASCIMENTO 15 de setembro de 1943

FALECIMENTO 2 de agosto de 2020



Eu me chamo Josefa Pereira de Araújo. Nasci em Juazeiro do Norte e, com 14 anos, cheguei nesta terra: Potengi. Com nove anos de idade foi que eu comecei a fazer renda. Aprendi vendo minha mãe trabalhar. Ajudando ela. Se eu tinha alguma dificuldade, eu perguntava a ela e continuava. Aí, com nove anos eu comecei a trabalhar sozinha.

Comecei a trabalhar com bilros e uma linha diferente, que é a linha Anne. E comecei a fazer renda pra ver se ganhava um pouco de dinheiro pra ajudar nas despesas. Pra me manter nunca deu, não! Mas sempre me ajuda um pouco.

Quando eu fui escolhida Mestra, fiquei muito feliz. Graças a Deus!

Eu saía na cidade para alguma compra, resolver uma coisa... Ah! Era muito aplauso! Mudou o conhecimento, o prazer das pessoas

me receberem. Também me chamam pra representar a cultura da cidade nos colégios, nos eventos e, às vezes, vêm os alunos conversar comigo sobre o que faço, pedir ajuda para fazerem alguns trabalhos da escola, sobre este ofício de fazer rendas. Já teve até uma quadrilha de um colégio homenageando a mim, depois disso. Só que também teve quem não entendeu. Disseram: mas mulher, por que tanto aplauso depois de já tão... velha? É televisão, é rádio, é o povo na rua, tudo, por causa das rendas... Aí eu disse: é, eu me sinto feliz por isso, mesmo sendo velha, tão velha, mas foi a minha vez de chegar a esse ponto. Talvez, se eu fosse nova, eu não tivesse conseguido ser mestra. Por isso eu me sinto orgulhosa, assim de bom gosto. Porque todo mundo me reconhece, todo mundo me dá parabéns, ficam feliz comigo.





Eu trabalho na almofada grande porque, se for na almofada pequena, com essa linha mais grossa, fica difícil. Tem que tirar fora, tem que botar novamente. E na almofada grande é direto, só trabalhando. Até terminar. Antigamente, em dois meses eu fazia uma rede de renda. Mas hoje sei que não faço mais não! Depois que eu adoeci, sempre quem termina é a minha filha mais nova, que eu não dou conta, fico sem tempo para terminar. Minhas filhas aprenderam também com mamãe. Já dei alguma explicação. Quando me pedem explicação, eu ensino. Mas ensinar do começo ao fim, eu não ensinei não!

Eu sento em frente à almofada e vou trabalhar porque gosto. Gosto... eu fico lá na luta da casa, entre uma coisa e outra... aí, quando em vez, eu paro um pouco e vou pra almofada. Faço redes, colchas de cama, passarelas de mesa, de geladeira, faço várias coisas. A gente cria, e são poucos modelos, porque não tem como melhorar. Tem que ser poucos modelos.

Trabalhar na almofada com renda é uma distração da memória. A gente vai sentindo que, trabalhando, vai conseguir desenvolver alguma coisa nova. Isso é bom! E é tudo contado, é igual a marca de bordado, tudo contado: dois fios pra cá, dois pra cá. E vai indo. Se tem uma porção de linhas: tantas linhas pra aqui, pra poder formar o quadro. É bom! Mas a gente pensa muita coisa. Mas não pode pensar muito pra não esquecer do serviço. Quando eu estou trabalhando na almofada, eu me sinto bem, tô entretida, trabalhando, tô contando, tô olhando se está certo. Às vezes eu erro e vou procurar o erro. É um bate-cabeça, quando eu vou procurar o erro. Mas é muito bom, eu gosto! Gosto de trabalhar! ✨

Mestre

Joviniانو

JOVINIANO ALVES FEITOSA

Mestre Santeiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Crateús – Região dos Inhamuns

NASCIMENTO 5 de fevereiro de 1913

FALECIMENTO 21 de dezembro de 2006



Mestre Joviniano era neto de santeiro. Aprendeu a esculpir vendo o avô trabalhar. Suas peças guardam um estilo minimalista, são econômicas no entalhe, o que evidencia um preciosismo e delicadeza na arte da qual era mestre.

Joviniano não tinha oficina, trabalhava em casa, sem ajudantes ou auxiliares. Não deixou seguidores e não fez escola. Raimunda Gomes da Silva, Dona Preta, sua viúva, guarda em casa poucas peças do marido. Por seu grau de perfeccionismo, todo o processo de esculpir uma imagem era executado apenas por ele. Comercializava suas peças de porta em porta, viajando por outras cidades. Os santos que esculpia tinham uma relação direta com sua religiosidade. Traduziam uma sintonia entre fé e trabalho. Tanto é que Joviniano tentou também ser maleiro

e, embora, por algum tempo essa atividade garantisse seu sustento, sua devoção e seu prazer em esculpir santos falaram mais alto. Foi, a esse ofício, mesmo com dificuldades nas vendas, que se dedicou inteiramente. Mestre Joviniano, apesar da preferência por São Francisco, de quem era devoto, esculpia santos diversos. O que não se modificava era a aparência que Joviniano conferia a cada um. Para o Mestre, era o traje de cada santo a característica que deveria ser mantida. Já as dimensões variavam de acordo com o tronco da Umburana — madeira que ele utilizava em suas imagens. ✨

Mestre

Luciano Carneiro

LUCIANO CARNEIRO DE LIMA

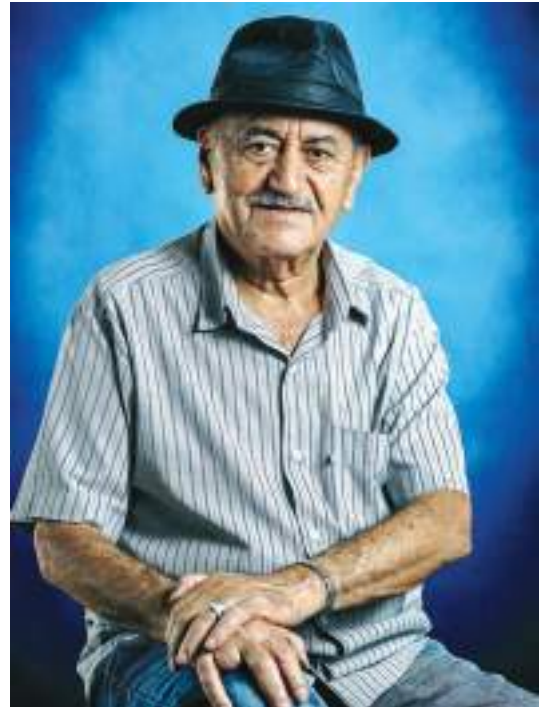
Mestre Cordelista e Tipógrafo

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 7 de janeiro de 1942

FALECIMENTO 23 de julho de 2020



Meu nome completo é Luciano Carneiro de Lima. Nasci no município de Teixeira, no Estado da Paraíba. Cheguei aqui no Crato em 1958, com 16 anos de idade, ainda adolescente. Trabalhava de agricultor. Ainda hoje eu me considero um agricultor porque tenho um amor imenso pela terra, pelas lavouras, e sou poeta desde pequeno. Quando eu tinha 10 anos de idade, eu já fazia um versinho completo, metrificado, já entendia um pouco. Fui cantador de viola um tempo. Não segui a profissão porque casei novo, e não dava certo mulher com viola. Minha mulher não queria, aí eu deixei.

Eu morava num sítio no município do Crato e, em 1975, cheguei na cidade e fui trabalhar. Em 1991, fui convidado para fazer parte da Academia dos Cordelistas do Crato, por Elói Teles de Moraes — de saudosa

memória. Ele era um ícone da cultura do Cariri ou do Nordeste. E fui aceito logo de entrada; fui o primeiro convidado e fiquei até hoje desenvolvendo meu trabalho. Em 2008, recebi o título de Mestre da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará e estou aqui nessa caminhada defendendo a cultura, principalmente essa parte do cordel. Tenho me dado bem com a sociedade, com os amantes do cordel e da cultura em geral. Tenho muito o que agradecer a Deus porque eu vim lá do pó da terra e estou aqui representando a cultura. Fico feliz quando as pessoas me procuram pra gente falar um pouco da minha arte. Eu não sou um profissional que viva disso, mas hoje já vivo um pouco, devido ao título de Mestre da Cultura, que só veio somar na minha vida, melhorar um pouquinho a minha condição

financeira, porque entra um salário a mais. A gente agradece isso ao Governo e aos homens de boa vontade que me inscreveram, fizeram isso por mim e eu cheguei lá. E hoje a minha vida é essa. Isso é gratificante. Honra a gente, a família da gente e completa muita coisa na vida.

Aprendi cedo a ler e o que eu li mais no mundo foi cordel, porque meu pai, toda feira que ele ia, ele trazia um verso. Naquele tempo não chamava cordel, chamava era verso. Ele chegava e dizia: trouxe um verso aqui pra nós. Depois que jantava, botava um candeeiro num canto, sentava num cepinho de pau, um banquinho improvisado de madeira no meio da sala, e a gente sentava no chão — eu e meus irmãos — e ele ia ler pra gente. A gente achava interessante, ria, decorava algumas estrofes. E eu desenvolvi, aprendi alguma coisa — que ele não me botou na escola — com ele mesmo, lendo cordel. E, com dez anos, o meu pai me disse: esse menino aí é poeta. Inclusive, nós somos uma família em que a maioria tinha esse dom. Uns despertaram mais, outros menos. Foi um mal que pegou na família, se é que isso é um mal, mas não é, não! É uma bênção!

Eu desenvolvi mais porque me interessei mais. Cheguei a despertar o interesse da

sociedade, dos líderes dessa cultura popular, como Elói Teles, que achou que eu tinha futuro. Eu tive algumas vezes conversando com o mestre dos poetas, que era Patativa do Assaré, e ele me alentou muito. Ele disse: você tem futuro, você é um poeta bom. Acredite nisso! E eu acreditei. Não sou esses bons mas, tô aqui, graças a Deus. Ninguém cancelou as minhas produções.

A inspiração... Deus dá o dom e a inspiração com certeza é ele quem dá também. Mas a inspiração não é uma coisa constante. Não é todo momento que o poeta está preparado para escrever. Infelizmente, muita gente pensa isso e diz: ele é poeta, é só dizer e ele desenvolver... Não é assim. Tem um processo de você esperar a inspiração. Tem de recorrer aos astros pra poder a inspiração vir e você fazer um trabalho bom, um trabalho que dê lucro pra todo mundo, compense pra quem escreveu e que compense também para o leitor que lê e que se agrada. Por isso, é preciso um certo processo, demorar um pouco, sonhar com isso... Chama-se o momento certo. Quando a gente recebe naturalmente uma visita da inspiração tenha certeza que sai uma coisa boa. Mas os poetas são muito requisitados para fazer cordel de encomenda, falar disso, falar daquilo. Isso é uma preo-

cupação para o poeta porque ele vai fazer os versos muito preocupado se vai condizer com a pessoa que quer, se tá certo ou se não tá... O certo mesmo é que a gente, que é o poeta, faz do jeito que der. Se a inspiração vier, a gente faz, se não vier, faz também. Não fica é bom, mas faz. Se tem o dom de poeta, sabe como é, faz.

O poeta é um poeta, não é um professor. Aqui no Brasil, nunca ouvi falar que tem uma universidade, uma faculdade para ensinar o cara a ser poeta, só se for no exterior... Existe? Não tem. A gente pode fazer isso: dá oficina, orientar, dá a metodologia, dá o verso metrificado, a estrofe com quantas linhas ou com quantos versos. Falar que tem estrofes a partir de quatro linhas, que se chamam trovas. Dizer que tem a sextilha, a septilha, feita de sete linhas; tem a oitava feita de oito linhas e a décima, de dez versos, de dez linhas. E que em cada uma tem vários estilos. Na linha cumprida, na décima linha cumprida, que é do decassílabo, tem o martelo-agalopado, tem o galope à beira-mar. Tem vários estilos.

Então fica muito difícil — se a pessoa não tiver o dom — se formar um poeta. Nunca vi um poeta formado, com diploma de poeta, dizendo: me formei na faculdade, aprendi

lá. Você se forma engenheiro, médico, tudo no mundo. Mas poeta, não! E eu não sou formado e sou muito conformado por isso. Como era que eu ia me formar poeta se não ia concluir o curso? Eu acredito que a poesia é o dom mesmo. A gente escuta isso. Agora... todo brasileiro tem condição de escrever um versinho, devagarinho e olhando outro. Mas eu digo que é uma coisa forçada e inventada. Diferente do poeta que tem o dom, que cria, que faz. É diferente. E eu também acredito que se tivesse aonde ensinar o cara ser um poeta, a maioria do povo era poeta, porque todo mundo quer ser poeta, inventar de dizer um verso... Eu tenho participado de muita coisa na região, e até fora da região, para mostrar o meu trabalho. Os temas são variados. No meu trabalho eu já desenvolvi muitos temas: meio ambiente, religião, política. Eu digo que o poeta deve se preocupar com a poesia e com a imagem dele. Eu sou um poeta brincalhão. Eu tenho muito trabalho cômico, para ser dito na hora certa e no lugar certo.

O cordel foi uma inspiração para a leitura. Grande parte dos nordestinos aprenderam a ler lendo o cordel, e mesmo assim ele esteve ameaçado de extinção na década de oitenta. Ele teve bem fraco, falaram que ia acabar, desaparecer. Mas ele não desapareceu, to-



mou um novo impulso. Aqui no Nordeste, foi a Academia dos Cordelistas do Crato que deu uma injeção na veia do cordel e, a partir disso, o cordel cresceu. Não é mais como antes, porque hoje a tecnologia avançou e interrompeu, não só o cordel, mas muitas coisas. Por exemplo: tem muita gente que desprezou o rádio e se liga só na televisão. Outros não estão mais se ligando na televisão porque querem a internet. Uma coisa sempre vai atingindo a outra. Graças a Deus que o Cordel se restabeleceu e está sendo muito requisitado, e a gente tem a esperança que ele vá melhorar. Já hoje, ele é citado em sala de aula, tem uma lei que obriga isso. E é animador para os cordelistas, para os poetas. Eu acredito que a fase pior para o cordel já passou. O cordel entrou de novo na linha... Eu vejo, aqui no Cariri, nós somos requisitados. Não sei qual foi a escola que eu não já estive aqui no Crato. Quando não sou eu, é outro colega da Academia, dando oficina, fazendo recital. Mostrando o valor

do cordel. Acredito que o cordel no Nordeste é uma coisa necessária.

O mestre é o que sabe, diz e faz. Eu sou mestre da cultura porque eu digo que sou poeta e provo com o meu trabalho, fazendo. Eu digo e faço. Tinha um tempo que eu chegava sozinho na Academia, ia pra sala das máquinas, com o material, ligava as máquinas, fechava as portas e saía com um cordel feito por mim, sozinho. Hoje eu não faço mais porque a saúde não dá, mas sou mestre da cultura por isso. O trabalho foi avaliado e disseram: esse rapaz aí diz e faz. E a nossa responsabilidade é passar nossos saberes para os outros e isso eu faço. Não garanto é que o cara aprenda e saia poeta dizendo: foi seu Luciano que me ensinou. Por favor, não me levante esse falso! ★

Mestre

Bigode

MANOEL ANTÔNIO DA SILVA

Mestre em Maneiro-Pau e Bacamarte

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 4 de julho de 1923

FALECIMENTO 12 de agosto de 2017



Meu nome é Manoel Antonio da Silva e nasci e me criei no Iguatu. Sou filho natural de meu pai e minha mãe, José Antonio da Silva e Maria Luiza da Conceição. Eu comecei esse meu trabalho com 11 anos de idade. Quando eu tinha nove anos, nós viajamos de Iguatu para o Pará, para a Amazônia. Em Santarém, no Pará, nós moramos três anos. Lá, meu pai, junto com meus irmãos, juntavam defunto na rua, que os índios matavam bêbados com a água do cipó timbó.

O povo me chama de Bigode porque eu com idade de 12 anos já tirava a barba e deixava o bigode. E já tinha cabelo branco. Toda vida eu fui velho! O apelido de Bigode quem deu foi o barbeiro, mesmo. Tirando a barba dizia: o cabra com 12 anos já tem bigode. É Bigode, mesmo! Aí pronto, pegou, enraizou.

Eu não sei do “A”. Meu pai e minha mãe estavam gastando dinheiro comigo na escola, e eu não ia... Eu saía de casa dizendo que ia, mas, quando eu chegava no caminho, eu pegava uma lata de doce de goiaba e inventava que era um pandeiro... Aliás eu tenho três pandeiros, cada qual o mais bonito... Aí eu ia cantar embolada... eu fazia a minha embolada e a embolada do meu companheiro.

Depois eu pensei: eu vou inventar um maneiro-pau. Eu tenho meus cangaceiros e eu vou inventar meu maneiro-pau. Aí, eu inventava: digamos que aqui é um pé de pau e eu tô debaixo sozinho e Deus... Aqui, eu tô fazendo meus repentistas, meus motes de cantar, tô falando com cada um do meu grupo — mesmo sem ter nenhum... eu sou Lampião e ali é o acampamento dos meus cangaceiros. Cada um com uma tora de pau



do tamanho de um bacamarte... Eu fazendo meu pensamento, né?!

No momento que eu comecei o maneiro-pau, comecei o bacamarte. Mas isso eu sozinho e Deus, lá debaixo do pé de pau. Tudo isso fiz só.

A peça de Maneiro-Pau não é só a gente cantar. A peça do maneiro-pau é o respondimento.

O primeiro chamado para brincar foi na época de sessenta. Fui chamado para representar Juazeiro em Fortaleza. Aí eu fui. No trem eu ia cantando mais os brincadores. E disse: “olhe, nós vamos para Fortaleza, vocês escutem bem, prestem bem atenção o dom de cada um”. Eu disse: “vamos para Fortaleza, vou arranjar um respondimento para vocês...” Porque a peça do Maneiro-Pau é respondimento...

Aí, eu imaginei: Eu vim aqui visitar Fortaleza/e ver as belezas das ondas do mar.

O respondimento dos brincadores é: vou chegar, já cheguei, tô chegando/o povo perguntando onde eu vou brincar.

Foi nessa viagem que eu vi o mar.

O meu grupo de bacamarte é Batalhão Padre Cícero, que o batalhão é o mesmo que brinca os cacetinhos, os paus de jucá do maneiro-pau. E o bacamarte é meu apito. Quando eu apito, é uma rajada. Pra gente sair com convite, eu junto os brincadores, dou uma treinada neles, que é pra ninguém errar. Porque se erra nesses cacetes, eu erro na cantiga. Se eu erro na cantiga, eles erram no cacete. Tem de ser uma coisa certa.

E essa brincadeira minha foi toda vida! Minha brincadeira foi formada por mim. Eu não devo a professor, que eu não sei do “A”.

Não devo a mestre nenhum, a não ser Deus e meu Padim Ciço e Nossa Senhora das Dores e meu São Francisco das Chagas, que são meus santos que eu abraço. Aí, pronto... taí minha brincadeira.

Pra mim, ser Mestre é... o sujeito, mesmo que não saiba ler, tenha educação e sensibilidade de tudo quanto ele arranjar pra ele colocar naquele trabalho e o povo gostar. Eu tenho muito prazer porque eu posso dizer que eu sou Mestre, feito pela natureza. Porque não sei ler, não sei contar, não sei escrever... E os mestres que sabe ler, tudo vieram aqui em casa me pedir uma explicação quando é para eles fazerem uma apresentação. Aí, eu me sinto satisfeito e quero bem ao meu trabalho e a todos que gostam de mim. Mas olhe, a pessoa ensinando tudo o que sabe, termina sem saber nada! Eu sou o seguinte: eu não ensino a muitos, porque aqui tem é mestre intrigado porque vocês estão assim, assim comigo e não com eles. E ser mestre é ser mestre!

Eu não tava sabendo para o que era, quando foi pra eu ser contemplado Mestre. Chegavam as pessoas lá em casa, me pegavam pra eu contar minha história... e eles me filmando, sem me dizer para o que era. E tanto, que a vida de mestre, de ser mestre é como uma linha que contém minha vida todinha. Eu contei sem saber para o que era. Aí, depois eles vieram aqui em casa e disseram: Mestre, tem um convite para você receber um prêmio lá no Crato. Mas você tem de levar o grupo. E eu disse a meus brincadores: tal dia, nós vamos para o Crato. Chegamos lá no Crato e estavam o Governador Lúcio Alcântara, Gilberto Gil, e um bocado de governador.

Eu, Raimundo Aniceto, Mestre Aldenir... recebemos a comenda. E pediram a cada um pra dizer uma poesia. Eu botei a mão

no ombro do Governador e no ombro de Gilberto Gil, e disse: "Doutô, inda hoje eu tenho lembrança/do meu tempo de rapaz/ faço coisa sem escrever/que o senhor escreve e não faz/é coisa do meu dom/e o mundo veio ficar bom/depois que eu não presto mais"!

E hoje, eu chego numa repartição, eu vou na rua e, quando dou fé, é aquele mói de estudantes, moças me pegam e dizem: mestre uma foto comigo aqui... É nas lojas.. é tudo desse jeito... Antes eu procurava a cultura e ela se afastando de mim. Aí, com o Diploma de Mestre, de Lúcio Alcântara para cá, eu é quem já estou me recusando, porque a cultura me quer e eu não tô quase podendo mais, porque, 92 anos de idade, não é moleza! Para um cara que começou com 11 anos de idade! ✨

Mestre

Manoel Graciano

MANOEL GRACIANO CARDOSO DOS SANTOS

Mestre em Escultura em Madeira

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 18 de julho de 1926

FALECIMENTO 9 de julho de 2014



A arte de Manoel Graciano brota como natureza viva. De troncos de umburana, ele fazia eclodir um universo mítico.

De artesão de peças utilitárias (pilões e gamelas) do início de sua trajetória, tornou-se um artista singular. Suas peças — talhadas em madeira bruta — serpentes, jabutis, sapos, homens híbridos, mulheres grávidas, sereias, reisados, bandas cabaçais, presépios —, são sempre únicas, evidenciando a recusa do Mestre em se repetir. De tamanhos diversos, os tons fortes do vermelho, roxo, azul, amarelo as tornam ainda mais surpreendentes ao olhar. De onde surge tanta variedade de formas e de cores? O Mestre dizia que “isso aí sai tudo da minha cabeça, essas naturezazinhas”... e completava: “às vezes, faço uma peça que o camarada não sabe o que é, pergunta, e eu não sei dizer; sei que

está feita, mas não sei o nome, porque nunca vi esse bicho no mato, em canto nenhum”.

Nascido em Santana do Cariri, Mestre Graciano morava em Juazeiro do Norte. Trabalhava no quintal de casa com o auxílio de sua esposa Cícera, que pintava suas peças. Dois filhos seus — Francisco Graciano Cardoso — Mouzinho — e Cícero Ferreira — Cicinho — além de dois netos, Francisco Ednaldo Ferreira Cardoso e Geovane Cardoso, também enveredaram pela arte de esculpir e continuam se dedicando a esse ofício. Graciano fazia questão de afirmar que não havia ensinado nada aos filhos, que a observação devia ter feito o seu papel. No entanto, um conselho ele dava como a regra básica para se aprender essa arte - a serenidade: “não se abuse, se ficar abusado, não vai aprender nunca”. ✨

Mestra

Assunção Gonçalves

MARIA ASSUNÇÃO GONÇALVES

Mestra em Pintura, Culinária e Renda

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 1 de junho de 1916

FALECIMENTO 19 de maio de 2013



Assunção era uma artista autodidata. Iniciou-se na pintura ainda jovem. Ela mesma fabricava suas tintas, dissolvendo papéis coloridos de seda em tampinhas de cerveja com água; assim como os pincéis, feitos com penas de galinha. Depois começou a utilizar aquarela e passou para óleo sobre tela. Foi educadora de escolas públicas de Juazeiro e também professora desenho e pintura para jovens. Parou de pintar, por recomendação médica, em decorrência de uma alergia que as tintas lhe causavam. Mas continuou exercitando suas habilidades artísticas através da culinária. Fazia bolos e confeitados que enchiam os olhos e aguçavam os paladares dos que tinham o prazer de degustarem tais iguarias. Fazia ainda trabalhos em renda de bilros.

Conviveu com o Padre Cícero em sua fase de adolescente e dele guardou muitas recordações que contava para as novas gerações.

Muito dedicada à igreja católica, Assunção teve uma grande inserção na vida da cidade e era considerada uma memória viva de Juazeiro. Entre os seguidores de sua arte estão os artistas plásticos Marcus Jussier, já falecido, Daniel Filho e Elizieldon Dantas. ★

Mestra

Dona Maria do Carmo

MARIA DO CARMO DOS REIS FELÍCIO

Mestra em Remédios Caseiros

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Alto Santo – Região do Vale do Jaguaribe

NASCIMENTO 18 de julho de 1928

FALECIMENTO 19 de abril de 2012



Dona Maria do Carmo era de Alto Santo. Município da microrregião do Baixo Jaguaribe, território onde habitaram diversos grupos de índios. Dona Maria não era letrada, não sabia ler nem escrever, sua sabedoria era outra. Um conhecimento que podia aliviar dores e sofrimentos do corpo e que advinha da tradição indígena da cura pela natureza. Através do uso de plantas, que ela mesma cultivava no quintal de casa, com o auxílio da irmã Dona Francisca, fabricava um lambedor que era mais eficaz no combate às doenças respiratórias e pulmonares do que os vendidos nas farmácias locais. Ela fabricava outros

remédios caseiros. Fez fama e, mais do que isso, fez o bem às pessoas que a procuravam. Hoje, na casa onde moravam as irmãs Maria e Francisca, apenas há resquícios, poucas lembranças, de um ofício que rendeu a Maria do Carmo o título de Mestra da Cultura. ✨

Mestra

Dona Nice

MARIA DE CASTRO FIRMEZA

Mestra em Bordado e Culinária

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Fortaleza

NASCIMENTO 18 de julho de 1921

FALECIMENTO 13 de abril de 2013



O bordado de Dona Nice mais parece um encantamento. Bordado em cores variadas, que ela aprendeu escondido da mãe no patronato de Aracati, cidade onde nasceu, fundado para educar meninas ali do lugar. Fez dele uma arte. Livre, único a cada invenção. Sem obedecer a uma série, seu trabalho não se repetia nos modelos que criava. Bordava o que lhe vinha à mente e para um público seleto de amigas que incluía artistas, profissionais liberais, professoras. As amigas e também alunas costumavam encontrarem-se aos sábados para conversar, e bordar com ela. Esses encontros viraram uma tradição e, sob o nome de Encontros com o Baobá, o Minimuseu Firmeza, abrigado na casa onde Nice e seu marido

Estrigas moraram, sedia ainda hoje, a roda de bordados com Quintela, Evelúcia, Maria, Terezinha Farah, Lúcia Ferreira, Efe Rola e quem mais chegar. É importante ressaltar que o Minimuseu Firmeza, fundado por Nice e o marido, artista plástico assim como ela, em 1969, constituiu-se num espaço onde acontecem projetos relacionados à arte, diversas atividades direcionadas para crianças e feiras criativas. O Minimuseu tem um acervo de mais de 500 obras, incluindo alguns de seus bordados, caixas de linhas e agulhas, fotografias e o próprio ateliê da artista. Das artes plásticas, ela foi pioneira no Ceará. Ingressou na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), em 1950. Nice ainda era mestra em doces e bolos. ✨

Mestra

Dona Deusa

MARIA DEUSA E SILVA ALMEIDA

Mestra em Lapinha, Coroação de Nossa Senhora

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 23 de outubro de 2015

CIDADE-RESIDÊNCIA Assaré – Região do Cariri

NASCIMENTO 8 de março de 1926

FALECIMENTO 7 de março de 2016



A proximidade de Dona Deusa com os ritos religiosos começou quando a mestra ainda era criança. Com oito anos de idade, ela ajudava o padre de sua paróquia na ornamentação do altar da igreja e tinha a confiança dele para levar seus recados aos fiéis. Com o passar do tempo, sua fé católica a impulsionou em direção à função de catequista e de diretora da Paróquia de Nossa Senhora das Dores. A mestra era também professora e, na zona rural de seu município, organizava a primeira comunhão dos alunos. No mês de maio, ela se dedicava à Coroação de Nossa Senhora — uma tradição em que a imagem de Maria peregrina por residências e bairros da cidade de Assaré e culmina com a procissão no dia 13. Na praça, em frente à casa de Dona Deusa, ela produzia sempre uma encenação da aparição da Mãe de Jesus.

No final de novembro, a mestra montava o presépio natalino em sua casa. A partir daí, segundo sua filha Deusimar, “ela se sentia motivada e já começava a tirar a lapinha”. Os palcos das apresentações eram o pátio da Capela de São Francisco e o interior da igreja Matriz. Cerca de cinquenta crianças e adolescentes faziam parte do grupo, que defendia as cores azul e vermelho.

Dona Deusa, nos últimos tempos, já com problemas de saúde, não estava mais à frente das tradições que marcaram sua vida. Mas sob a coordenação da Mestra, Maria Ozenira Rodrigues Prudêncio — Dona Bibita — sua cunhada, mantinha a tradição da lapinha. Deusimar ainda crê que Bibita irá dar continuidade ao trabalho de sua mãe. ✨

Mestra

Dona Edite

MARIA EDITE FERREIRA MENESES

Mestra em Rede de Travessa

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 16 de maio de 2005

CIDADE-RESIDÊNCIA São Luís do Curu – Região do Vale do Curu

NASCIMENTO 19 de março de 1952

FALECIMENTO 6 de setembro de 2022



Eu me chamo Maria Edite Ferreira dos Santos. Eu trabalho com rede de travessa, moro em São Luís do Curu e sou Mestre da Cultura.

Eu aprendi esse ofício com uma prima minha, Alzira. Ela mora em Itarema. Eu tinha dez anos de idade, era bem menina... e menina quer mesmo é brincar. Eu brincava muito, mas aí Alzira chegou lá em casa e disse pra minha mãe: Cumade Rosa, vamos botar essas meninas pra trabalhar! E a mãe perguntou: em que elas vão trabalhar? Rede! — ela respondeu — Eu faço rede e eu vou botar elas pra trabalhar em rede. Foi aí que gente foi trabalhar com ela, e pronto. Começou. Aprendi com essa prima. Ela achava a gente muito preguiçosa, brigava, brigava, mas arrastava todas pro trabalho. E foi desse jeito que eu aprendi, ela quem me ensinou. Depois que eu aprendi, e passei a fazer rede

por minha conta, pra mim mesma, foi esse trabalho que veio a ser meu ganha-pão.

Quando eu fui diplomada mestra da cultura, fiquei muito feliz. Por ser mestra da cultura, aconteceu que tem gente, mesmo aqui no Curu, que não gostou, não deu valor. Acho que é assim em todo canto. Tem sempre alguém que fica meio com ciúme. Muitos nem olham direito o que eu faço, não dão nenhuma atenção. É assim que eu sinto. Mas para mim, ser Mestre da Cultura é uma grande alegria! E, como mestra, eu tenho muito prazer em repassar o que eu sei para outras pessoas.

Essa escolha fez o meu trabalho ter sido reconhecido. Com isso, meu capital aumentou, o trabalho também aumentou. É por isso que eu me sinto muito contente. Porque o trabalho vivia preso, abafado, não saía muito, não vendia. Aí depois que o Governo me deu

esse diploma, depois que fui reconhecida, esse trabalho, que eu já fazia há bastante tempo, teve muita saída.

Pra fazer a rede de travessa, a gente usa uma tabuleta, três pares de bilros e 12 tubos de linha. São seis pra armar o pano, dois pra fazer o punho e dois pra fazer a varanda, e o que sobra é pra fazer os acabamentos. São três pessoas que vão tecendo pra fazer a rede. Usamos uma tabuleta, bilros, a grade de travessa. A tabuleta e o bilro são pra tecer. Às vezes, demora a terminar, porque como são três pessoas que trabalham, a gente começa a conversar, a se distrair, nem se dá conta do que está fazendo, cantando, contando história, piadas, e assim o tempo vai levando. Faço redes por encomenda e faço também para vender avulso. Minhas encomendas são, na maior parte, para fora do Ceará. E quando há encomenda, quem pede diz a cor. Quando faço pra eu vender eu mesma, por conta própria, eu faço da cor que eu quero.

Depois que eu fui reconhecida pelo Governo, meu produto ficou mais vendável, tem mais saída pra fora. Eu tô falando isso de novo, por que é importante pra mim. Eu tô ganhando mais, porque, como ficaram reconhecendo meu trabalho, ele passou a ter mais valor.

Como eu estou repassando essa tradição, ela vai ter mais pessoas que vão aprender e vão continuar a fazer a rede. Então, se depender de mim, é uma tradição que vai permanecer, porque eu ensino — a minha irmã já aprendeu. Os meus netos estão aprendendo. Eu ensino até as minhas amigas e, assim, nunca vai deixar de ter gente pra tecer as redes, nunca vai parar, vai ter sempre gente para fazer, para continuar. E me sinto muito bem em ensinar e tenho muito prazer de ensinar pra todo mundo. ✱





Mestra

Maria Cândido

MARIA DE LOURDES CÂNDIDO MONTEIRO

Mestra em Artesanato em Cerâmica

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 11 de fevereiro de 1939

FALECIMENTO 11 de março de 2021



Eu me chamo Maria de Lourdes Cândido Monteiro. Eu nasci em Pernambuco, me batizei em Jardim e me criei em Juazeiro do Norte. Meus pais viviam diariamente trabalhando aqui, ali e acolá, e a gente sempre na companhia deles. Pra onde eles iam, a gente tinha de acompanhar. Findamos ficando aqui em Juazeiro. Eu cheguei aqui com seis meses de vida — e aqui estou vivendo. Morava no sítio Campo Alegre. Tinha meus filhos e o trabalho de meu marido, que não dava para criar a família. Então, eu pedia muito a Deus um meio de vida, pra gente criar nossos filhos. Um trabalho pra mim, que eu pudesse ajudar meu marido João.

Ele trabalhava, recebia o dinheiro e eu vinha pra fazer a feira, comprar pote, panela... Então, meus filhos que vinham comigo, pediam aquelas panelinhas miudinhas pra brincar de guisado. Eu não podia comprar, que

o dinheiro não dava. Se fosse comprar brinquedo pra eles, faltava pro pão. Um dia, voltei pra casa com eles e a gente morava próximo do barreiro onde o gado do finado Alencar bebia água. Eu peguei o barro, preparei o barro e fiz o brinquedo pros meninos. Nesse tempo Ciça, Maria, Francisca e Luís.

Aí eu fiz os brinquedinhos: panela, fogão, pote, xícara... essas coisinhas pras três meninas, e pra Luís, eu fiz cachorro, jumentinho carregando água, burrinho com lenha, vaqueirinho em cima de um animalzinho. Eles foram brincar e eu cuidava da casa e cuidava da roça. Quando terminou o inverno, que acabou as colheitas, eu mandei João comprar uma lata de barro. Ele comprou, eu fiz as peças, fiz um forminho pequeno, queimei. Comprei a tinta, pintei. Levei pra os armazéns. Aí viram, se interessaram, compraram as amostras e enco-

mendaram mais. Então, no mercado grande de Juazeiro duas pessoas me encomendaram peças. No mercado do Pirajá, foram três pessoas. Por aí, eu comecei trabalhando com o barro.

Foi uma bênção, foi uma luz de Deus nas nossas vidas esse trabalho! Porque quando meu marido parou de trabalhar, nós sustentamos a família a custa do trabalho do barro. Ajudei muito meu marido, como ainda hoje ajudo, graças a Deus.

Quando a gente morava no bairro Tiradentes entregava as peças na cooperativa que ficava no mercado grande. Lourdes Batista era quem estava à frente dessa cooperativa, que virou o Mestre Noza Centro de Cultura. Aí, ela mandava o trabalho da gente pra um canto, mandava pra outro. O pessoal vinha a Juazeiro, via nosso trabalho lá. Eles procuravam pelo nosso trabalho sempre e a gente fazia. Fazia as peças e vendia à Lourdes e ela vendia pra fora. Aí, então nós continuamos trabalhando e a Lourdes sempre nos ajudando.

Neste tempo, eu deixei de fazer a miudeza. Fiquei fazendo brincadeira assim: banco de praça com o pessoal sentado, mesa de bebedeira, mesa de jogo, casamento, padre celebrando missa. Isso tudo em placa. Não era o tema. Depois foi que eu peguei o bolo de barro, bati, recortei, fiz as figuras e apliquei nele. Quando endureceu um pouquinho eu furei e coloquei na parede. Eu disse: quer saber, nós vamos trabalhar neste artigo aqui. Eu fiz uns três e levei pra Lourdes. Aí, Lourdes disse: pode trabalhar nesse aqui. Que nome você vai dar?" Eu disse: é uma placa. Eu chamava placa.

Aí, Stênio Diniz, artista daqui de Juazeiro, andou lá em casa... ele viu as placas na parede e perguntou qual era o nome das peças. Eu disse que era placa. Ele disse: "não, é melhor a senhora batizar seu trabalho de tema, porque são várias figuras, não é uma só". Então pron-

to... ficou tema. Foi lá pelos anos de 1976, 1980 que nós começamos a fazer os temas. Quando foi em 87, a gente fez a primeira exposição do nosso trabalho no Rio de Janeiro. E passamos três dias lá. Foi muito bom...

Os meus filhos começaram vendo eu fazer. Eu me sentava no chão com o bolo de barro, uma bacia de água e uma palheta. Eles se sentavam tudo ali pertinho de mim e eu dava um bolinho de barro. Eu formava aquela bolinha, formava uma panelinha, apresentava pra eles. E cada um ia lutar para fazer. Lutava, lutava, desmachava, lutava. Lutava, desmanchava, até conseguir.

Assim eles começaram. Faltava paciência... Eu dizia: corta um pedacinho de barro e vá colando assim de um lado e outro. E foram aprendendo e fazendo. Então, isso é um trabalho que a gente não pode pegar na mão de ninguém pra ensinar a fazer. Faz por ver os outros. Tenho onze filhos, tudim aprenderam a fazer. Formei um grupo de dezoito pessoas, entre filhos, genro, neto, nora. A gente trabalhava que não tinha onde botar mais peça. E a família todinha vivia eternamente desse trabalho. Tirei João do trabalho do campo. Ele ficou indo buscar barro, bater, peneirar, buscar lenha, queimar. Ficamos tudo só na luta do barro.

Aconteceu o tempo de Lourdes Batista dizer: "Lourdes, vamos parar uns dois meses ou três sem entregar mercadoria, porque tá cheio demais, as paredes do Mestre Noza não cabe mais peças". Por causa disso eu avisei: meus filhos, vocês se virem. Porque pode nós ter uma chance de continuar e pode não ter. Então, cada um foi procurar seu sustento. Aí ficou eu, Maria, Dora e Socorro e Auxilene, minha nora.

As meninas diziam: Ô, mãe, a gente tem tanto medo desse trabalho fracassar e nós não continuar. E eu disse: enquanto vida, há



esperança. E vamos enfrentar. E enfrentamos a doença do meu marido. Ele adoeceu e deixou de bater o barro. A coisa pegou na minha cacunda. Foi aí que eu fiz uma exposição no BNB, e com o dinheiro que adquiri, comprei um motor pra moer o barro. E continuamos, graças a Deus. Através de ter quem moa o barro, facilitou tudo pra nós. Porque o barro só não vem amassado, mas vem bem fininho, que nem uma goma. É chegar aqui e a gente amassar, deixar curtir por uns três dias e começar a trabalhar. Aos poucos foi facilitando nossa vida.

Você se inspira, você tem aquele prazer, aquela ansiedade de começar e terminar pra ver como fica. É um prazer muito grande. Pra gente, a felicidade maior do mundo é quando tá ali sentado, trabalhando. Quando falta a inspiração no trabalho, fica uma coisa sem graça. A gente quer trabalhar mas se desvanece, sai pra um canto, sai pra outro. Mas quando a gente tá mesmo na inspiração pra trabalhar... não existe nada melhor. Porque tudo vem. Depois que a mente da gente se enche de luz, trabalha solto mesmo!

No tempo da gente criança, o pai brincava reisado. Nós fazemos tema de reisado, porque

meu pai brincava muito reisado e toda vida que a gente vai fazer, a gente tá relembrando do pai. A gente faz quadro de renovação também. Missa, procissão... tudo isso que faz parte de nossas vidas, que a gente costuma ver, fazer, participar, a gente faz os temas. É tudo em um só.

Teve o tempo dos mestres que foi em 2004 pra 2005. Tivemos essa felicidade de receber esse título de Mestre da Cultura, de Lúcio Alcântara. Eu não esperava alcançar essa felicidade na minha vida. Eu me sinto muito honrada. Fomos receber em Crato. Uma felicidade muito grande e, graças a Deus, ainda hoje vivo através desse apoio dos mestres. Eu gostei, minha família gostou, muita gente gostou. Mas parece que o conhecimento disso lá fora é mais do que aqui. É muito bom o conhecimento. Eu já fui receber também um presente em Brasília, que a presidente Dilma ligou pra cá e eu muito que fui...

O barro é o valor que eu encontro pra sobreviver. É o valor, é a felicidade e uma luz de Deus ter me guiado e ter feito com que eu possa criar — que nem criei a família — e viver, que nem tô vivendo, através do barro. ✨

Mestra

Dona Tatai

MARIA PEREIRA DA SILVA

Mestra em Lapinha

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 8 de junho de 1927

FALECIMENTO 11 de dezembro de 2009



Dona Tatai criou-se em meio às festas natalinas. No colo da avó, ela ia para as comemorações de natal na casa do Padre Cícero. A mãe, Teodora Clarindo, havia dançado o pastoril aos 11 anos pela primeira vez e, no ano seguinte, já assumia uma Lapinha, incentivada por Padre Cícero. Dona Tatai estreou aos dois anos de idade no grupo da mãe. Brincou até aos dezenove anos, quando se casou. Daí em diante, passou a ajudar Teodora, e em 1955, quando ela faleceu, ficou à frente da Lapinha Santa Clara.

Pelos meados de dezembro até janeiro, a Lapinha Santa Clara fazia suas apresentações pela cidade de Juazeiro. No dia de Reis, realizava a queima da palha, uma cerimônia que simbolizava a renovação da fé em Jesus Cristo. Em vez das cores tradicionais — azul e encarnado — o pastoril de D. Tatai defendia as cores verde e branco, uma concessão

de amor materno ao filho, torcedor do Icasa, time de futebol local. Mesmo com dificuldades de adesões da juventude, em seus últimos tempos de atuação, Dona Tatai não desanimava, e sua persistência foi a grande responsável pela formação de outras lapinhas na região.

Com uma sede no bairro Salesiano, atualmente, a lapinha Santa Clara continua saindo pelas ruas de Juazeiro, no período natalino, precisamente de 25 de dezembro a 6 de janeiro. Apresenta-se também em Igrejas e praças.

Maria Vanda Pereira da Silva, filha de Dona Tatai, e seu marido Damião Felipe Gomes estão à frente da lapinha que mantém o número de 30 a 40 crianças — “o mesmo da época da minha sogra” — orgulha-se o mestre Felipe. As cores defendidas voltaram a ser as tradicionais vermelho, azul e branco, mas o entusiasmo pela tradição permanece o mesmo. ★

Mestre

Miguel

MIGUEL FRANCISCO DA ROCHA

Mestre Tocador de Pífano de Banda Cabaçal

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 14 de setembro de 1942

FALECIMENTO 2 de maio de 2009



Foi entre 1908 e 1909 que João Francisco Feitosa, mestre de uma banda de pífanos em Caruaru, Pernambuco, se fixou no Ceará. O motivo da vinda para o Cariri cearense foram os feitos milagrosos do Padre Cícero, que ecoavam por toda a região e atraíam romeiros esperançosos de curas, mas também de trabalho. Com ele, os filhos Pedro, Santino e Clemente fundaram uma banda cabaçal, que, por devoção ao Padre, chamaram de Banda Cabaçal Padre Cícero.

Clemente foi quem sucedeu a João Francisco, e Miguel, seu filho e neto de João, continuou a tradição.

Miguel já tocava desde os sete anos de idade. Como um mestre genuíno, ele aprendeu o segredo de todos os instrumentos da banda: caixa, zabumba, maracas, pífano e surdo. Amava tocar, fazer os instrumentos, amava mesmo sua banda. Contava com orgulho que seu avô, pai e tios eram não só admiradores do Padre Cícero, mas também eram admirados por ele: “Eles vieram na

festa, aí meu Padrinho Cícero achou muito bonito o compasso e perguntou se eles não queriam vir morar em Juazeiro”.

A Banda Cabaçal Padre Cícero, com todas as coreografias cênicas, danças, que incluem o sapo, as facas, o trocado, o trancelim de dois em dois, o cachorro na peia e a onça, tornou-se parte da cultura popular do Cariri, misturada à vida de Mestre Miguel.

Hoje, a Banda Cabaçal Padre Cícero é composta pelos descendentes e familiares de Mestre Miguel: os filhos Domingos e José, seu irmão José Pio, seu neto Davi e os primos Luiz e Fernandes.

Mantém a formatação de dois pífanos, uma zabumba, uma caixa, um prato que substituiu as maracas e, na reserva, um surdo. As dificuldades são grandes, enfatiza Domingos, recordando que o aprendizado com os mais velhos foi quem deu a todos não só o conhecimento dos instrumentos, mas a capacidade de enfrentar as adversidades: “Iremos adiante com a banda, até onde der.” ✨

Mestre

Pedro Balaieiro

PEDRO ALVES DA SILVA

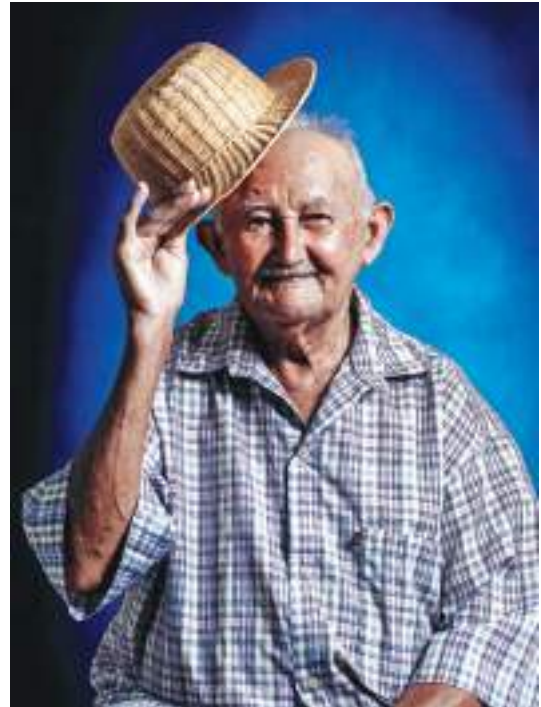
Mestre em Artesanato em Cipó Imbé

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Guaramiranga (Distrito de Pernambucozinho) – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 26 de dezembro de 1926

FALECIMENTO 7 de julho de 2022



Meu nome é Pedro Alves da Silva. Nasci no município de Maranguape, numa localidade chamada Rato, lá encostado de Itapebussu. Em 1949, eu vim para Pacoti, passear no sítio Arvoredo. Aí, quando foi em 1953, eu já estava cansado de tanto trabalhar de enxada. Baixei a cabeça no açude do roçado... no meu pensamento, eu pedi a Deus que me desse um meio de viver sem ser trabalhando na enxada. Quando eu cheguei em casa, tinha um recado de um senhor que era gerente do sítio Botafogo. Ele mandou me perguntar se eu me atrevia a fazer balaio. No outro dia, eu peguei a foice, tirei o material, comecei a fazer o balaio. Fiz três coisas mais parecidas com um ninho de sabiá de que com balaio. Mas ele chamou a mulher para atestar se servia ou não, e eles encomendaram dez milheiros de balaies. Foi meu primeiro serviço. Ele não

precisava de dez milheiros, mas bom... foi o pedido dele. Daí por diante, eu comecei a trabalhar mesmo com esse artesanato. Fui fazer uma exposição no Ibirapuera, lá em São Paulo e uma senhora encomendou setenta milheiros de cestos. Foi a segunda loucura de trabalho. E não faltou mais o que eu fazer.

Comecei a ensinar no colégio onde estudava minha filha. O custo das minhas aulas era o custo que eu pagava o colégio. Fui contratado, uma coisa pela outra. Depois me chamaram para eu ensinar no convento, seminário — nesse tempo tinha seminário — em Guaramiranga. Quando dá-se fé chegou uma turma de visitante — eu não sabia quem eram. Na turma estava o Frei Lucas, de Canindé. Ele puxou uma cadeira e perguntou: em quantas horas você faz um chapéu? Respondi: faço em duas horas. Ele



botou a cadeira do lado e eu fiz em duas horas e quarenta minutos. Na outra semana ele mandou uma carta pra eu ir ensinar em Canindé. Eu fui. Depois ensinei em Aratuba, em Baturité. Veio um convite para eu ensinar em Goiás. Aí foi bom! Foi minha primeira viagem grande. Outra viagem mais longe foi para o Paraná, na cidade de Toledo. E assim conheci onze Estados, puxando pra lá e pra cá! Mas fiquei satisfeito, porque tive oportunidade de pisar fora do Brasil: Paraguai e Argentina.

Eu usava a taboca e troquei por outra fibra, porque eu me apaixonei pela raiz de cipó imbé. Eu comecei a trabalhar cobrindo

garrafa de cachaça. De empalhar a garrafa da cachaça, que era bem dizer de graça, eu mudei para fazer as cestinhas. Eu fazia minhas cestas e meus balaio e vendia na feira de Pacoti. Quando foi um dia, o sol estava quente e um feirista que tava vendendo umas cestas perto de mim, pegou um balaio e emborcou na cabeça. Aí eu olhei e pensei: não é para ser um balaio, isso é um chapéu. E no outro dia eu comecei a fazer chapéu. Eu, vendendo na feira, fui convidado pelo gerente do hotel Remanso de Guaramiranga pra vender o meu trabalho lá. Quando eu dei fé, eu saí na revista de turismo. Eu e o Chico Any시오. Aí, a coisa melhorou. Melhorou

mais ainda quando eu saí na revista Cláudia, porque a Central de Artesanato me convidou pra eu levar meu trabalho pra lá.

Aí, o pessoal foi me encomendando. Faça uma coisa, faça outra. Cada vez, eu fui botando um passo mais à frente. O pessoal e a televisão foram meus verdadeiros professores, nunca chamei ninguém para me ensinar.

Mas a minha vantagem foi grande, porque, quando eu iniciei, iniciei logo a ensinar, passar aula pra alguém, e plantar o pé da planta... Quando eu fazia meu mói de cipó, eu pegava o pezinho de planta que tava quebrado ou em pé e amarrava em qualquer pé de pau. Quando eu tirava meu feixe de cipó — que é daqui de Guaramiranga, das matas — eu tinha aquela curiosidade de plantar pra não faltar. Fui plantando, fui colocando... Hoje em dia, quando eu termino um curso que o pessoal vem aprender comigo, eu tiro duas horas pra levar a pessoa para a mata — que a mata mais próxima daqui é no Pico Alto — e, em duas horas, eu passo a técnica da plantação. Fui expor no Paraná, na cidade de Toledo, gastei só seis horas pra eu reforçar o que eu já sabia de cultivar a fibra. E a pessoa fica mais satisfeita de ter aprendido a plantar de que propriamente a tecer os cestinhos. É muito simples, muito fácil.

E foi melhorando, melhorando.

E eu ter passado pra alguém a técnica que eu tenho foi importante. Eu sou o Mestre da Cultura porque eu passei o trabalho pra alguém. Tô muito satisfeito. É isso que é preciso para a pessoa ser mestre, ela precisa fazer o que eu fiz e tô fazendo... Primeiro, eu passei logo pra os meus filhos. Depois fui mudando. Fui ensinar em vários lugares: Canindé, Aratuba, Baturité. Aí, saí pra ensinar fora. Mas hoje em dia eu tô mais pra ensinar a pessoas idosas, que não me

perturbam. Porque, ensinar hoje a criançada, é um precipício. Elas não obedecem. Mas nem todo mundo tem capacidade de ensinar o seu próprio trabalho. Dá aula de arte não é muito fácil não... e não tem um jeito de ensinar. Mas eu adoro ensinar. É só assim que é ser mestre. Se ele não passar pra alguém, é muito difícil ser Mestre.. O ensinamento, repassar pra outra pessoa é muito melhor do que propriamente o dinheiro.

Quando eu recebi o Diploma de Mestre, eu senti muita alegria. O título de mestre foi muito importante, pra mim e pra minha família. Foi aí que eu fiquei conhecendo quanto é o valor da arte que a gente tem, para ter chegado a ser mestre da cultura. E ter passado o que eu sei pra alguém não faz falta à gente. Hoje em dia eu falo com toda sinceridade: pra mim é o salário mais abençoado que eu tenho, é o da cultura. É bom!

Eu dou valor ao que eu sou e ao que eu faço. O mais importante para mim é a pessoa vir conhecer o que nós temos aqui na nossa Guaramiranga, um lugar tão pequeno que só tem de grande o nome, e ser mostrado em toda parte... Hoje, meu trabalho está sendo mostrado em toda parte do mundo. A internet é quem está cuidando disso. Eu vou terminar meus dias de vida tecendo, porque eu tenho prazer, tenho amor ao trabalho. ★

Mestre

Pedro Bandeira

PEDRO BANDEIRA PEREIRA DE CALDAS

Mestre em Cantoria,
Repente e Literatura de Cordel

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 15 de maio de 2018

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 1 de maio de 1938

FALECIMENTO 24 de agosto de 2020



Eu sou o poeta Pedro Bandeira. O Pedro Bandeira Pereira de Caldas é o cidadão, o homem. E o poeta Pedro Bandeira é outro camarada que eu tenho dentro de mim. Esse é o que faz a festa. E eu fico apreciando e reclamando dele, quando ele não está bem inspirado. E aplaudindo, quando ele se inspira, o poeta Pedro Bandeira.

Eu sou Paraibano, do município de São José de Piranhas. Na cabeceira do Estado, o município emenda com o Ceará. Eu nasci em um lugar chamado Riacho da Boa Vista. Um sítio, na zona rural.

Eu sou neto do poeta Manoel Galdino Bandeira — o grande repentista, o grande violeiro, Manoel Galdino Bandeira — sou neto materno dele. Eu comecei a gostar de cantoria aos seis anos de idade. Descobri que era poeta aos seis anos de idade. Comecei

a fazer cantoria aos 14 e me profissionalizei com 17 anos.

Antes, fui trabalhador rural, estudei em escola de sítio, amansei burro — domei, que não é amansar... mas no sertão é amansar. E tocar sanfona, que ainda toquei um pouquinho. Mas depois enveredei e me firmei na viola, no braço da viola. Fiz as primeiras cantorias nos vizinhos lá de casa. No sítio Mandassaia, no sítio Antas, no sítio Cacaré e na cidade de São José de Piranhas. Comecei cantando na feira, nos bares.

Meu avô já havia falecido, naquele mesmo ano, em 1955, do milênio passado. Quando ele faleceu, eu já cantava. Ele ainda me viu cantar umas quatro ou cinco vezes e disse que eu seria um dos bons cantadores. E aconteceu isso: eu fui um dos mais felizes cantadores.





Então, quando eu completei 24 anos, eu já tinha rasgado o sertão paraibano, cearense, pernambucano, o Piauí, o Maranhão. Já tinha cantado em todo o Nordeste. Rio Grande do Norte, também. Cantando. Viajando e cantando. Cantava hoje numa casa aqui e amanhã numa casa ali. Depois noutra casa, mais na frente. E os caminhos abertos pelo nome do meu avô, que era um grande cantador, que tinha grandes amigos. O pessoal dizia: “chegou um neto de cumpade Mané Galdino. Chama-se Pedro Bandeira. Vamos fazer uma cantoria pra ele”. Juntava o povo e eu cantava só ou cantava com outro cantador que morasse ali por perto, na cidade ou no sítio.

Comecei a cantar em 1955, pelo sertão e pelos lugarejos, pelas cidades pequenas e grandes. Mas não conhecia ainda o rádio. 15 anos depois, em 1960, eu vim atender a um convite da rádio Educadora do Crato, para fazer um programa com um cantador chamado João Alexandre. Desse convite, começamos um programa em 1961. Esse programa foi para o ar muitos anos, chamado *Violas e Violeiros*, na Rádio Educadora do Crato — Poeta Pedro Bandeira e Poeta João Alexandre. Apresentado por Teresinha Siebra, que era de Várzea Alegre, e Nely Sobreira, do Crato.

Então, nós cantamos 25 anos, um quarto de século, nesse programa.

Esse programa levou a gente ao mundo. Aquele tempo era o tempo do Rádio de Ouro. A gente cantava e era ouvido no mundo inteiro, pelas antenas, pelas ondas médias, curtas e hertzianas. Nós éramos ouvidos no Brasil inteiro, no mundo. Recebíamos telefonemas... aliás, naquele tempo era telegrama, da Venezuela, do Uruguai. O Brasil inteiro ouvia. O programa era das cinco às seis horas da tarde, na Rádio Educadora do Crato, que hoje é Rádio Educadora do Cariri FM. Antes era AM, hoje é FM.

Eu cantei muito tempo... esses 25 anos na rádio. E também comecei a escrever cordel. Meu primeiro cordel se chamou *O Homem da Cruz*. Foi um homem que saiu de Garanhuns ou Caruaru. Saiu com uma cruz nas costas, arrastando e veio até o Juazeiro pagar uma promessa. Quando chegou, eu estava presente, lá na casa do Padre Murilo. Ele parou e perguntou onde poderia deixar a cruz, e o Padre Murilo — grande cidadão, grande pároco, grande orador sacro — disse: vamos procurar um lugar para guardar sua cruz. E acolheu o homem.

E nesse tempo eu já comecei a escrever cordel. Hoje sou autor de muitos cordéis. Perdi a conta. 600 livros cordelísticos. Cordéis pequenos. Livros grandes, tenho 13 livros publicados. Uns seis com biografia por gente importante como Lucinda Azevedo, Padre Antônio Vieira, Franco Barbosa, e por meu amigo Joaryvar Macedo, que foi Secretário de Cultura do Estado do Ceará. Ele era de Lavras da Mangabeira e morava aqui em Juazeiro.

A minha inspiração para fazer verso, criar de improviso e escrever veio da própria natureza. Veio desse mundão bonito que a

gente vê. Veio de Deus em primeiro lugar. Eu tenho muita fé em um poder superior ao nosso. Acho que existe a espiritualidade. A minha poesia vem do campo, vem das flores, vem das serras, vem dos rios, vem do oceano, vem das borboletas, vem dos ventos, vem dos nevoeiros, das estrelas, da lua. Vem do ser humano. Da simpatia, do ser humano perseverante, da mulher bonita, da mulher sincera, da mulher que não foi sincera, do homem que foi sincero, do que não foi sincero. Vem desses lados todos.

Vem de dentro de mim. Eu trago o universo na minha cabeça. Eu acho que fui o cantador que mais vezes cantei no mundo. Não tô dizendo que cantei melhor! Mas o que cantou mais vezes! Nas décadas de 60, 70 e 80, teve anos de eu cantar 290 noites no ano. Cantava o ano quase todo. Além de programas de rádio e apresentações outras, eu fazia muitas cantorias. Por isso, eu fiquei bem conhecido. Graças a Deus!

E cantei também em outras rádios. Na rádio Iracema, cantei muitos anos. Na rádio Progresso. Na rádio Araripe. Hoje canto na Rádio Vale AM e eu tô batendo com as FMs que são mais ouvidas. Mas nós ainda temos um público certo na AM.

E minha vida de cantador foi muito feliz. Eu comecei a andar de pé, depois comecei a andar de jegue, depois passei a andar de burro, de cavalo, depois de Jeep — comprei um Jeep — para andar pelos sertões. A coisa mais bela que eu achava era entrar de Sertão adentro e cantar naquelas casinhas lá dos pé de serra, aprender e ensinar com eles, com os sertanejos. Aprender coisas que só um Mestre de Cultura pode saber, guardar no cérebro, para esboçar na hora que precisar.

Sou criador de várias coisas, com relação às sabenças e às sabedorias. Eu criei um

termo chamado “quebra de asa”. Quebra de asa significa você desconversar uma conversa que alguém quer lhe contar ferindo alguém. Chega alguém pra contar uma história mal de um mestre, de um amigo, de um colega ou de um familiar, eu não gosto. Eu nunca usei minha poesia para ferir ninguém. Mesmo sabendo que a pessoa é errada, eu não consigo. Eu digo: mas rapaz, será que fulano está namorando com fulano de tal. Eu digo: será que é, será possível? Talvez não seja. Isso é estória do povo. Fulano comprou um carro novo, ficou devendo e não pode pagar. Quebra de asa significa dizer: não, mas isso acontece com muita gente, depois ele vai poder pagar.

Eu vou escrever um livro, se der tempo, chamado “quebra de asa”. Desconversar quem vem detratar de alguém. Mas se for para elogiar, eu me proponho e me disponho. Minha poesia é sempre de afeto, de responsabilidade. Poesia que eu digo cantando:

“Meus cabelos foram pretos/como uma noite sem fim/nasceram da cor de carvão/caem da cor de alfenim/os que caem são pedaços/que o tempo arranca de mim.

Quero morrer como ferro/no fogo me derretendo/morrer numa cantoria/cantando muito e bebendo/porque quem morre embriagado/não sabe que está morrendo.”

Eu cantei, eu fiz verso de improviso. O poeta adivinha. O poeta nato mesmo, adivinha. São profetas. E profetizei a canonização de João Paulo II, no dia que eu cantei para ele.

Quando eu descobri a estória dos mestres, eu tive vontade de ser. E agradeço muito aos segmentos culturais que me escolheram, em 2017. Eu fui agraciado com o título de Mestre da Cultura, vindo das mãos do Governador. Sendo escolhido, votado pelos segmentos culturais.

Ser Mestre é ser um ensinador e um aprendedor. Ser Mestre é ser verdadeiro, ser interessado. É saber cantar a sabença do povo com profundidade filosófica.

Preste atenção nesta estrofe. Fiz de improviso. Meu irmão cantando comigo disse: você já fez sua história. Eu peguei na deixa e disse: “nessa vida transitória/que a vaidade deságua/passe um grafite no bem/e um mata-borrão na mágoa/não exiba portes de armas/exija poços de água”.

Para os dias presentes, é muito interessante uma estrofe dessas. É uma lição de vida.

Para essa geração de hoje, para a safra de hoje, que serão responsáveis pelos dias de amanhã, o que eles devem acolher e procurar entender, mais do que as faculdades e as universidades, é que a sabedoria está na pessoa humana. Está nos saberes e nas sabedorias. E o que eu quero dizer para eles é: quem quiser ser feliz goste das coisas com naturalidade, com simplicidade, com dignidade. Sem a vaidade humana. Eu disse cantando, um dia desses, com um cantador jovem: “valho-me da humildade/pra conquistar horizontes/vou pelos pântanos da vida/você se embrenha nos montes/enquanto você faz muros/eu vou construindo pontes”.

Os mais novos dizem que me imitaram. Eles que dizem. Tenho muitos seguidores importantes, como Geraldo Amâncio e outros grandes cantadores que existem no Brasil. Ensinei a alguns. A maneira de rimar. De metrificar. De sentir, ficar melhor. Porque muita gente canta sem estar sentindo. A cantoria tem de sair do âmago, do cérebro, do pensamento, das perseveranças. Cantar bem é difícil demais. É preciso esforço. E preciso ler muito. Eu tenho três cursos superiores. Mas o meu diploma maior que eu acho, para mim, é Mestre da Cultura do mundo pelo Ceará.

Eu me senti feliz pelo reconhecimento. Porque eu já sabia que a minha bagagem, humildemente eu falo aqui, era uma bagagem de perseverança, de seriedade, de responsabilidade, nos versos, na vida e na arte. Eu me senti reconhecido. Mas eu fiquei com a mesma simplicidade, com a mesma naturalidade. Nunca entendi de ser melhor do que ninguém, maior do que ninguém. Apenas um cantador perseverante, feliz, que conquistou plateias.

“Eu estou autorizado/vamos cantar desde já/estava esperando vocês chegarem de lá/fazendo o livro dos mestres da cultura do Ceará./Pedro Bandeira está aqui no bairro Lagoa/chamada Lagoa Seca onde o pássaro ainda voa/a cabeça já tá branca mas a cantoria é boa.

Para mim rede não arme/para mim cama não forre/eu quero morrer cantando,/benzendo e tomando um porre/morrer em pé estalando/como um pé de angico mole/morrer em pé estalando/como um pé de angico mole.” ★

Mestre

Seu Mundo

RAIMUNDO DE BRITO SILVA

Mestre Mateiro

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 22 de outubro de 2008

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 14 de abril de 1931

FALECIMENTO 22 de abril de 2015



Raimundo de Brito Silva viveu a maior parte da vida em meio a catadores de pequi, botânicos, pesquisadores. Viveu entre os que sabem o quanto a natureza é pródiga e o quanto dela o ser humano é devedor. Esse foi um aprendizado que se fez na sua lida diária de guarda florestal durante trinta e sete anos, na Chapada do Araripe, trabalhando no antigo Instituto de Defesa Florestal — IBDF. Seu Mundô, como era mais conhecido, aprendeu como usar raízes, folhas e cascas de árvores para produzir uma fórmula que auxiliava no combate a algumas doenças. Fazia isso sem cobrar nada em troca. Seu

conhecimento empírico foi útil a pesquisadores, que tiveram na Chapada uma fonte de estudos para investigações científicas. Aposentado, trabalhou ainda para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). ★

Mestre

Raimundo Aniceto

RAIMUNDO JOSÉ DA SILVA

Mestre em Banda Cabaçal

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 14 de fevereiro de 1936

FALECIMENTO 15 de outubro de 2020



Boa tarde, pessoal!

Com vocês o Mestre Raimundo, da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto. Aqui de Crato. Essa banda foi o meu pai que fundou. Meu pai faleceu com 104 anos, deixou seis filhos, tudo filho do meu pai e filho do Crato. A gente é tudo filho do Crato, nossa raiz é do colégio agrícola do Crato. Daquele torrão maravilhoso. Seis filhos — tudo músico dessa banda. Essa banda tá remexendo o nosso Brasil, os nossos Estados... num é só no nosso Crato, não! Essa banda compõe a roça, essa banda é da cultura. Foi o meu pai que deixou essa letra pra gente. Ele deixou essa banda e uma lapa de enxada pra gente trabalhar na roça.

A cultura, hoje, a gente tá achando diferente de quando a gente começou. Essa banda foi feita local, toca em renovação,

em festa religiosa, da igreja. Essa banda antigamente era local e era difícil um dia na semana pra gente não tocar numa renovação nesse pé de serra. Ainda hoje a gente trabalha nesse setor.

Essa banda nós tivemos em Fortaleza, no Teatro José de Alencar... De lá de Fortaleza, nós fomos a primeira viagem ao Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. O meu pai, com cem anos, ainda foi brincar mais nós, no Rio Grande do Sul. Os gaúchos não deixaram meu pai quieto, não! E nem ele pisou no chão. Era nos braços dos gaúchos. Isso foi uma maravilha! Foi uma festa maravilhosa! Daí por diante, quando nós chegamos a banda começou a andar.

A gente já vai andando o Brasil todo, com essa bandinha que meu pai deixou dentro do Crato. Aí, a gente fica quase orgulhoso de



tanta coisa boa que a gente já tem passado. Muito *show* bonito que nós já fizemos dentro do nosso Cariri e afora do Basil nós já fizemos também, e isso é um prazer.

A banda vem passando de pai pra filho. Já vai na quarta raiz. A banda vai passando de um pra o outro. Mesmo quando morre um, o outro já tá na agulha. E a família é meio comprida. A gente diz no palco que, enquan-

to existir os Irmãos Aniceto, o folclore não se acaba no nosso Brasil e nós não deixa não. A família é meio comprida, num é grande não, é comprida, mas tudo é inteligente. Isso é um dom que Nosso Senhor deixou. Que a gente não tem letra, mas a nossa profissão já vem por obra da natureza. Nós temos uma veia que Nosso Senhor deixou. O que nós quiser, nós faz na hora. E ainda tem mais essa: nós não acompanha toque de ninguém. A gente conhece todo o material, toque de Luiz Gonzaga, de Cirano... todo sanfoneiro bom a gente conhece. Mas nós não aponta não. Só se pedir. Se pedir nós toca, mas tudo é de nossa autoria, tudo é de nossa cultura. E a banda não se acaba, não! Porque enquanto existir o Mestre Raimundo, a banda não se acabe, não!

E quando eu morrer, já tem uma banda mirim, que já tá no jeito pra continuar nossos trabalhos. É assim: é morrendo um e a outra já tá pronta, já tá no jeito.

A gente com cinco ou seis anos de idade, a gente começou a trabalhar. Meu pai ensinando. Na roça. E a gente foi se criando a família. Foi nascendo uns e nasceram outros... e foi morrendo e nasceram outros. E a gente vem com esse trabalho da cultura. O meu pai era dos índios Cariris. Era um homem que conhecia a cultura e conhecia o Crato, o pé da serra do Crato. A gente foi nascido e criado aqui dentro do Crato. Eu não sou fundador do Crato mas eu conheço o Crato desde 80 anos. O meu pai contava que a praça da Sé eram quatro homens pra derrubar um jatobazeiro. Era uma mata onde hoje é a igreja. Ele contava pra nós. Já hoje tá uma beleza dessa no nosso pé de serra. Mas já foi mata de índio. Eu não conto tudo porque não foi do meu tempo. Eu só conto aquilo que eu vejo.

A música é coisa da roça. A gente tá capinando a roça, como por exemplo, uma bananeira, um sítio de banana, a gente tá capinando. Aí, numa folha de banana se cria um marimbonde. Quando o cabra se abaixa, por debaixo, ele pá! na cara, e aí o cabra fica gritando “eh marimbonde da moléstia!” Aí, vamos dá andamento e fazer uma música com aquele marimbonde. Tem até a caixa do marimbonde, e a gente anda com ela. É bom demais!

Quando eu recebi o título de mestre, me deu uma alegria que até as pernas tremeu. Eu só não voei de alegre, porque não tinha asa! Foi uma alegria que eu tive grande na minha vida, quando disseram: você tá tombado e vai receber um salário do governo. Isso, pra mim, foi a maior alegria que eu tive. Porque antigamente as coisas era fraquinhas, a gente pra pegar um trocado era um sacrifício. A gente só come quando trabalha. A banda não dá pra nós sobreviver não. É a nossa alegria do corpo, que meu pai deixou essa alegria e nós não quer acabar não.

A importância de ser um mestre é você ser um caboclo alegre e saber receber, saber entrar e saber sair num palco ou em qualquer setor. O camarada com carona não adquire nem sapiranga na beira do rio. É obrigado o cabra ser alegre e saber receber os companheiros e ter a origem que nosso Senhor deixou. Aí é o que é. Pra tocar um pife ou qualquer música, num carece de letra não. A gente contém uma letra duma música, de música de metal, porque é muita gente. Mas o dom é quem marca. Porque eu toco em quase todos os instrumentos e não conheço uma letra. Conheço é porque eu mesmo é quem faço, na horinha. Se uma banda de metal toca um dobrado bonito, eu toco outro mais bonito do que o dele.

O mestre carece ser uma pessoa de boa vontade, uma pessoa trabalhadora, uma pessoa alegre, que uma pessoa cara de pau não adquire nada no mundo não. Carece ser uma pessoa alegre, saber entrar e saber sair. A cultura e a parte que a gente fez em ser tombado não é moleza, não!

Nós temos a tradição que meu pai deixou, nós tem essa alegria, que já nasceu com ela. Nós morre e não se acaba no nosso Brasil. A banda toca no zabumba e no tarol. Um casal de prato e dois pifes. Um faz a primeira e o outro faz a segunda. Que é pra unir a melodia. Se o primeiro é bom, o segundo ainda é pra ser melhor. O primeiro zabumba que meu pai fez, foi aqui no Cariri. O primeiro zabumba foi de cabaças da roça. A gente plantava, e nesse tempo chamava de moringa. Era umas cabaças grande que cabia 50 litros de legumes só numa banda. Meu pai cortava de um lado e cortava do outro e fazia os instrumentos de couro de cabra, de couro de tamanduá, couro de veado. E fazia os instrumentos. Hoje tem a origem: Banda Cabaçal. A origem é nossa, do meu pai que deixou... Isso tá no Brasil todo e fora do Brasil. Banda cabaçal dos Irmãos Aniceto

Tudo é origem da gente. Já nasce nesse dom. Essa origem, a Deus querer, não se acaba não. Só se o mundo se acabar de uma vez só: pá pufo. Aí acabou-se com tudo. Mas enquanto não acabar, não se acaba não, que nós não deixa se acabar não. Essa alegria nós tem aqui no Crato

Eu tenho um prazer mais grande do mundo de apresentar muitas coisas como eu já fiz dentro do nosso Brasil, que eu já faltei foi voar! Se eu tivesse asa, quando eu era novo, eu voava! Apresentando o que a gente aprendeu! ✨

Mestre

Sebastião Chicute

SEBASTIÃO ALVES LOURENÇO

Mestre em Reisado e Cordel

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 30 de maio de 2006

CIDADE-RESIDÊNCIA Capistrano – Região do Maciço de Baturité

NASCIMENTO 24 de abril de 1934

FALECIMENTO 1 de fevereiro de 2015



O Reisado deu vazão à poesia de Sebastião Chicute. Foi no Reisado, no improviso de mestre, para desenvolver com maior criatividade o roteiro musical ali apresentado, que Sebastião se viu poeta. Descobriu então seu ponto forte. Bastião Chicute era um cordelista, sem viola, mas com aprumo de rimas. Um poeta que aprendeu a ler sem frequentar a escola regular. Ele mesmo narrou: “Eu morava na serra, no município de Aratuba. Ajudei meu pai desde criança, trabalhando no roçado. (...) Então ninguém se importava com escola, só os filhos dos patrões, mesmo assim uns queriam, outros não queriam. Quando eu vinha do roçado com meu pai, passava na casa do nosso patrão e eu via os filhos dele estudando, lendo. Eu tinha vontade de aprender a ler. Aí, um dia, tinha um passando as férias lá e me perguntou:

Bastião tu quer aprender a ler? Eu disse: quero! Ele disse: Pois compre uma carta de ABC, que eu te ensino. Aí eu comprei a carta de ABC, e ele começou a me ensinar. Foi indo, foi indo e foi indo, e eu aprendi a ler o pouco que sei...” Sebastião Chicute aprendeu muito. Ouvia moda dos cantadores e decorava com facilidade. A memória privilegiada o ajudou. Publicou em vida mais de quarenta e cinco títulos. Tinha ainda um programa de rádio em Capistrano, onde morava, no qual lia as cartas que recebia. Dizia do que mais lhe dava prazer “ Lá vou eu escrever um verso, passo uma noite, passo duas noites, depende do tempo e do dom”. ✨

Mestre

Sebastião Cosmo

SEBASTIÃO COSMO

Mestre em Reisado

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Juazeiro do Norte – Região do Cariri

NASCIMENTO 8 de dezembro de 1940

FALECIMENTO 3 de outubro de 2010



Nas ladeiras do bairro Romeirão, em Juazeiro do Norte, Sebastião Cosmo imprimiu sua marca como um dos Mestres que fizeram escola na cidade. Aos nove anos começou a brincar de reisado, aos quinze anos era embaixador. Seu reisado, a quem deu o nome do Santo que também o nomeou — Reisado de São Sebastião — nasceu quando ele tinha apenas 17 anos. Por lá, passou uma geração de brincantes. O Mestre costumava dizer que não ensinava nada a ninguém – faça do jeito que eu faço! Essa era a lição aos seus seguidores. Tarcísio Mendes aprendeu. Depois de 27 anos brincando com o Mestre Bastião, ele tornou-se Mestre do Reisado de São Miguel, em Juazeiro do Norte, e se orgulha daquele que lhe iniciou na brincadeira, uma escolha, que virou um ofício de arte. ✨

Mestre

Severino

SEVERINO ANTÔNIO DA ROCHA

Mestre Penitente

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de março de 2010

CIDADE-RESIDÊNCIA Barbalha – Região do Cariri

NASCIMENTO 5 de agosto de 1925

FALECIMENTO 6 de outubro de 2013



Severino era Decurião do grupo de Penitentes Irmãos da Cruz do sítio Cabeceiras, que fica no município de Barbalha. Pela ordem hierárquica, ele sucedeu dentro do grupo a Joaquim Mulato, também Mestre da Cultura, após seu falecimento. Continuou mantendo, enquanto viveu, a tradição dos agricultores, que, imbuídos de fé religiosa, domavam os desejos mundanos com penitência e orações, inspirados nas irmandades do sul da Itália. Severino tornou-se penitente aos oito anos. Agricultor, homem simples e extremamente religioso, ele manteve firme a promessa de união que fez ao assumir a confraria: “ Nós nascemos e crescemos juntos e vamos morrer juntos na nossa Ordem”. Seu sucessor, Antônio Lino continua mantendo viva a tradição dos Penitentes do sítio Cabeceiras. ✱

Mestre

Vino

SILVINO VERAS D'ÁVILA

Mestre em Luthieria de Rabecas

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 24 de setembro de 2007

CIDADE-RESIDÊNCIA Irauçuba – Região Norte

NASCIMENTO 5 de setembro de 1917

FALECIMENTO 20 de agosto de 2013



Mestre Vito confeccionava rabecas — uma espécie de violino com quatro cordas de tom mais baixo e timbre fanhoso. Sua oficina de carpintaria era na varanda de sua casa, no distrito de Juá, a 20km da sede do município de Irauçuba. O Mestre, antes das rabecas, já havia trabalhado em várias profissões, como pedreiro e carpinteiro em cidades do interior do Ceará - Aracati e Itapajé. O som de uma rabeca lhe chegou pela primeira vez nos anos de 1930. Foi nessa época, quando viu o primo João Silvino tocar, que decidiu fabricar o instrumento. E fez. — “Vi umas rabecas feitas, olhei, olhei e aprendi a fazer.” — Aprendeu também a tocar. “Fui pelejando, pelejando até aprender”.

Usava para fabricá-las o pinho. Quando não havia essa madeira, ele dava soluções próprias: nas laterais usava raiz de juazeiro; para a frente e fundo do instrumento eram a umburana de cheiro, o cumaru; o braço era de pau-d’arco.

Além de Luthier e tocador de rabeca, Silvino tocava violão, pandeiro, cavaquinho e zabumba. Animou muitas festas na sua região. Passava pelo xote, baião, maracatu, marcha, frevo, bolero, fox, mazurca, valsas. Dizia que só o rock ficava de fora, porque não era do tempo dele. ✨

Mestre

Walderêdo

WALDERÊDO GONÇALVES DE OLIVEIRA

Mestre em Xilogravura

PUBLICAÇÃO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO 4 de maio de 2004

CIDADE-RESIDÊNCIA Crato – Região do Cariri

NASCIMENTO 19 de abril de 1920

FALECIMENTO 16 de agosto de 2005



Walderêdo definiu a si mesmo, numa entrevista, como “um cidadão nascido no Crato que teve a vida toda de trabalho e sacrifício”. Disse ainda: “Trabalhei como carpinteiro, como eletricitista e em várias profissões. Mas a minha primeira profissão foi a de gráfico”.

E foi através da gráfica que ele conheceu a xilogravura, arte que abraçaria e o tornaria um artista genial. Seu talento fez sua obra participar de coletivas com o acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará em cidades da Europa: Lisboa, Barcelona, Colônia, Madri, Viena, Basileia e Paris. Sua precisão ao trabalhar a madeira e sua técnica, uma criação individual, era o que fazia com que suas peças adquirissem um “meio tom”, impondo uma característica autoral. Ele explicou, digamos, a metodologia que utilizava, numa tentativa de dizer que sua

arte estava ao alcance de quem se atrevesse fazê-lo: “A gente deixa essa parte aqui bem elevada. Aí, essa elevada fica bem escura, aí vai puxando. Deixei aqui elevado, aí vou raspando um pouquinho, é só raspar e fica mais claro, pega menos tinta quando o rolo passa e ela imprime mais branco.”

Apesar de seus descendentes não terem se interessado pelo seu ofício, Walderêdo deixou — segundo o professor e pesquisador Gilmar de Carvalho — Luís Karimai e Nilo como herdeiros da arte de gravador. ✨

Expedição Mestres da Cultura

A Segunda Expedição Mestres da Cultura foi mais breve que a primeira, mas não menos intensa. Podemos inclusive afirmar que foi mais desafiadora, porque tivemos que nos adaptar a um tempo pandêmico. Muita disposição, o mesmo calor do sertão, estradas reconhecidas, equipamento ampliado. A experiência anterior nos fez elaborar uma agenda espaçada e ganhamos ainda dois aliados: o trio virou um quarteto com a chegada do *videomaker* Marquinhos; e o tempo, que em vez de ser tão imperativo, se fez mais reflexivo e fluido. Fomos refazendo e reinventando nosso percurso, mesmo que ele parecesse conhecido — como na letra da música do grande e também Mestre Gilberto Gil. Acatamos o que nos foi posto, aguardamos, recomeçamos e abraçamos mais uma vez a história dos Mestres.



SILVIA FURTADO

silviamfurtado@gmail.com

Historiadora com Mestrado em Educação, secretária executiva da Fundação Waldemar Alcântara, editora-adjunta da revista Scriptorium e parceira da Lumiar Comunicação e LaBarca Design em projetos editoriais.

DORA FREITAS

dora@lumiar.art.br

Jornalista, produtora cultural, editora de livros e Diretora da Lumiar Comunicação e Consultoria. Especialista em Comunicação e Cultura e com MBA em Gerenciamento de Projetos.

JARBAS OLIVEIRA

jarbasoliveira@uol.com.br

Fotógrafo e jornalista. Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Documentarista, atua como freelance para os principais jornais, revistas e agências de notícias nacionais e assessorias de comunicação. Livros publicados: O Livro das Horas da Praça do Ferreira (2009), Da Cor do Norte – Brinquedos de Miriti (2012), Colher de Pau (2013), No Ângulo – Copa das Confederações em Fortaleza (2013). Participou ainda dos livros Memória do Caminho, Ceará Terra da Luz e Beberibe, Mar, Sertão e Gente.

Fontes

PESSOAS CONSULTADAS

Alexandra Pereira de Oliveira, filha do Mestre Seu Oliveira

Calé Alencar, pesquisador sobre maracatu e amigo de Seu Juca do Balaio

Francisco Graciano Cardoso (Mouzinho), filho de Mestre Graciano

João Mendes, neto do Mestre Panteca

Maria Deusimar de Abreu, filha da Mestra Dona Deusa

Maria Matias da Silva, filha do Mestre Zé Matias

Maria Goretti Pereira Amorim Lima, produtora cultural de Barbalha

Maria José dos Santos (Mazé), filha da Mestra Dona Gerta

Maria Ozenira Rodrigues Prudêncio (Dona Bibita), filha do Mestre Joaquim de Cota

Mestre Domingos, filho de Mestre Miguel

Mestre Felipe, genro da Mestra Dona Tatai

Mestre Tarcísio Mendes, discípulo do Mestre Sebastião Cosmo

João Wanderley Roberto Militão (Pingo de Fortaleza), músico, pesquisador e produtor cultural

Rachel Gadelha, produtora cultural

Raimunda Gomes da Silva (Dona Preta), viúva do Mestre Joviniano

MATERIAL CONSULTADO

Adeus a Mestre Sebastião. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/adeus-a-mestre-sebastiao-1.572170>. Acesso em: 2016.

ALENCAR, Geraldo Gonçalves de.

Ramalhete: Sonetos e Trovas – Poesia Brasileira. Nova Olinda: Gráfica Cícero do Assaré, 2014.

ALENCAR, Shirley; BARROSO, Oswald.

Tradição e memória: a dança da cana-verde do Mucuripe-Ce como elemento de aprendizagem, reinterpretação e recriação de grupos artísticos. 2006. Disponível em: http://www.labpac.faed.udesc.br/tradicao_e_memoria_danca_da_cana_verde_shirley_alencar.pdf. Acesso em: 2016.

ALVES, Francisco Artur Pinheiro. **Artigo: Mestre Sebastião Chicute.** Disponível em: http://www.aratubaonline.com.br/2015_03_01_archive.html. Acesso em: 2016.

Artista plástica diz que sonha em ver o Padre Cícero reabilitado antes de morrer. Disponível em: http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=28114. Acesso em: 2016.

Assunção Gonçalves. Disponível em: <http://blogdeassuncaoogoncalves.blogspot.com.br>. Acesso em: 2016.

Balaio de sonhos e alegrias. Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/02/18/noticiasjornalvidaearte,2786795/bailaio-de-sonhos-e-alegrias.shtml>. Acesso em: 2016.

Banda Cabaçal Padre Cícero: história. Disponível em: <http://bandacabacalpadrecicero.blogspot.com.br>. Acesso em: 2016.

Boi do Mestre Panteca de Sobral. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/boi-do-mestre-panteca-de-sobral-1.9182>. Acesso em: 2016.

Boi Ideal: Morre mestre Panteca. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/morre-mestre-panteca-1.291703>. Acesso em: 2016.

Boi paz no mundo. Disponível em: <https://patrimonioparatodos.wordpress.com/2013/11/26/boi-paz-no-mundo/>. Acesso em: 2016.

Caninha Verde do Mucuripe por Mira Ira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nz-7PuCYADg>. Acesso em: 2016.

CARVALHO, Gilmar de. **Mestres da cultura tradicional popular do Ceará.** Fortaleza: Secult, 2006. 231 p. (Coleção Nossa Cultura. Série Documenta). Fotos Francisco Sousa.

CARVALHO, Gilmar de. **Walderêdo Gonçalves:** uma vida escrita na madeira. Disponível em: <http://acordacordel.blogspot.com.br/2011/06/mestres-da-gravura.html>. Acesso em: 2016.

Como morre uma tradição? Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaearte/2012/03/17/noticiasjornalvidaearte,2803149/como-morre-uma-tradicao.shtml>. Acesso em: 2016.

Conheça os Novos Mestres e Mestras da Cultura. Disponível em: <https://www.secult.ce.gov.br/2019/02/21/conheca-os-novos-mestres-e-mestras-da-cultura/>. Acesso em: 2022.

Corpo de Dona Tatai será sepultado neste sábado com homenagens da Lapinha Santa Clara. Disponível em: http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=36822http://www.gazetadocariri.com/2016/11/mestres-da-tradicao-recebem-homenagem.html. Acesso em: 2016.

Corpo de Mestre Vino é enterrado em Juá. Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/app/ceara/iraucuba/2013/08/21/notiraucuba,3114652/corpo-de-rabequeiro-mestre-vino-e-velado-em-jua.shtml>. Acesso em: 2016.

Diário Oficial do Estado do Ceará

25.08.2003, pág. 1
04.05.2004, pág. 17
16.05.2005, pág. 5
30.05.2006, pág. 19 e pág. 20
30.11.2006, pág. 1
24.09.2007, pág. 13
22.10.2008, pág. 12
04.03.2010, pág. 27
26.01.2012, pág. 26
18.11.2013, pág. 15
23.10.2015, pág. 61

Dossiê do Mestre Sebastião Chicute.

Disponível em: <http://reisadoscapistrano.blogspot.com.br>. Acesso em: 2016.

Dossiê para candidatura a Mestre da Cultura Popular. Disponível em: <http://www2.ifce.edu.br/miraira/Patrimonio/DancasTradicionais/CanaVerde/Mucuripe/ArtigoCanaVerdedoMucuripe.pdf>. Acesso em: 2016.

Joaquim, o mestre coureiro. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/joaquim-o-mestre-coureiro-1.699672>. Acesso em: 2016.

José Pereira de Oliveira – Mestre da Cultura faleceu. Disponível em: <http://blogjornalsinaculo.blogspot.com.br/2013/12/jose-pereira-de-oliveira-mestre-da.html>. Acesso em: 2016.

Lapinhas vivas mantêm ritual de saudação natalina no Cariri. Disponível em: http://www.miseria.com.br/index.php?page=noticia&cod_not=135697. Acesso em: 2016.

Maria Deusa e Silva Almeida: Biografia da Mestra. Disponível em: <http://www.anuariodoceara.com.br/mestres-da-cultura-do-ceara/>. Acesso em: 2016.

Mestre Joviniano de todos os santos. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/mestre-joviniano-de-todos-os-santos-1.232354>. Acesso em: 2016.

Mestre da Cultura morre no Cariri. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/mestre-da-cultura-morre-no-cariri-1.44600>. Acesso em: 2016.

Mestre Juca do Balaio, um artista cearense, um cidadão brasileiro por Calé Alencar. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/setembro94/es9400919.asp>. Acesso em: 2016.

Mestre Manoel Graciano. Disponível em: <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2011/01/mestre-manoel-graciano.html>. Acesso em: 2016.

Mestre Sebastião Chicute. Disponível em: <http://www20.opovo.com.br/>

app/opovo/opinioao/2015/02/18/noticiasjornalopiniao,3394233/mestre-sebastiao-chicute.shtml. Acesso em: 2016.

Mestres da Cultura do Ceará. Disponível em: <http://www.anuariodoceara.com.br/mestres-da-cultura-do-ceara/>. Acesso em: 2016.

Mestres da tradição recebem homenagem. Disponível em: <http://www.sesc-ce.com.br/index.php/publicados/5088-mestres-da-tradicao-recebem-homenagem.html>. Acesso em: 2016.

Mestres da tradição recebem homenagem na Mostra Sesc Cariri de Culturas. Disponível em: <http://www.gazetadocariri.com/2016/11/mestres-da-tradicao-recebem-homenagem.html>. Acesso em: 2016.

Mestres de 2004. Disponível em: http://www2.secult.ce.gov.br/mestres_cultura/mestresdacultura_2004.asp. Acesso em: 2016.

Mestre Panteca do Boi Ideal de Sobral. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VocC2UCkYHI&feature=youtu.be>. Acesso em: 2016.

Miniaturas expõem arte e primor do velho jangadeiro. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/miniaturas-expoem-arte-e-primor-do-velho-jangadeiro-1.629438>. Acesso em: 2016.

MONTEIRO JÚNIOR, Francisco Sidney da Silva. **Tradição na modernidade: a performance da Banda Cabaçal Padre Cícero na festa de renovação do Sagrado Coração de Jesus.** Disponível em: <http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/24anppom/SaoPaulo2014/paper/viewFile/3033/713>. Acesso em: 2016.

Morre o Mestre da Cultura Assareense e do Estado do Ceará Joaquim de Cota. Disponível em: <http://palavradegarcia.blogspot.com.br/2012/02/morre->

o-mestre-da-cultura-assareense-e.html?view=classic. Acesso em: 2016.

Morre Mestre da Cultura José Pereira de Oliveira, miniaturista de jangadas em Aquiraz. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/latest-news/44112-morre-aos-88-anos-mestre-da-cultura-jose-pereira-de-oliveira-miniaturista-de-jangadas-em-aquiraz>. Acesso em: 2016.

Morre Mestre Vito, o Luthier de Irauçuba. Disponível em: <http://terraaamizade.blogspot.com.br/2013/08/morre-mestre-vito-o-luthier-de-irauçuba.html>. Acesso em: 2016.

Nice Firmeza. Disponível em: <http://minimuseufirmeza.org/nice-firmeza>. Acesso em: 2016.

Penitentes perpetuam tradição em Barbalha. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/penitentes-perpetuam-tradicao-em-barbalha-1.1516338>. Acesso em: 2016.

Reisado: patrimônio cultural brasileiro. Disponível em: <http://omundodeligialopes.blogspot.com.br/2008/12/reisado-patrimnio-cultural-brasileiro.html>. Acesso em: 2016.

SILVA NETO. **Irmandade chora a morte do Mestre Severino.** Disponível em: <http://www.diariodocariri.com/sem-categoria/41330/irmandade-chora-a-morte-do-mestre-severino.html>. Acesso em: 2016.

Tesouros Vivos 2006. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/tesouros-vivos-da-cultura/43603>. Acesso em: 2016.

Tesouros Vivos 2009. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/tesouros-vivos-da-cultura/43600>. Acesso em: 2016.



Este livro foi composto nas fontes Arek Latin, projetada por Khajag Apelian e distribuída por Rosetta Type Foundry, e Ingra, projetada Ermin Međedović e distribuída por Lettermin.
A impressão e o acabamento ficaram a cargo da Expressão Gráfica.

Fortaleza, Ceará, Brasil

REALIZAÇÃO



PRODUÇÃO



AGRADECIMENTO ESPECIAL



Este projeto é apoiado pela
Secretaria Estadual da Cultura
Lei nº 18.012, de 1º de abril de 2022.

